



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
TECNOLÓGICO  
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**PROEJANDO COM OS SABERES: APRENDIZADO SIGNIFICATIVO  
COM A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA SÓCIO ANTROPOLÓGICA  
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dilnei Abel Daros

**Caxias do Sul**

**2016**

**DILNEI ABEL DAROS**

**PROEJANDO OS SABERES: APRENDIZADO SIGNIFICATIVO  
COM A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA SÓCIO ANTROPOLÓGICA  
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade de Caxias do Sul como requisito final para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Doutor Roberto Radünz.

**Caxias do Sul**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 Universidade de Caxias do Sul  
 UCS - BICE - Processamento Técnico

D224p Daros, Dilnei Abel, 1970-  
 Projeando com os saberes : aprendizado significativo com a utilização  
 da pesquisa socioantropológica no ensino de história / Dilnei Abel Daros. –  
 2016.  
 190 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.  
 Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de  
 Pós-Graduação em História, 2016.  
 Orientador: Prof. Dr. Roberto Radünz.

1. História – Estudo e ensino. 2. Educação. 2. Política pública. I. Título.

CDU 2. ed.: 94:37.016

Índice para o catálogo sistemático:

1. História – Estudo e ensino	94:37.016
2. Educação	37
3. Política pública	304.4

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
 Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730

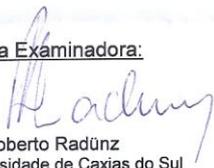
PROJEANDO COM OS SABERES: APRENDIZADO  
SIGNIFICATIVO COM A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA  
SOCIOANTROPOLÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

*Dilnei Abel Daros*

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 8 de março de 2016.

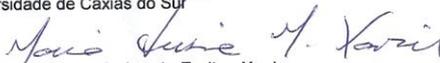
Banca Examinadora:



Dr. Roberto Radünz  
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Cristine Fortes Lia  
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Maria Luísa Merino de Freitas Xavier  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois sem a sua presença, essa etapa da caminhada não seria possível em nenhum momento.

Agradecimento para a inspiração dada por meu pai Dorvalino Daros (in memoriam) que durante essa escrita nos deixou descansando e voltando para casa. Ele foi o Professor que me inspirou desde o início da vida.

A minha mãe Eva Nilda, que mesmo nas adversidades e sem entender os motivos para tanta leitura e escrita permaneceu apoiando.

A minha filha Júlia, que é meu tesouro mais precioso dado por Deus e que me orgulhou ainda mais durante essa escrita, iniciando sua caminhada como historiadora.

Ao meu querido e paciencioso Orientador, Professor Doutor Roberto Radünz, que com sua discrição germânica, desenvolveu involuntariamente grande paciência e compreensão com esse orientando.

As professoras que compõem a Banca Professora Doutora Maria Luisa Merino Xavier e a Professora Doutora Cristine Fortes Lia, por terem aceitado o convite e suas contribuições na qualificação do meu trabalho.

Ao Professor Sérgio Marino, Mestre da Linguagem pelo olhar criterioso e paciência nas observações da escrita, bem como a Professora Camila Pacheco pelos cuidados em formatar corretamente.

Aos egressos do PROEJA FIC Arroio do Sal pela disponibilidade em me receber após esses anos para as entrevistas tão enriquecedoras.

Aos Docentes do Mestrado e aos colegas pelos momentos valiosos que passamos juntos.

## RESUMO

A presente dissertação apresenta uma experiência sobre o uso da pesquisa sócio antropológica e o espaço das narrativas no ensino de história em educação de jovens e adultos dentro do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos PROEJA FIC, aplicado no município de Arroio do Sal, litoral norte do Rio Grande do Sul. A narrativa dessa experiência contempla uma análise das políticas públicas relacionadas ao ensino de jovens e adultos a partir do período da redemocratização no país e o contexto que envolve esses “sujeitos” que são apartados do ambiente escolar por vários motivos deixando de frequentar a escola na idade certa. As temáticas da sazonalidade relacionada com o litoral norte, o veraneio e seus desdobramentos sociais fazem parte do relato também. A intenção dessa pesquisa é mostrar que a experiência ocorrida naquele município dentro do ensino de história utilizando a pesquisa sócio antropológica e as narrativas podem ser elementos pertinentes para o aprendizado significativo do educando e do desenvolvimento de uma consciência histórico crítica como demonstra o teor da escrita dentro da pesquisa. A aproximação teórica entre Paulo Freire e Jörn Rüsen foi relevante, pois os conceitos de consciência histórica e consciência crítica desses autores puderam ser observados dentro daquele ambiente onde foi aplicado o método de educação popular freiriano. Os desdobramentos e as aplicações didáticas pedagógicas dentro do ensino de história envolvendo as temáticas identificadas através das bagagens de vida dos sujeitos são fundamentais para a ligação com as narrativas em aula e os conteúdos da disciplina, que demonstrou naquele espaço ser uma prática inovadora e uma ferramenta de inclusão cidadã.

**Palavras-chave:** pesquisa sócio antropológica, educação de jovens e adultos, ensino de história, PROEJA FIC, narrativas em história.

## ABSTRACT

This dissertation presents an experiment on the use of anthropological social research and the space of narratives in history teaching in adult education within the National Professional Education Program Integration with Basic Education in the Young and Adults Teaching Mode PROEJA FIC applied in Arroio do Sal city, the northern coast of Rio Grande do Sul. The narrative of this experience includes an analysis of public policies related to adult education from the democratization period in the country and the context in which these "subjects" that are separated of the school for many reasons leaving to attend school at the right age. The themes of the seasonality related to the northern coast, the summer and its social consequences are part of the story as well. The intent of this research is to show that the experience occurred in the city in the history teaching using anthropological social research and narratives can be relevant elements for meaningful learning of the student and the development of a critical historical consciousness as evidenced by the written content within the research. The theoretical approach of Paulo Freire and Jörn Rüsen was relevant, because the concepts of historical consciousness and critical of these authors could be observed within that environment where it was applied the method of education Freirian. Developments and pedagogical didactic applications in the teaching of history involving the identified issues through the life baggage of subjects are essential for the connection with the narratives in class and the subject contents, which demonstrated that space is an innovative practice and a citizen inclusion tool.

**Keywords:** anthropological social research, youth and adult education, teaching history, PROEJA FIC, history narratives.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

CONFITEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos.

DCNs. – Diretrizes Curriculares Nacionais.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

IFRS – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

MOVA – Movimento de Alfabetização.

PAS – Programa de Alfabetização Solidária.

PCNs. – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

PNE – Plano Nacional de Educação.

PSA – Pesquisa Sócio Antropológica.

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

PROEJA FIC – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos com Formação Inicial e Continuada.

REDE CERTIFIC – Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada.

RT – Rede Temática.

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.( Atualmente SECADI)

SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arroio do Sal.

SESI – Serviço Social da Indústria.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – EIXOS TEMÁTICOS.....	69
TABELA 2 – DIVISÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA .....	70

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – BANNER EXPOSTO SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES .....	80
FIGURA 2 – REDE TEMÁTICA DO PROEJA FIC.....	81
FIGURA 3 – ELEMENTOS NORTEADORES DA REDE TEMÁTICA.....	83
FIGURA 4 – GRUPO QUE PESQUISOU A ETNIA JAPONESA.....	85
FIGURA 5 – ESPAÇO CULTURAL JAPONÊS.....	85
FIGURA 6 – APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO .....	88
FIGURA 7 – APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO .....	89
FIGURA 8 – APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO .....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS RELATIVAS AO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DAS ELEIÇÕES DIRETAS .....</b>	<b>16</b>
<b>2 O SUJEITO DO PROEJA E A SUA HISTORICIDADE .....</b>	<b>22</b>
2.1 O EDUCANDO DO PROEJA FIC: MÚLTIPLAS APARTAÇÕES.....	26
2.2 O EDUCANDO COMO PROTAGONISTA DE SUA HISTÓRIA.....	31
<b>3 AS DEMANDAS DE EDUCAÇÃO EM ARROIO DO SAL .....</b>	<b>36</b>
3.1 REDE CERTIFIC.....	39
3.2 PROEJA FIC PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....	43
3.2.1 ELEMENTOS NORTEADORES DO TEXTO BASE 2006 .....	43
3.2.2 ELEMENTOS NORTEADORES DO TEXTO BASE 2007 AMPLIAÇÃO DA ABRANGÊNCIA DO PROGRAMA PROEJA FIC.....	57
<b>4 PROEJA FIC- ARROIO DO SAL: O MÉTODO EDUCACIONAL .....</b>	<b>63</b>
4.1 METODOLOGIA DA PSA .....	73
4.2 REDE TEMÁTICA.....	77
4.2.1 ESTRUTURA DA REDE TEMÁTICA .....	78
4.3 MICRO PROJETOS .....	81
4.3.1 MOVIMENTOS POPULACIONAIS E GRUPOS ÉTNICOS NO SUL DO BRASIL .....	82
4.3.2 CONFECÇÃO DE UM MANIFESTO .....	86
4.3.3 PROEJANDO COM OS SABERES.....	90
<b>5 A PESQUISA SÓCIO ANTROPOLÓGICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>95</b>
5.1 O EDUCANDO COMO SUJEITO HISTÓRICO .....	105
5.2 O ENSINO DE HISTÓRIA, NARRATIVAS E O APRENDIZADO SIGNIFICATIVO.....	110

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
REFERÊNCIAS .....	124
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>
ANEXO I – TABELA ANALÍTICA DAS FALAS DOS ALUNOS .....	133
ANEXO II – – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCANDOS DO PROEJA FIC ARROIO DO SAL .....	144
ANEXO III – TERMO DE AUTORIZAÇÃO .....	145
ANEXO IV – CONCEITOS DE AVALIAÇÃO PROEJA FIC ARROIO DO SAL .....	146
ANEXO V – TEOR DAS ENTREVISTAS DOS EGRESSOS .....	147

## INTRODUÇÃO

A experiência docente na disciplina de história no ambiente escolar voltado para educação de jovens e adultos, no litoral norte do Rio Grande do Sul é a base para a escrita dessa pesquisa que agora passo a descrever. Mais precisamente no município de Arroio do Sal entre os anos de 2011 e 2013 onde ocorreu uma importante experiência envolvendo o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos- PROEJA e o Núcleo Municipal de Educação e Cultura Paulo Freire, vinculado a Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A referida pesquisa é escrita na forma de uma narrativa, um relato, da experiência realizada, pois pensa-se que o fato de escrever sobre essa forma de utilização do ensino de história dentro do teor do texto, poderia também servir de estímulo para novos aprofundamentos nos futuros estudos, relacionados com essas práticas. Essa forma de escrita também foi acolhida por sugestão da banca no momento da qualificação desse projeto.

O interesse por aprofundar os estudos dentro das temáticas que envolveram essa experiência decorreram de importantes pontos que foram observados durante e também após o andamento do referido PROEJA Arroio do Sal. Os apontamentos existentes na inspeção das avaliadoras do Ministério da Educação, após visita na escola e ocorridos durante reunião com a direção do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia – Campus Caxias do Sul foram pertinentes.

Outros dois pontos importantes que serviram de estímulo para essa pesquisa foram as atividades desenvolvidas pelos educandos e apresentadas perante a comunidade escolar e municipal, também o teor das entrevistas realizadas com os egressos onde foram identificados elementos que indicaram a importância na construção de uma consciência sócio histórico crítica em decorrência de suas passagens pelo ambiente escolar que ora será descrito.

Escrever sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, e inserir ensino de história é escrever sobre um longo processo, constituído de repetidas ações de políticas públicas deficientes, em que a maioria delas volta-se para formar um “trabalhador”, um especialista em determinada prática, porém sem levar em conta o sujeito que ali está envolvido, bem como seus contextos sócio antropológicos.

A pesquisa envolveu o período entre 2011 e 2013 educandos que frequentaram o Núcleo Municipal de Educação e Cultura Popular Paulo Freire, no município de Arroio do Sal, litoral norte do Rio Grande do Sul. Um total de 28 estudantes frequentadores das aulas de história na modalidade educação de jovens e adultos dentro do PROEJA.

A presente narrativa de pesquisa está dividida em cinco capítulos que possuem também subdivisões para uma melhor percepção e visualização dos momentos que configuraram o decorrer do PROEJA Arroio do Sal e das aulas de história que lá aconteceram. Em um primeiro momento para que o leitor possa ter um direcionamento dos modelos de políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos, faz-se uma análise dessas ações relativas ao ensino dessa modalidade.

Optou-se por fazer um recorte temporal que pudesse contemplar o período pós-regime militar no Brasil e seus primeiros passos dentro do período de democratização e eleições diretas. A intenção de estabelecer um período relativamente recente da história do país para situar a análise de políticas públicas decorre do fato de haver um número considerável de publicações utilizando períodos anteriores e também pelo fato de que o viés principal nessa pesquisa, não está nos programas relacionados à educação de jovens e adultos e sim na utilização da pesquisa sócio antropológica e das narrativas dentro do ensino de história.

O educando e os contextos sócio antropológicos que o envolviam são mencionados na sequência dessa narrativa, onde é possível observar quem é esse sujeito, sua historicidade, bem como mecanismos que legitimam sua apartação dos processos educativos.

A busca, pelos gestores municipais de Arroio do Sal, por soluções que levassem em conta certificar os saberes de determinados profissionais que atuam nos estabelecimentos vinculados a gastronomia e também possibilitassem a conclusão do ensino fundamental fazem parte desse terceiro momento da escrita. Contemplar a área que envolveu sujeitos vinculados a alimentação e seus saberes veio de encontro à demanda local que possui uma tradição em estabelecimentos hoteleiros e restaurantes. Os programas vinculados ao Governo Federal do país, no caso aqui descrito o CERTIFIC/ PROEJA que fazem parte da Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada, também estão nessa etapa da narrativa, pois estiveram diretamente vinculados ao andamento do projeto, desde o seu início, quando os gestores abriram a possibilidade de certificações de saberes daqueles cidadãos que, ape-

sar de possuírem qualificações e também a experiência profissional, não possuíam uma comprovação da mesma.

Dentro dessa etapa é realizado um aprofundamento dos dois textos bases relacionados ao PROEJA, e as partes desses documentos oficiais que estiveram em sintonia com o andamento do projeto realizado em Arroio do Sal.

Uma parte específica de que trata essa Dissertação, que ocorreu no município de Arroio do Sal é abordado na quarta parte da narrativa onde desdobra-se desde o método que foi utilizado envolvendo a aplicação da pesquisa sócio antropológica e suas metodologias, passando pela elaboração da rede temática que foi o cerne, a base que serviu de orientação para trabalho desenvolvido pelos educadores, encerrando com exemplos dos microprojetos que foram concretizados.

Foram escolhidos dois microprojetos entre vários que ocorreram, relacionando as aulas de história e a rede temática. Esses dois trabalhos, citados mais adiante, estão nessa narrativa por causa de seus formatos facilitarem o entendimento de sua operacionalidade dentro da prática pedagógica.

A parte que irá relacionar e estará voltada diretamente para a docência, o ensino de história, é o quinto capítulo dessa pesquisa. E no decorrer da escrita e dos aprofundamentos teóricos identificou-se uma relação muito próxima entre Freire e Rüsen, cada um em contextos e países diferentes, porém com um viés similar que é a formação de uma consciência histórica, que podem direcionar as práticas do ensino de história como vemos dentro do texto, um com a questão da consciência crítica e outro com a consciência histórica. Ali algumas relações foram observadas e também analisadas vinculando a aplicação da pesquisa sócio antropológica e sua relação com o ensino de história, bem como “olhou-se” dentro daquele método, o educando como sujeito histórico e em especial a relação do aprendizado significativo através do espaço das narrativas e a construção a partir disso de uma nova consciência crítica, sócio histórica.

Além disso, a presente Dissertação, em sintonia com a linha de pesquisa do Mestrado Profissional em História, é relevante no sentido de fazer parte de um processo educacional ligado à docência da disciplina de história e também ao outro ponto que liga o pesquisador, educador que é a escola como espaço onde esses processos que envolvem aprendizados e conteúdos específicos acontecem. A referida pesquisa se apresenta como um elemento dentro da

área de história que pode possibilitar evoluções dentro na operacionalidade da prática do professor dessa disciplina.

Esse caso, que aqui é relatado a partir dos próximos capítulos, também serve para demonstrar a importância de uma docência engajada dentro de um método que demonstrou ter sintonia entre uma prática pedagógica inovadora e a valorização das narrativas dos educandos como uma ferramenta de inclusão cidadã dentro do ensino de história.

## **1 ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS RELATIVAS AO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS DESDE 1989**

As políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos no período do final dos anos 80 até os dias atuais, moveram-se em ritmo de adaptação ao contexto político da redemocratização. A análise que é feita nesse primeiro capítulo conduz a uma visão dos primeiros programas que foram pensados a partir do período de democracia que o país passava a viver. As raízes desse debate remetem ao período de industrialização do país nos anos 50.

No projeto desenvolvimentista guiado pelo governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, fica claro a preocupação pragmática com a educação de jovens e adultos. Em seu discurso na cidade do Rio de Janeiro, durante II Congresso Nacional de Educação de Adultos, indica essa modalidade como fator que traria a solução para os problemas oriundos do desenvolvimento econômico.

“Cabe, assim, à educação dos adolescentes e adultos, não somente suprir, na medida do possível, as deficiências da rede de ensino primário, mas também e muito principalmente dar um preparo intensivo, imediato e prático aos que, ao se iniciarem na vida, se encontram desarmados dos instrumentos fundamentais que a sociedade moderna exige para completa integração nos seus quadros: a capacidade de ler e escrever, a iniciação profissional técnica, bem como a compreensão dos valores espirituais, políticos e morais da cultura brasileira. Vivemos, realmente, um momento de profundas transformações econômicas e sociais na vida do País. A fisionomia das áreas geográficas transforma-se contínua e rapidamente, com o aparecimento de novas condições de trabalho que exigem, cada vez mais, mão-de-obra qualificada e semiquificada. O elemento humano convenientemente preparado, que necessita nossa expansão industrial, comercial e agrícola, tem sido e continua a ser um dos pontos fracos da mobilização de força e recursos para o desenvolvimento. Essa expansão vem sendo tão rápida e a conseqüente demanda de pessoal tecnicamente habilitado tão intensa, que não podemos esperar a sua formação regular de ensino; é preciso uma ação rápida, intensiva, ampla e de resultados práticos e imediatos, a fim de atendermos os reclamos do crescimento e do desenvolvimento da Nação”. (FÁVERO, 2011, p.6)

Nos anos 60 e pós 64, com a prática e a divulgação da educação popular e dos movimentos educacionais que vinham das experiências de Paulo Freire no nordeste, a educação passou a ser discutida em outro patamar. No período ditatorial, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, utilizando o modelo freiriano adaptado, se voltou à alfabetização de adultos com vistas a suprir demandas de mão de obra específica para determinados mercados de trabalho.

“[...] livraria o país da chaga do analfabetismo e simultaneamente realizaria uma ação ideológica capaz de assegurar a estabilidade do ‘status quo’, permitindo às empresas contar com amplos contingentes de força de trabalho alfabetizada”. (PAIVA, 1982, p. 100).

É também importante mencionar que um novo olhar sobre essa modalidade começou a surgir por meio das comissões (BEISIEGEL, 1989 p. 109) que formaram os seminários preparatórios nos Estados para o II Congresso Nacional de Educação de Adultos ocorrido no final dos anos 60. Entre as comissões populares, Paulo Freire na condição de relator em Pernambuco, enfatizou a questão da miserabilidade do povo e do viés correto para atingir esses sujeitos, desde que os mesmos estejam incluídos nesse processo educativo e não apenas sejam atores coadjuvantes.

Paralelo aos movimentos populares o governo criou Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL que foi o programa que permaneceu de 1967 até 1985, quando do final do período do regime militar no país. Esse programa foi criado através da lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967 e seu contexto formativo era controlado com bastante rigor pelo governo da época. Possuía um viés similar ao utilizado por Paulo Freire com as palavras geradoras que seriam os elementos desencadeadores, entretanto quem escolhia as palavras não eram os alunos de uma forma democrática. Segundo Brasil dialogando com Corrêa (1979 p. 4) “as palavras eram definidas por tecnocratas que as escolhiam a partir de estudo das necessidades humanas básicas”.

Ficava muito claro de acordo com as normativas do programa na época a função de educação como formadora de sujeitos vinculados ao sistema econômico como menciona Jaccuzzi, observando na documentação do MOBRAL, sua definição de educação:

“[...] como o processo que auxilia o homem a explicitar suas capacidades, desenvolvendo-se como pessoa que se relaciona com os outros e com o meio, adquirindo condições de assumir sua responsabilidade como agente e seu direito como beneficiário do desenvolvimento econômico, social e cultural”. (1979 p.4).

O programa de alfabetização funcional foi um dos desdobramentos do MOBRAL. Esse programa possuía alguns objetivos específicos conforme a redação da lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967. O plano de alfabetização funcional e educação continuada de jovens e adultos, inserido no programa nacional, deixava claro que dentro da sistemática programada da época alguns objetivos que seriam executados pela Fundação MOBRAL estavam vinculados diretamente às noções de desenvolvimento do país defendidas até então.

Dentro de uma obrigatoriedade de ensino na faixa etária de 7 a 14 anos, que aponta como sendo o objetivo inicial, se contrapõe ou expõe sutilmente que existam grandes percentuais de analfabetos no período não apenas entre jovens e adultos, como menciona a lei citada anteriormente.

“Assistência educativa imediata aos analfabetos que se situem na faixa etária de 10 a 14 anos, induzindo-os à matrícula em escolas primárias e proporcionando recursos para que as escolas promovam essa integração por meio de classes especiais, em horários adequados. A assistência financeira consistirá, em relação a cada educando matriculado e freqüente, na contribuição, da metade do custo previsto para a educação direta dos analfabetos adultos”. (BRASIL, Lei 5379).

Com relação aos objetivos específicos que se voltavam para a modalidade de educação de jovens e adultos nota-se uma clara limitação nas ações que se propõe.

“Promoção da educação dos analfabetos de qualquer idade ou condição, alcançáveis pelos *recursos audiovisuais*, em programas que *assegurem aferição* válida dos resultados. A assistência financeira consistirá, em relação a cada alfabetizando matriculado e frequente, na contribuição de um terço do custo previsto para a educação direta dos analfabetos adultos”. (BRASIL, Lei 5379, 4º objetivo).

“Alfabetização funcional e educação continuada para os analfabetos de 15 ou mais anos, por meio de cursos especiais, básicos e diretos, dotados de todos os recursos possíveis, inclusive audiovisuais, com a duração prevista de nove meses. Será assegurada assistência técnica e financeira para a ministração desses cursos”. (BRASIL, Lei 5379, 6º objetivo).

Os grifos, nas citações anteriores, foram colocados propositalmente para indicar ao leitor que se a educação dos analfabetos da época seriam alcançáveis pelos recursos audiovisuais, estaria deixando uma vasta gama de sujeitos de fora do alcance desse programa.

Também fica claro que a aferição de resultados era algo que deveria ser levado em conta, dando uma ideia de linha de produção de sujeitos que sairiam do analfabetismo em nove meses e estariam aptos a seguir nas carreiras do desenvolvimento asseguradas pelo modelo da época, sem levar em conta o sujeito, o ser. De acordo com Haddad e Pierro: “Passou a se configurar como um programa que, por um lado, atendesse aos objetivos de dar uma res-

posta aos marginalizados do sistema escolar e, por outro, atendessem aos objetivos políticos dos governos militares”. (2000 p.7)

Observando a fixação das prioridades em relação aos cursos no objetivo 6 citado acima, fica clara a função de uma educação que não leva em conta o sujeito e sua historicidade, mas aponta para um cidadão que necessariamente precisa ser “lapidado”, pois é bruto para atender as exigências do momento; além disso, deve ter “capacidade de contribuição ao desenvolvimento do país”. Haddad e Pierro mencionam essa questão de deixar o “ser” de lado dialogando com Paiva

“[...] a indispensabilidade da consciência do processo de desenvolvimento por parte do povo e da emersão deste povo na vida pública nacional como interferente em todo o trabalho de elaboração, participação e decisão responsáveis em todos os momentos da vida pública; sugeriam os pernambucanos a revisão dos transplantes que agiram sobre o nosso sistema educativo, a organização de cursos que correspondessem à realidade existencial dos alunos, o desenvolvimento de um trabalho educativo “com” o homem e não “para” o homem, a criação de grupos de estudo e de ação dentro do espírito de auto-governo, o desenvolvimento de uma mentalidade nova no educador, que deveria passar a sentir-se participante no trabalho de soerguimento do país; propunham, finalmente, a renovação dos métodos e processos educativos, substituindo o discurso pela discussão e utilizando as modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais”. (PAIVA, 1973, p. 210).

As prioridades fixadas em relação à educação de jovens e adultos davam preferência aos municípios que possuíam uma demanda que pudesse absorver o egresso diretamente na sua economia. A formação de uma massa de trabalho ficava clara também pela faixa etária atendida nas prioridades, que podia ser utilizada como mão de-obra para desenvolvimento econômico do país conforme os objetivos 8 e suas prioridades, bem como os 9 e 11.

“8. Fixação das seguintes prioridades. a) Prioridade número um: condições sócio-econômicas dos Municípios, dando-se preferência aos que oferecerem melhores condições de aproveitamento dos efeitos obtidos pelos educandos e maiores possibilidades quanto ao desenvolvimento nacional; b) Prioridade número dois: faixas etárias que congregam idades vitais no sentido de pronta e frutuosa receptividade individual e de maior capacidade de contribuição ao desenvolvimento do País. 9. Integração, em tôdas as promoções de alfabetização e educação, de noções de conhecimentos gerais, técnicas básicas, práticas educativas e profissionais, em atendimento aos problemas fundamentais da saúde, do trabalho, do lar, da religião, de civismo e da recreação. [...] 11. Tendo em vista as prioridades estabelecidas no item 8, a ação sistemática começará pela faixa etária compreendida entre 10 e 30 anos, em cada município - capital de Estado, Território e Distrito Federal, e em grandes municípios industriais e agrícolas, observados os respectivos planos-pilotos”.

A prioridade desse programa foi colaborar na formação de sujeitos aptos a fazer “leituras” de mundo, entretanto esse “mundo” é aquele vinculado ao processo de desenvolvimento adotado pelo governo da época. O jovem e o adulto estão no teor do programa, bem como existe toda uma estrutura pelo menos na parte legal, que prioriza os sujeitos analfabetos na

faixa etária entre 10 e 30 anos, deixando claro que as outras faixas além dessa idade não poderiam ter o direito de estar frequentando um ambiente voltado para sujeitos em franca produtividade.

Os movimentos que vieram após o final do governo militar envolveram processos com novas discussões, propostas e estudos voltados para a composição da nova Constituição de 1988. Esses movimentos representavam vários segmentos, entre eles a educação e conforme Fávero (2011, p.12) “uma grande conquista foi a declaração do ensino fundamental como direito público subjetivo” estar constando na nova Carta Magna”.

Começam a surgir iniciativas voltadas para a educação de jovens e adultos pelo país. Entre essas iniciativas a da cidade de São Paulo quando Paulo Freire esteve a frente da Secretaria Municipal de Educação nos anos de 1989-1991. O Movimento de Alfabetização-MOVA envolvia a parceria pública e a iniciativa privada e seu objetivo principal era o analfabetismo entre jovens e adultos, com a possibilidade de continuação de estudos, sendo esse um diferencial desse programa.

Iniciativas de municípios como a citada anteriormente foram importantes no sentido de um maior envolvimento das gestões locais e as sociedades onde estavam inseridas em um período de novas demandas sociais em vários segmentos. Apesar de outros programas voltados para a educação de jovens e adultos serem estabelecidos nos últimos vinte anos no país, percebe-se que ainda há um grande número de estudantes que deixaram de frequentar a escola e que após vários anos ao voltarem naquele ambiente, ainda sentem o estigma de serem subalternos sociais. Segundo Rummert:

[...] empreendeu-se, no Brasil, um processo de reformas da matriz neoliberal que resultou na desconstrução dos compromissos ético-políticos e sociais firmados pelo Estado na Constituição de 1988. Tal processo correspondeu às demandas para a inserção do país, forma associada e subalterna, no atual quadro hegemônico mundial”. (2007 p.31).

A Constituição de 1988 abriu um espaço importante para a educação no país independente da faixa etária, entretanto os aspectos profissionais e econômicos exerceram maior domínio e redefiniram as políticas públicas voltadas para essa modalidade, priorizando a formação profissional e deixando em lugar secundário o espaço para a formação cidadã. Santos e Viana afirmam que:

“A década de 1990 foi o período caracterizado pela desresponsabilização do Estado no que se refere às políticas sociais, graças ao avanço do neoliberalismo e da globalização, caracterizados pela descentralização e transferência de responsabilidades dos serviços públicos estatais para a sociedade civil fazendo com que a EJA não se efetive como está na lei, sendo oferecida por meio de programas”. (2011, p.91).

Nas décadas que seguem próximas aos anos 2000, organizações da sociedade civil passam a afirmar-se na defesa dos direitos constitucionais relacionados à educação de jovens e adultos, conforme estabelece o Art. 208, inciso VI, da Constituição Federal e VI, do Art 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (1996), proporcionando avanços.

“[...] oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidade adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência escolar”. (LDB, 1996 Art. 208).

Com novos pareceres por parte do Conselho Nacional de Educação, a legislação relativa à educação de jovens e adultos faz alguns avanços, inclusive dentro da própria Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA) que foi realizada em 1998 na Alemanha quando foram publicados a Declaração de Hamburgo e a Agenda para o Futuro que faz menção sobre a importância da continuação dos estudos durante a vida toda. Para a UNESCO:

“O reconhecimento do “direito a educação” e o “direito a aprender por toda a vida” é mais que nunca uma necessidade: é o direito de ler e escrever; de questionar e analisar; de ter acesso a recursos e de desenvolver e praticar habilidades e competências individuais e coletivas”. (1997, p.93).

Os pareceres foram avançando e substituindo os anteriores e relacionavam - se diretamente com a educação de adultos. Fávero indica, em sintonia com Paiva, como importantes os avanços quando se estabeleceu:

“[...] a) função reparadora, que devolve a escolarização não conseguida quando criança; b) função equalizadora, que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para quem é mais desigual do ponto de vista da escolarização; c) “função qualificadora, entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda vida, em processos de educação continuada”. (2011, p. 17).

Esse olhar sugere um avanço, pois a educação de jovens e adultos passa teoricamente a ser olhada não mais como uma educação que irá suprir uma falta do passado, mas que poderá agregar mais valor ao cidadão que foi excluído de um processo anterior na idade certa dentro do ambiente escolar.

Com a chegada ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, a EJA obteve um maior destaque e espaço, entretanto as ações como o Brasil Alfabetizado com um viés de campanha para erradicar o número de analfabetos no país não conseguiram grandes avanços até porque a base construída em décadas passadas permaneceu.

Esse programa, citado anteriormente, possuía, em sua origem, fortes similaridades do programa anterior, executado na gestão de Fernando Henrique Cardoso que era Alfabetização Solidária (PAS). Segundo Rummert:

“Questionava-se, desde o início, seu caráter de campanha, as bases de sua concepção, análogas às de tantas iniciativas fracassadas já implementadas em outros períodos históricos – como o MOBREAL e o PAS- e a desconsideração de amplo conjunto de trabalhos que evidenciam as fragilidades e limites de tais iniciativas”. (2007, p 35).

Observa-se que dentro da educação brasileira especialmente a modalidade EJA, vem sendo utilizada como um meio de apaziguamento social da classe trabalhadora, através das políticas públicas que vão se adequando às necessidades sócio econômicas. Para Neto:

“Uma das lições tiradas de tudo isso é o fato de que, bem antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos e de promover a reprodução social, a escola moderna funcionou e continua funcionando como uma grande fábrica que fabricou e continua fabricando novas formas de vida”. (2003 p. 108).

Fica claro que esses programas estiveram alinhados a políticas de governo e que por isso não possuíam uma continuidade ou fortalecimento que poderia ocorrer caso fossem políticas de Estado.

Estudos mais aprofundados relacionados a esses programas não serão contemplados nessa narrativa de pesquisa, pois o foco nesse caso específico é o Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos- PROEJA que se inicia em 2005 quando o Brasil Alfabetizado está em andamento e há uma retomada histórica desse tema no período contemporâneo.

## **2 O SUJEITO DO PROEJA FIC E A SUA HISTORICIDADE**

O litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul possui algumas características peculiares a essa região do país. Geograficamente para o lado leste possui uma vastidão de terras arenosas com mar aberto, ou seja, não possui enseadas, baías ou braços de mar que entram pelo interior do continente como em outros Estados no Brasil. A delimitação desse domínio morfoclimático acontece ao norte com o Rio Mampituba no município de Torres e ao sul com o Rio Tramandaí no município de mesmo nome. Para o lado oeste, há um complexo de lagoas se estende desde as proximidades do Oceano até o início das terras da Serra Geral.

Historicamente é uma região que, desde os primeiros proprietários, voltou-se à economia da agropecuária em especial à pecuária nas grandes estâncias, sendo que a exploração

econômica turística da orla marítima chegou mais tarde. Naturalmente, a região demonstrou a característica para o viés de exploração do turismo.

O município de Arroio do Sal está localizado no litoral norte do Rio Grande do Sul com uma área de 121 km<sup>2</sup> e uma orla marítima de 27 quilômetros de extensão. A região onde hoje se encontra o município surgiu num período que vem da ocupação indígena até a chegada dos europeus nos séculos XVIII e XIX, (ROGGE; SCHMITZ 2010, p.167), conforme comprovam os 61 sítios arqueológicos localizados naquela área. As pesquisas realizadas entre outubro de 2006 e outubro de 2010 identificaram características de povos concheiros pré-cerâmicos e sítios superficiais com cerâmica Taquara e Tupi-Guarani.

Ao findar do século XVIII, instalaram-se, nessa região, sesmeiros que ocuparam extensas áreas de terras voltadas à exploração da agropecuária. Segundo Torres (2011) essas populações não tinham o costume de ir até o mar, devido à distância (6km) e ao difícil acesso, sendo a área que margeia a Lagoa Itapeva, o local mais propício para fixarem suas residências e praticarem o cultivo agrícola, a criação do gado e a pesca de água doce.

Com o advento da II Guerra Mundial e a escassez de sal, muitos habitantes passaram a deslocar-se até o mar, permanecendo às margens do arroio que dá nome ao município durante os períodos que ferviam a água do mar para a retirada do sal. Este córrego que também durante décadas, serviu de local para as “lavadeiras do arroio” praticarem suas tarefas diárias, deu nome ao município de Arroio do Sal.(TORRES,2011).

A população em 2010 era de 7.740 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, sendo distribuída em 3.832 homens - 49,5% e 3.912 mulheres - 50,5%. Em termos de ocupação o município tem uma população majoritariamente urbana 97%.

Uma das dificuldades da população de Arroio do Sal é sofrer com a sazonalidade, ou seja, durante os períodos de veraneio sua comunidade recebe milhares de veranistas. Essa população transitória (ROGGE; SCHMITZ 2010, p. 197), o que, durante um curto espaço de tempo, impacta de maneira profunda a região, deixando resquícios de influência sociocultural dos meses de veraneio.

A população de Arroio do Sal é formada, em sua maioria, de famílias que vieram em busca de trabalho durante a temporada de veraneio e acabaram fixando-se após o término da referida época do ano. Alguns escolheram o local em virtude de seu clima ameno e de sua qualidade de vida. Outros, atraídos pela possibilidade de investimentos durante o período do verão, optaram por permanecerem mais alguns meses e acabam fixando-se.

Além dos “estrangeiros”, carinhosamente chamados de “paraquedistas” pelos moradores mais antigos, também existem as famílias nativas “marisqueiros”, assim denominados desde os primeiros habitantes da região pelo hábito de dirigirem-se até a orla para mariscar. (TORRES, 2011).

Nos últimos anos, a população que permanece após o final da temporada aumentou consideravelmente. A construção civil que permanece ativa durante o ano todo, ainda é o segmento que mais absorve mão de obra. Muitos cidadãos de outras cidades do Rio Grande do Sul, também escolhem o município para residirem após sua aposentadoria. Essa mobilidade atrai outras famílias que acabam por fixarem-se no local e abrir negócios diversos como comércios, varejos, imóveis, paisagismo, materiais de construção e alimentação.

O maior atrativo econômico da região é a exploração do turismo, que se relaciona ao fluxo de veranistas que se deslocam para a cidade nos meses de verão. Observa-se que é um curto período em que os moradores estão ocupados em atender um grande demanda populacional que para lá se dirigem. Com o desenvolvimento do turismo, outras atividades foram desenvolvendo-se paralelamente e se estruturando para além do período de verão.

No caso do município de Arroio do Sal que é o maior município de orla marítima no litoral norte do RS, essas outras atividades mencionadas anteriormente se pulverizaram em estabelecimentos comerciais, restaurantes, hotéis e com grande força também na construção civil que concentra um grande número de mão de obra.

A inexistência de grandes indústrias decorre da situação geográfica própria da região e da característica de um ambiente natural sensível. A orla marítima gaúcha exige um padrão de cuidado maior para o estabelecimento de determinadas empresas que não estão dispostas a grandes adaptações de suas estruturas em favor do meio ambiente em que se instalam. A falta de investimentos industriais se reflete diretamente na empregabilidade da região, bem como efeitos na educação.

A sazonalidade que influencia diretamente na questão de empregabilidade de Arroio do Sal, produz sujeitos que buscam sobreviver, no sentido de saciar suas necessidades básicas que envolvem habitação, alimentação, vestuário, colocando a educação em um lugar secundário. Esse foco determinante da vida desses indivíduos faz com que os estudos fora da idade escolar sejam um dos grandes desafios públicos.

O município possui uma grande extensão territorial e sua população está distribuída em vários balneários que não eram atendidos pelos programas de educação para jovens e adultos. Diante disso, o governo municipal através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, buscou parcerias junto aos programas disponibilizados pelo Ministério da Educação e seus representantes, no caso específico, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Caxias, com o objetivo de atender a jovens e adultos que buscavam um aprimoramento.

Desse movimento surgiu em Arroio do Sal o Programa de Ensino de Jovens e Adultos - Formação Integral Continuada - PROEJA- FIC, que foi instalado em 2010 para atender essa demanda de sujeitos sem uma formação básica.

É importante lembrar que o público dessa experiência estava afastado há mais de 30 anos da escola e que sua idade girava em torno da faixa dos 45 anos. Essas pessoas compõem um universo de donas de casa, trabalhadores da construção civil, cozinheiras, funcionários de comércios em sua grande maioria.

Além do fator deslocamento, o cansaço físico em consequência de suas atividades e da jornada de trabalho era outro fator enfrentado pelos indivíduos que frequentaram à noite esse projeto. Os educandos precisavam sair de seus locais de trabalho, deslocarem-se até suas casas e depois ainda ir para a escola, como menciona o egresso D.S.V. “[...] saí de dentro de casa, saía todas as noites [...] nunca que eu imaginei que com aquele inverno [...] frioão que fez aqui eu pudesse me vestir... tomar meu banho... me arrumar...botar meu chimarrão dentro da bolsinha e os cadernos e ir para o colégio[...]” (ANEXO V).

Quando se fala na família desses educandos é imprescindível lembrar que eles possuem laços familiares enraizados com costumes e hábitos cotidianos que, com a entrada desses sujeitos em uma escola, são em parte questionados, ocasionando muitas vezes conflitos nessas famílias. O conflito aqui mencionado é a legitimidade em muitas vezes por um olhar de exclusão ou preconceito existente dentro do próprio ambiente sócio familiar.

O esposo muitas vezes não olha com bons olhos sua esposa retornar aos estudos, depois de vários anos fora da escola, afinal ele mesmo não estudou, menciona o egresso E.S. O mesmo acontece quando o esposo retorna aos bancos escolares e com extrema dificuldade tem de administrar sua busca pelo estudo e também o olhar de desaprovação da companheira e dos próprios filhos, uma vez que cultural e historicamente se aceita no senso comum que o adulto que não frequentou os bancos escolares na idade certa não precisa voltar a estudar, é fadado a

não sair de sua posição de “olvidado” como diz Arroyo (2010) em vídeo palestrando sobre as experiências com PROEJA, no Fórum Regional de EJA CEFET MG.

Outro elemento desafiador para esses alunos é a questão das horas trabalhadas. Em função de saírem mais cedo pelo motivo dos estudos se gera um certo desconforto entre o empregador e o trabalhador, além da necessidade de se compensar horas que precisam ser pagas, ou mesmo descontadas. Esses obstáculos não raro levam o educando a se questionar sobre a importância de retornar aos bancos escolares ou permanecer somente trabalhando sem concluir seus estudos. O “sair” para estudar, o retornar ao ambiente escolar é desafiador para esses sujeitos.

Esse educando, “apartado” pelas circunstâncias sócias históricas se considera não raro um sujeito esquecido e fracassado (Ciavatta/ Rummert). Não se enxerga como sujeito que possui importância histórica, visão essa que é legitimada pela falta de um espaço no ambiente escolar que realmente se debruce em recebê-lo como educando, para Thompsom (1987, p.13) “Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.

## 2.1 O EDUCANDO DO PROEJA FIC: MÚLTIPLAS APARTAÇÕES

A abordagem inicial referente ao educando que frequentou o PROEJA FIC Arroio do Sal passa por uma caracterização que antes foi mencionada nas identificações sociogeográficas do município em questão. Tratou-se em sua maioria de sujeitos que com a sazonalidade deslocaram-se de suas cidades e Estados de origem na busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Entretanto passada a temporada de veraneio permaneceram no município onde acabaram fixando-se como moradores e buscando meios de sobrevivência os mais diversos, desde a construção civil, bares, restaurantes e similares até fabricação e manipulação de alimentos em casa para posterior comercialização de forma autônoma.

Uma outra questão importante para ser mencionada e que envolve diretamente a maioria desses sujeitos do PROEJA FIC Arroio do Sal decorre das consequências sócio antropológicas da migração sazonal. A população circulante do município nos meses de veraneio aumenta drasticamente atingindo em média 80 mil moradores (IBGE 2010) que estarão durante várias semanas habitando e compartilhando do mesmo cotidiano que até então pertencia à comunidade local. Essa grande massa de veranistas traz consigo uma bagagem sociocultural e

econômica, que entra de certa maneira em conflito com a rotina dos habitantes locais, pois apresentam durante sua estada hábitos que se relacionam diretamente com maior poder aquisitivo, identificado no maior poder de compra de gêneros alimentícios, de vestuário, de automóveis, apenas para citar alguns elementos.

Para o morador local o “choque” é inevitável, pois em algumas semanas seu modo de vida é alterado por um número considerável de elementos diferentes de maneira intensa e que atingem diretamente seu cotidiano através de novos sons, dialetos diferentes, novas formas de consumo e de relacionamentos individuais e familiares. Sua cultura comparada com a outra durante o veraneio não tem um valor tão grande perante o momento que agora está vivendo, como mencionam Lambert, Schofield, Jones e Willians:

“[...] a distinção proposta por Matthew Arnold entre uma alta cultura elevadora e uma cultura de massas rebaixadora se presta a muitas formas paralelas de expressão: alta e baixa, respeitável e grosseira, patricia e plebeia, refinada e vulgar, de elite e popular, dominante e dominada, um jogo reversível em que o segundo elemento da combinação sempre é pejorativo e, as pessoas comuns consideradas vítimas, nega-se um papel ativo na formação de sua própria cultura”. (2004 p.296).

É como se todos os sonhos de consumo estivessem naquelas semanas tão próximos que poderiam de certa maneira ser concretizados, entretanto serão abortados, cancelados com o término da temporada, deixando algumas sequelas sociais culturais nesses sujeitos que permanecerão naquele local.

Observou-se então que grande número de casos de depressão uso de drogas, alcoolismo, gravidez na adolescência, abuso sexual de menores e trabalho infantil poderiam estar ligados ao o fator da intensa migração sazonal ligada ao veraneio naquele município do litoral norte do Rio Grande do Sul.

Também é importante salientar que as observações dos problemas que envolvem esses indivíduos costumam ser abordados nos ambientes escolares com grandes exceções diretamente aquele cidadão que apresenta o problema e deixa-se de fazer uma análise mais profunda das estruturas que propiciam determinada situação.

A trajetória da modalidade de educação para jovens e adultos no Brasil, suas políticas de governo e programas paralelos têm sido criticados por especialistas do tema. Representativo dessa crítica, Rummet e Ventura afirmam:

“[...] ser uma educação política e pedagogicamente frágil, fortemente marcada pelo aligeiramento, destinada, predominantemente, à correção de fluxo e à redução de

indicadores de baixa escolaridade e não à efetiva socialização das bases do conhecimento” (2007, p.33).

Geralmente alinhados a suprir necessidades de mercado do trabalho, o sujeito, foco central dos programas, é deixado de lado. Estigmatizados socialmente, como excluídos de processos sociais e políticos deste país, orbitam ao redor de um contexto social paralelo onde pessoas que não estudam, ou que não concluíram estudos são consideradas inferiores. Aqui também é importante mencionar a falta de adaptação da própria escola em relação à comunidade onde ela está situada como se refere Neto:

“[...] em vez de pensar que já sabemos o que é a escola, prefiro examinar como ela se tornou o que é como ela está envolvida com a sociedade em que se insere, como podemos entender melhor, através dela, as transformações que o mundo está sofrendo”. (2003 p.104).

Esta modalidade de ensino, mesmo com todos os avanços que aconteceram nos últimos anos, em especial após o início da abertura política no meio da década de 80, ainda exibe uma lacuna grande a ser preenchida de uma maneira um pouco mais respeitosa com relação ao indivíduo.

Questões relativas à formação do cidadão, de um sujeito com criticidade e espírito propositivo, não aparecem na grande maioria das experiências concretas dessa modalidade de ensino. Ciavatta e Rummert (2010) fazem uma crítica àquilo que as autoras chamam de “escola dos subalternizados”. Valendo-se de intelectuais como Gramsci e Thompson, que analisam a educação voltada a jovens e adultos, como um instrumento que importa aos governos. Ao falarem dos alunos da EJA indicam o “fracasso humano como sensação”. Aliás, essa ideia de fracasso humano como sensação do aluno do EJA é uma recorrência das abordagens a respeito dessa modalidade. Silva, Costa e Rosa (2011, p. 159) corroboram essa sensação através de uma série de entrevistas feitas concluindo que os alunos “culpam a si mesmos pelo fracasso na escola e acreditam que, por isso, é natural que ocupem na sociedade patamares mais precários de existência.” Esse aluno, estigmatizado pelo senso comum e pela sua própria identidade, que é objeto dos programas de formação como o EJA e o CERTIFIC.

O próprio documento base do PROEJA reconhece as lacunas da educação no Brasil.

“Assim, mais tarde esses jovens retornam via EJA, convictos da falta que faz a escolaridade em suas vidas, acreditando que a negativa em postos de trabalho e lugares de emprego se associa exclusivamente a baixa escolaridade, desobrigando o sistema capitalista da responsabilidade que lhe cabe pelo desemprego estrutural. A EJA, em síntese trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, exclu-

dente, promove para a grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente”. (2006, p. 6).

Os educandos frutos da experiência do PROEJA FIC em Arroio do Sal em boa medida se enquadram nessa descrição como subempregados e trabalhadores informais que, são descritos como emblemáticos representantes das múltiplas apartações da sociedade brasileira. São sujeitos que possuem em sua história, além das experiências e bagagem de vida, também conhecimentos técnicos. A falta de certificação desses conhecimentos torna-se um limitador ao exercício e ao reconhecimento de sua profissão. Conforme Gramsci:

“Um proletário, ainda que inteligente, ainda que com todas as condições necessárias para tornar-se homem de cultura, é obrigado ou a desperdiçar suas qualidades em outra atividade, ou a tornar-se obstinado, autodidata, ou seja, com as devidas exceções, meio homem, um homem que não pode dar tudo o que poderia dar caso tivesse se completado e fortalecido na disciplina da escola”. (2010 p. 65).

Para esses sujeitos que aprenderam com olhares diferentes a enxergar a escola pela ótica da exclusão, é necessário um método que o acorde socialmente como um produtor de saberes até então não reconhecido, nem por ele mesmo, como é mencionada com Xavier no documento base do PROEJA, (2007, p.41), “esses jovens e adultos ao longo da vida, foram aprendendo a ser alunos, posto que não nascem alunos, produzem-se na cultura escolar e são também dela produtores”.

Um ponto importante observado nessa pesquisa com relação à composição das turmas de educandos frequentadores do PROEJA FIC Arroio do Sal, é que não se enquadraram na juvenilização da Educação de Jovens e Adultos conforme menciona Zanandrea (2014) em sintonia com Andrade (2004), Charlot (2000) em referência ao movimento/contexto que apresenta o fenômeno da chegada de sujeitos cada vez mais jovens na modalidade acima referida:

“[...] resultante do desenvolvimento de uma combinação de diferentes fatores, em que estão envolvidas desde questões do próprio ambiente escolar, do histórico dos educandos e, principalmente, a elaboração de políticas públicas que favoreçam aos jovens a entrada antecipada nessa modalidade”. (2014, p.38).

O que observou-se nessas turmas foi a presença de jovens, porém não um percentual alto de juvenilização, pois em sua maioria a faixa etária dos educandos esteve acima dos 40 anos. Esses educandos que estão a margem dos programas de educação formal necessitam serem contemplados com um método que tenha o olhar diferenciado e, além disso, também enxergue e valorize suas bagagens que envolvem suas experiências de vida, do contrário estão propensos a fazer parte do grande percentual de fracassados que deixam a escola e mais tarde retornam a ela. Para Silva:

“Em qualquer das hipóteses, entretanto, o fracasso jamais é relacionado às formas de conceber os sistemas escolares e a sociedade. Consequentemente, os excluídos são aqueles “incapazes de produzir satisfatoriamente”, sendo, direta ou indiretamente, responsáveis pelo próprio malogro”. (2004 p.20).

Outro elemento que vale a pena destacar, mesmo que nessa narrativa não vá haver um aprofundamento dessa questão, é a de que esse espaço de trânsito no PROEJA FIC de Arroio do Sal, também serviu de certa forma para os próprios educadores romper com o cotidiano escolar ao qual estavam submetidos cada um em seus locais de trabalho. Nessa experiência ocorreu um rompimento com o modelo tradicional gerando nos educadores um desconforto natural diante de um novo desafio, onde o processo educacional seria fruto de uma construção coletiva. Como escreve Arroyo “um saber pedagógico para ser vivido mais do que transmitido”. (2000, p.46).

Estar envolvido profissionalmente com um método que desde a década de 50 buscou colocar o “humano” como centro de sua prática pedagógica, foi um elemento que, de certa forma retirou os educadores de uma “zona de conforto” didático pedagógico, empurrando durante as formações continuadas para longe do engessamento didático que até aqui praticavam, mesmo que utilizando de certas inovações em seus locais de trabalho paralelo, pois também cumpriam sua jornada de trabalho em outros locais.

O italiano Gramsci ao fazer suas análises sobre o princípio educativo faz menção justamente a esse problema de educar com mínima presença do educador, ou seja, alguém que não se envolve profundamente no ato, alguém que fica fora do “educar-se”.

“Este estudo educava, (sem que tivesse a vontade expressamente declarada de fazê-lo) com a mínima intervenção “educativa” do professor: educava porque instruía. Experiências lógicas, artísticas, psicológicas, eram feitas sem que “se refletisse sobre”, sem olhar-se continuamente no espelho.” (1989 p. 135).

A quebra de resistências dos próprios educadores como foi um elemento que existiu naquele princípio de projeto e que com o passar dos meses pôde ser percebido inclusive pelos próprios, como menciona o egresso Z. K. na entrevista concedida para essa pesquisa.

“Eu tenho um carinho muito especial pela professora A. com a professora A. nós crescemos e ela cresceu com nós... quando ela chegou até nós ela era uma pessoa insegura né... ela se deparou com a nossa realidade de sofrimento de cada um de nós... meu... da Jacira... de algumas outras... da Lenira que tinha perdido o marido e tudo mais... ela começou a pegar uma firmeza e nos ensinar bem... em procurar fórmulas que a gente aprendia né?”. (ANEXO V).

Os educandos desse projeto eram trabalhadores vencendo resistências sociais sólidas que geralmente nivelam esses sujeitos por baixo da média de cidadãos sociais e os “condu-

zem” dentro de um processo parecido com a domesticação, ora amparando-os com agrados, ora os enquadrando como coadjuvantes da sociedade, como descrevem Lambert, Schofield, Jones e Willians dialogando com Gramsci:

“[...] um processo sutil em que a classe trabalhadora é persuadida, em vez de coagida, a adotar de forma aparentemente voluntária, os valores da classe média, como cumprir as regras [...]. [...] Assimilados e reinterpretados, eles se transformam em tradições da classe trabalhadora e se atinge a hegemonia por meio de uma pronta aceitação dos valores burgueses”. (2004 p.301).

Como observou-se nas entrevistas com egressos que estão também nessa narrativa, o espaço para aqueles que se constituem minorias aconteceu de uma maneira acolhedora, pois havia nesse método espaço para esses sujeitos. Santomé afirma que:

“[...] posturas de silenciamento similares nos conteúdos dos currículos que são desenvolvidos nas instituições de ensino são as que costumam sofrer também, por exemplo, as culturas da terceira idade, o mundo rural e litorâneo, a classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres, o Terceiro Mundo, as pessoas com deficiência física e/ ou psíquicas, as pessoas lésbicas e homossexuais, e o mundo das mulheres”. (2011 p.166).

Para um sujeito ser acolhido, temos um pressuposto de que ele está excluído de algo, ou seja, se o espaço de acolhimento ou inclusão aconteceu, acabou trazendo para “dentro” daquele ambiente as representações que simbolizavam aqueles sujeitos, criando então novas realidades, construídas a partir da conexão aberta pelas histórias desses sujeitos apartados socialmente. Reis afirma que:

“O mundo da cultura é “interior”. Ele aparece no interior de todas as outras esferas: a economia é uma forma histórica e particular de representar a produção da riqueza; a política é uma forma histórica e particular de representar o poder etc. Não existe o poder, o trabalho, a riqueza, a ideia, o prazer, a educação, o gênero enquanto tais, em si, mas formas de construí-los e representá-los. Nesse sentido, a esfera cultural produz história, cria realidade nova, e não seria só efeito, reflexo, epifenômeno de esferas ditas infraestruturais. Como as outras esferas, ela possui uma autonomia relativa ritmos próprios, linguagem específica, território próprio de desdobramento-, mas não é indiferente aos ritmos das outras esferas”. (2003 p.59).

## 2.2 O EDUCANDO COMO PROTAGONISTA DE SUA HISTÓRIA

Fazer menção a historicidade dos sujeitos que vivem em sociedade como produtores da mesma e relacioná-los ao ambiente escolar é uma possibilidade importante dentro do contexto do ensino de história, como escreve Reis (2003, p.32), “a história como fabricação humana, autoconstrução da humanidade, que se realiza através do tempo”.

Entretanto, não necessariamente o educador que envolve-se nessa tarefa encontra um ambiente de incentivo e de acolhimento dessa proposta, caso que não ocorreu dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal, onde as micro-histórias tiveram a possibilidades de estarem diluídas e utilizadas dentro das aulas através do uso das narrativas em momentos importantes como as entrevistas iniciais onde o uso de suas falas significativas foram os alicerces para a construção da rede temática e também depois, suas criações nos espaços de diálogos proporcionados junto às aulas de história. Albieri entende que:

“[...] a manifestação da consciência histórica se dá culturalmente; ela é prévia e mais fundamental que os símbolos sensórios que se impõem à imaginação coletiva para a constituição de memórias históricas determinadas. Ela evoca uma condição primeva da humanidade, aquela de organizar historicamente a experiência do mundo”. (2011 p.26).

Pode-se dizer que através desse programa houve um resgate dos micromundos que envolviam esses sujeitos e que ali possuíam saberes profissionais em várias áreas, na confecção de alimentos, nas construções, nas jardinagens, nas pinturas, nas escritas, nas relações sociais, históricas, culturais e políticas, como menciona Thompsom:

“Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcut, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e trabalhos podiam estar desaparecendo”. (1987, p.13).

O mundo ou o ambiente que envolve a história possuiu por longos anos a visão de uma narrativa realizada pelos vencedores ou pela cultura dominante de determinada época ou região. As individualidades, as minorias, os vencidos passaram a ter um pouco mais de espaço a partir das publicações ligadas à Escola dos Annales e ao Neomarxismo britânico, que possibilitou também dar voz aos momentos contemporâneos que se ligam a esses sujeitos em um tempo mais curto dentro da história, como no caso desses educandos que dentro do PROEJA FIC tiveram espaço como diz Gramsci em sintonia com Willians (2004, p.301), “Essa visão se recusa a considerar as pessoas comuns como sempre moldadas, reprimidas e reformadas”.

A própria orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais deram indicações sobre a pertinência do “olhar local” dentro das aulas de história, conforme menciona Silva e Zamboni, dialogando com os PCNs do Brasil:

“Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as seme-

lhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados”. (1997, p. 52).

Narrar à história que está acontecendo naquele momento e que pode também estar sendo modificada é levar em conta esses indivíduos em seus mundos. Com relação a isso, Le Goff diz que:

“[...] não tende apenas a encurtar os prazos entre a vida das sociedades e sua primeira tentativa de interpretação, mas também a dar a palavra aos que foram atores dessa história. Ela não aspira apenas á rapidez dos reflexos. Ela quer se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”. (1993 p.217)

O espaço para pensar a história a partir das narrativas é valioso, pois a construção dos conhecimentos históricos passam a ter significação justamente por poder dar aos sujeitos envolvidos uma melhor compreensão de seu papel na sociedade em que estão inserido. Para Stephanou “são leituras específicas, produzidas por sujeitos concretos, historicamente situados numa sociedade e ligados a diferentes interesses, crenças, portadores de diferentes saberes e envolvidos com diferentes problemas”. (2005, p. 166).

Nesse sentido, o espaço das aulas de história que aconteceram no PROEJA FIC de Arroio do sal entre os anos de 2011 e 2013 com duas turmas de jovens e adultos foi um espaço onde foi possível ter uma sintonia entre educação popular com o método freiriano e também alicerçar embasamentos de teóricos da história que mostram que a narrativa histórica é de extrema importância a nível social e histórico como menciona Garcia:

“adotar o conceito de consciência histórica, na concepção de Rüsen, como categoria articuladora de análises sobre resultados da aprendizagem de conhecimentos históricos permitiu uma aproximação com ideias construídas pelo educador brasileiro Paulo Freire, especialmente no que se refere à passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, movimento este responsável por mudanças que educadores e educandos explicitam”. (2008, p.130).

Nesse caso das duas e únicas turmas pesquisadas dentro do PROEJA FIC em Arroio do Sal, as micro histórias tiveram um papel relevante, pois serviram como ferramenta importante na confecção da rede temática utilizada de forma direta nas abordagens pedagógicas que foram ocorrendo durante a execução do projeto referido acima. Para Reis (2003 p.35) “A história está a disposição de um sujeito-singular-coletivo, a humanidade universal, que se constrói, construindo-a”.

Já sabe-se que os sujeitos que estão na modalidade de Educação de Jovens e Adultos possuem historicamente vários rótulos ou sobrenomes que vão desde excluídos socialmente ou até mesmo familiarmente até fracassados, entretanto possuem a riqueza da experiência de

vida, do conhecimento prévio adquirido em virtude justamente de não estar nos bancos escolares no momento correto e como escreve Arroyo( 2010, p.12) “Esses nomes escolares deixam de fora dimensões de sua condição humana que são fundamentais para as experiências de educação”.

Os nomes pelos quais a própria sociedade julga e classifica escondem uma metamorfose que aos poucos indica que, talvez esses sujeitos que são considerados semianalfabetos em sua grande maioria ou alfabetizados funcionais, aqueles que sabem assinar seu próprio nome, são na verdade seres excluídos e não mais analfabetos. São pertencentes ao que Willians escreve em sintonia com Hall à cultura popular, possuem hábitos e modos específicos classificados como não pertencentes a uma elite social, entretanto vivendo em um micro mundo onde ocorrem suas lutas diárias. De acordo com Willians:

“Uma forma de vida se transforma em uma forma de luta. Essa abordagem conflituosa é formulada, mais uma vez, por Stuart Hall, que compartilha dela, como “uma tensão continuada”, essencial á definição de cultura popular,” um dos lugares onde a luta por uma cultura dos poderosos e contra ela é travada”. (2004, p.294).

E, infelizmente estão excluídos com bagagens de conhecimentos prévios importantes, em várias áreas profissionais como se observou entre os educandos frequentadores do PROEJA FIC Arroio do Sal.

A possibilidade de uma interferência do homem em sua realidade social e histórica esteve permeando o ambiente em que se encontraram os educandos do PROEJA de Arroio do Sal, não apenas como uma relação de escola, conteúdos, avaliações, didáticas, mas como consequência do uso de um método nascido do questionamento humano nos anos 50 com Paulo Freire (1988, p.40) em Pernambuco “eles próprios convidam você a buscar nas soluções” uma interação que tá havendo entre as formas diferentes de aprender a realidade.

Dar valor as identidades individuais através do uso de suas histórias nos espaços das disciplinas trabalhadas naquele ambiente com jovens e adultos e, nesse caso específico que se narra, abre espaço para que a interdisciplinaridade aconteça de forma efetiva e com significado junto ao grupo não apenas de educandos, mas de educadores também. De acordo com Fazenda:

“[...] consideramos que é algo que vai sendo construído num processo de tomada de consciência gradativa das capacidades, possibilidades e probabilidades de execução; configura-se num projeto individual de trabalho e de vida. Entretanto, não pode ser dissociado de um projeto maior, o do grupo ao qual o indivíduo pertence, às suas vinculações e determinações histórico-sociais no qual o sujeito está inserido”. (2013 p.48)

É pertinente nessa narrativa de pesquisa mencionar que o processo desencadeado no educando ao “conhecer-se”, através dos elementos desencadeadores que “saíram” dele mesmo, pode servir para uma reflexão e análise de sua própria condição de sujeito social. Aluno esse, que não estudou na época certa e hoje retorna ao ambiente escolar em um paradoxo que envolve a sensação de exclusão, e ao mesmo tempo a valorização de conhecimentos que até então não foram levados em conta por onde passou antes de chegar ao PROEJA FIC. Bordieu chama a atenção para esse processo interno:

“A recusa em reconhecer uma realidade traumatizante sendo proporcional aos interesses defendidos compreende-se a violência extrema das reações de resistência que suscitam, entre os detentores do capital cultural, as análises que trazem à luz do dia as condições de produção e de reprodução denegadas da cultura: aqueles devotados a pensarem-se sob as espécies do único e do inato, essa análises revelam apenas o que é comum e o que é adquirido. Nesse sentido, o conhecimento de si é mesmo, como queria Kant” uma descida aos infernos”. (2001 p.31-32).

Outro dado precioso nessa narrativa de pesquisa do que aconteceu no município de Arroio do Sal no litoral norte do Rio Grande do Sul, foi a identificação e utilização de elementos tão sutis e valiosos encontrados nas falas significativas e posteriormente utilizados de maneira positiva e enriquecedora nas aulas de história, que talvez fossem de certa forma desconsiderados em um outro ambiente dito de ensino regular para jovens e adultos. Ginzburg afirma que “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”. (1989 p. 152).

Aqueles sujeitos dentro daquela metodologia de ensino puderam nas aulas de história se tornarem de certa forma “fontes” históricas, através de seus relatos. É possível analisar um contexto sócio histórico através das observações do material que envolveu os relatos desses educandos e como menciona Aróstegui (2006) “a observação da história é a observação das fontes”.

Além disso, abre-se a possibilidade do surgimento de uma consciência histórica, pois o educando tem acesso à discussão de sua própria bagagem sócio antropológica tem espaço para uma narrativa de suas produções dentro das aulas de história e isso pode desencadear um processo de análise e reflexão muito positiva. Albieri, em seu “História Pública e Consciência Histórica”, invoca essa relação que acima está descrita, “a expressão designa o modo como os seres humanos interpretam a experiência da evolução temporal de si mesmos e do mundo em que vivem”. (2011 p.25).

Esse educando é levado a pensar na sua condição de produtor de contextos históricos e abre-se a oportunidade como diz Reis (2003, p.33), de produzir o que se mencionou antes “o sujeito que produz a história produz também a consciência histórica, pois ele sabe o que faz”.

### **3 AS DEMANDAS EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ARROIO DO SAL**

O processo inicial de instalação do PROEJA FIC Arroio do Sal, ocorreu a partir do momento em que as Secretarias municipais envolvidas diretamente com as famílias do município perceberam a necessidade de certificar cidadãos locais que possuíam saberes específicos, porém sem nenhuma outorga legal, ou nenhum poder instituído que tenha avalizado este saber. O município possui a peculiaridade de estar em uma região geográfica onde ocorre o efeito da sazonalidade do verão. Entre os meses de dezembro a fevereiro sua população aumenta em virtude da chegada de veranistas que buscam o litoral num período que coincide com as festas de natal e final de ano.

Então, pensar na demanda da clientela por assim dizer que vai utilizar dos serviços prestados pela gestão pública no município litorâneo referido, na área da educação é quase que automaticamente pensar na faixa etária que vai para a educação infantil e educação fundamental até as séries finais, pois, após isso, passa a ser responsabilidade do Estado.

O perfil do frequentador da Educação de Jovens e Adultos nessa região não difere de outras no país e nesse sentido cabe salientar que no caso de Arroio do Sal a implantação do Proeja FIC, não foi a única alternativa que esses sujeitos possuíam naquele momento, entretanto foi o local onde os seus saberes foram levados em conta e relacionados na construção do seu aprendizado. O município na época desse projeto possuía em sua área de abrangência uma escola Estadual, que também oferecia a Educação de Jovens e Adultos, porém sem o uso do método aqui referido em seu contexto didático/ pedagógico, nem o vínculo com uma Instituição representando um programa federal que foi o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Campus Caxias do Sul. Foi sim, uma experiência pioneira no município. Com relação a isso, Santos fala que:

“Tenho afirmado que essa política tem um caráter inédito, pois coloca para dentro de instituições de excelência em educação profissional trabalhadores “reais”, com demandas concretas e um caráter aleatório, porque não é possível afirmar que ela se constituirá como política perene de educação profissional”. (2014, p. 299).

Sua população estimada em 7.740<sup>1</sup> mil habitantes ultrapassa com facilidade os 80 mil no verão, ocasionando um aumento de consumidores de serviços locais como hotéis, restaurantes, supermercados, imobiliárias e serviços ambulantes de vendedores na área de praia.

O saber, no caso específico das práticas relacionadas à gastronomia, é utilizado junto aos estabelecimentos de hotelaria e restaurantes do município durante os períodos de veraneio. Muitos trabalhadores são contratados, mais pela questão de saber que estes indivíduos possuem um conhecimento adquirido com a experiência de vida e de bagagem familiar do que propriamente reconhecer um profissional que possui um diferencial certificado.

A falta de um certificado que reconheça este saber também abre espaço para que o empregador deste indivíduo conceda uma remuneração que em muitos momentos não condiz com o serviço prestado, ou seja, a mão de obra sofre de uma exploração maior por parte do dono do estabelecimento. Além disso, é preciso mencionar em muitos casos a falta de registros específicos como contratos de trabalho.

O reconhecimento deste saber é importante para a valorização deste indivíduo. Segundo o documento base do PROEJA (2006) é fundamental que uma política pública estável voltada para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização, no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade.

As Secretarias que estiveram envolvidas (assistência social e educação e cultura) buscaram apoio junto aos programas oferecidos pelo Governo Federal através de seus órgãos competentes, neste caso os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esse movimento aproximou o poder público do CERTIFIC- Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada, um programa voltado à certificação de saberes amparado pelo artigo 41 da LDB (1996) que menciona “o conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos”.

A Rede CERTIFIC veio com o objetivo de atender trabalhadores, jovens e adultos que possuem saberes adquiridos em sua trajetória de vida e de trabalho e fazer o reconhecimento e a certificação. O mesmo artigo da LDB, além da certificação, a Rede CERTIFIC, também abre a possibilidade de ingresso em cursos de formação inicial e continuada de qualificação profissional articulada com a elevação do grau de escolaridade, ou seja, aquele indivíduo que,

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=430105&search=%7C%7Cinfor%EFicos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>. Acesso em 24 de julho de 2014.

além de ter seus saberes certificados, tiver interesse em qualificar-se profissionalmente e concluir estudos que porventura deixou de fazer na idade regular.

A partir da análise deste programa de certificação por parte dos órgãos municipais envolvidos e a vinculação ao programa CERTIFIC através do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia-Campus Caxias do Sul passou a certificar os saberes ligados à gastronomia. Foram abertos editais de seleção simplificada junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura para esse fim.

Dentro dos programas disponibilizados pela Rede CERTIFIC escolheu-se o Programa de Turismo e Hospitalidade-Auxiliar de Cozinha para ser aplicado junto ao município. Para serem colocadas em prática, algumas etapas foram necessárias e equipes da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia-Campus Caxias do Sul (IFRS) foram mobilizadas. Reuniões de sensibilizações e de esclarecimentos junto aos interessados do município.

Alguns critérios foram utilizados quando da abertura das inscrições para a certificação, como a documentação mínima exigida de identificação e comprovação de residência. O nível de escolaridade e a experiência e comprovação como auxiliar de cozinha. Não foram levados em conta, desde que completos dezoito anos. As pré-inscrições ocorreram junto a SMEC de Arroio do Sal. Após o encerramento do período das pré-inscrições, ocorreu um evento de orientação, onde foram entregues manuais de orientação aos inscritos e apresentação detalhada das etapas do processo de reconhecimento de saberes. Na fase de inscrição, o trabalhador preencheu um questionário de acordo com seu perfil profissional. Nessa pesquisa constatou-se que alguns inscritos possuíam experiência de trabalho em suas residências, bares, restaurantes, cozinhas industriais e domiciliares. Com a análise dos questionários sócio profissional, os inscritos foram agrupados por escolaridade e experiência profissional, partindo então para as matrículas, após a divulgação dos grupos de trabalhadores inscritos e homologados. Este processo específico que envolveu desde a pré-inscrição até a matrícula dos trabalhadores levou três meses e ocorreu entre agosto e outubro de 2010.

O processo de reconhecimento dos saberes envolveu atividades divididas em quatro etapas distintas intermediadas por diálogos com a equipe multidisciplinar do IFRS. Dinâmicas de grupo, curso de preparação para o desempenho sócio-profissional e a avaliação de desempenho profissional fizeram parte deste processo. O primeiro documento oficial dessa experiência foi a criação de um memorial descritivo, onde cada certificando registrou seus saberes adquiridos no trabalho e ao longo da vida. Juntamente com este memorial, o indivíduo

recebia orientações da possibilidade de continuar seus estudos se assim pretendesse e, caso já possuísse a escolaridade necessária, no caso o ensino fundamental completo recebia ao final, após avaliação o seu certificado profissional de auxiliar de cozinha com a chancela do IFRS. Neste caso, esta certificação profissional era o reconhecimento dos saberes necessários para o exercício daquela atividade profissional.

Durante o processo que realizou o CERTIFIC em Arroio do Sal, os trabalhadores foram convidados a continuarem seus estudos e sua qualificação. Este convite foi feito para aqueles que não tinham concluído o ensino fundamental e se ofereceu então o PROEJA FIC- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de educação de jovens e adultos, na formação inicial e continuada com ensino fundamental. Este curso em nível fundamental foi oferecido em parceria entre o IFRS e a SMEC, com carga horária mínima de 1.400h onde os estudantes teriam aulas da parte técnica vinculada ao curso de auxiliar de cozinha e às disciplinas do ensino fundamental concomitantemente. A partir do término de todo o processo que certificou saberes dos trabalhadores inscritos, a possibilidade de continuar estudos e qualificação tornou-se mais próximo para aqueles indivíduos, que esquecidos em seus contextos sociais pelos programas de governo até então, passaram a vislumbrar, que poderiam também concluir seus estudos.

O município de Arroio do Sal deu prosseguimento à parceria existente entre IFRS e SMEC dando início a outro processo de seleção aos interessados em concluir seus estudos no nível de ensino fundamental e também simultaneamente fazer um curso técnico em auxiliar de cozinha. Essa segunda edição aconteceu no ano de 2011/2013.

Saindo da informalidade e tendo reconhecido seu saber, o educando tende a recuperar a sua humanidade roubada. Aliás, essa é a função da educação, ou seja, como afirma Arroyo dialogando com Freire:

“[...] este o sentido do fazer educativo. Este é o sentido de tantas renúncias feitas pela infância, adolescência, juventude popular para permanecer na escola para dividir tempos de escola e trabalho. Este é o sentido de esperar melhorar de vida de sair dessa vida aperreada, indigna de gente. A escola como tempo mais humano, humanizador, esperança de uma vida menos inumana”. (2000, p. 240)

### 3.1 REDE CERTIFIC

Reconhecer as experiências profissionais de cada cidadão é um grande desafio, pois sua aferição geralmente demanda a partir de uma pré-qualificação, de estudos e cursos dentro de sua área de atuação, ou seja, é necessário estar com uma certificação, um diploma que

comprove perante a sociedade que determinado sujeito possui aquele saber ou tem aquela profissão.

Esses reconhecimentos são realizados por instituições que em geral fazem uma aferição ao final de cada curso ou especialização para verificar se o aluno possui os conhecimentos necessários dentro daquela função a qual está estudando. Entretanto temos milhares de sujeitos que possuem experiência e saberes profissionais adquiridos durante muitos anos através de sua prática e não pela frequência em bancos escolares ou de cursos profissionalizantes. É possível então, certificar esses sujeitos visto que a própria LDB faz menção a essa aferição. Na LDB, o MEC:

“O Art. 41 da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional define que “O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos”.

Nessa narrativa específica em que se faz menção do CERTIFIC, ele foi utilizado para justamente conferir aos sujeitos que tivessem interesse em certificar seus saberes e conhecimentos ligados à área da gastronomia do município de Arroio do Sal. Sempre lembrando de uma região que sobrevive em grande percentual da presença em massa de veranistas que frequentam a orla marítima no período do verão entre dezembro e fevereiro, necessitando de serviços prestados nessa área e que envolvem hotéis, pousadas, restaurantes, bares, lancherias, mercados e supermercados.

A Rede CERTIFIC utilizada nesse município era oriunda de uma parceria entre o Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e do Emprego, através de suas Secretarias de Educação Profissional e Tecnológica, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Secretarias de Políticas Públicas e Emprego.

Com a Portaria Interministerial, nº. 1.087, de 20 de novembro de 2009, foi criada a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação inicial e Continuada - Rede CERTIFIC. Pelo observado no documento base chamado de Orientações para a Implantação da Rede CERTIFIC, ele é bem direto no que diz respeito à função, ao objetivo que seria através do apoio da rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criar e implantar Programas, Interinstitucionais de Certificação profissional e Formação Inicial e Continuada.

Esses programas estariam voltados para trabalhadores jovens e adultos que buscassem formação ou avaliação do seu saber profissional, para uma posterior certificação. O documento base foi segmentado em seis capítulos conforme segue:

“O **primeiro**, “Contexto e Problemática Recorrente” situa o leitor no que refere à dinâmica de desenvolvimento sócio-cultural da sociedade contemporânea, apontando desafios e superações 5 necessárias. No **segundo**, “Da Educação Formal ao Reconhecimento de Saberes” é abordado a temática da certificação profissional e da Formação Inicial e Continuada a partir de experiências já vivenciadas na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. O **terceiro**, “Rede de Cooperação: princípio para a sustentabilidade de um programa” aponta os conceitos que embasam o desenvolvimento e a implantação da Rede CERTIFIC. No **quarto**, “Rede CERTIFIC: estrutura de Governança” apresenta-se a estrutura de gestão da Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Rede CERTIFIC. O **quinto** “Programas Interinstitucionais de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada” apresenta orientações para a elaboração de Programas CERTIFIC. No **sexto**, “O Contexto Institucional para a Implantação de um Programa CERTIFIC” expõe as orientações para a adesão à Rede CERTIFIC e a implantação de um ou mais Programas Interinstitucionais de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada. Por fim, no capítulo sétimo “Referencial Metodológico para o Reconhecimento de Saberes” apresenta-se o roteiro de ações pertinentes ao processo de Certificação Profissional”.

Em Arroio do Sal, o CERTIFIC serviu de estímulo para que jovens e adultos em sua maioria sem o ensino fundamental, fossem estimulados a retornar aos estudos. Essa busca inicial por um certificado que validasse aquele saber adquirido em suas experiências como trabalhadores da área da gastronomia os levou a um “despertar’ para voltar ao ambiente escolar. Entretanto esse retorno seria positivo e traria melhores resultados, ou significação com um método que estivesse também em sintonia com o contexto desses sujeitos. Sobre isso descrevo mais adiante nessa narrativa de pesquisa.

Aqui a intenção não é aprofundar a pesquisa no programa CERTIFIC, mas mostrar que a aproximação entre os sujeitos que foram certificados em seus saberes profissionais por essa Rede, também tiveram a oportunidade de frequentar posteriormente o PROEJA FIC. A maioria dos educandos que foram frequentar o PROEJA FIC Arroio do Sal – Auxiliar de Cozinha, não passaram pelo CERTIFIC. O referido programa que envolveu a conclusão do ensino fundamental e a formação técnica ao mesmo tempo era uma oportunidade aberta não apenas aos cidadãos que haviam passado pelo processo de certificação do CERTIFIC, mas para todos os interessados em concluir o ensino fundamental, com a parte técnica de auxiliar de cozinha, tendo como um dos pré requisitos ter frequentado até a 4ª série na época em que parou de estudar.

A narrativa desse capítulo apresenta a Rede CERTIFIC e busca também ligar a proposta que se realizou junto ao PROEJA FIC em Arroio do Sal, ou seja, muitas diretrizes, orientações e até alguns dados acabaram entrando em sintonia com o que haveria de ocorrer algum tempo depois no ambiente escolar onde aqueles jovens e adultos frequentaram.

Um desses dados refere-se ao número de analfabetos do país e relacionava as faixas etárias desses indivíduos com os percentuais da época. É possível mencionar que O CERTIFIC era uma ferramenta que viabilizava, aproximava também esses sujeitos que buscavam certificação de seus conhecimentos do ambiente escolar do qual porventura tivessem se afastado. O PNAD determina:

“São 14.247.495 de brasileiros com idade superior a 15 anos na condição de analfabetos, o que significa um percentual de 10,0%. Cerca de 90% dos analfabetos estão na faixa etária de 25 anos ou mais, sendo que a maior concentração, em números absolutos e relativos recai sobre a população acima de 40 anos (16,9%). Estima-se que a demanda pelo ensino fundamental, incluindo os analfabetos, chega a 60.235.079.1 Soma-se a esses os brasileiros que concluíram o ensino médio, mas não conseguem melhoria nas condições de emprego por não possuírem formação profissional reconhecida”. (BRASIL, 2010 p. 12). 1 14.160.729 dos brasileiros até 15 anos tem até 3 anos de estudos; enquanto os com idade superior a 17 anos e com no máximo 7 anos de estudos, chega a 31.826.855. (2008)

E fazendo parte desses percentuais que acima foram mencionados também estavam aqueles que seriam e foram os educandos do PROEJA FIC de Arroio do Sal, pois eram cidadãos ativos do ponto de vista econômico em sua maioria, porém não possuíam a conclusão sequer do ensino fundamental.

Então, pode-se dizer que nesse sentido, naquela localidade o poder público representando o gestor municipal e as Secretarias envolvidas abriram uma oportunidade valiosa. Salientando que essas “oportunidades”, na verdade, não deveriam ser vistas como um privilégio de uma ou outra gestão e sim como efetivamente o papel, a função que compete ao gestor que executa sua função de administrador de bens públicos e também dos cidadãos que estão sob a sua responsabilidade em seu estado de direito.

A oportunidade foi positiva, pois como vemos no decorrer da narrativa dessa pesquisa que o ato de retornar a frequentar um ambiente escolar, aquele específico referindo-se aqui ao PROEJA FIC, abriu espaço também para que se desencadeassem processos sutis de âmbito social dentro das famílias daqueles educandos, envolvendo não apenas os conhecimentos relacionados à educação, mas aos seus saberes que já faziam parte de sua caminhada profissional, agora reconhecidos com uma certificação, como menciona Thompson (1998, p.18) “com

a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade”.

### **3.2 PROEJA FIC PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

#### **3.2.1 Elementos Norteadores do Documento Base 2006**

As origens do PROEJA estão na portaria criada em 2005 para a nomeação de um grupo de trabalho que elaborou o documento base do programa e publicado no Diário Oficial da União em 02 de dezembro de 2005 na seção 2 da página 25 onde acordo com o documento base original na página 4 em seu artigo 1º é feita menção para “compor Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar o documento básico para o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos PROEJA”. (BRASIL, 2005 p.25).

O documento base inicial é dirigido ao público que já concluiu o ensino fundamental como é descrito na nomenclatura citada acima no 1º artigo onde é convocado o grupo de trabalho que irá organizar e dar forma ao programa legalmente, que é criado oficialmente através do Decreto 5.478 de 24 de junho de 2005 com a denominação Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Faço observações pontuais nesse documento que irão relacionar-se em parte ou diretamente ao PROEJA FIC Arroio do Sal, que, apesar de fazer parte da ampliação do PROEJA como política pública, pois seus educandos frequentaram a modalidade que abriga o ensino fundamental, é pertinente verificar pontos em comum do primeiro documento em questão, antes de abordar a continuação do programa que ocorreu na esfera governamental na sequência deste.

O texto base (2006) possui riqueza de detalhes relacionados ao objetivo de criação do programa e também dos grupos destinatários do mesmo. Dentro dessa documentação oficial, buscou-se identificar detalhes que estiveram em sintonia com a metodologia e com o percurso feito pelo PROEJA FIC de Arroio do Sal alguns anos depois da origem do primeiro documento base.

Os detalhes que foram buscados nessa pesquisa vão identificar dentro dos documentos base elementos ligados principalmente ao uso dos conhecimentos prévios dos sujeitos, a valorização de sua historicidade, no espaço que terão para produzir narrativas históricas, bem como elementos que estão à disposição no programa e que podem possibilitar que esses sujeitos saiam da posição de excluídos de processos sociais, culturais, políticos, históricos e também econômicos. Conforme Silva:

“Ou seja, as negatividades, material, cultural e social presentes na voz do “outro” são os objetos de estudo, os interesses político-pedagógicos que orientam a seleção dos conteúdos que comporão a prática curricular problematizadora compromisso com a inclusão crítica, transformadora do sistema vigente”. (2004 p.175)

O texto base (2006) é inovador em vários aspectos, se comparar com programas anteriores no Brasil, e já inicia situando-se na questão de identificação da modalidade EJA como de características próprias conforme o parecer CNE nº 11/ 2000 feito pelo Conselheiro Jamil Cury na página 6 do texto base que conceitua a Educação de Jovens e Adultos de maneira muito significativa.

“[...] implica um modo próprio de fazer a educação, indicando que as características dos sujeitos jovens e adultos, seus saberes e experiências do estar no mundo, são guias para a formulação de propostas curriculares político - pedagógicas de atendimento”. (BRASIL, 2006).

Com isso já abre o documento sinalizando que as bagagens sócio antropológicas de cada sujeito frequentador dessa modalidade deve ser levadas em conta, pois são elementos importantes na construção dos saberes e de suas identificações sociais e históricas, como menciona Thompsom dialogando com Gramsci:

“[...] não era apenas a apropriação de um indivíduo, mas provinha de experiências compartilhadas no trabalho, nas relações sociais, estando “implícita” na sua atividade e na realidade, unindo-o a todos os companheiros de trabalho na transformação prática do mundo real [...]”. (1998 p.20)

O programa apresentou em seu teor oficial menção importante aos sujeitos de EJA como apartados do sistema em que estão inseridos e, portanto são desfavorecidos dos mesmos acessos que estudantes regulares, além de identificar fatores adicionais que são historicamente elementos que promovem o ambiente excludente como é mencionado na página 8 no texto base:

“A EJA, em síntese, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores

informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente”. (BRASIL, 2006, p. 8)

A educação como importante ferramenta no sentido de fazer com que esses sujeitos passem a “olhar-se” como realmente humanos transitando em sociedade e seres envolvidos dentro de contextos que se fundem, justamente pela condição de estar humano é um elemento claro no texto base (2006) como mencionam Irelando, Machado e Paiva, Inc (2004, p. 9-10) em sintonia com o documento oficial “Pensar a perenidade dessa política pressupõe assumir a condição humanizadora da educação, que por isso mesmo não se restringe a “tempos próprios” e “faixas etárias”, mas se faz ao longo da vida, nos termos da Declaração de Hamburgo de 1997”.

Essa função humanizadora encontrou sintonia nas aulas dos Saberes Sociais que aconteceram dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal nos vínculos e contextos históricos trabalhados em função do espaço concedido para que isso acontecesse, como menciona o egresso D. S. V.:

“[...] eu me sinto... me sinto sim... porque eu estudei ...porque aprendi... porque pude aprender coisas que eu não sabia... porque pode conviver com outras pessoas... sair do casulo... sair da zona de conforto...me deslocar para o colégio de noite...me sinto sim hoje sou bem diferente sim”. (2015 ANEXO V).

E nesse sentido o texto base (2006) enfatiza a formação humana e não apenas a formação tecnicista ou para o trabalho como historicamente aconteceu. Sabedores de que os programas para EJA buscavam o alinhamento aos sistemas produtivos. Os sujeitos que passaram pelo programa realizado em Arroio do Sal foram submetidos em especial à parte humana de conscientizar – se que ali acontecia um momento que agregou diferencial em aspectos não apenas relacionados a parte técnica do curso, mas que essa parte era “um” dos tantos aspectos necessários e ausentes até então em sua formação, em especial na sua historicidade como sujeito produtor, como afirma o texto base de 2006:

“A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele. [...] Por esse entendimento, não se pode subsumir a cidadania à inclusão no “mercado de trabalho”, mas assumir a formação do cidadão que produz, pelo trabalho, a si e o mundo. Esse largo mundo do trabalho — não apenas das modernas tecnologias, mas de toda a construção histórica que homens e mulheres realizaram, das mais simples, cotidianas, inseridas e oriundas no/do espaço local até as mais complexas, expressas pela revolução da ciência e da tecnologia — força o mundo contemporâneo a rever a própria noção de trabalho (e de desenvolvimento) como inexoravelmente ligada à revolução industrial”. (BRASIL, 2006, p. 10).

Com isso é dado um passo importante na reavaliação do papel desses sujeitos na sociedade, enxergando-os como trabalhadores ou buscadores de locais de trabalho em função do sistema econômico que os “encaminha” desde cedo a fazer parte do contingente, um cidadão que mesmo dentro de um sistema opressor pode enxergar as engrenagens que o mantém, bem como tecer reflexões e análises que o levem a repensar as maneiras e as conduções das políticas públicas em sua comunidade no que se refere a sua própria qualidade de inserção social familiar.

O documento base de 2006 possui capítulo específico no que se refere a comentários que se relaciona justamente a concepção de um esquema educacional com base no sistema econômico como o principal orientador de diretrizes dentro dos ambientes escolares que recebem jovens e adultos. A força desse sistema é a mola que empurra os sujeitos em suas buscas de vida e achar flancos para uma maior sintonia entre aprendizados que humanizem esses cidadãos e que consigam enxergar-se além de meros integrantes de massas trabalhadoras, é uma tarefa bastante árdua.

“[...] historicamente, prevalece a submissão aos indicadores econômicos ditados desde fora, aos organismos internacionais de financiamento e aos investidores internacionais, principalmente os de curto prazo, na verdade, especuladores”. “[...] Diante da ausência desse modelo de desenvolvimento socioeconômico próprio, há dificuldades para implementação de políticas de Estado para os diversos segmentos que constituem a sociedade brasileira”. (BRASIL, 2006, p. 20).

É, portanto o PROEJA de acordo com o texto base do ano de 2006, uma possibilidade de, entre tantas orientações e programas de políticas públicas, ser um espaço onde algumas especificidades que outrora não eram contempladas ou mesmo esquecidas, como é o caso de deixar passar despercebido o sujeito como formador comunitário, como produtor de historicidade em sua comunidade ter um espaço. O sujeito adquirindo novos conhecimentos, utilizando também o que o constitui previamente abre a possibilidade de melhorar o local onde está inserido e de principalmente ser um agente que pode servir como incentivador e até mesmo orientador de novas mudanças em seu bairro, em sua rua, em sua comunidade perante os desafios, os problemas que o cotidiano e seus desdobramentos o apresentam.

“Apesar dessa dura realidade, existe outro tipo de sociedade que pode ser buscada. Uma sociedade que tenha o ser humano e suas relações com o meio-ambiente e a natureza em geral como centro e na qual a tecnologia esteja submetida a uma racionalidade ética no lugar de estar a serviço exclusivo do mercado e do fortalecimento dos indicadores econômicos. Nessa sociedade, a produção coletiva do conhecimento deve estar voltada para a busca de soluções aos problemas das pessoas e das comunidades menos favorecidas na perspectiva da edificação de uma sociedade socialmente justa”. (BRASIL, 2006, p. 21).

O sujeito passa a ser percebido dentro desse texto base (2006) e dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal com o uso da PSA, a Rede Temática e seus elementos de constituição de maneira prática, como uma peça fundamental dentro da sociedade como em um todo, ou seja, não enxerga-se apenas como um aluno ou educando da modalidade EJA, mas como cidadão com possibilidade real de agregação de mudanças em sua rotina a partir de sua passagem pelo Proeja. De acordo com CEFET-RN: “Nesta sociedade, o homem deve ser concebido como um ser integral, o qual, no confronto com outros sujeitos, afirma a sua identidade social e política e reconhece a identidade de seus semelhantes, ambas construídas nos processos de desenvolvimento da individualização e da intersubjetividade”. (1999, p. 47).

Além dessas indicações de mudanças e de caminhos positivos dentro da história de programas voltados para EJA, em especial nesse sentido de olhar esse sujeito de maneira mais integral, abriu-se a possibilidade para que locais como Arroio do Sal pudesse obter resultados bastante positivos em relação aos outros EJAs existentes na área de abrangência desse município do litoral norte do RS, fator que repercute de maneira importante entre os sujeitos e sua comunidade como consta no texto base do ano de 2006:

“As práticas e os praticantes dessas escolas são capazes, no cotidiano social, de reinventar a educação para além e apesar dos sistemas, em muitos casos, com respostas singulares e absolutamente surpreendentes”. (BRASIL, 2006, p. 23).

Mesmo que o motivo inicial para aplicação do PROEJA FIC Arroio do Sal naquele município tenha sido vinculado com a qualificação de saberes ligados à gastronomia que eram utilizados nas redes de bares, restaurantes e hotéis na época de veraneio, dentro do efetivo andamento da organização do projeto, observou-se que o educando foi contemplado com um horizonte mais amplo atingindo aquilo que o texto base menciona como “rompimento da dualidade estrutural geral versus cultura técnica” que abaixo escrevemos na íntegra.

“Para que um programa possa se desenhar de acordo com marcos referenciais do que se entende como política educacional de direito, um aspecto básico norteador é o rompimento com a dualidade estrutural cultura geral versus cultura técnica, situação que viabiliza a oferta de uma educação academicista para os filhos das classes favorecidas socioeconomicamente e uma educação instrumental voltada para o trabalho para os filhos da classe trabalhadora, o que se tem chamado de uma educação pobre para os pobres”. (BRASIL, 2006, p. 32).

Os sujeitos que antes estavam ligados quase que em uma relação de dependência específica com o veraneio e sua safra, puderam de maneira prática elaborar novos rumos relacionados não apenas o mundo do trabalho. Dentro da parte que menciona as concepções do texto

base de 2006, do PROEJA, fica claro que há um espaço para ir além de reconhecer um saber vinculado ao trabalho, o ambiente escolar passa a oferecer algo mais como objetivo.

“A formação assim pensada contribui para a integração social do educando, o que compreende o mundo do trabalho sem resumir-se a ele, assim como compreende a continuidade de estudos. Em síntese, a oferta organizada se faz orientada a proporcionar a formação de cidadãos-profissionais capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho, para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando à transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos especialmente os da classe trabalhadora”. (BRASIL, 2006, p. 32).

Outro aspecto que dentro da modalidade EJA que não era enfatizado em programas anteriores, é apresentado de maneira a colocar essa área da educação como de realmente aprofundar seus aspectos e não apenas de ser uma medida compensatória ou de resgatar excluídos como uma forma de “saldar” a dívida da estrutura pública governamental que não ofereceu as condições para que os estudos desses sujeitos ocorressem na idade certa. Essa menção dentro do texto base do ano de 2006 é visto como um diferencial positivo, pois vai refletir além dos sujeitos envolvidos como educandos, também nas estruturas locais, como no caso de Arroio do Sal envolvendo gestores, educadores, e comunidade.

“Outro aspecto irrenunciável é o de assumir a EJA como um campo de conhecimento específico, o que implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos; 36 como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados; de investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-o a novas buscas e conquistas — todos esses temas de fundamental importância na organização do trabalho pedagógico”. (BRASIL, 2006, p. 33).

Outro ponto preponderante observado na escrita do texto base de 2006, e que está em sintonia com o que foi aplicado junto ao PROEJA FIC Arroio do Sal, trazendo resultados positivos, foi o uso da PSA como elemento aglutinador de peças – chave naquele ambiente escolar envolvendo suas profissões, seus saberes técnicos, suas histórias de vida, seus conhecimentos prévios, que de certa maneira acabaram preenchendo lacunas que geralmente ficam abertas em outras instituições que ofertam a modalidade de EJA. De acordo com o texto:

“Um programa, pois, de educação de jovens e adultos nesse nível de ensino necessita, tanto quanto nos demais níveis, e para outros sujeitos, formular uma proposta político-pedagógica específica, clara e bem definida para que possa atender as reais necessidades de todos os envolvidos, e oferecer respostas condizentes com a natureza da educação que buscam, dialogando com as concepções formadas sobre o campo de atuação profissional, sobre o mundo do trabalho, sobre a vida”. (BRASIL, 2006, p. 36).

E. P Thompson dialogando com Willians também menciona essa sintonia quando escreve que “na verdade, é uma atitude condescendente injustificável, com relação às massas humildes e anônimas, supor que elas eram incapazes de desenvolvimento cultural exceto como resultado de instrução ou coerção de fora. (1981, p.189-208).

A maneira como o texto base (2006) menciona essa a dimensão que irá abranger esse formato em relação também aos professores e educadores envolvidos diretamente na execução dos projetos nas comunidades que por ventura fizerem o convênio, identifica momentos nos quais os educadores de Arroio do Sal, estiveram frente a frente com um sentimento que por muitas vezes é raro nessa modalidade. O ato “educar-se”, a possibilidade de reaprender dentro do uso, da prática dessa concepção de educação, que foi justamente o que aconteceu dentro do projeto executado no município de Arroio do Sal, onde houve uma sensação de “estranhamento” inicial por parte dos educadores que iriam trabalhar executar o programa. Estranhamento esse, dentro de uma normalidade onde sujeitos educadores que são moldados muitas vezes com métodos engessados e tradicionalmente voltados à exposição automática de conteúdos e que não levam em conta todo o contexto do educando ali presente, podem nesse momento passar por uma nova adaptação em geral positiva, onde irão aprender junto aos educandos e estarão também formando-se continuamente. Sobre isso o texto base de 2006 indica que:

“Oferecer aos professores e aos alunos a possibilidade de compreender e apreender uns dos outros, em fértil atividade cognitiva, afetiva, emocional, muitas vezes no esforço de retorno à escola, e em outros 37 casos, no desafio de vencer estigmas e preconceitos pelos estudos interrompidos e a idade de retorno, é a perspectiva sensível com que a formação continuada de professores precisa lidar”. (BRASIL, 2006, p. 36-37).

A formação continuada que é mencionada no texto base de 2006 ocorreu também dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal em convênio estabelecido junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul que orientou os educadores que iriam trabalhar diretamente junto aos educandos daquele município nas questões pertinentes de metodologia aplicada junto aquela modalidade de ensino vinculada nesse programa. Percebeu-se que a formação continuada qualificou os embasamentos que foram aplicados junto aos sujeitos frequentadores. “[...] é fundamental que preceda à implantação dessa política uma sólida formação continuada dos docentes, por serem estes também sujeitos da educação de jovens e adultos, em processo de aprender por toda a vida”. (2006, p. 37).

O documento (2006) também elenca princípios que embasam sua atuação de acordo com os teóricos ligados a EJA utilizados pelo primeiro grupo condutor dos escritos desse programa. Dentro desses princípios referidos anteriormente, alguns estiveram em sintonia ou puderam ser identificados como importantes dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal. Achou-se oportuno listar os princípios de acordo com o texto base original e logo após identificar quais deles tiveram sintonia naquela comunidade de educandos.

“O **primeiro princípio** diz respeito ao papel e compromisso que entidades públicas integrantes dos sistemas educacionais têm com a inclusão da população em suas ofertas educacionais. O princípio surge da constatação de que os jovens e adultos que não concluíram a educação básica em sua faixa etária regular têm tido pouco acesso a essas redes. Assim, um princípio dessa política — a inclusão — precisa ser compreendido não apenas pelo acesso dos ausentes do direito à escola, mas questionando também as formas como essa inclusão tem sido feita, muitas vezes promovendo e produzindo exclusões dentro do sistema, quando não assegura a permanência e o sucesso dos alunos nas unidades escolares. O **segundo princípio**, decorrente do primeiro, consiste na inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos. Assume-se, assim, a perspectiva da educação como direito — assegurada pela atual Constituição no nível de ensino fundamental como dever do Estado. Além disso, alarga-se a projeção desse dever ao se apontar a educação básica iniciando-se na educação infantil e seguindo até a conclusão do ensino médio. A ampliação do direito à educação básica, pela universalização do ensino médio constitui o **terceiro princípio**, face à compreensão de que a formação humana não se faz em tempos curtos, exigindo períodos mais alongados, que consolidem saberes, a produção humana, suas linguagens e formas de expressão para viver e transformar o mundo. A expansão do direito, portanto, inclui a universalização do ensino médio, como horizonte próximo, face à quase total universalização do acesso ao ensino fundamental. O **quarto princípio** compreende o trabalho como princípio educativo. A vinculação da escola média com a perspectiva do trabalho não se pauta pela relação com a ocupação profissional diretamente, mas pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho — ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem. O **quinto princípio** define a pesquisa como fundamento da formação do sujeito contemplado nessa política, por compreendê-la como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual desses sujeitos/educandos. O **sexto princípio** considera as condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais. Nesse sentido, outras categorias para além da de “trabalhadores”, devem ser consideradas pelo fato de serem elas constituintes das identidades e não se separarem, nem se dissociarem dos modos de ser e estar no mundo de jovens e adultos”. (BRASIL, 2006).

Conforme mencionado anteriormente os princípios que estiveram em sintonia junto ao programa aplicado naquele município do litoral norte do RS especificamente foram quatro e são aqui nomeados e justificados com base na operacionalização e andamento daquele local. O primeiro princípio que faz menção a “inclusão da população em suas ofertas educacionais”, esteve em conformidade com o que está no texto base (2006), pois atendeu à demanda local naquele período abrindo um espaço escolar didático pedagógico específico antes não existente.

O quarto princípio “trabalho como princípio educativo”, no caso específico de Arroio do Sal, o programa observou as tendências locais na área profissional e fez-se a adequação, para que os sujeitos interessados estivessem no ambiente que poderia acrescentar e qualificar os seus saberes profissionais, dos quais eram instrumentos para sua sobrevivência individual e familiar.

A “pesquisa como fundamento de formação” que é o quinto princípio estiveram presentes nos espaços de elaboração das historicidades, nas reflexões e análises de suas narrativas históricas e também seus desdobramentos nos locais de trabalho e moradia onde estavam inseridos.

E por fim o sexto princípio que consta no texto base (2006) fazendo menção às “condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais”, estiveram diretamente ligados dentro da base de formação da rede temática e seus elementos desencadeadores através do uso da pesquisa sócioantropológica.

Ao analisar o texto base (2006) e também os outros programas dentro do recorte temporal que buscou situar as políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, observa-se que são feitas menções sobre o trabalho como fator preponderante, porém não como objetivo final do ato de retornar ao ambiente escolar. Como historicamente constata-se o vínculo ligando escola de adultos com o contexto econômico, essa menção de busca ir além desse viés é um diferencial, pois busca integrar de certa forma esse sujeito que está desintegrado, conforme Ciavatta em sintonia com o documento base:

“Remetemos o termo [integrar] ao seu sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, de tratar a educação como uma totalidade social, isto é, nas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos [...]. Significa que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos”. (2005, p. 84).

Os sujeitos frequentadores dessa modalidade possuem necessidades que interliguem suas práticas e teorias-técnicas e não apenas que os preparem para o mundo do trabalho, visto que em sua maioria já estão inseridos em atividades remuneradas para sustentar-se sendo esse inclusive um dos motivos de sua saída do ensino regular anteriormente. O PROEJA em seus fundamentos político-pedagógicos concebe o espaço da EJA nesse momento como aglutinador dos conhecimentos de vida desses sujeitos, ou seja, é possível ter espaço também para os

aprendizados formais e não formais. Segundo o Relatório Global do ano de 2010, em sintonia com Peruchin e Agliardi: “Educação formal não é dada por uma instituição de educação ou treinamento e normalmente não conduz à certificação. É, todavia, estruturada em termos de objetivos de aprendizagem, duração da aprendizagem e apoio à aprendizagem”. (2014, p. 30).

O Relatório da Comissão Européia, 2000/2001 também em sintonia com Peruchin e Agliardi faz menção a educação não formal como um resultado do sujeito como ser social, histórico, antropológico.

“[...] educação informal resulta das atividades da vida cotidiana, relacionada ao trabalho, à família ou ao lazer. Não é estruturada (em termos de objetivos de aprendizagem, duração de aprendizagem e apoio á aprendizagem) e, normalmente, não conduz à certificação”. (2014, p. 30).

Esse espaço não deixou, como no caso de Arroio do Sal de reparar um direito aos cidadãos que ali frequentaram e que no momento do ensino regular não tiveram a possibilidade de estar em formação escolar nos seus locais de origem pelos mais diversos motivos. Ireland, Machado e Paiva afirmam que:

“A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos”. (2004, p. 42).

As especificidades desses sujeitos são tão importantes e ímpares que é pertinente que os locais onde ocorrem essas modalidades sempre que possível estejam de certa forma voltados, adequados justamente para esses educandos e suas especificidades, pois são sim indivíduos especiais no sentido da riqueza de seus saberes. Como diz Arroyo dialogando com o documento base do ano de 2006:

“O grande desafio dessa política é a construção de uma identidade própria para novos espaços educativos, inclusive de uma escola de/ para jovens e adultos. Em função das especificidades dos sujeitos da EJA (jovens, adultos, terceira idade, trabalhadores, população do campo, mulheres, negros, pessoas com necessidades educacionais especiais, dentre outros), a superação das estruturas rígidas de tempo e espaço presentes na escola”. (2004, p.63).

E tendo, portanto sujeitos com saberes de vida valiosos, o método utilizado deve contemplar essa riqueza e o documento base (2006) deixa muito claro que esse reconhecimento deve ser levado em conta e utilizado dentro das práticas pedagógicas locais. Evidencia-se aqui novamente a importância da utilização da pesquisa sócio antropológica aplicada junto aos

educandos do PROEJA FIC Arroio do Sal, reconhecendo sua historicidade através das entrevistas e filmagens iniciais.

“Nesses espaços, os saberes produzidos são também reconhecidos e legitimados, e evidenciados por meio de biografias e trajetórias de vida dos sujeitos. Compreende-se que são eles decorrentes dos variados espaços sociais que a população vivencia no seu estar e ser no mundo, seja cultural, laboral, social, político e histórico”. (BRASIL, 2006, p. 39).

Fica mais uma vez evidente dentro da escrita do documento que levar em conta os sujeitos, justamente por não estarem ou não frequentarem modalidades de ensino regulares no tempo correto, possuem diferencial importante que os vincula como elementos que delimitam fronteiras de conhecimentos sociais, culturais, políticas e históricas em seus bairros e comunidades, sendo de suma importância conjugar esses saberes dentro do ambiente escolar com os conteúdos específicos escolarizados, como escreve Brasil em sintonia com o documento base de 2006:

“Por isso, é essencial conhecer esses sujeitos; ouvir e considerar suas histórias e seus saberes bem como suas condições concretas de existência. Assim, a educação [...] deve compreender que os sujeitos têm história, participam de lutas sociais, têm nome e rostos, gêneros, raças, etnias e gerações diferenciadas. O que significa que a educação precisa levar em conta as pessoas e os conhecimentos que estas possuem”. (BRASIL, 2006, p. 17).

E também o próprio documento base (2006) novamente enfatiza a importância dos conhecimentos que cada sujeito carrega consigo através de suas experiências.

“Esses sujeitos são portadores de saberes produzidos no cotidiano e na prática laboral. Formam grupos heterogêneos quanto à faixa etária, conhecimentos e ocupação (trabalhadores, desempregados, atuando na informalidade)”. (BRASIL, 2006, p. 42).

O mesmo documento também afirma que:

“A participação ativa dos alunos na produção de conhecimentos pressupõe o estímulo cotidiano para os muitos possíveis aprendizados, na perspectiva de constante superação, desenvolvendo sua consciência do valor da escolarização e da qualificação profissional”. (BRASIL, 2006, p. 45).

E se nesse programa o espaço aos sujeitos jovens e adultos é aberto, é pertinente ter um olhar macro relacionando os outros atores que fazem parte de um processo educativo como esse, e o texto base (2006) faz um enfoque importante que está em sintonia com os professores e educadores que participaram em Arroio do Sal como também sujeitos de uma nova ação pedagógica, dessa vez ligada diretamente a colocá-los de frente a uma prática mais humanizadora, levando-os a reaprender durante todo o processo.

O fato dos educadores estarem diretamente ligados a sujeitos que ali estão em busca também de uma permanência no ambiente de trabalho, bem como uma melhor qualificação, os coloca em uma importante função que é mostrar a possibilidade dos dois mundos educação e trabalho estarem em sintonia. Conforme o texto base de 2006 (p.44), “isto significa que não se pode tratar a formação como algo exclusivamente do mundo do trabalho ou do mundo da educação”.

Essa sintonia pode ter seu espaço desde que as atividades dentro do ambiente escolar ocorram com uma prática pedagógica inovadora e envolva a grande maioria dos sujeitos ali atuantes, desde o gestor público que vai buscar esse programa até os profissionais da educação aqui envolvidos que são os educadores participantes dos processos e etapas que possibilitam a ação cidadã. O texto base confirma que: “[...] a promoção de atividades político - pedagógicas baseadas em metodologias inovadoras dentro de um pensamento emancipatório de inclusão, tendo o trabalho como princípio educativo”. (2006 p.46).

Com relação à organização curricular do programa, ele abre a possibilidade de uma flexibilidade que é muito importante na modalidade de jovens e adultos, visto que envolve sujeitos especiais do ponto de vista cidadão. Não será produtivo e nem fará diferença positiva o educando retornar aos bancos escolares após seu afastamento do ensino regular e encontrar um currículo voltado para o aluno que frequenta os ensinamentos tradicionais nos tempos certos. Para isso, dentro do texto base, fica muito claro a relação de desconstrução de organizações padrão até então encontradas na maioria dos ambientes voltados para a EJA. Sobre o objetivo do EJA o texto base de 2006 relata que:

“[...] considera-se que a EJA abre possibilidades de superação de modelos curriculares tradicionais, disciplinares e rígidos. A desconstrução e construção de modelos curriculares e metodológicos, observando as necessidades de contextualização frente à realidade do educando, promovem a ressignificação de seu cotidiano. Essa concepção permite a abordagem de conteúdos e práticas inter e transdisciplinares, a utilização de metodologias dinâmicas, promovendo a valorização dos saberes adquiridos em espaços de educação não-formal, além do respeito à diversidade”. (BRASIL, 2006 p.45).

Na parte de estrutura do currículo, leva-se em conta a produção dos saberes e todas as ligações possíveis de identificações produtivas decorrentes desses sujeitos ali estarem inseridos e serem elementos que trazem consigo a bagagem do seu micro mundo social envolvendo relações de trabalho, família, política, cultura, arte, religião, ambiente enfim a sua própria realidade. Ramos afirma que: “A concepção de homem como ser histórico-social que age so-

bre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação produz conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio.” (2005, p. 114).

Ramos vai de encontro às ideias do texto base de 2006, quando este último nos diz que:

“A incorporação de saberes sociais e dos fenômenos educativos extra-escolares; a experiência do aluno na construção do conhecimento; trabalhar os conteúdos estabelecendo conexões com a realidade de educando, tornando-o mais participativo; o resgate da formação, participação, autonomia, criatividade e práticas pedagógicas emergentes dos docentes; a implicação subjetiva dos sujeitos da aprendizagem; a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interculturalidade; a construção dinâmica e com participação”. (BRASIL, 2006 p. 49).

Na parte que faz referência às formas que devem ser utilizadas para avaliação dos educandos, o texto base volta-se para uma análise dos sujeitos e também das suas situações como cidadãos que estavam fora de um processo educativo formal, mas que possuíam saberes adquiridos em sua trajetória de vida. Nesse sentido foi encontrado no texto as dimensões possíveis de serem utilizadas como ferramenta avaliativa dentro do programa. São dimensões que tornam a avaliação mais ampla perante esses indivíduos já marcados socialmente como fracassados em não ter concluído os estudos no momento certo. Não serão apenas avaliações como uma linha de produção onde o educando necessita atingir uma meta, que é colocada como um prêmio, como um patamar que ele deverá atingir. Esse mesmo sujeito possui saberes que estão além daqueles que estão sendo oferecidos pelo ambiente escolar, então a avaliação deverá estar em um diálogo com esse sujeito e suas bagagens. Segundo o texto base, as dimensões deverão atender os sujeitos dentro desse processo, conforme o CEFET-RN 2005.

“Diagnóstica: na medida em que caracteriza o desenvolvimento do aluno no processo de ensino-aprendizagem, visualizando avanços e dificuldades e realizando ajustes e tomando decisões necessárias às estratégias de ensino e ao desempenho dos sujeitos do processo; Processual: quando reconhece que a aprendizagem acontece em diferentes tempos, por processos singulares e particulares de cada sujeito, tem ritmos próprios e lógicas diversas, em função de experiências anteriores mediadas por necessidades múltiplas e por vivências individuais que integram e compõem o repertório a partir do qual realiza novos aprendizados, e ressignifica os antigos; Formativa: na medida em que o sujeito tem consciência da atividade que desenvolve, dos objetivos da aprendizagem, podendo participar na regulação da atividade de forma consciente, segundo estratégias metacognitivas que precisam ser compreendidas pelos professores. Pode expressar seus erros, como hipóteses de aprendizagem, limitações, expressar o que sabe, o que não sabe e o que precisa saber; Somativa: expressa o resultado referente ao desempenho do aluno no bimestre/semestre através de menções, relatórios ou notas”. (2005 p.55)

Essas formas de avaliação abrem para um entendimento mais atualizado de que o educando não é simples repositório de conhecimentos ou saberes e que depois de misturados “dentro” daquele sujeito o resultado dessa mistura deve ter uma sintonia de acordo com aque-

le outro sujeito que no papel de educador injetou um conhecimento até então desconhecido ao outro. Freire é muito feliz quando em sintonia com o texto base é mencionado. “é necessário vencer a “prescrição”, a imposição de uma consciência a outra, desocultando dos procedimentos avaliativos o que Freire denomina de “consciência hospedeira” da consciência opressora”. (BRASIL, 2006, p.53).

Esse tema dentro do programa base inicial do PROEJA mostrava uma nuance diferente dos programas voltados para educação de jovens e adultos até então. No momento que avaliávamos sujeitos não apenas como repositórios de determinados conhecimentos ou limitados a serem depósitos de algo que somente vem de fora e retorna na forma de uma simples repetição de atos ou escritas, anulando assim o produtor de uma historicidade importante, um sujeito que forma socialmente possibilidades de mudança a partir dos seus conhecimentos prévios, que necessariamente precisam ser levados em conta.

O texto base 2006 relatado até aqui, foi resultado do grupo reunido oficialmente no ano de 2005 e que criou então os primeiros embasamentos desse programa que inicialmente faz a ponte entre o ensino médio e o ensino técnico, oportunizando jovens e adultos a terminarem seus estudos nessa modalidade. O próximo capítulo tratará da sequência do texto base que ocorre em 2007 e agora estará voltado para abranger o ensino fundamental e vincular ao ensino técnico dos sujeitos frequentadores dessa modalidade. Nesse relato narrativo de pesquisa o referido texto base de 2007 foi o orientador da prática desse convênio firmado entre o município de Arroio do Sal e o representante do Ministério da Educação, nesse caso específico o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, com seu Campus na cidade de Caxias do Sul, na Serra gaúcha.

### **3.2.2 Elementos norteadores do texto base 2007 Ampliação da abrangência do programa PROEJA FIC**

É importante nessa continuação da narrativa de pesquisa que descreve a experiência ocorrida dentro do PROEJA FIC no município de Arroio do Sal no litoral norte do Rio Grande do Sul, situar as partes oficiais desses documentos aqui tratados e para isso faz-se uma breve revisão introdutória. O histórico de criação e elaboração dos documentos base do PROEJA seguem uma cronologia que inicia em 02 de dezembro de 2005, quando o Secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação Eliezer Pacheco, no uso de suas

atribuições elabora a portaria 208 que dá nomeação ao grupo de trabalho que irá elaborar o texto base. A instituição do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos PROEJA ocorre através do Decreto 5.840 de 13 de julho de 2006 em âmbito federal, que irá revogar o Decreto 5.478 de 24 julho de 2005 que havia instituído o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Com essa revogação ampliou-se o acesso dos educandos que necessitavam também da certificação do ensino fundamental, que foi o escolhido para ser aplicado em Arroio do Sal, conforme consta no documento base (2007) que agora detalhamos.

“[...] por meio do Decreto nº 5.478, foi instituído o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional 22 Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Posteriormente, em 2006, foi promulgado o Decreto nº 5.840, substituindo o de nº 5.478/2005. A partir do Decreto nº 5.840/2006, a abrangência do programa foi ampliada, passando a incluir o ensino fundamental”. (BRASIL, 2007, p. 21-22).

Esse capítulo é direcionado para um maior esclarecimento junto a essa pesquisa sobre o texto base publicado em agosto de 2007 que dá orientações para o PROEJA a ser aplicado junto ao ensino fundamental desses educandos ali frequentadores dessa modalidade. A narrativa dessa pesquisa continua fazendo a sintonia entre a publicação legal e seus embasamentos, com as partes que foram utilizadas durante a vigência desse programa entre 2010 e 2013 no município citado anteriormente.

Em sintonia com o texto base (2006) que citamos e nos aprofundamos no capítulo anterior dessa narrativa de pesquisa o respeito ao saber do aluno, bem como reconhecer que esse conhecimento prévio existe faz parte do teor de apresentação do texto base (2007) no qual nos debruçamos a partir de agora em uma tentativa de enriquecer mais essa narrativa, buscando outras ligações entre o documento oficial e o que aconteceu na prática junto ao PROEJA FIC Arroio do Sal. O texto base de 2007 afirma que, “Estão na base dessa proposta o reconhecimento, respeito e diálogo com o saber do aluno trabalhador”. (2007, p.7).

A existência, segundo o documento base de uma preocupação com os últimos anos ou séries finais do ensino fundamental e uma integração com a educação de jovens e adultos está embasada na questão da significação dessa etapa dentro da escolarização desses sujeitos apartados socialmente. O mesmo texto citado anteriormente nos cita que:

“[...] necessidade de integrar os anos finais do ensino fundamental, na modalidade Educação de Jovens e Adultos, com a Educação Profissional/formação inicial e continuada, a fim de tornar essa etapa de escolarização mais significativa para o público

da EJA”. (BRASIL, 2007, p.9).

Essa integração pode permitir um maior aproveitamento do trânsito desses educandos nos ambientes onde são oferecidos cursos com formação inicial e continuada. Também poderá ser positivo na relação do número de evasão dentro dessa modalidade que conforme o documento base revelam índice de 30%, número esse original da SECAD Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.

Esses sujeitos já possuem marcas excludentes em sua trajetória escolar e se não forem recebidos em um ambiente que respeite seu contexto sócio antropológico poderão novamente deixar de frequentar a escola. Para o texto base de 2007, há vários fatores para a evasão escolar:

“[...] o diagnóstico já mencionado revela que alguns motivos de evasão são recorrentes: nível socioeconômico; dificuldade para conciliar trabalho, família e estudo, assim como horário de trabalho e horário escolar; não-adaptação à vida escolar; tipo de proposta pedagógica da escola; mudança no horário de trabalho; gravidez; novo emprego; mudança de endereço residencial; baixo desempenho e reiteradas repetências; cansaço; problemas de visão; problemas familiares; distância da escola; doenças; transporte; horário; período de safra na zona rural; dupla ou tripla jornada de trabalho; processo avaliativo deficiente e excludente; migração para outras cidades/bairros; e baixa auto-estima”. (BRASIL, 2007 p.18).

A intenção de acordo com os documentos oficiais desse programa é fazer com que esses sujeitos não apenas estejam transitando em um ambiente escolar com acesso a determinadas disciplinas e conteúdos, mas que esses elementos citados anteriormente sejam um dos elos que permearão a formação inicial e continuada, dando uma abrangência e um valor intrínseco na formação por ser mais completa. Sobre este ponto, o texto base de 2007 discorre:

“Nesse contexto, a integração da formação inicial e continuada de trabalhadores com o ensino fundamental na modalidade EJA é uma opção que tem possibilidade real de conferir maior significado a essa formação, pois tem o poder de incidir diretamente na melhoria da qualificação profissional dos sujeitos aos quais se destina. Não se trata, de maneira alguma, de subsumir o conteúdo propedêutico do ensino fundamental a uma preparação para o mundo do trabalho, mas sim de garantir a totalidade do primeiro integrando-o à segunda”. (BRASIL, 2007, p.19).

Essa integração entre o ambiente que recebe novamente educandos da EJA precisa ter um diferencial dentro das significações desse espaço relacionado ao novo cotidiano que esses sujeitos passam a vivenciar estando matriculados novamente. O PROEJA FIC de Arroio do Sal conseguiu índices expressivos de permanência e observou-se que conforme consta do texto base (2007) “o aprendizado com significados”, foi um elemento importante.

Essa construção de um aprendizado significativo adiciona elementos positivos que

auxiliam também nas relações dos locais de trabalho desses sujeitos, onde um novo olhar passa a ser percebido fazendo uma sintonia mais abrangente envolvendo perspectivas inovadoras relacionadas à parte operacional de suas práticas, bem como a parte de socialização no ambiente laboral, conforme menciona Lima em sintonia com o documento base, “[...] a qualificação profissional se constitui como um processo que se situa prioritariamente na relação social construída pela interação dos agentes do trabalho em torno da propriedade, significado e uso do conhecimento construído no e pelo trabalho”. (2005, p. 22).

A articulação entre escolarizar os sujeitos e também prepará-los ou qualificá-los dentro de suas demandas profissionais relacionadas inclusive às comunidades onde o programa foi desenvolvido, apontou para uma nova proposta dentro da Educação de Jovens e Adultos até então esquecida pelos programas mencionados anteriormente nessa pesquisa. Dentro do histórico dos programas de políticas públicas para educação de jovens e adultos, a relação direta com o trabalho esteve em sua maioria ligada exclusivamente na formação técnica qualificada, deixando a formação cidadã como um processo desvinculado, ou muitas vezes nulo. O texto base de 2007 ressalta o objetivo do EJA:

“[...] a Política de integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, seja no ensino médio ou no ensino fundamental, visa à superação desses programas focais, fragmentados, imediatistas, assistencialistas e de puro treinamento centrado no mercado de trabalho e na empregabilidade”. (BRASIL, 2007, p.25).

Esse programa teve uma base importante que era formada pela atuação em três pontos indispensáveis, se tratando de sujeitos jovens e adultos. Fica claro nesse documento base (2007) o “olhar” sobre esses sujeitos que por não se enquadrarem mais nos ambientes ditos regulares da escola e por muitos deles, ou sua grande maioria já estarem no mundo do trabalho é necessário um modo especial de levar a educação para eles. É justamente nesse sentido que a fonte oficial inicia na parte de suas concepções e princípios. Com relação ao PROEJA, o texto base de 2007 fundamenta seus alicerces em três pilares:

“O PROEJA tem seus alicerces na convergência de três campos da Educação que consideram: a formação para atuação no mundo do trabalho (EPT); o modo próprio de fazer a educação, considerando as especificidades dos sujeitos jovens e adultos (EJA); e a formação para o exercício da cidadania (Educação Básica)”. (BRASIL, 2007 p.27).

Nessa pesquisa buscou-se fazer uma sintonia entre cada concepção e princípio existente nesse documento base com o PROEJA FIC de Arroio do Sal, que conseguiu, em muitos

aspectos aqui descritos estar em sintonia com a realidade dos sujeitos daquela comunidade litorânea do Rio Grande do Sul.

Quando o questionário sócio antropológico e suas perguntas foram sendo realizadas, várias micro bagagens desses sujeitos, trabalhadores, cidadãos foram sendo reabertas e passaram a ter espaço naquele ambiente. Ali, suas histórias, suas identidades podiam ser valorizadas e até mesmo modificadas, agregadas a outras se transformando. Para o texto base de 2007, tudo começa no educando:

“O ponto de partida é o sujeito educando, percebido nas suas múltiplas dimensões, das quais se destacam a sua identidade como jovem ou adulto, trabalhador e cidadão, que se afirma a partir dos referenciais de espaço, tempo e a sua diversidade sociocultural”. (BRASIL, 2007, p. 27).

Levando em conta essas bagagens, automaticamente o mundo do trabalho ali estava presente de diversas maneiras. Nos saberes e conhecimentos prévios adquiridos desde a infância, ou mesmo na busca por sobrevivência ao migrar para o litoral por causa da sazonalidade que mais adiante nos micro projetos são mencionados na narrativa dessa dissertação. A ausência da permanência na escola nos anos regulares para que a busca do trabalho ocorresse, a exploração desses sujeitos em relação à oferta do mercado de trabalho, o ato de trabalhar em si como uma característica marcante da entrada precoce desde tenra idade desses cidadãos praiheiros, que se relacionam com os veranistas a princípio como forma de ter sustento.

“O trabalho como princípio educativo é, essencialmente, uma concepção que se fundamenta no papel do trabalho como atividade vital que torna possível a existência e a reprodução da vida humana e, conseqüentemente da sociedade. Assim, é fundamental para a sua compreensão, 28 a superação das falsas dicotomias entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum e entre teoria e prática. Por essa perspectiva, a articulação entre ciência e tecnologia é determinante para a integração entre a Educação Básica e Profissional”. (BRASIL, 2007, p. 27-28).

O sistema de produção modernizou-se nas últimas décadas e os trabalhadores tiveram que adaptar-se às novas demandas do próprio ambiente de trabalho, suas ferramentas e seus métodos de gestão, novas tecnologias aliadas à produção de qualidade e atendimento especializado. O PROEJA, como programa de política pública voltada para sujeitos ligados aos meios de produção buscava uma formação integral que pudesse facilitar a permanência nos locais de trabalho ou mesmo a inserção de sujeitos que antes fora da escola e sem conhecimentos técnicos específicos agora poderiam ter acesso e qualificar-se conforme consta no documento base de 2007, dentro das caracterizações das novas demandas relacionadas ao trabalhador.

“[...] maior conhecimento científico e tecnológico; raciocínio lógico e capacidade de abstração; capacidade de redigir e compreender textos; maior iniciativa, sociabilidade e liderança; maior capacidade de lidar com problemas novos, criatividade e inovação; solidariedade, capacidade de organização e de atuação em grupo, consciência dos próprios direitos; e capacidade de tomar decisões”. (BRASIL, 2007, p. 28).

Relacionar o ambiente e a prática escolar com a sociedade pode ser um dos caminhos para um maior equilíbrio entre o aprendizado ocorrido na escola e o uso do mesmo no cotidiano onde os sujeitos estarão inseridos. Nessa relação o texto base de 2007, tem uma passagem positiva, demonstrando que essa sintonia além de aproximar o ambiente escolarizado das famílias, pode agregar significação aos aprendizados que ali acontecerem “precisa-se levar em consideração os conhecimentos, as experiências dos sujeitos bem como suas diversidades”. (2007, p. 28).

Seguindo nessa linha os princípios que nortearam o programa vinculado ao ensino fundamental em seu texto base e relacionando ao PROEJA FIC Arroio do Sal especificamente levando em conta o aprendizado significativo nas aulas de história, possuiu importante espaço o respeito à bagagem sócio antropológica trazida pelos educandos que lá frequentaram e isso também é mencionado no documento base na área que aprofunda as discussões de seus princípios. Levar em consideração que a importância do aprendizado significativo para esses sujeitos especiais é importante, cabe considerá-los sujeitos dentro de um grande complexo histórico e social. É nesse sentido que o princípio “a” do texto base faz o reconhecimento e alerta para que se leve em conta esse contexto dentro do ambiente escolar e diretamente às práticas dos educadores.

“A aprendizagem significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento relaciona-se com os anteriormente construídos, ou seja, com os conhecimentos prévios. Do mesmo modo, os conhecimentos significativos são aqueles que se relacionam com a vivência, a prática e o cotidiano do trabalhador e que lhe permitem, a partir da motivação, a aquisição de novos conhecimentos”. (BRASIL, 2007).

Faz-se necessário levar em consideração dentro do processo educativo desses jovens e adultos toda a gama de olhares e perspectivas que suas bagagens possuem, pois corre-se o risco de ter um programa que teoricamente tem uma abrangência mais humanizadora que os anteriores e porém repetindo velhas práticas pedagógicas, o que nos dias de hoje poderiam ter resultados negativos no aprendizado desses cidadãos. De acordo com o documento base esse princípio está relacionado diretamente ao respeito pelo ser humano e pelos saberes desse educando ali presente:

“Jovens e adultos trabalhadores possuem identidades e culturas particulares, forjadas por um conjunto de crenças, valores, símbolos, do mesmo modo, trazem uma gama de conhecimentos oriundos da sua formação anterior, da sua prática no trabalho e das suas vivências extra-trabalho. Todos esses saberes devem ser considerados no processo educativo, articulados com os novos conhecimentos que se produzem tanto no âmbito escolar, quanto no meio social, na perspectiva de aplicação prática”. (BRASIL, 2007, p. 29).

As abordagens realizadas em sala de aula nesse programa no município de Arroio do Sal, em especial nas aulas de história buscaram com uma maior ênfase a construção de conhecimentos coletivos como mais adiante serão detalhados dentro da exposição dos micro projetos que lá foram realizados. A menção de construir conhecimentos de forma coletiva se pressupõe um espaço de democratização de buscas, de trocas de saberes mutuamente e também de formas de aprendizado ligadas ao próprio educador como um indivíduo que vai além de sua função de professor conhecimentos ou manter os alunos alinhados aos feitos históricos, engessados. Para o texto base de 2007, a construção em conjunto abre um espaço para uma possibilidade real de ver a história e também de “enxergar-se” nela como transformador de realidades históricas, “A construção coletiva de conhecimento contribui para tornar os conteúdos significativos para o grupo, além de propiciar a cooperação entre os educandos, possibilitando avanços cognitivos e afetivos”. (2007, p. 29).

Aproveitando essa narrativa que está utilizando o próprio documento base de 2007 é necessário fazer uma menção, desde já sobre a forma que a interdisciplinaridade possuiu espaço junto ao ambiente de trabalho dos educadores naquele município. Mais adiante serão mencionados os micro projetos que foram ocorrendo utilizando os elementos desencadeadores que estavam na rede temática, originária dos conhecimentos e experiência dos educandos. A interdisciplinaridade ocorreu de forma efetiva, onde os saberes dos educandos e os conhecimentos dos educadores conseguiram fundir-se desde os momentos em que as discussões abriam-se para escolher os elementos desencadeadores que seriam trabalhados durante as próximas semanas. Não apenas essa escolha, mas os formatos, os temas de cada disciplina, escolhidos junto ao grupo. Partindo dessa ideia, o texto base afirma que:

“[...] superar a fragmentação do conhecimento e qualificar as práticas educativas, se faz necessário tomar a interdisciplinaridade como referência, substituindo a visão positivista, centrada nas distintas disciplinas isoladamente, para assumir uma visão de processo, defendendo a ideia do conhecimento como uma construção em rede, em diálogo entre as disciplinas. Com essa perspectiva pretende-se substituir os processos de transmissão lineares, por estratégias organizadoras de (re) construção de conhecimentos a partir da relação teoria-prática”. (BRASIL, 2007, p.30).

Observa-se que o processo de andamento desse programa deveria levar em conta as abordagens até deixadas de lado por outros programas e que eram de extrema importância.

Nessa narrativa é necessário em vários momentos enfatizar que conforme o texto oficial e o que ocorreu dentro do PROEJA FIC Arroio do Sal, a valorização dos sujeitos enquanto produtores de uma historicidade e sua produção a partir da frequência nesse ambiente foi indispensável. Os próprios educadores foram não apenas fomentadores, mas também produtores de materiais relacionados a essa experiência junto aos educandos.

Houve uma superação de práticas pedagógicas que tiveram espaço a partir do embaçamento oficial que permitiu de acordo com o documento base de 2007 abrir essas novas possibilidades didático pedagógicas que valorizam os sujeitos, abrindo espaço para a dialogicidade, construções individuais e coletivas.

“Um ambiente favorável ao desenvolvimento do educando implica a manutenção de uma relação saudável que deve existir entre professor e aluno, consubstanciada no reconhecimento da importância do diálogo e do vínculo afetivo no processo de ensino e de aprendizagem”. (BRASIL, 2007, p. 31).

O mesmo texto dá continuidade ao assunto:

“[...] é preciso levar em consideração que tanto o aluno quanto o professor são sujeitos-agentes do processo educativo. [...] porquanto se acredita que a formação do educando não se limita apenas à aquisição de informações, mas, principalmente, à apropriação e transformação das informações recebidas, ou seja, da própria produção de conhecimentos”. (BRASIL, 2007, p. 32).

Para dar encaminhamento a finalização de análise do programa é importante ressaltar que um objetivo específico dentro da abrangência do mesmo era inserir sujeitos dentro de um ambiente de aprendizagem que tivesse sentido e que trouxesse realmente elementos que fossem agregadores não apenas na parte profissional, mas no seu contexto de vida como cidadão. Pode-se dizer que esse olhar por parte do poder público é uma ferramenta que pode resgatar dignidades de sujeitos excluídos de processos tradicionais dentro dos ambientes escolares e, sobre isso, o texto base de 2007 afirma que, “[...] entende-se que a institucionalização da aprendizagem e a sinergia de seus atores constituem elementos primordiais para a permanência do aluno na escola e a continuidade de seus estudos”. (BRASIL, 2007 p.34).

#### **4 PROEJA FIC- ARROIO DO SAL: O MÉTODO EDUCACIONAL**

A partir do momento em que os educandos, detentores de saberes devidamente reconhecidos perante a sociedade, deram-se conta de que a certificação concedida era apenas um dos degraus, a maioria deles continuaram a sua formação. Em sua grande maioria eram adul-

tos que deixaram de frequentar os bancos escolares há muitos anos, alguns, há mais de quarenta.

Pensar em formação escolar ou conclusão de uma etapa escolar que não ocorreu no tempo correto e que este espaço de tempo entre a saída da escola e o retorno é longo e conduz para algumas importantes reflexões. Estes cidadãos que almejam retornar aos bancos escolares são adultos em sua maioria, trabalhadores efetivos ou não, registrados ou não, autônomos, donas-de-casa, etc.

Para esses educandos, em condição especial não se pode implementar mecanicamente um modelo que é utilizado no ensino “regular”. Algumas problematizações surgiram ao natural: como incluir este indivíduo novamente neste meio? Qual método didático pedagógico poderá ser efetivamente positivo, ou seja, agregar algo mais na vida destes indivíduos? O que pode estar incluído neste “algo mais”? Como Freire ao ser indagado em suas aulas por cidadãos que consideravam-se tão inferiores diante do professor, que preferiam não falar e deixar que o espaço da fala tão importante quanto à escrita, fosse ocupado pelo “Mestre”. Silva em diálogo com Freire faz menção a essa realidade de inferiorização de seres que introjectaram a própria exclusão e subalternidade como um discurso legítimo. Paulo Freire faz essa menção:

“Desculpe, senhor”, disse um deles, ‘que estivéssemos falando. O senhor é que podia falar porque o senhor é o que sabe. Nós, não’. – Quantas vezes escutara esse discurso em Pernambuco e não só nas zonas rurais, mas no Recife também. E foi à custa de ouvir discursos assim que aprendi que, para o (a) educador (a) progressista, não há outro caminho senão assumir o ‘momento’ do educando, partir de seu ‘aqui’ e de seu ‘agora’, somente como ultrapassa, em termos críticos, com ele, sua ‘ingenuidade’. Não faz mal repetir que respeitar sua ingenuidade, sem sorrisos irônicos ou perguntas maldosas, não significa dever o educador se acomodar a seu nível de leitura do mundo. O que não teria sentido é que eu ‘enchesse’ o silêncio do grupo de camponeses com minha palavra, reforçando assim a ideologia que já haviam explicitado. O que eu teria de fazer era partir da aceitação de alguma coisa dita no discurso do camponês e, problematizando-os, trazê-los ao diálogo de novo. Não teria sentido, por outro lado, após ter ouvido o que disse o camponês, desculpando-se porque haviam falado quando eu é que poderia fazê-lo, porque sabia, se eu lhes tivesse feito uma preleção, com ares doutorais, sobre a ‘ideologia’ do poder e o poder da ideologia”. (1992b, p. 46).

O PROEJA FIC Arroio do Sal iniciou com uma proposta metodológica baseada nos estudos freirianos que utilizam os elementos locais como embasamento de seus procedimentos. Os sujeitos e seus desdobramentos sociais, culturais, históricos, políticos, seus “caminho de vida”. E de acordo com os embasamentos dos dois documentos base do próprio programa que citados anteriormente o “ser humano” passa a ser o centro dessa prática.

Esse viés como já mencionado busca as raízes da educação popular, da cultura popular que como escreve Thompsom esclarecendo os direcionamentos dos estudos de historiadores sociais está acima de formas simbólicas específicas produzidas por determinados grupos: “[...] é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos”. (1998, p. 17).

O grupo de educadores que foi selecionado para esse projeto nunca antes havia trabalhado com este método e houve inicialmente um estranhamento dos próprios indivíduos que ali eram os profissionais da educação, ou seja, houve também por parte dos sujeitos ligados socialmente na educação, um processo de reaprender, o que provoca de certa forma certo mal estar, como menciona Zino Zini dialogando com Gramsci:

“[...] a corrente humanista e a profissional ainda se chocam no campo do ensino popular: é preciso fundi-las, mas não se deve esquecer que, antes de ser operário, o homem é homem, ao qual não deve ser retirada, sob o pretexto de sujeitá-lo imediatamente à máquina, a possibilidade de que expanda nos mais amplos horizontes do espírito”. (2010, p. 64).

Muitos desafios surgiram desde o início, e os primeiros se relacionaram com os educadores que iriam trabalhar no programa diretamente com os educandos. Todos esses profissionais também fizeram a formação continuada em paralelo com suas atividades docentes junto ao PROEJA FIC. Estes profissionais trabalhavam também em outras escolas, com outros métodos educacionais, outras faixas etárias, dentro do ensino regular, sendo que alguns possuíam uma longa carreira dentro do magistério, entretanto ali no proeja o “humano” em si, possuía um espaço maior. E como escreve Santos em sintonia com Moll, dar espaço para sujeitos até então excluídos de um processo educativo é também uma quebra de tabu entre os educadores.

“Há muita resistência entre os professores da rede (muitos deles tendo a titulação de mestres, doutores), na inclusão de seus cursos do público da EJA [...] esta disposição em constituir-se um filósofo analfabeto, ou um engenheiro analfabeto, um administrador analfabeto, um historiador analfabeto não é simples para a tradição acadêmica elitista”. (2007, p. 300).

Neste sentido o primeiro desafio ao grupo foi justamente estar disposto a assimilar o novo método sugerido para ser aplicado junto ao programa que se iniciava. Além de profissionais docentes, eram cidadãos, seres humanos, que ao se depararem com o novo, sofrem o estranhamento, em especial no caso de educadores, que muitas vezes acostumados com métodos específicos durante muitos anos. Acabam por acomodar-se nos seus respectivos “mun-

dos”, sem se dispor ao novo. Como inversamente menciona Freire (2011, p. 132), “é na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável”.

Entretanto, pensar e analisar um método, é uma prática que pelo distanciamento poderia deixar lacunas no seu entendimento, então é necessário mesmo que não tão profundamente buscar um pouco das origens, do embrião dessa prática que vai iniciar nos idos da década de 50 por Paulo Freire no nordeste do Brasil. Sua busca em entender a “humanidade” presente naqueles jovens e adultos que ali estavam vinculados dentro de um programa do SESI.

Essa busca freiriana tinha o “ser” como centro de todo o complexo educativo e seus desdobramentos que como escreve Neto são indissolúveis, não existindo escola sem sociedade.

“O elo entre escola e sociedade modernas é a disciplinaridade - e aqui me refiro tanto à disciplina-corpo quanto à disciplina-saber. Ambas estão implicadas num tipo de poder, o poder disciplinar do qual depende a nossa” capacidade” de nos autogovernarmos mais e melhor”. (2003 p.107).

O método freiriano que desde o seu germinar através de Paulo Freire em suas primeiras experiências ao longo de 1946 a 1955, como cita Beisiegel:

“E Paulo Freire ficou encarregado de estudar as relações entre alunos, mestres e pais de alunos. Reexaminando hoje as atividades desenvolvidas nesses primeiros tempos no Brasil, o educador encontra, nos trabalhos realizados no SESI, as raízes de sua atitude pedagógica “antielitista” e antiidealista”. (1989 p. 19).

Envolvido na instrução de filhos de trabalhadores da indústria na época, Freire desperta um instigar-se, um tentar entender aqueles sujeitos que ali transitavam em busca da tão sonhada instrução das letras. Esse mesmo despertar parece ter ocorrido junto ao grupo de educadores que envolveram-se no PROEJA FIC de Arroio do Sal, percebe-se que não foi uma unanimidade a acolhida pelo grupo todo do uso do método educacional que seria ali aplicado. Significa dizer que os educadores passaram também por um “acordar” dentro da sua prática pedagógica frente aos sujeitos que ali estavam circulando em busca de tão sonhada certificação do ensino fundamental na época.

Importante mencionar que esse despertar pelo método não ocorreu com naturalidade entre o grupo de educadores do município de Arroio do Sal envolvido nesse projeto, afinal também eram profissionais lapidados e constituídos através de uma formação educadora sistêmica, tradicional que olha o educador como um depósito de saberes provenientes e somen-

te de uma única fonte que é ou, seria apenas o mestre e seus planos enxutos e sólidos de aula, historicamente estruturados para servir os propósitos do Estado, conforme descreve Ó na entrevista concedida a Bujes.

“[...] os professores poderiam, quem sabe, deixar um pouco de lado o seu papel de policiais da escrita, de policiais do conhecimento verdadeiro para se transformarem em amantes da inovação e dos processos cognitivos que possibilitam a emergência de muitos tipos de conhecimentos, em especial porque o conhecimento que o Estado aloca nos sistemas de ensino tem servido especialmente para criar hierarquias sociais, ou seja, mesmo alfabetizando pessoas, tem servido para fazer com que apenas uma pequena elite possa participar nos processos de produção cultural”. (2007, p.178).

Observando-se hoje durante a escrita desse relato de experiência onde usou-se o método freiriano que levou em conta a bagagem de vida dos sujeitos como produtores de suas histórias em contextos inseridos naquela comunidade, percebe-se que a função de Paulo Freire nos idos dos anos 50 foi similar com o ambiente que “permeou” a atividade do PROEJA FIC entre 2011 e 2013 no município de Arroio do Sal.

A busca por um sujeito que pudesse enxergar-se como produtor de sua historicidade e também se desse conta do valor de sua narrativa histórica dentro daquela modalidade, fez surgir espaço para formação de uma consciência com lampejos de criticidade, pois como dizia Ramos: “[...] a personalidade histórica de um povo se constituiria quando graças a estímulos concretos fosse levado à percepção dos fatores que o determinam, o que equivaleria à aquisição da consciência crítica”. (1956, p. 73)

Esse estímulo oriundo do método aplicado junto ao PROEJA FIC com o uso da PSA materializou-se em atividades que envolveram processos com temas sobre a atuação do sujeito nos processos históricos, transformações de consciência através da organização das próprias narrativas sócio históricas. O envolvimento dos agentes locais responsáveis pelo poder público, no caso a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal, Conselho Municipal de Educação, professores locais, também teve um diferencial importante no sentido da valorização do aspecto do sujeito local, defendido por Freire e mesmo por Anísio Teixeira dialogando com Beisiegel quando nas propostas para reforma brasileira fazia algumas afirmações como:

“Cabia também ao ensino fornecer aos brasileiros a possibilidade de formação de um particular senso de sua historicidade, mediante o qual pudessem situar-se como sujeitos no processo de construção da desenvolvida e autônoma. [...] Se há um saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático”. (1989, p.98-99).

O uso da metodologia utilizando a PSA dentro do Proeja FIC Arroio do Sal, foi espaço importante para, dentro das aulas de história quebrar com as narrativas pré-definidas e possibilitar o uso das narrativas comuns da vida humana daqueles sujeitos que ali frequentavam. A força do sujeito que vive a condição de produtor da história foi um elemento positivo para o processo de aprendizagem e também de uma produção de história com significado para o cotidiano do educando ali envolvido. Para Rüsen: “O conhecimento histórico não é construído apenas com informações das fontes, mas as informações das fontes som são incorporadas nas conexões que dão sentido à história com a ajuda do modelo de interpretação, que por sua vez não é encontrado nas fontes”. (2007, p. 25).

É possível afirmar que ao aplicar a PSA junto aos educandos do Proeja Fic Arroio do Sal, utilizando as fontes históricas que se concretizaram através dos relatos durante as entrevistas realizadas pelos educadores na busca de subsídios para identificar elementos desencadeadores que constituiriam a rede temática aplicada durante todo o projeto, abriu-se um espaço muito importante na valorização das narrativas históricas.

É necessário entender o contexto social e também econômico para que um programa que irá alfabetizar pessoas de idades superiores àquelas que frequentavam a escola dita regular tenha bom termo. São sujeitos apartados socialmente, como menciona John Fiske na escrita de Willians (2004 p.301) ao se referir a essa camada popular, “[...] é formada por grupos subordinados aparentemente em seu próprio interesse, a partir de recursos oferecidos por um sistema social que, na verdade, lhes retira poder”.

Quando um grupo de professores experientes é colocado diante de um novo projeto e convidados a também desatar seus próprios “nós” profissionais adquiridos em seus anos de ambiente escolar, independente dos sucessos e fracassos, passam a viver um desafio. Conforme o anexo IV do projeto pedagógico do PROEJA FIC Arroio do Sal em suas orientações de construção nos itens 6, 7 e 8 respectivamente já mostrava uma direção que o grupo de educadores deveria seguir:

“6 - Selecionar para o currículo conteúdos que possibilitam a construção de conhecimentos e a formação integral do jovem em consonância com as necessidades do mundo do trabalho

7 - Estar baseado nos princípios da contextualidade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e flexibilidade.

8 - Aliar o conhecimento teórico e prático de modo a compreender a inter-relação entre os conhecimentos científicos e tecnológicos. Além das habilidades teórico-práticas de formação profissional são também necessárias estratégias de trabalho que promovam a autonomia intelectual do educando e desenvolvam sua capacidade empreendedora, capacitando-o a detectar e/ou criar oportunidades de trabalho e geração de renda”.

Considerando a proposta freiriana, que leva em conta o sujeito e suas bagagens adquiridas em seus contextos sociais, políticos, culturais, enfim, na sua história de vida, e um grupo de professores que deveria reaprender, ou “educar-se” novamente, este programa passou para a parte de embasamento teórico em primeiro plano. A apropriação de conceitos vinculados com a temática proposta foi um elemento fundamental, e apesar do estranhamento inicial sofrido pelos educadores, o grupo engajou-se e os primeiros passos na formação iniciaram-se.

Superado o estranhamento inicial, os educadores passaram a discutir os eixos temáticos. A matriz curricular era integrada e separada em saberes específicos, como segue a tabela abaixo:

TABELA 1 – EIXOS TEMÁTICOS

EIXO 1 Saberes das Linguagens	-Língua Portuguesa -Educação Física -Artes -Inglês
EIXO 2 Saberes Sociais	-História -Geografia
EIXO 3 Saberes da Vida	-Filosofia e Ética nas relações -Sociologia
EIXO 4 Saberes das Ciências Naturais	-Matemática -Ciências
EIXO 5 Saberes do Trabalho	-Noções de Microbiologia e Contaminação -Boas Práticas para Serviço de Alimentação -Preparação de Pratos Básicos

Como a base da metodologia, segundo o Projeto Pedagógico-Anexo IV, tinha pressupostos teóricos da educação progressista libertadora, o foco era a valorização dos sujeitos como protagonistas, ou seja, os conhecimentos de cada educando, suas realidades e experiências dariam a base para o trabalho dos educadores em sala de aula e a formação continuada foi dividida da seguinte forma conforme tabela abaixo:

TABELA 2 – DIVISÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Educação Popular e EJA	-Conceito de educação popular. -Aproximação entre educação popular e EJA. -Movimentos de educação popular.
Seminário Educação e Trabalho	-O PROEJA no mundo do trabalho. -Relações no mundo do trabalho.
História da Educação Profissional e da EJA	-História da EJA e da educação profissional no Brasil.
Teoria e Prática da Pesquisa	-Metodologia da pesquisa participante. -Técnicas de pesquisa -Registro oral, grupo focal e entrevista.
Avaliação na EJA	-Concepção de avaliação emancipatória
Metodologia do tema gerador	-Fundamentação teórica. -Princípios metodológicos do tema gerador via rede temática. -Construção do tema, da rede e do detalhamento.
Projeto Vivencial	-Articulação entre a teoria e a prática. -Articulação entre os conhecimentos do mundo da escola e os saberes do mundo do trabalho (formação geral e formação profissional processo interdisciplinar).
Seminário de Avaliação	-Avaliação do processo (ação-reflexão-ação)
Seminário de sistematização	-Sistematização das atividades

Levando em conta os sujeitos que estavam em sala de aula partindo de seus próprios contextos e experiências de vida foi um elemento muito importante para o andamento das atividades que se desenvolveram dentro do PROEJA FIC. São indivíduos “marcados” socialmente por não ter frequentado a escola na época certa, independente dos motivos, geralmente possuem e externam um sentimento de exclusão, de inferioridade perante o “outro”. São cida-

dãos presos ao estereótipo do fracasso, e então retornar para a escola pode significar um tipo de libertação. Para isso a sua bagagem sócio histórica deve ser levada em conta, do contrário o ambiente escolar reforçará as grades de sua prisão. Como diz Vieira: “É como se o aluno usasse uma mochila cultural que deixa à porta da escola e se transformasse num boneco de cartão formatado para, depois, voltar a pôr a sua mochila cultural quando vai para casa, vivendo dois mundos desarticulados”. (2012, p.35).

É importante também salientar que neste processo o próprio educador deve desatar seus nós, e estar realmente aberto e em sintonia fina e horizontal com seus educandos. Isso não significa “perder” poder, ou domínio do território dos saberes, pelo contrário, acontece um grande enriquecimento de contextos sociais, didáticos, pedagógicos, políticos e culturais.

Estas reflexões foram de extrema importância na escolha do método baseado na educação freiriana para aplicação junto ao grupo do PROEJA FIC Arroio do Sal. Este método baseia-se no intercâmbio entre pessoas e não é apenas a transmissão de conhecimento do mais capacitado. Parte-se de um momento inicial chamado por Paulo Freire (1987) de “universo temático” que são os levantamentos das falas dos educandos através da pesquisa sócio antropológica. Os saberes dos educandos foram registrados por entrevistas através de questionário chamado de ficha sócio antropológica. Entrevistas essas que no caso do PROEJA FIC, foram filmadas individualmente com cada educando falando sobre sua trajetória. Essa parte é de extrema relevância, pois a partir daí surgem os temas geradores que culminam na rede temática utilizada durante todo o programa. Conforme Brandão:

“O que se descobre com o levantamento não são homens-objeto, nem é uma “realidade neutra”. São pensamentos-linguagens das pessoas. São falas que, a seu modo, desvelam o mundo e contêm para a pesquisa, os temas geradores falados, através das palavras geradoras”. (1996, p. 27).

Para aplicar essa pesquisa sócio antropológica, os educadores elaboraram um questionário durante a formação. A forma escolhida para a aplicação junto aos educandos foi no formato de entrevistas filmadas, em que cada educando conversou individualmente com um par de educadores, em salas separadas por um período em média de 30 a 40 minutos. Abaixo estão as perguntas que foram aplicadas junto aos educandos:

- Como foi a sua infância?
- Como foram suas experiências na escola?

- O que você pode nos contar sobre sua família?
- Quais suas experiências de trabalho (trabalho formal, informal, doméstico, etc.) E como foram essas experiências?
- Como foi sua vinda para Arroio do Sal?
- O que você faz no seu tempo livre (lazer, divertimento)?
- Você gosta de Arroio do Sal? Por quê?
- Por que você voltou a estudar? Qual sua expectativa em relação ao Proeja?
- O que você quer aprender?
- Quais os seus planos para o futuro? Você se vê morando aqui? Por quê?

As questões referentes à trajetória de vida do educando remete necessariamente a sua historicidade. Como sujeito histórico ele precisa reconhecer o processo como um elemento que o aproxima de outras trajetórias de vida, que também possuem história.

Essas trajetórias de vida são ressaltadas por Oliveira e Silva, discutindo a educação de jovens e adultos no contexto do mundo do trabalho. Segundo as autoras:

“Muitos veem a EJA exclusivamente como uma preparadora de jovens e adultos para o mundo do trabalho, para a mão de obra técnica, instrumental. A proposta da Educação de Jovens e Adultos pode sim relacionar com o mundo do trabalho e estar próximo dele, mas vai muito além dessa proposição, de forma que temos que pensar no contexto do exercício, promoção do bem estar individual e coletivo, e que também é construtora de conhecimento e troca de experiências”. (2011, p. 234).

Nos encontros dos saberes sociais, especificamente quando se trata da história, para Seffner (2013, p.40) “esse reconhecimento de que sujeitos históricos fizeram o passado é levado em consideração para a construção de um aprendizado significativo”.

A fase de entrevistas percebe-se ser um momento em que a bagagem do educando aflora, vem à superfície, pois ele se percebe “gente”. Aquele momento é importante, mesmo que algum traço de timidez apareça, é momentâneo, pois ali há um diálogo direto e sincero, sem interrupções de sinais sonoros, de horários a cumprir, de formalidades a serem executadas, e acontece dentro do ambiente escolar, ou seja, aquele jovem ou adulto naquele momento está retornando. Na escrita de Albieri (2011), em sintonia com Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen fica claro essa questão das experiências, das intenções constitutivas das ações humanas

“ela está inscrita no modo de o homem se colocar diante das coisas, de agir social ou culturalmente”.

#### 4.1 METODOLOGIA DA PSA

Atender a chegada, ou melhor, o retorno de jovens e adultos em sua maioria com muitos anos de afastamento dos bancos escolares em uma proposta que buscou valorizar suas histórias, seus conhecimentos prévios, seu senso comum através do método freiriano de valorização do ser humano necessitou de passos na condução de uma operacionalização do que haveria de ser feito.

Entre esses passos, a formação continuada dos professores foi a primeira, pois através dela os educadores puderam entrar em contato com os procedimentos que iriam aplicar nesse método, que teve como base a pesquisa sócio antropológica. Sem o uso da PSA, haveria pouca significação tanto por parte do trabalho dos educadores, tanto por parte dos educandos que retornavam para aprendizados que poderiam ter ou não significação naquele momento de suas vidas. Como menciona Beisiegel (1989 p.95) em sintonia com Freire, “a escola seria desenraizada, desatualizada, inorgânica, inautêntica, desvinculada da vida porque estranha às condições do presente [...]”.

O método de elaboração e uso da PSA dentro do PROEJA FIC consistiu em fazer um levantamento de considerações individuais dos educandos que ali se encontravam utilizando de um questionário, já mencionado anteriormente nessa dissertação. Organizou-se um agendamento onde cada educando foi entrevistado individualmente e essa entrevista filmada, para posteriormente ser analisada pelo grupo de educadores envolvidos diretamente com os educandos.

Em cada entrevista que durou em média de 30 a 40 minutos uma mochila de vida e de experiências, de conhecimentos prévios foi aberta e gravada através das filmagens. Após essa etapa, todo o material áudio visual resultante das entrevistas mencionadas acima, foi reproduzido aos educadores para que fizessem uma análise das falas de cada um dos entrevistados, seus futuros educandos.

Durante essa atividade de análise das entrevistas, cada educador retirou e anotou individualmente falas que perceberam carregadas de significados para aquele indivíduo que respondia as questões do questionário em questão. Concluída essa fase, o grupo de educadores

reunidos, tratou de compartilhar cada uma de suas anotações referentes a cada um daqueles educandos que foram entrevistados e as falas que foram escolhidas, juntamente com a justificativa da escolha de cada uma. Nesse momento as vidas dos educandos se descortinam perante os educadores através de suas falas, sua linguagem própria, seus jeitos, seus modos tão únicos. Para Bruit:

“Se a linguagem é especificamente humana, “a morada do Ser”, porque por meio delas os homens se relacionam simbolicamente entre eles e com as coisas, a cultura de um povo não é mais que um conjunto de sistemas simbólicos (mitos, parentesco, economia), de relações de significação que constituem uma estrutura que não se manifesta no nível aparente, mas nas profundezas da sociedade”. (1995 p.45).

A função desse grande debate foi filtrar as falas e chegar a um consenso que delimitasse um número específico de palavras e símbolos, para a posterior montagem da rede temática que iria embasar os trabalhos em aula, durante a execução do projeto. Esse processo será mencionado no decorrer dessa narrativa nos próximos sub capítulos com um maior aprofundamento em decorrência do espaço das narrativas que acompanharam as aulas de história, formas pertinentes conforme menciona Monteiro: “[...] novas formas incluem a micronarrativa, a narrativa “de frente para trás” e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos”. (2007, p. 122).

O processo de observar criticamente o mundo expresso através das falas revela uma quantidade importante de ramificações de significados sócio históricos, que traduzem realidades de representações com grandes significados na vida desses sujeitos, bem como na prática do educador. De acordo com Le Goff (1993, p. 230), “um homem conta uma experiência incomparável. Poe na mesa os documentos que obteve à custa de sua vida. Clama o que sabe e o que supõe. Por isso é plenamente inteligível”.

Para quem investiga/analisa, as falas significativas são materiais valiosos para a identificação de elementos que vão produzir conhecimentos através dos aprendizados significativos que ocorrem pela junção desses elementos que têm agregação na própria vida individual desses sujeitos inseridos nos contextos onde transitam. Assim a escola possui significação na vida do cidadão, pois está junto da vida dele literalmente. Ao parafrasear Freire, Shor afirma que:

“Quando pensamos na linguagem como algo comprometido, também, com as classes sociais, compreendemos o problema da sala de aula mais facilmente. Quando comparamos nossa sintaxe com a sintaxe dos trabalhadores, por exemplo, sejam eles norte-americanos ou brasileiros, podemos perceber como as condições de classe se expressam através da linguagem”. (1986, p. 91).

Os educadores que se reuniram dentro do PROEJA FIC no momento de assistir as entrevistas e praticar o ato de ouvir, acabaram por adentrar profundamente nas condições de vida nas histórias, nos sonhos e cotidianos de cada um daqueles homens e mulheres, o que produz também no próprio educador o “educar - se” através da escuta analítica. Para Gramsci:

“A nossa escola é viva porque vós, operários, lhe trazeis a melhor parte de vós, a que a fadiga da fábrica não pode enfraquecer: a vontade de vos tornardes mais esclarecidos [...] vemo-la expressa neste desejo de adquirir conhecimento, de vos tornardes capazes, donos do vosso pensamento e da vossa ação, artifices diretos da história da vossa classe”. (2010 p.68).

O uso da pesquisa sócio antropológica nesse projeto foi inovador naquela comunidade, pois pela primeira vez as vozes dos sujeitos que iriam retornar ao ambiente escolar puderam ter um espaço de originalidade, ou seja, expressaram-se como eram em seus cotidianos. E como afirma Freire “no interior dos olhares” é que o educador acaba optando pela classe popular. Um outro olhar partiu dos educadores nesse projeto. A escola que os recebeu naquele momento e todo os seus contextos em uniformidade buscaram enxergar quem eram esses sujeitos e o que traziam consigo em suas bagagens de vida e por sua vez valorizar o que vinham trazendo através da rede temática construída.

Como diz Freire quando chama atenção ao ato de escutar, “supera o ato ouvir, indo além deste, pois incorpora, ao ouvir, o sentir e o sistematizar o que vê”.

Ao contrário do que geralmente acontece na grande maioria dos espaços que oferecem a modalidade de EJA onde o currículo não permite que o sujeito enxergue-se como um “alguém” que possuem sua própria história e que faz parte de uma comunidade na qual a própria escola está inserida permite um silenciamento humano, justamente no espaço que deve estar aberto à manifestação do ser que produz historicidade.

Conforme Teresinha Silva “o currículo reprodutivo impõe a cultura do silêncio. O currículo na visão crítica rompe com esse silêncio e resgata o discurso dos alunos e do professor. (...) a expressão oral, a linguagem, torna-se a fonte de reconstrução do currículo com um enfoque na cultura, no conhecimento do senso comum e no pensamento do professor e alunos”. (2005, p.1).

É possível afirmar que levar em consideração as histórias de vidas daqueles educandos também serviu de motivação aos educadores que ali se depararam com um desafio que envolveu, não apenas a prática de um método até então não utilizado naquele local, mas tam-

bém aceitar-se como um ator que poderia ser também o motivo de fazer a diferença junto àqueles sujeitos através de sua prática inovadora, como menciona Freire em Beisiegel: “Era preciso, por outro lado, superar um certo fatalismo, sobretudo dos homens menos transitivados dos campos, que responsabilizam Deus ou o destino, ou ainda a sina, pelos erros da estrutura arcaica e desumana”. (1989 p. 144).

A utilização dos elementos locais no PROEJA FIC de Arroio do Sal através das falas significativas foi o elemento imprescindível para que as aulas de história pudessem ter significado e que não apenas essas, mas as outras disciplinas ou saberes como lá eram denominadas tivessem o fator de serem agradáveis ao paladar intelectual daqueles sujeitos. E esse elemento naquele momento foi reconhecido dentro do próprio contexto educacional local, como algo que diferia dos métodos aplicados nas outras instituições que pertenciam à mesma gestão e foi olhado como uma certa desconfiança inicial. De acordo com Freire:

“Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização. Insisto na sua atualização. (...) a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade”. (2011, p. 54).

O uso das falas identificadas pelos educadores junto à PSA foi positiva, pois através daquela expressões do senso comum puderam observar e identificar elementos que os levaram a compreensão da realidade desses cidadãos, que se estivessem em outra Instituição onde trabalha-se com métodos regulares não poderiam ser identificados. As falas dentro do contexto que envolve as respostas dadas na entrevistas possuem uma representação sócio econômica macro.

Essas falas dão espaço dentro das aulas de história para mundos esquecidos ou não valorizados, pois não estão na ponta social em que se destacam os feitos valorosos de cidadãos iluminados pelo poder econômico, intelectual, cultural ou político. E nesse sentido específico usar essas falas no espaço das aulas de história foi relevante, afinal não é uma prática que acontece na maioria dos estabelecimentos escolares voltados para educação de adultos. Le Goff relata que:

“Talvez não seja útil dizer que essas preocupações não são mais atuais, por estar a história desaparecendo de um ensino que, aparentemente, não achou em seus bolsos bastantes “heróis positivos” (ela perdera Danton pelo caminho, mas quem sabe iria ganhar Cauchon?) para fazer dos jovens cidadãos franceses engrenagens serenas da sociedade produtivista”. (1993, p. 220).

## 4.2 REDE TEMÁTICA

Para efetivar o uso da bagagem dos educandos que estiveram inseridos junto ao PROEJA FIC Arroio do Sal e através da mesma fazer a inclusão de conteúdos relacionados às disciplinas ali ministradas, nesse caso específico, o de história, organizou-se uma rede temática que se estabeleceu a partir das filtragens das falas dos educandos, identificadas, analisada e compartilhadas pelos educadores.

É pertinente mencionar novamente que essa pesquisa voltou-se especificamente ao campo do ensino de história e seus desdobramentos naquele ambiente escolar em decorrência do interesse do educador daquela disciplina ao observar a importância dos resultados que foram acontecendo no decorrer do uso do método aqui mencionado e por ser um elemento positivo no aprendizado significativo.

Essa rede temática foi organizando-se e tomando forma a partir da escolha de palavras que traduzissem em significados determinadas falas identificadas pelos educadores nas entrevistas. É importante, para um maior esclarecimento, detalhar como efetivamente ocorriam essas escolhas das falas, por parte dos educadores. Uma vez por semana nas segundas-feiras, o calendário letivo contemplou o momento para a formação continuada dos educadores que se reuniam para discutir todos os aspectos que envolveram e também o desenvolvimento do projeto em todas as suas etapas, desde a entrevista inicial, elaboração da rede através da escolha das falas que agora mencionamos micro projetos interdisciplinares com os elementos desencadeadores retirados da estrutura da rede, avaliações, confecção de pareceres e entrega dos mesmos.

No momento de escolha das falas, o grupo de educadores assistiam todas as entrevistas e individualmente anotavam as frases que os sensibilizavam como as mais significativas, partindo após isso para uma análise em grupo das frases selecionadas e os motivos para que cada educador as escolhesse. Havendo concordância no grupo dos motivos de escolha da frase a mesma ficava para uma nova depuração.

Nessa nova depuração o educador buscou significação nas falas dos educandos para que o elemento desencadeador que compôs a rede temática fosse encontrado. Foi um trabalho de artesão de seres humanos, onde o educador mexeu no cerne da vida daqueles que foram seus educandos e possuíam uma bagagem com historicidade que naquele momento da escolha veio à superfície.

As falas foram classificadas em três tipos que serão analíticas, descritivas e propositivas. Como os nomes já sugerem as falas analíticas possuíam um sentido de aprofundamento, de uma maior amplitude de significados envolvendo uma reflexão, uma análise que em muitos momentos ocorre sem que o educando perceba em sua própria situação. As descritivas eram ricas em detalhes tanto no sentido físico de ambiente, quanto nos detalhes subliminares. E a propositiva denotava na frase que existia uma atitude em relação a determinada situação. Essas verbalizações de situações sócio históricas foram muito importantes para utilização dos contextos que foram criados nas aulas de história, como Monteiro exemplificando a questão do uso das narrativas.

“Criaram situações de aprendizagem a partir das quais os alunos, com os subsídios apresentados, elaboraram narrativas nas quais articulavam os vários elementos em jogo- aspectos estruturais com conjunturas e acontecimentos, recontextualizando-os a partir das finalidades educativas”. (2007 p.126).

Nesses exemplos de análise de falas é possível verificar a riqueza de historicidade desses indivíduos ali representados em uma frase que ao desdobrar-se no que haveria de ser a visão da comunidade e adicionando a visão dos educadores originando o elemento desencadeador que foi o alicerce onde esteve estruturada a rede temática, juntamente com os ramos desenvolvidos a partir dos elementos citados anteriormente, agora chamados de elementos de estruturas que embasaram cada disciplina trabalhada, inclusive nesse caso de estudo específico da história.

#### **4.2.1 Estrutura da Rede Temática**

A rede temática que foi constituída para os trabalhos desenvolvidos junto ao PROEJA FIC de Arroio do Sal, representou e proporcionou a visualização de uma diversidade grande de elementos significativos envolvidos naquele grupo. Um emaranhado de fios conectados envolvendo a grande totalidade de um quebra cabeça do que é ser um sujeito social. Segundo Gallo, dialogando com Robim o uso dessa ampla totalidade facilita o desenvolvimento de várias habilidades, pois não afunila conhecimentos, pelo contrário multiplica possibilidades dentro do ensino.

“Se a educação de cada homem tivesse por base não uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas a sua totalidade, veríamos desaparecer as funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasam de forma considerável o progresso da humanidade”. (1995, p.89-90).

A rede temática foi formada com base em uma estrutura constituída por: elementos desencadeadores, elementos de estrutura, tema gerador, contra tema e questão geradora. Cada

um desses elementos teve uma função específica na solidificação e na legitimação dessa construção.

Os elementos desencadeadores foram às temáticas mencionadas pelos educandos em suas falas significativas durante as entrevistas. Por exemplo, o aluno A disse: “Peguei minha mochila e sumi e disse: mãe tô indo ali... daqui uns dias estou de volta, fui embora e fiquei cinco anos sem contato”. O elemento desencadeador nesse caso é a migração.

Após a identificação dos elementos geradores em todas as falas, passou ao próximo passo que foi a busca dos elementos de estrutura que ampliam a abrangência daquele elemento desencadeador identificado anteriormente. Utilizando a palavra “migração” os elementos de estrutura encontrados foram: conceitos de emigração, imigração, migração, causas de imigrações, emigrações, grupos étnicos e assim sucessivamente.

Prosseguindo na montagem da rede temática, os educadores precisavam identificar em meio àquelas falas um tema gerador, que seria o elemento com maior peso identificador da turma, ou seja, a palavra que representaria o grupo em virtude de seu peso nas falas mencionadas pelos educandos.

Para um melhor entendimento do que é um tema gerador, escolheu-se uma fala que foi escolhida em unanimidade por estar entre as mais representativas da turma. De acordo com o aluno B: “Com a reciclagem construí a minha casa no meu terreninho e deu pra construir uma varanda para minha filha [...] tudo o que tenho dentro de casa é da reciclagem”.

Nesse caso específico a maior representatividade da turma deu-se em virtude da relação trabalho envolvendo a reciclagem. O contra tema na elaboração da referida rede foi à visão dos educadores sobre esse tema gerador anteriormente citado. Partindo então, daquela fala sobre reciclagem, os educadores do PROEJA, após uma análise do tema concluíram que o contra tema seria o seguinte: “Valorizar a reciclagem como fonte de renda e como ferramenta do meio ambiente”.

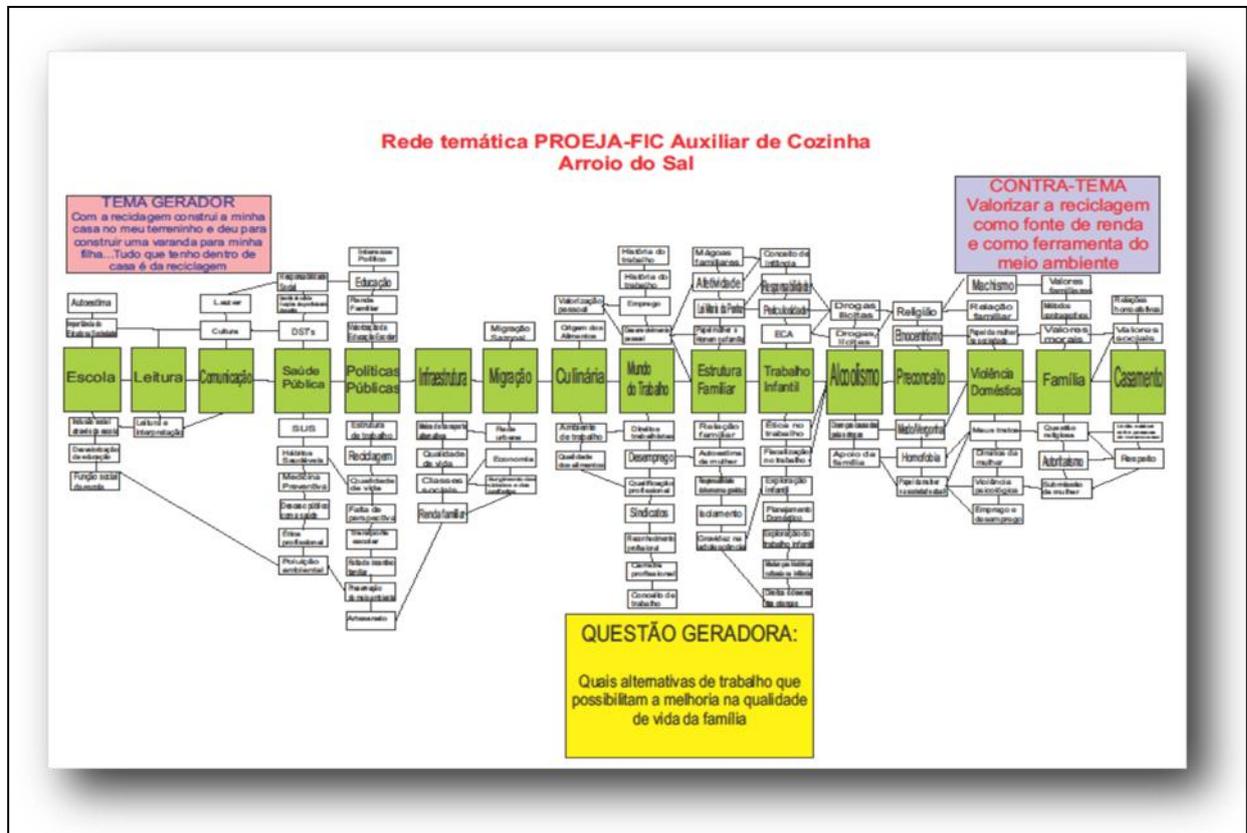
Estar pensando e valorizando a representação da própria bagagem social que o educando carrega é também uma das maneiras de sensibilizá-lo, fazendo com que possa dar-se conta de que é o produtor de sua historicidade.

Na sequência da elaboração da rede temática, o elemento ainda ausente é a chamada questão geradora que é o item norteador da prática dos educadores durante suas aulas no pro-



processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor”. (1981, p.73).

FIGURA 2 – REDE TEMÁTICA DO PROEJA FIC



#### 4.3 MICRO PROJETOS

A partir da construção da rede temática citada no espaço anterior, o grupo de educadores do PROEJA FIC Arroio do Sal, possuía a partir de então uma ferramenta que possibilitaria a prática didático pedagógica inovadora que envolveria os conhecimentos prévios dos alunos ali explicitados através dos elementos constantes na rede. Abria-se na prática o espaço para uma outra dimensão do ensinar, conforme é embasado em Ó:

“Se tivermos a consciência de que tudo isso é bastante arbitrário, penso que podemos ter menos medo das inovações que estão insistindo em entrar na escola, e isso poderia desencadear outras perspectivas, outras formas de fazer, que não são aquelas previstas nos documentos oficiais, nos manuais, nas práticas consolidadas”. (2007, p. 178).

Essa prática pedagógica levou em conta os elementos desencadeadores que serviram de base para a construção da rede temática e seu uso ocorreu através dos chamados micropro-

jetos, que foi o método escolhido que possibilitaria utilizar os elementos representativos dos conhecimentos prévios e de vida dos educandos identificados através das entrevistas na pesquisa sócio antropológica.

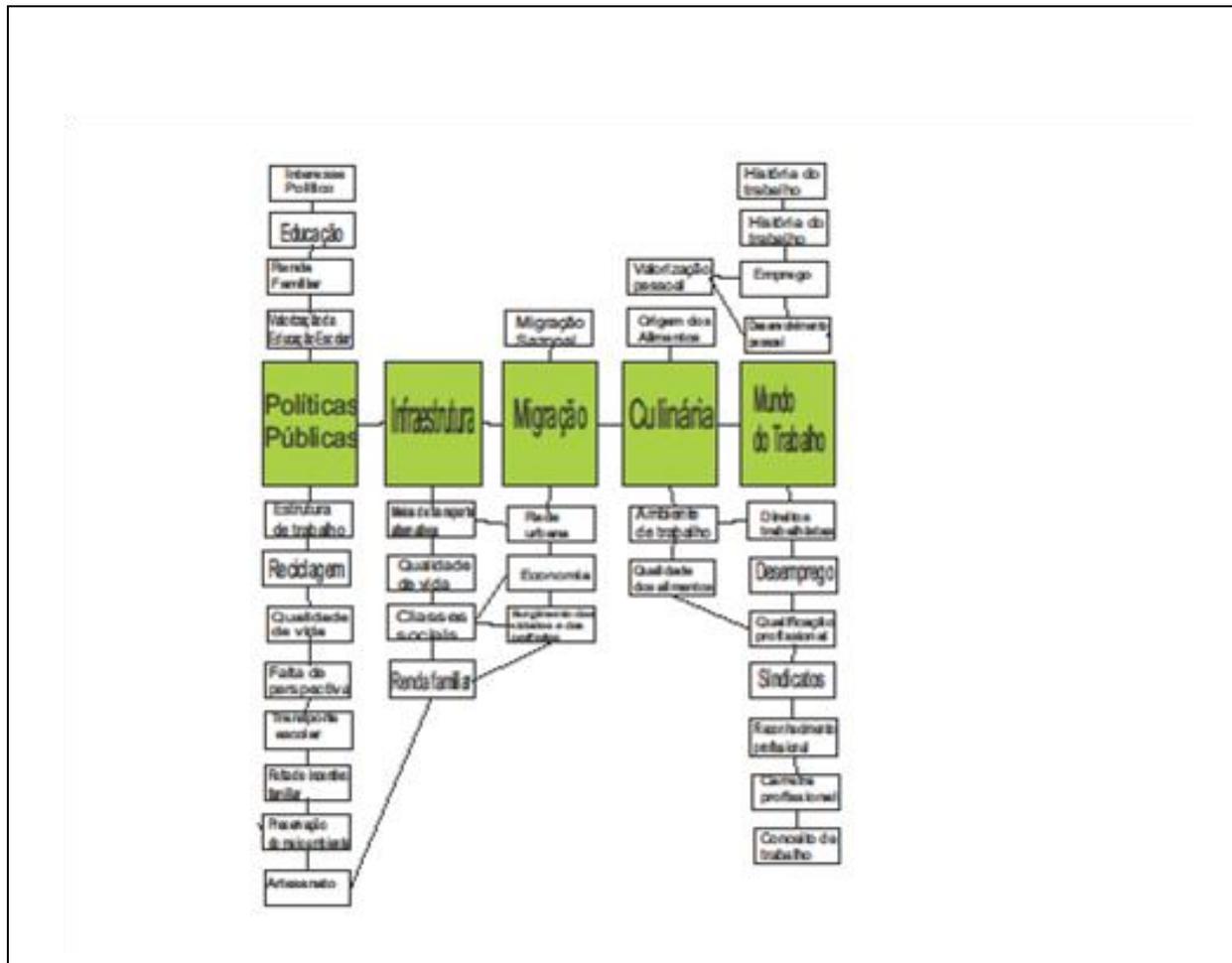
Ali naqueles elementos estava o cerne dos resultados de contextos que cada aluno daquela turma trouxe consigo para aquele ambiente escolar. Para colocar em prática, o grupo de educadores reunia-se a cada semana e de forma interdisciplinar nomeavam cada microprojeto e também analisavam as possibilidades de cada disciplina utilizar o referido elemento desencadeador, dentro do período de execução do microprojeto, que geralmente era realizado entre quatro e seis semanas de acordo com a carga horária de cada saber.

Aqui utilizou-se três exemplos para dar aprofundamento e melhor visualização do que foram na prática esses micro projetos ligados pelos elementos desencadeadores. Os dois micro projetos aqui descritos estão ligados a elementos desencadeadores distintos, o primeiro deles envolveu a migração e mais quatro elementos que foram políticas públicas, infraestrutura, culinária e mundo do trabalho, todos interligados em um que foi nomeado pelos educadores de “*movimentos populacionais e grupos étnicos no sul do Brasil*”. O outro micro projeto é chamado de “*manifeste o manifesto*”, que envolveu os elementos desencadeadores. Também é pertinente abrir espaço para analisar e refletir sobre o último dia de aula, da última turma daquele projeto que aqui foi nomeado como “*proejando com os saberes*”, autorizados pelos educandos aqui citados através de suas análises.

#### **4.3.1 Movimentos populacionais e grupos étnicos no sul do Brasil**

Esse micro projeto foi construído utilizando cinco elementos desencadeadores presentes na rede temática, que foram políticas públicas, infraestrutura, migração, culinária e mundo do trabalho. A utilização desse tema mencionado anteriormente foi uma consequência de observar nas falas significativas dos educandos durante a PSA, a presença de uma grande maioria de pessoas que não eram naturais do município, ou seja, grande parte eram imigrantes de diversas regiões no Estado do Rio Grande do Sul e de outros Estados do Brasil.

FIGURA 3 – ELEMENTOS NORTEADORES DA REDE TEMÁTICA



Sendo esse um dos vários micros projetos que ocorreram durante o PROEJA FIC, levou em consideração a importância de buscar algumas referências entre grupos étnicos através de uma pesquisa onde seriam buscados os seguintes temas:

- Motivos da emigração de seus países de origem.
- Motivos de sua vinda para o Brasil.
- O cotidiano de sua viagem até o Brasil.
- O desenrolar de sua chegada ao país, bem como seus deslocamentos até os locais de fixação.
- A economia local na época da chegada ao país, bem como na atualidade.

- As contribuições sociais, culturais, religiosas, gastronômicas e também hábitos na sociedade atual.

Na prática desse micro projeto que envolveu todas as disciplinas no viés de interdisciplinaridade, optou-se por apresentar resultados também para a própria comunidade onde estavam inseridos esses educandos, com uma noite cultural aberta ao público com apresentação das culturas e da gastronomia realizadas pelos educandos do PROEJA FIC. Os grupos étnicos pesquisados pelos educandos foram açorianos, africanos, alemães, italianos e japoneses e o período de duração de quatro meses, entre aulas, pesquisas, saídas de campo, apresentação dos trabalhos para a comunidade.

As observações feitas durante a execução desse micro projeto constataram que a relação teoria e prática dentro da pesquisa foram positivas e trouxeram conhecimentos significativos sobre os grupos étnicos pesquisados, bem como desencadearam nos grupos de educandos iniciativas de pró-atividade como, por exemplo, a visita a colônia japonesa no município de Ivoti feita pelo grupo responsável por essa etnia, em virtude das escassas referências na escola.

Como foi mencionado anteriormente após o período de estudos e pesquisas, organizou-se uma noite cultural, aberta à comunidade local onde foram feitas as apresentações dos resultados através de quatro maneiras: apresentação teórica, apresentação cultural, cantos temáticos e espaço gastronômico de cada etnia. O envolvimento de cada educando ultrapassou os muros da escola e envolveu também a própria comunidade. Para Freire:

“[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítico é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”. (2011, p.42).

Desenvolver olhares distintos dentro desse micro projeto foi um dos aspectos importantes, mesmo em algumas etnias ditas como já conhecidas pela familiaridade e convivência daquela região como italianos, alemães. O objeto de análise de cada grupo os levou a enxergar os “pequenos” detalhes, os gestos, os cheiros que a história que desemboca em sala de aula geralmente encobre. De acordo com Reis:

“O conhecimento histórico não seria uma reconstrução, pelo historiador, do processo histórico, mas a reconstituição verdadeira. Nessa perspectiva, a história efetiva e o conhecimento histórico se recobrem: o segundo representa fielmente o seu objeto-processo. O que antes fora questionado e descartado como “especulação” tornou-se uma representação adequada do real”. (2003, p.39).

As narrativas utilizadas no ambiente escolar quando da elaboração e organização do que aconteceria na apresentação para a comunidade arroiosalense tornaram-se concretas também nos espaços temáticos das etnias através da gastronomia e dos objetos antigos, bem como nas apresentações artísticas que ocorreram durante as descrições étnicas.

FIGURA 4 - GRUPO QUE PESQUISOU A ETNIA JAPONESA



Fonte: acervo do autor.

FIGURA 5 – ESPAÇO CULTURAL JAPONÊS



Fonte: acervo do autor.

### 4.3.2 Confeccão de um Manifesto

O microprojeto que levou em consideração a utilização de dois elementos desencadeadores, nesse caso o alcoolismo e o preconceito, utilizou durante seu desenvolvimento nas aulas de história um aprofundamento no conteúdo que envolvia estudos ligados aos campos de extermínio nazistas e o surgimento da ideia de um povo escolhido, na época o alemão. Para Neto (2003, p. 124): “[...] qualquer ação pedagógica que contemple o ensino e a aprendizagem de leituras críticas, matizadas, da mídia poderá ter efeitos políticos bastante interessantes”.

O período utilizado para o desenvolvimento desse micro projeto na aula de história foram três semanas, entre a primeira aula e a aula de apresentação dos resultados. Esse tempo foi dividido entre a primeira aula onde os educandos assistiram ao primeiro discurso de Adolf Hitler após assumir a chancelaria alemã em 1933 e a leitura de um polígrafo sobre as funções e elaborações de um manifesto, bem como exemplos desse expediente dentro da história. Após, a turma de educandos organizou-se em grupos para estudar as possibilidades de criação de um manifesto e fazer sua apresentação em duas semanas.

A ideia central foi que cada grupo de educandos desse um mergulho no tempo, retornando até aquele momento em que assistiram ao discurso e pensassem que tipo de manifesto poderiam criar para alertar a população alemã sobre os perigos do preconceito racial que se instalava no país. Seriam nesse momento escritores e narradores de uma nova interpretação, atores principais inseridos nas ruas da Alemanha de 1933. Le Goff menciona sobre essa possibilidade de escrita imediata, ou seja, não tão distante do momento, do fato histórico.

“O “imediatista” não é tão solitário, tão desarmado em sua ignorância do “desenlace”, já porque seu próprio trabalho é um dos atos do drama, considerando-se resolutamente isso e assumindo sua função de acompanhamento cego-o trabalho do “historiógrafo do rei”, por exemplo -, já porque a matéria que ele escruta forma um bloco bastante delimitado para que as evoluções ulteriores transformem radicalmente seja a sua natureza, seja o seu sentido”. (1993 p.223).

Na prática cada grupo escolheu uma forma de apresentar seu manifesto, desde passetas com cartazes e palavras de ordem até a apresentação de um telejornal criado pelos próprios educandos com manchetes sobre o posicionamento da população alemã com relação ao discurso preconceituoso de Hitler.

No decorrer das atividades de desenvolvimento dos trabalhos que seriam apresentados os espaços para discussão do tema central, foram crescendo dentro dos grupos e observou

uma internalização motivacional em defesa daquele “momento” histórico e social, uma mobilização em favor de um ideal a partir de uma análise e reflexão, algo que nos dias atuais dentro do ambiente escolar pode estar adormecido, o que pode significar, para Reis, também a nível social e ou comunitário um ponto positivo com relação a práticas cidadãs.

“[...] o presente é de globalização e individualismo, de ruptura com o futuro e o passado e de satisfação com o presente, de aceleração da mudança e de consolidação e quase cristalização do presente, de intensa comunicação e sofisticação dos equipamentos e de desmobilização da discussão das questões humanísticas e filosóficas”. (2003, p. 53).

Abaixo o texto base de orientação utilizada na primeira aula que desencadeou o micro projeto, juntamente com o vídeo listado nas referências.

“SABERES SOCIAIS TRÊS”

HISTÓRIA

EDUCADOR: DILNEI ABEL DAROS

REDIGIR UM MANIFESTO

O manifesto é um tipo de texto expositivo e persuasivo, uma declaração de princípios e intenções. Ele tem o objetivo de declarar um ponto de vista, denunciar um problema ou conclamar uma comunidade para realizar determinada ação.

A história registra diversos tipos de manifesto. Houve manifestos artísticos, como o Manifesto Futurista, escrito pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti e publicado em 1909, em que o autor declarava os princípios de uma nova tendência no campo das artes. Outro tipo de manifesto foi o político, em que seus autores denunciavam abusos do governo e chamavam o povo à revolta, como foi o Manifesto ao povo, redigido pelos rebeldes da Conjuração Baiana, em 1799. Também político foi o Manifesto Comunista, publicado por Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, em que propunham construir uma nova ordem social e econômica.

Cada manifesto é escrito de acordo com o objetivo. Pode ser um longo caderno, contendo análises, denúncias e propostas, como o Manifesto comunista, ou uma simples carta, como o Manifesto a povo dos rebeldes baianos.

ATIVIDADE

Imaginem que vocês estão na Alemanha, em 1933, e observam o crescimento do movimento nazista. Como cidadãos defensores da democracia e da liberdade, resolvem escrever um manifesto à população esclarecendo os perigos que o nazismo representa para o país e conclamando os cidadãos a combatê-lo.

### DICAS

- Formar grupos de 3 ou 4 alunos.
  - Pesquisar sobre o tema (os princípios, métodos de ação dos nazistas, etc)
  - Discutir essas características, e quem realmente seria beneficiado com esse regime de governo e registrar em seu caderno as conclusões do grupo.
  - Definir as denúncias que serão feitas e os princípios que serão defendidos.
  - Redigir o manifesto e elaborar cartazes de propaganda (2 ou 3)
  - Criar a campanha para lançar o manifesto (ato público, coletiva de imprensa, etc)
  - Cada grupo deve apresentar a campanha em aula para os colegas e o professor fará a contra - argumentação.
  - Importante estar ciente do conteúdo a ser defendido.
- Boa sorte e alegria sempre, estamos construindo cidadãos.”
- Abaixo seguem imagens da apresentação do manifesto.

FIGURA 6 - APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO



Fonte: acervo do autor.

FIGURA 7 – APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO



Fonte: acervo do autor.

FIGURA 8 – APRESENTAÇÃO DO MANIFESTO



Fonte: acervo do autor.

### 4.3.3 Proejando com os Saberes

Estabelecer um olhar no último dia de aula de história, junto à última turma do PROEJA FIC Arroio do Sal, foi a intenção da escrita dos diálogos entre os educandos, que aqui é possível de ser observado, para se ter mais uma opção de verificar através do espaço das narrativas as alterações entre o início de suas frequências nesse ambiente, as suas visões, as reflexões e análises dos desdobramentos de vida através desse ambiente escolar.

A possibilidade de mais essa narrativa, além dos microprojetos já citados anteriormente, possibilita mais um momento valioso de verificar e compreender a relevância do que aconteceu naquele espaço, onde deu-se valor às narrativas de vida de seus micro mundos e também as alterações que puderam ser observadas pelos próprios educandos, na vida de seus colegas. É importante, pois essa reflexão parte daqueles cidadãos que antes de estarem frequentadores daquele espaço não possuíam ou não se viam como produtores de linhas de pensamento por exemplo.

Assim observa-se também uma decodificação em suas narrativas das relações sócio históricas nas quais estão inseridos e como construíram posicionamentos não apenas no sentido de sujeitos sociais, mas também de espaço dentro de suas famílias. E como menciona Suzanne Desan, citando Thompson “O “ser social” determina a “consciência social”. ( p.73)

Os diálogos abaixo ocorreram como já mencionado anteriormente, na última aula dos saberes sociais onde a história tinha o seu espaço. Naquela noite de 20 de junho de 2013, os educandos foram desafiados sem prévio aviso a, num primeiro momento, a narrarem as mudanças que ocorreram em suas vidas após frequentarem aquelas aulas e, em um segundo momento, falarem sobre seus próprios colegas: quais mudanças puderam observar nos mesmos após o tempo em que estiveram juntos naquele ambiente escolar. Nessa aula compareceram sete alunos que abaixo estarão presentes nos diálogos transcritos, são eles M.V., M.E., E, L., M.Z., M. e M.C.

**M V:** \* *Modo de enxergar o mundo fora de casa.* Eu não acreditava em mim mesma. Hoje sou uma borboleta saindo do casulo. O marido tinha razão sempre. Vir pra escola foi um divisor de águas. Hoje eu acredito mais em mim. \* **Quando a gente desiste fica mais fácil, mas quando desistimos pelos outros é mais triste.** \* Os colegas comentam sobre quando ela (M. V.) pensou em desistir e eles ficaram tristes.

**OC E:** Gosto dela, não precisa dizer que te admiro. Todo dia que eu ia para praia, eu dizia para o meu marido, vou ver a M..

**M E:** Hoje eu sou eu mesma. \* **Não preciso perguntar aos outros.** Hoje eu dependo de mim mesmo. Amadureci. Arrumei mais uma família. Meu estresse é a melhor companhia que tenho.

**OC M:** Ela deve continuar seus estudos.

**OC E:** Gosto muito dela.

**E:** Bota alterar nisso. Vir pra aula é uma terapia. Sempre tive vontade de estudar. Meu marido agora está mais coerente, pois antes não deixava. (emociona-se muito ao falar).\* **Antes eu não falava.** Aqui eu me sinto em casa. É minha família. Eu cresci. Fiquei mais paciente. \* **A gente se transforma.** Professor, eu te amo muito, parece meu filho. Vivemos 40 anos juntos, sempre juntinhos. Quando eu quis estudar, ele (marido) sentiu - se como se perdesse a autoridade. Se for assim, cada um tem que ir pra um lado. Então viemos para a praia. Ele colocou um som baixinho na *freeway* e ele disse:\* **Tu achas que um casamento pode terminar por causa de ir estudar?** Eu fazia cortinas até a madrugada e ele fazia churrasquinho até a 1 hora. Ele cedeu. Eu fiz trabalhos da escola no banheiro de casa.

**OC L:** Quero falar pra Dona E. ...agradecer e parabenizar, ela foi incentivo para várias mulheres. Eu me espelhei bastante nela, minha mãe queria estudar. (mãe já falecida) Eu vejo minha mãe na Dona E. (E. diz: L., no teu casamento eu quero entrar contigo na Igreja)

**OC M.:** A L. (apelido de E.) foi algo diferente, eu admiro ela. Eu aprendi a admirar ela.

**OC M:** L. continue sendo verdadeira como sempre.

**M:** O PROEJA fez tanta coisa, eu pensei que não chegaria. Foi a mão de Deus. Eu estar aqui é amor de Deus.\* **Aqui foi tudo.** Uma nova família. Nunca soube expressar sentimentos e aqui eu gosto de todos. Aqui eu podia falar o que eu não falava em casa. Lembrar foi uma vitória. Pegar os conteúdos que achei que nunca lembraria. Pra mim é uma vitória inesperada. Penso nos professores. Quanto se dedicaram para aprender um método novo. Agradeço a ti, tua dedicação. Nunca me esquecerei de ti, é um mestre.

**OC E:** Aprendi a amar ela. No início não gostava dela. Amo ela de coração. Todo dia ela me incentiva e me xinga. Bem legal.

**OC M V:** Nunca conversava no face e sexta conversamos no face. Sentiremos falta dos nossos amigos. O professor D. Era uma terapia. Nossa amizade irá durar para sempre.

**OC M E:** Eu gosto muito de ti. Te admirei sempre ,desde que te conheci no Projeto Verão \* (*projeto que ocorre todos os anos na temporada de veraneio, quando os filhos dos cidadãos que trabalham na época da sazonalidade,precisam deixá-los em uma escola para ali passarem o dia*). Tu és muito inteligente. Tua maneira de ser é verdadeira. Eu desejo que tu sejas muito feliz.

**OC M:** Te acho uma mulher forte, sincera, coração sincero. Te acho uma mulher de fé. Uma grande guerreira. Mãe maravilhosa. Te desejo tudo de bom.

**OC L:** Quero parabenizar a M. pela conquista. Pedirei a Deus que continue te abençoando.

**M:** Eu era mais tímido. Estou tri legal

**OC E:** A partir do ano que vem, não vou mais pegar no teu pé quando tu faltar. Eu sentia falta dele quando não vinha à aula.

**OC M:** Quanto eu entrei eu pensava: \*- **porque esse guri está aqui com a gente?** Depois passei a admirar ele por estar aqui. Tu és um menino bom. Tem um grande futuro.

**OC M E:** Quando te conheci, tu nem dizia: boa noite. Hoje brinca, hoje tua faz planos. Amanhã tu conquistas. Luta por ti, não pelos outros. Luta bastante.

**OC L:** Tu fez a diferença. De toda aquela gurizada, só ficou o M.. Aproveita essa chance. Eu tive e não pude agarrar.\* **Eu chegava nas firmas e tinha que disputar com outros que continuavam estudando.** Era vergonhoso. Segue os conselhos dessas mães daqui. Cada uma delas foi um pouquinho mãe pra ti. Eu perdi 15 anos da minha vida. Não faz isso.

**OC M:** Te parablenizo. Com tantos meninos, tu venceu. Como uma maratona, deixou vários para trás.

**M:** Foi um desafio, por causa dos problemas me memória. \***Eu me achava burra.** Tuas aulas me abriram horizontes. Pensei em desistir, mas pensava nos professores que fazi-

am um trabalho dedicado. Eu me acho vencedora. Meu filho me pedia ajuda e eu não sabia. Hoje discutimos matérias juntos. Eu me sinto uma nova pessoa. Jamais vou esquecer vocês. C. (supervisora), tu tens uma alegria que passa pra gente. Agradeço a Deus.

**OC M V:** Tu me surpreendeu e vai ficar marcada para sempre na minha vida. Antes eu não gostava dela e hoje eu gosto.

**OC M:** Não fica brava. Muitas vezes fui arrumar a bicicleta e não sabia que tu era a esposa do chimbo. Te acho uma pessoa de coração bom. Não tem como esconder a essência. Teu trabalho na Igreja... não deixe nunca, esse amor é lindo. Faz parte de minha nova família. A C. é o amor em pessoa.

**OC E sobre C:** Eu te amo muito, minha filhinha e vai ser para sempre. Cris obrigado por tudo.

**OC M sobre C e Prof D:** Eu te amo muito, cada um é como é. C. eu amo ela demais. D, te respeito muito, é um amigo confiável. Gosto das tuas atitudes. És correto, sincero. Tem ética. Continue sendo verdadeiro e o que é teu, Deus guardou. Teu trabalho nas nossas escolas é muito valorizado. Te admiro muito.

**OC L :** Quero parabenizar e incluir os colegas também. Eu louvo à Deus pela vida de vocês C e D.

**L:** O PROEJA fez bastante em minha vida. Nada me segurou. Tive obstáculos. Voltei a estudar 1 ano após a morte da minha mãe. Os primeiros meses foram difíceis, não sei como aguentei. O Prof J (Diretor do PROEJA FIC Arroio do Sal) foi quem emprestou a orelha. Com ele me confessei. Lamentei pelos que desistiram. Foi uma barra chegar até aqui. Mas quando determino o alvo, abraço a benção. Falar da C também faz toda a diferença. Eu perdi os primeiros dias e me senti triste. Deus tinha e tem um plano. \* **Estudar foi como decidir a parar de usar drogas.** Veio de dentro pra fora. Eu quero, determino e consigo. Agradeço a vocês pela dedicação, à C.

**OC M:** Eu conheci o L na escola e o amo como filho. Admiro ele pelo esforço.

**OC M:** Te admiro, gosto como sobrinho, rezo muito por ti. Pedia para M: - pega o L no colo. És abençoado, escolhido por Deus.

**OC E:** Eu admiro ele. A história dele. Eu não tinha vivido essa experiência que o L. contava. Te quero muito bem. É meu filho.

**OC M:** Ele sabe, eu já falei. Ele é um herói pra mim. Ele é um super herói. Te ver terminando o curso é uma grande vitória. Continue assim, tu é meu mano. Deus abençoe tua vida.

\*os pesos simbólicos das falas que foram destacadas pelo pesquisador nesse momento também estavam carregados de representações que envolviam o micro mundo daqueles sujeitos, sem deixar o macro onde estavam inseridos socialmente. Foram utilizadas o mais próximo possível de como foram faladas, para que não houvesse perda de sua originalidade de expressão e nem o uso do filtro do pesquisador.

É importante lembrar que a maioria desses educandos não se conheciam antes do PROEJA e que seus desafios particulares em seus contextos acabaram misturando-se aos dos colegas e mesclando possibilidades e oportunidades conjuntas em suas histórias de vida. A primeira narrativa dos educandos foi refletir sobre o que sua prática com aquele método utilizado nas aulas de história fez em suas vidas e na sequência, o olhar dos colegas sobre esse sujeito. Para melhor visualizar foi utilizada a sigla OC (olhar do colega) logo após o nome do autor daquela fala.

Vale salientar que seguindo o método de dar espaço para as narrativas, as falas significativas carregadas de representações, mesmo no último dia de aula, é possível, através do olhar do educador de história, observar nas frases elementos significativos que comprovam a positividade do que aconteceu naquele ambiente escolar, voltado para jovens e adultos. Nos “olhares” falados dos educandos entre si estão suas projeções de vida no hoje, sem deixar de mencionar seu passado e mesmo suas trajetórias em seu cotidiano social até então. Também é importante mencionar que o papel do educador nesse momento “proejando com os saberes” foi de um mediador e escritor e em nenhum momento direcionou ou orientou linhas de diálogo na condução da socialização, ficando claro isso nas próprias construções dos diálogos.

Nessa parte da narrativa, após a leitura de vários capítulos que mostraram procedimentos que envolveram essa prática, fica a possibilidade de, ao ler a transcrição a baixo, identificar também elementos que podem trazer significados das realidades e projeções. Algumas frases estarão destacadas justamente para esse olhar, ou seja, é possível verificar através das

falas significativas, a construção de um sujeito que manifesta um sentimento de enxergar-se como um cidadão melhor, pelo fato de ter passado por aquele local.

## **5 A PESQUISA SÓCIO ANTROPOLÓGICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA**

A utilização e a aplicação da PSA durante os anos de 2011 a 2013 no PROEJA FIC em Arroio do Sal, foi um elemento positivo como já mencionado em vários momentos dentro da narrativa dessa pesquisa. Seu uso desencadeou outros processos dentro da operacionalidade do projeto como a análise das falas significativas, os micro projetos interdisciplinares, os olhares diferenciados nas avaliações e práticas pedagógicas de todas as disciplinas que foram, naquele ambiente, trabalhadas e vão de encontro com Neto, ao afirmar que:

“[...] a necessidade de pensar a educação escolarizada como um conjunto de práticas indissolúvelmente ligadas às demais práticas sociais, de modo que pensar qualquer mudança no âmbito da escola implica pensar como as coisas estão se passando no âmbito da sociedade”. (2003, p. 109).

O olhar do educador de história aqui vinculado aos saberes sociais como era chamada a área que englobava história, precisa estar atento em sua posição dentro do ambiente, pois conforme mencionam Lambert e Schofield poderá direcionar todo esse conjunto de “materiais” valiosos para um aprendizado que tenha significado nesses sujeitos que ali estão.

“Quais janelas os historiadores deveriam escolher para olhar, de que ângulo, com que foco/ O que deveriam escolher descrever e como? Tratar dessas questões, fundamentais ao trabalho de qualquer historiador, envolve escolhas condicionadas pela operação do poder no presente”. (2004, p. 333).

Na experiência aqui descrita e onde se abriu espaço para a narrativa como formato de exposição do que ocorreu naquele município do litoral norte gaúcho, é necessário pontuar a relação estreita com a disciplina de história que naquele projeto citado anteriormente, foi aglutinada nos chamados saberes sociais, compartilhados com a geografia. Para Monteiro: “o uso da narrativa não implica, de modo algum, que o saber escolar derive para o ficcional. [...] O fato de que os temas sejam recontextualizados para o ensino não significa que eles sejam tratados como ficção”. (2007, p. 129).

O espaço para a história como narrativa e também como espaço de estudos, análises, reflexões e, em alguns momentos, de reconstrução do passado com sintonias ao modo de vida dos sujeitos na atualidade, foi positivo e esteve em sintonia com a proposta do projeto que

levava em consideração o método freiriano de valorização do sujeito social, afinal esse mesmo indivíduo é também, além de coadjuvante, um autor de história, um produtor de historicidade. Monteiro ainda afirma que:

“Assim, muitos estudiosos consideram que a escrita da história foi empobrecida pelo abandono da narrativa, estando em andamento uma busca de novas formas de expressão que se mostrem adequadas às novas histórias que os historiadores gostariam de contar”. (2007, p. 122).

Utilizar a PSA como ferramenta para trazer à tona as histórias que envolveram esses sujeitos até aquele presente momento, foi cristalizar, trazer para a solidez através da narrativa que ali possuiu espaço algo como o que Roiz dialogando com Rüsen menciona: “Paradigmas podem ser definidos como consolidações de um determinado tipo de racionalidade.”Consolidação” quer dizer um determinado modo de o pensamento proceder no discurso de seus sujeitos”. (1992, p. 27-36).

Esse modo de pensamento que apareceu nas discussões dentro dos momentos de aula, pode-se dizer que é um elemento único, com “marca” própria, ou seja, é original, pois seu produtor no caso o sujeito de EJA, aqui mencionado, possui condições que vinculadas com seu conhecimento prévio já possuem certo embasamento, que pode nesse caso o identificar como uma fonte dentro do contexto das aulas de história.

Naquele ambiente, o afastamento do professor educador de história do uso da tradicional cronologia linear, proporcionou o aparecimento de linhas de raciocínio entre os educandos, que ultrapassou aquela condição tão tradicional em outros ambientes escolares ligados à EJA, que é o uso ou mesmo o desuso das formas de reprodução histórica convencionais, como escreve Albieri:

“[...] a prática histórica seria muito mais do que decorar os nomes do passado, ou tentar reproduzir, de um jeito verbal ou gestual ou através de rituais [...] É algo que condicionaria o modo próprio do homem de estar no mundo, anterior e mais fundamental que a formação de conhecimentos históricos específicos”. (2011 p. 26).

É possível afirmar que ter usado a pesquisa sócio antropológica dentro do PROEJA FIC de Arroio do Sal foi um fator importante, pois “acessou-se” através daquelas narrativas, inúmeras possibilidades para seu uso nas aulas de história que lá aconteceram no decorrer do projeto. Como descreve o egresso M.C. (ANEXO V).

“Em querer que nós aprendêssemos e como nós estávamos com a mente assim... mesmo sem entender esse estudo de estudar assim... junto um estudo novo... não que ficará só o aprender o que está ali no papel...nos livros... era esse amor de ensinar... de resgatar a história da gente... mesmo coisas que eu faço... a gente... uma certa i-

dade a memória vai esquecendo e eu ativei muito minha memória Tem coisa que está sim vivo aqui hoje de história”. (ANEXO V).

Foi como um gatilho que desencadeou todo um processo em forma de teia através das primeiras falas nas filmagens e depois nas narrativas que aconteciam dentro dos micros projetos executados na área dos saberes sociais, de acordo com Reis:

“São narrativas e ao mesmo tempo a própria história, pois a ação executa a narrativa, que é saber, consciência da ação. Não há distinção entre conhecimento e ação. A narrativa é um mapa vivo e verdadeiro da história, e a ação a confirma. A narrativa é o acontecer histórico em seu conceito. Se a narrativa oferece um conhecimento antecipado da história e do seu sentido, a ação deve apenas realizá-lo”. (2003, p. 32).

Quando o educador em história tem a possibilidade de conhecer a historicidade de seus educandos, ele tem uma ferramenta valiosa, que pode ser utilizada de maneira dialógica auxiliando na significação do que se aprende naquele ambiente.

A sua disciplina e os conteúdos que a constituem podem ser utilizados de maneira a aproximar aquele sujeito educando e os “mundos” que desdobram-se dentro dos micro contextos sócio históricos que são estudados. O egresso M.S. faz menção pertinente nesse sentido. “por ser homossexual... por que você é casada com uma mulher... não... eu fui tratada como uma pessoa normal... eu sou uma pessoa normal...” Afirma ainda, “ as pessoas se tinha algum pensamento diferente... eu acho que ficaram só pra elas...porque os próprios professores não deixavam passar...os professores faziam com que eu não me sentia assim...nem um minuto...nem um segundo excluída...nada...” ( ANEXO V).

O educador, com isso, tem à sua disposição elementos para a condução da apropriação dos saberes históricos, e, além disso, abre a possibilidade de produzir uma historicidade mais próxima do contexto onde esse cidadão sujeito está inserido. O egresso M.C. (ANEXO V) descreve parte disso:

“E você se sente vazio... a gente a pensar... aí foi assim... foi isso...ativar o pensamento... as ideias... trazer de volta eu pra mim. Além de um aprendizado de vida como eu falei foi um resgate. A gente quer sempre ter alguma coisa de memória, sempre quero ter lembrança da história e assim a tua memória...como eu já te falei professor...O senhor sabe tanta coisa assim... meu Deus... como é que pode guardar tanta coisa...claro que é tua vida, mas pra nós também foi bom... então assim... ter passado por lá nessa área né? recuperar minhas lembranças pra poder ajudar minhas filhas né? bem os filhos...é ruim amar e não poder sentar ali do ladinho e dizer quer aprender uma coisa com a mãe? Pelo menos tu tem interesse...tu tem alguma coisa e se não sabe, mas vamos procurar lembra né? quando eu tava lá na sala então tu traz pra casa isso”. (ANEXO V).

O uso da PSA que ocorreu dentro do PROEJA FIC em Arroio do Sal, abriu a possibilidade de fazer algo diferente dentro das aulas de história na EJA. A partir do uso das falas que se originaram com as entrevistas realizadas no início das aulas, ocorreu essa intervenção que abriu espaço para a atuação diferenciada naquela realidade educacional.

No sentido de embasamento teórico dessa narrativa de pesquisa é possível verificar-se que a linha entre Jörn Rüsen e Paulo Freire, história e educação respectivamente, foi a que mais se aproximou daquele contexto em relação ao ensino de história com aprendizados significativos. Nas falas desses educandos existe um passado impregnado de valores, de sentidos e ao utilizá-los, abre-se uma possível forma ou espaço para a problematização. Como menciona Oliveira em sintonia com Rüsen (1992 p.29): “[...] revela o tecido da mudança temporal no qual estão amarradas as nossas vidas, bem como as experiências futuras para as quais se dirigem as mudanças”.

Essas mudanças são descritas da seguinte forma: “[...] aquela sementinha fica germinando no teu cérebro querendo saber o desfecho daquilo... como vai sabe os deslocamentos daquelas questões...então que nem aqui a gente luta por uma melhoria do nosso próprio município...que tu é co autor de tudo que acontece né?” Coloca ainda a educanda: “ porque tu paga impostos...tu tem teus os direitos e tem seus deveres...não se deixar que só cobre os teus deveres...quanto eu receber pois não entrou nada e tu acha que é brincadeira...a elite fornece os seus direitos... então eu acho que é aprendizado sim bem grande de como se proceder...sem contar que hoje eu trabalho fazendo minhas comidas...com uma estabilidade...de saber aquilo que tu tá fazendo né?” (Egresso Z.K. ANEXO V).

Observando os resultados que foram aferidos nas observações das práticas dos microprojetos que aqui mencionamos e também nas entrevistas realizadas com os egressos, verifica-se que caso esses educandos tivessem frequentado a EJA regular que não inclui os conhecimentos prévios, o uso das narrativas e a aplicação da pesquisa sócio antropológica, o resultado seria diferente.

No caso relatado onde se utilizou a PSA no PROEJA FIC que estava dentro do método que foi utilizado, abriu valioso espaço para a prática pedagógica nas aulas de história. Quando se menciona a pertinência desse uso nas aulas de história, é porque justamente nessa disciplina é possível uma utilização com grande abrangência dentro dos conteúdos vinculados aos elementos desencadeadores. É como menciona o egresso M.C. (ANEXO V):

“Um curso uma EJA vocês formaram uma aula preparada para aquelas pessoas que queriam... então pegaram a minha história minha máscara do L., da M. e ali você sabia o que que tem que levar para aquelas pessoas... até tinha uma senhora que estudava com nós recicladora...que depois ela continuou mas eu me lembro que um dia ela disse assim: eu sou catadora de lixo... e muitas vezes a gente come e vive disso, a gente abre a sacolinha, tira o lixo higiênico e retira o frasco de xampu de dentro.A gente não tem reciclagem... ela falou assim... e ficou dentro da minha cabeça aquilo... então assim...pode parecer que aquilo que eu ouvi não teve importância, mas se eu não soubesse... se não tivesse a oportunidade dela contar história que era recicladora...foi vital pra minha mente... até hoje eu não estaria apta para separar o lixo numa cidade que não tem reciclagem... no frasquinho de shampoo do lixo higiênico...porque tem uma senhora que depende... depende... depende... a alimentação da atitude minha então é uma coisa pequena mas marcante... porque tu vai arrumar seu lixo e pensa em uma pessoa que vive disso e eu misturo tudo aqui...e ela tem que abrir a minha sujeira pra tirar o alimento pra ela então... assim... mas porque eu sabia a história da aluna na aula... aluna que se eu não soubesse a história que ela vive eu até hoje... eu não iria saber atualidades... é um detalhe pequeno que faz a grande diferença que não te pertencia... é um detalhe mas que mexeu em ti e pode mexer ali fora também”. ( ANEXO V).

Essa abrangência de uso ultrapassa os limites conteudistas, geralmente impostos no ensino regular da EJA, pois amplia as possibilidades e a aplicabilidade junto ao cotidiano desses sujeitos que se veem realmente como atores atuantes no contexto didático pedagógico que está ocorrendo naquele ambiente. O egresso Z.K. (ANEXO V) relatou que:

“[...] significou na minha vida um aprendizado de conhecimento de crescimento embora com todas as minhas limitações de saúde eu cresci muito eu cresci forma de conhecimento eu cresci em forma de ser eu mesma sonhar e buscar não ficar só sonhando”.

Esse “enxergar-se” do educando propiciado pelos usos dos elementos desencadeadores que saíram da entrevista feita através do questionário permitiu uma aproximação da sua realidade com o conteúdo ali desenvolvido dentro do micro projeto.

E essa aproximação é possível pelos elementos que se uniram na construção de uma temática específica que abrange toda a bagagem do educando com seus conhecimentos prévios e o espaço que é aberto para sua narrativa e construção de um novo conhecimento histórico através do momento que esse sujeito ultrapassa a sua posição de espectador, de ser passivo e enxerga-se.

Esse movimento de “deslocamento” que ocorre com o educando a partir do dar-se conta de que é individuo com importância social e histórica permite o surgimento de uma consciência histórica e crítica através dos subsídios que sintonizam-se, nesse caso os elementos desencadeadores, as narrativas, os micro projetos, os resultados das práticas nas aulas de história.

Fica claro, nas falas dos egressos que foram entrevistados após a passagem dos educandos pelo proeja, que a abrangência de vincular os subsídios citados anteriormente e as aulas de história tiveram uma importância significativa dentro do aprendizado e do cotidiano desses sujeitos. O egresso L.O. (ANEXO V) faz menção: “ para aquele método foi importante mesmo... ah! se todas as escolas adotassem esse tipo de método para trabalhar... não trabalhar só com aluno mais trabalhar com ser humano está entendendo professor não só trabalhar com as matérias mais trabalhar com o caráter das pessoas como ali no álbum. (ANEXO V).

Dentro do processo que envolve o aprendizado de história no ambiente escolar é de grande importância conhecer a realidade dos educandos, então o que dizer sobre alunos que estavam em sua maioria, há mais de três décadas fora da escola e que passaram pelo processo de retornar ao ambiente escolar a ter um aprendizado com uma real significação em sua vida.

Percebe-se após essa experiência onde se utilizou das histórias de vida dos educandos e abriu-se o espaço para uso dessas narrativas nas aulas de história, que olhando para um universo maior de abrangência escolar, é possível vislumbrar resultados importantes a nível nacional.

Dentro da história nacional usar os conhecimentos prévios dos alunos não é uma novidade há muitos anos, pois desde a transição entre Império e República Velha, a elaboração dos primeiros livros didáticos já abriam espaço para essa prática. Na década 50, Paulo Freire aprofunda essa prática na região nordeste do Brasil, método esse que até os dias atuais pode ser uma possibilidade importante para respaldar o aprendizado de cidadãos, jovens e adultos com significado.

Com o passar dos anos, a grande maioria dos períodos de renovação ou inovação escolar permitiu que esse viés pudesse ser posto em prática, claro que não sendo uma prática valorizada e também desinteressada pelo poder público em grande parte do que viu até nossos dias.

A combinação da PSA e o ensino de história é positiva e abrangente. É positiva no sentido de tornar a prática do educador envolvente, pois ele sai do “púlpito” de mestre apenas e torna-se parte de um novo mundo que se abre através do seu envolvimento direto com as histórias que vão surgindo e que possuem um elemento importante que é o “novo”.

O educador de história se depara com a possibilidade de ver realmente a história acontecendo, se modificando. Não é apenas um estudo ou um entendimento do passado, ou mesmo uma reflexão ou análise de comparações de contextos, é o próprio ambiente sócio histórico sendo tocado e modificado através de uma nova concepção consciência histórica e crítica, desencadeada através da exposição dos elementos constituintes das falas dos alunos com o conteúdo inserido pelo educador, que o buscou pelo motivo das falas.

Os registros sócio históricos que estão nas bagagens dos educandos, vão sendo resgatados através da pesquisa sócio antropológica, o que também gera, pelo que se percebeu, um resgate dos momentos que são descritos pelos alunos de suas próprias vidas como sujeitos sociais. São registros que envolvem não apenas partes individuais, mas cenas de contextos históricos reais envolvendo demandas políticas, sociais, estruturais, históricas, religiosas, folclóricas, culturais.

A PSA é uma ferramenta valiosa para usar nas aulas de história, pois abre um cenário de extrema riqueza em cada indivíduo e que juntando essas individualidades em uma grande colcha de retalhos disponibiliza um avanço dentro do entendimento das relações do homem dentro da área de história. Proporciona a possibilidade de cada educando poder ter um melhor entendimento do seu papel dentro da história que está sendo trabalhada e também poder estar se olhando como um sujeito dentro do próprio andamento do contexto histórico.

Não é possível em pleno século XXI, que um professor de história que trabalha justamente com a passagem dos sujeitos em sociedade, seus registros, contextos e desdobramentos, deixe de fora justamente o material que está a sua frente no papel dos educandos e suas bagagens resultantes dessa passagem. Tem ali laboratórios vivos, que sendo bem utilizados, podem enriquecer o desenvolvimento do ambiente escolar, bem como auxiliar em uma concepção social e crítica dos desdobramentos históricos pelos quais já passaram e na análise e reflexão dos que estão passando na contemporaneidade.

Ser uma ferramenta de mobilização social entre os educandos nas aulas de história também pode ser o papel de uso das narrativas, pois o indivíduo naquele momento em que “enxerga-se” através dos elementos desencadeadores que estão sendo utilizados pelo educador de história naquele ambiente, pode, através de sua consciência crítica despertada, contribuir de maneira positiva na comunidade onde está inserido.

Pensar na prática pedagógica envolvendo o uso das falas no ensino de história requer pensar tanto no educando, quanto no educador, bem como nas bases pedagógicas que orientam a instituição onde estará acontecendo essa prática. Com relação ao educando é necessário alguns passos importantes para que o êxito possa ter um tamanho significativo e realmente colabore na transformação positiva dos sujeitos que ali estudam.

Para que a PSA ocorra, o educador irá penetrar adentrar nas histórias desses sujeitos, o que deve ser realizado de maneira bastante sensível e propositiva. O historiador não sabe o que vai encontrar nesse micro mundo desconhecido onde centenas de contextos se entrelaçam e que alguns desses elementos possuem significados tão importantes que podem servir de ferramentas para o uso das aulas em sintonia com o conteúdo a ser vinculado na história.

É necessário que esse sujeito esteja ciente de que ele também é um produtor de história, ele mesmo é possuidor de uma historicidade que possui valor sócio histórico. E que justamente esse valor o coloca em uma posição de ator juntamente com seus colegas e educador, onde cada um possui “funções” materiais e imateriais distintas, porém que andam na mesma direção que é o aprendizado significativo. De acordo com o egresso L.O. (ANEXO V):

“Foram mais... foram mais baseadas na nossa história... então não tem como eu NÃO falar de amor... exemplo o descobrimento do Brasil... no dia que nós começamos a estudar foi falado: olha aqui vocês não vão aprender sobre quem descobriu o Brasil. Quem descobriu a América. Você vai estudar a história de vocês e se eu me lembro quando o diretor Prof. J. falou aqui vocês não vão aprender sobre quem descobriu o Brasil ,como é no regular, essa questão de datas e fatos , vão aprender mais sobre a história de vocês, com a vida de vocês no decorrer do tempo”. (ANEXO V).

Cada educando responderá a esses estímulos perguntas realizadas na PSA de maneiras distintas pois como já foi mencionado antes, o historiador estará buscando trazer ao presente detalhes preciosos de sua bagagem e podem não ser todos harmoniosos ou felizes.

Ao professor de história é de suma importância que faça o papel não apenas de mestre, mas de interlocutor entre os passados que ali se encontram e oriente, faça a “liga” entre esses contextos sujeito x história daquele momento em diante. É importante lembrar ao educando que ele não é mais um sujeito passivo dentro do processo de ensino de história, mas um elemento que acrescenta e faz a diferença no uso desse método.

Trazer ao educando esse método pode de certa forma, ser desafiador para esse indivíduo que está fora dos bancos escolares há vários anos, pois quando deixou de frequentar a escola, provavelmente (no caso do PROEJA FIC), as intervenções didático pedagógicas não colocavam o sujeito e o aprendizado significativo no ensino de história como objetivo.

Passa ser um dos desafios do educador em história que é disponibilizar essa possibilidade de ensino transformador, para um educando que poderá estar ainda “vestindo” um modelo de roupagem didático pedagógico de seu passado escolar. E nesse sentido entra aqui nessa narrativa de pesquisa o “pensar” essa prática pedagógica envolvendo a PSA no ensino de história e o educador. Como mencionou o egresso Z.K. em entrevista durante essa pesquisa:

“Teve uma época lá pra gente ir concluindo que a senhora tinha um problema de saúde e tinha ido no médico e a senhora nos disse que o médico disse que tinha que operar, mas a senhora disse que não iria operar, não ser depois que se formasse: Como é que foi isso? foi isso foi difícil porque ele queria me dar uma surra...porque ele disse pra mim que eu tava arriscando, mas eu dizia pra ele assim... se eu perder essa oportunidade agora eu acho que nunca mais vou ter outra né? Porque era tão grande a minha ânsia de conhecer e de participar de ir em frente com aquilo que a gente estava aprendendo que eu achava muito ruim ter que ficar um período muito grande fora. É tão longe daqui que eu achava assim quando eu voltar eu não ia conseguir acompanhar o pessoal... já ia tá no crescimento bem mais além daquilo que né... E daí eu optei pra fazer a cirurgia nas férias... mas aí sabe como é a gente que é pobre não tem convênio... ainda peguei um pouquinho do reinício das aulas depois em recuperação aí... depois eu voltei daí volta aquela história a nossa amizade entre todos que todos me ajudaram a recompor as matérias que já tinha aprendido e me explicavam com muito carinho com muita atenção tudo aquilo que a gente tava ali proposta”.(ANEXO V).

Pode tornar-se um elemento desafiador ao próprio historiador, defrontar-se com esse método. Essa prática o conduz por caminhos que podem fazer ruir a “solidez” e a “segurança” conteudista e cronológica do ensino de história que ocorrem em inúmeros locais de EJA pelo país. O espaço que é possível dar para as narrativas pode levar a um conjunto de ações ligadas às gestões escolares a aproximar-se de suas comunidades, como a menção do egresso M.C. de um momento em aula.

“ [...]lembro também uma coisa que me chamou bastante atenção...foi como a gente lida bastante em drogadição...foi o polígono da maconha... contou toda aquela história...chamou atenção aquele nordeste...entra droga ali pela fronteira... esse é um dia que eu nunca vou esquecer...assim parece que eu visualizo... estava explicando no mapa e tal as coisas e daí tu disse assim vamos fazer o seguinte: vocês vão ver uma coisa agora... botou os dois mapa no chão...no chão da sala.... aqui... aqui... aqui...eu disse: olha só professor botar mapa no chão e sentou no chão pra nós entender bem direitinho...quero a rota e tal...e pra mim aquele dia foi muito forte porque eu fiquei analisando...tem que ter carinho né? com pessoas de 60 e poucos anos tu tem que uma estratégia...carinho né? e tu não se intimidou ...não sabe se o chão tava sujo ou limpo... tu botou lá...sentou e ficou lá sim...assim...assim...assim...o que eu vi que foi esclarecedor...a decisão de sentar nos mapas teve um significado fundamental com certeza...porque daí a gente já ouviu os colegas dizendo agora sim...e tal...então foi forte pra mim...foi forte”.(ANEXO V).

É um desafio no sentido de apropriar-se do desconhecido e ao mesmo tempo fazer uso desses elementos que irão surgir após a aplicação do questionário. O educador de história estará de frente a vários cenários de micro histórias valiosas e terá que ser sensível, reflexivo,

analítico e ao mesmo tempo dispor de um olhar humano. Menciona o egresso M.S. (ANEXO V):

“Muita gente tinha vergonha, mas eu vou te dizer que pra nós assim pra mim pelo menos foi muito bom porque foi colocado ponto de vista de cada aluno... o segredo de cada um... até aquilo que tinha mais íntimo foi colocado ali naquele quadro sem expor a figura de ninguém... porque naquele quadro eu estava ali...eu me achei nele, mas a minha colega não sabia que era eu... eu não sabia que ela tava também... mas ela sabia onde ela estava ali... que era minha fala... aquela era a minha fala...a fala dela. Então pra nós foi muito importante, como se nós tivéssemos... era um mapa pra nós que ia da formação até o final... então a gente sabia: bom hoje nós vamos falar sobre tal coisa... que aqui na sala trabalhamos os cotidiano...mas vejo que foi muito importante pra todo mundo... que eu acho que deveria ter em todas as escolas e não só em PROEJA”. (ANEXO V).

Se por um lado esse “material” estará a disposição do educador, será necessário antes de mais nada um planejamento em conjunto com os setores educacionais envolvidos no sentido de dar um sentido de aproveitamento significativo para esse método que envolve as narrativas. A tarefa desse educador que utiliza a PSA envolve uma responsabilidade ética, pois está diante das bagagens de vida de cada sujeito, que antes estava excluído estava e agora volta ao desafio de estudar e além disso, com um método que vai envolver seus contextos sócio históricos e os colocará diante da própria história social.

Outro desafio para esse educador é de como irá reagir o ser colocado frente a frente com o método que o faz sair da “zona de conforto”, de um planejamento fechado, enxuto, “sólido”. Um processo de reeducação é imprescindível para um resultado que possibilite o enriquecer também do próprio educador de história.

Uma sintonia fina entre a instituição, seus objetivos em utilizar aquele determinado método que envolve o uso da PSA o educador, é necessária. Com essa “ligação” é possível que ocorram, de maneira mais proveitosa e positiva, as adequações necessárias aos envolvidos. É um método que realmente envolve e mexe com a parte humana do profissional da educação, pois aproxima de forma intensa os aspectos teóricos, da prática e dos sujeitos/educandos.

Os resultados aparecem de maneira clara, quase explícita no decorrer do desenvolvimento da prática e isso ocasiona um processo de modificação também no educador envolvido diretamente nessa didática. Essa menção se faz importante, pois foi na prática o que ocorreu junto ao projeto que ora narra-se nessa pesquisa e que pode servir de direção para outros profissionais do ensino de história.

A efetiva possibilidade de uso das histórias de vida, do passado que envolve os contextos sócio históricos dos alunos e fazer a ligação com os conteúdos disciplinares da história organizados a partir desses relatos de vida, é considerar o sujeito como produtor de história e mais, como um cidadão com reais possibilidades de mudar seus contextos de vida através desse método de escolarização.

Além disso, abrir o espaço para o uso dessas narrativas no ensino de história conduz a possibilidade de criação de uma consciência crítica através do mecanismo de análise, reflexão e produção de materiais. Consciência essa que é acionada através do “enxergar-se” dentro da rede temática e dentro dos contextos históricos trabalhados a partir dos desdobramentos daqueles elementos extraídos das próprias histórias desses cidadãos. Para Oliveira:

“Tanto Freire quanto Rüsen, comentam sobre o desenvolvimento do pensamento, raciocínio, aprendizado e consciência, mas os dois fazem ressalvas quanto a preconceitos pejorativos relacionados às formas de atribuição de sentido. Uma vez que a curiosidade para Freire é um fenômeno vital, assim como as carências de orientação em Rüsen são inerentes à vida humana em sociedade, cada forma de consciência é precedente da outra, na visão freireana, a consciência crítica é a melhor forma de relação com a realidade, e a maneira como Freire explica tal criticidade, é muito próxima da preferência de Rüsen, em relação a forma ontogenética”. (2012 p. 145).

## 5.1 O EDUCANDO COMO SUJEITO HISTÓRICO

Escrever sobre o sujeito histórico, aquele que teoricamente, a grosso modo, sabe que constrói sua historicidade pressupõe então, que outros indivíduos não terão a mesma condição de elaborar de produzir história. A produção histórica como inerente ao ser humano é um fato, entretanto a consciência histórica dessa pode de certa forma não ser tão visualizada ou ter o mesmo espaço de entendimento. Lembrando que esses sujeitos antes de estarem no PROEJA encontravam-se “escondidos” socialmente em decorrência de sua posição de exclusão de falta de escolarização. Ginzburg afirma que:

“Cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e os lugares. Existe, antes de mais nada, o nome; mas, quanto mais a sociedade é complexa, tanto mais o nome parece insuficiente para circunscrever inequivocamente a identidade de um indivíduo”. (1989 p. 171-172).

Em se tratando, nesse caso especificamente dos educandos que frequentaram o PROEJA FIC no município de Arroio do Sal no litoral norte gaúcho, e que através do uso da PSA, vinculado ao método freiriano abriu espaço para o sujeito social e nas aulas de história o

uso das narrativas como ferramenta para se obter um aprendizado com significado possibilitou enxergar a história acontecendo e sofrendo modificações em decorrência do espaço concedido. Como menciona o egresso Z.K. (ANEXO V):

“Antes é a Z... é uma analfabeta e hoje pode conversar com pessoa de primeiro escalão público do Estado, do Município, do País e outra e outras... é assim... que tem conhecimento daquilo que está falando, daquilo que ela acompanhou uma reportagem da situação que se encontra hoje certos assuntos né? A gente via matéria na televisão tá... aí já ficava louco pra terminar e olhar a novela... hoje não. Aquela sementinha fica germinando no teu cérebro querendo saber o desfecho daquilo... como vai saber... os deslocamentos daquelas questões então que nem aqui a gente lutar por uma melhoria do nosso próprio município... que tu é coautor de tudo que acontece né?” (ANEXO V).

Faz-se necessário, na visão de Aróstegui, uma reflexão sobre esse educando como um sujeito histórico: “Uma fonte histórica é fonte “para” alguma história; mas uma mesma fonte, indubitavelmente, pode conter informações para vários problemas ou pode ser interpretada de diversas formas”. (2006 p.481).

Nesse sentido Rügen menciona através de sua experiência na área das narrativas históricas e estudos sobre a consciência histórica nos espaços escolares reflexões importantes para sintonizar com os educandos do PROEJA.

“Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno [...] no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E ‘histórico’ significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural”. (2001, p. 79).

A compreensão e o entendimento de que a narrativa também é um espaço positivo dentro da história e do ensino nessa disciplina, implica em enxergar o educando que esteve no PROEJA como um elemento potencial de elaboração de uma historicidade importante dentro da estrutura social que o envolve. Para Prost (2012, p. 216): “[...] as narrativas incorporam sequências descritivas e estruturais; algumas expõem, até mesmo, a evolução de estruturas ou de configurações coerentes [...]”.

Além disso, o espaço aberto nas aulas de história para uso das narrativas atreladas as falas significativas formadoras da rede temática foi pertinente no sentido de em muitos momentos transformar aquele educando em sujeito do fato que estudava, como exemplificou-se

anteriormente nos micro projetos onde foram atores reinterpretando e fazendo releituras importantes dos momentos históricos. De acordo com Le Goff:

“[...] o exemplo de Edgar Morin publicando uma série de artigos no “Le Monde”, no âmbito do acontecimento de maio de 1968, descrição já histórica do acontecimento, de uma profundidade não superada desde então. Quando não se contenta com transformar-se em historiador, o sociólogo-repórter se transforma em história, se confunde com ela, menos observador do que motor, talvez”. (1993, p.223).

Esse elemento que possibilita essa transformação de sujeito passivo dentro do “cenário” sócio histórico para um educando que pode de certa forma, ser um agente dessa mudança é positivo e está, segundo Silva e Zamboni, levando em consideração as direções dadas também pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio em relação à história, quando em seu texto faz menção de que:

“Os sujeitos históricos, que se configuram na inter-relação complexa, duradoura e contraditória das identidades sociais e pessoais, são os verdadeiros construtores da História. Assim, é necessário acentuar que a trama da História não é resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas consequência das construções conscientes e inconscientes, paulatinas e imperceptíveis, de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos. Conceber a História como resultado da ação de sujeitos históricos significa não atribuir o desenrolar do processo como vontade de instituições, tais como o Estado, os países, a escola, etc., ou como resultante do jogo de categorias de análise (ou conceitos): sistemas, capitalismo, socialismo etc. É perceber também que a trama histórica não se localiza nas ações individuais, mas no embate das relações sociais no tempo”. (2006 p.75).

A disponibilidade desses educandos em dedicar-se em suas produções dentro das aulas de história demonstrou que houve em reconhecimento positivo relacionado à própria individualidade naquele local. Nos micro projetos citados anteriormente, fica claro o desejo de tentar fazer o melhor possível, pelo motivo de “enxergar-se” naquela prática de elaboração histórica, para Ó: “Esse desejo de querer mais do que conhecer, de querer também participar no processo de construção do conhecimento, tentando construir artefatos que satisfaçam a si mesmos e que, de alguma maneira, mostrem outras paisagens a serem consideradas”. (2007, p. 179).

As atividades realizadas pelos educandos aproveitando desses espaços didático pedagógicos das aulas de história, que também aproveitavam do método de educação popular freiriano ali utilizado foram muito bem qualificadas e é possível afirmar que as construções reflexivas e analíticas foram positivas. Essa menção é feita para uma melhor visualização do

espaço dado aos sujeitos para a simbiose com os conteúdos de história que foi recontextualizado sim, entretanto não menosprezado, na visão de Monteiro.

“Contextualizações e analogias são alternativas encontradas para possibilitar a compreensão do sentido desejado. Trazer para a realidade do aluno implica encontrar instrumentos para que a empatia abra espaços para superar a própria circunstância e compreender o outro. Desnaturalizar e historicizar o social, estas são ações que fundamentam a ruptura do senso comum e a compreensão do cotidiano com olhar empregado de história. O saber ensinado cumpre seu objetivo de permitir a volta ao cotidiano com um novo olhar, crítico e conceitualmente mais instrumentalizado”. (2007 p.129).

São inúmeros contextos sócio históricos que estão vindo à tona através das narrativas desses educandos que são contextualizadas junto aos conteúdos de história. No caso da Educação de Jovens e Adultos que é aqui o foco, é importante ter o entendimento do uso desses contextos e também da valorização dos inúmeros micro horizontes que se descortinam nessa problematização em sala de aula, justamente por causa que, o educador abre esse “baú” de histórias densas e já cristalizadas nas narrativas. Para Albieri:

“[...] antes de tornar-se público, o conhecimento histórico se acumula ocultamente, assumindo uma forma precisa. Trata-se de uma concepção do conhecimento histórico como algo objetivo, cumulativo, que possa ser controlado e possuído por alguém. Nesta concepção, está embutida a crença de que aquilo que está guardado contém algum tipo de verdade objetiva e inequívoca”. (2011, p. 22).

Outro elemento que é indispensável narrar nessa pesquisa, é que naquele ambiente foi possível durante as aulas de história levantar uma temática muito em sintonia com a chamada pós-modernidade. Usando as histórias de vida daqueles educandos para fazer as contextualizações que criaram os elementos que se utilizariam nas aulas, foi possível levantar um pouco esse véu que permeia a vida dos cidadãos nos dias de hoje. Segundo o egresso M.S. (ANEXO V):

“A gente fazia muito trabalho... trabalho em grupo...eu gosto muito de trabalhar em grupo e mesmo os trabalhos individual tu não passava as coisas no cadernos...Quero muito falar dos trabalhos, porque a gente aprende muito mais quando a gente fala... quando a gente fala do que jogar no quadro e dizer: amanhã eu vou aplicar prova. A gente aprendeu muito mais do que hoje que eu tô no terceiro ano...em história que marcou acho que todas as tuas aulas é muito boa tanto que agente não faltava eu raramente faltei tuas aulas que eram umas aulas muito criativas”. (ANEXO V).

Aqueles homens e mulheres trabalhadores também convivem com as impermanências, com a rapidez dos processos desse momento histórico social e o espaço que possuíam

nas aulas de história puderam desencadear um momento de “ver” o agora acontecendo e, como afirma Reis, desdobrando-se.

“O futuro não pode ser a única realidade histórica legítima, pois virtual, sempre virgem. A vida é o atual que não pode ceder seu lugar à vida futura, por mais racional que esta prometa vir a ser, pois seria uma mutilação do vivido. A euforia da utopia universal é substituída pelo pensamento do limite, da valorização da vida já constituída”. (2003, p. 45).

Um sujeito histórico que não tinha a consciência de “ser” esse cidadão histórico foi encontrado no início do PROEJA FIC de Arroio do Sal. Ali, naqueles inscritos para as entrevistas que seriam ferramentas na aplicação da PSA encontravam-se sujeitos apartados de um processo regular de escolarização. Entretanto estavam ali representando micro mundos com contextos sócio históricos valiosos e que não encontrariam espaço no ensino regular de jovens e adultos, pelo menos naquela região e naquele momento.

Abrir espaço para um educando como produtor de historicidade não é apenas garantir que se conheça seus contextos de vida, seus conhecimentos prévios, mas principalmente, que se tenha uma metodologia para a aplicabilidade dessa historicidade e a vincule à prática pedagógica com o objetivo de dar significado não apenas ao aprendizado dos sujeitos, mas a sua permanência e trânsito no ambiente escolar. De acordo com Freire:

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão de outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu”. (1996, p. 41).

Ali naquele ambiente, o educador pode se deparar com o sujeito resultante de alguns contextos históricos elencados para um melhor entendimento da importância que teve esse espaço de escolarização do litoral norte do RS.

## 5.2 O ENSINO DE HISTÓRIA, A NARRATIVA E O APRENDIZADO SIGNIFICATIVO.

O ensino de história e seus desdobramentos nos últimos anos, bem como os espaços conquistados pela história cultural, os novos métodos didáticos e as outras perspectivas de uso dessa disciplina no ambiente escolar norteia um caminho mostrando que também na educação de jovens e adultos há espaço valioso para que essa disciplina caminhe no sentido de trazer significação aos sujeitos que com ela se deparam, como escreve Monteiro (2007, p.115) exemplificando a importância desse espaço significativo “buscar romper a naturalização da história que emerge do trabalho com a cronologia linear”. A menção do egresso Z.K. (ANEXO V) descreve:

“Foi importante porque eu vejo hoje as nossas crianças aprendendo na escola e muitas vezes a gente acompanha aí no município tem algum diferenciado, mas a gente saindo daqui... tem o meus netos que estudam lá em Porto Alegre eles passam aquela encheção de linguiça e não incentivam as crianças a buscar algo nela porque o que é um livro pra minha neta copiar três folhas daqueles livros... a minha neta gasta quase meio caderno e simplesmente ela não entendeu nada daquilo ali que ela copiou... sabe... não tem significado... não tem a mesma coisa que nós tínhamos... que às vezes de uma frase a gente fazia uma aula inteirinha”. (ANEXO V).

A possibilidade de trazer esses micro mundos ao ambiente da escola, ou melhor dar espaço para suas manifestações abre também um horizonte para as reconstruções sociais na comunidade, pois através de suas micro-histórias um outro mundo vai revelando-se e mostrando através de suas mazelas e constituições, possíveis formas de mudanças nos cotidianos onde estão inseridos bem como uma autoria positiva nessa ação que é desencadeada, na visão de Ó, a partir do espaço dado para suas narrativas de histórias.

“O professor que problematiza esse papel poderia oportunizar aos alunos muitos processos criativos que já ocorrem fora da escola, e poderia fazer com que os alunos, de variadas classes sociais e capitais simbólicos, desejem também participar nos processos de construção da cultura atual”. (2007, p. 178).

O papel do educador na área da história passa de um elemento que domina seu saber e o expõe sobre o educando sem considerar o seu microespaço narrativo, para um possível agente de mobilização sócio histórico, como descreve o egresso Z.K. (ANEXO V) “hoje eu aprendi a ter minha própria estabilidade... não quer ir não tem problema eu me arrumo toda bonita... bem feito... ficou maravilhosa e vou. Quem tem que viver sou eu. Indivíduos juntos mas separados... não adianta apenas querer fazer...cobrança demais das pessoas né?” ( ANE-

XO V). Para Revel (1998, p. 26): “Levando em conta em suas análises uma pluralidade de destinos particulares, eles procuram reconstituir um espaço dos possíveis”.

Nesse sentido o uso das narrativas dos sujeitos na pesquisa sócio antropológica que posteriormente deu origem a rede temática usada como base do ensino naquele local e que também é utilizada aqui para dar espaço de pesquisa faz parte de uma evolução que vem ocorrendo já há algum tempo dentro do ambiente de estudos dos teóricos ligados na área da história, entretanto, para Eric Hobsbawm, não é uma novidade apesar das resistências.

“Não há nada de novo em preferir olhar o mundo por meio de um microscópio em lugar de um telescópio. Na medida em que aceitemos que estamos estudando o mesmo cosmo, a escolha entre o micro e o macrocosmo é uma questão de selecionar a técnica apropriada”. (1998 p.206).

Dar espaço para as narrativas desses sujeitos e também para as construções históricas a partir da junção entre seus conhecimentos prévios e a própria disciplina não foi uma deformação da história e isso não quer dizer que tudo é válido na história, ou que qualquer um pode inventar algo e dizer que é histórico, mas sim dar espaço para a historicidade criada com os embasamentos sócio antropológicos desses sujeitos e ligados ou interligados com os embasamentos compartilhados de maneira colaborativa e não imperativa pelo educador. Stephanou afirma que: “[...] são leituras específicas, produzidas por sujeitos concretos, historicamente situados numa sociedade e ligados a diferentes interesses, crenças, portadores de diferentes saberes e envolvidos com diferentes problemas”. (2005, p.166).

Essa maneira colaborativa permeia as atitudes de aspectos didáticos que o educador da área da história fará para tentar dar sentido tanto aos conteúdos que expõe em suas aulas, bem como na produção que esses educandos estarão produzindo nesse espaço que se não bem conduzido poderá não render os frutos possíveis. Para Prost, levar esse sujeito a fazer uma leitura de mundo através dos conteúdos de história e ao mesmo tempo ver-se como um ator/produzidor dessa história é levá-lo a perceber que sua narrativa carrega significados.

“[...] as palavras estão impregnadas de uma cultura...e toda a leitura é, em parte, uma tradução porque a cultura do leitor só raramente é semelhante à do autor. Daí, a dificuldade do ensino e da vulgarização. Escrever história para um público de historiadores é relativamente fácil porque pode se supor no leitor a mesma cultura: no mínimo, é isso o que se presume e despende-se menos esforço na escrita. O que produz, às vezes, textos monótonos e enfadonhos, a exemplo do que ocorre com determinadas teses, cuja redação é deplorável. No entanto, ao dirigir-se a estudantes ou ao grande público, indispensável elaborar um estudo prévio para evitar servir-se de conotações ou alusões que correm o risco de serem enigmáticas”. (2012, p. 249).

O espaço utilizado dentro do PROEJA Arroio do Sal para conhecer as histórias de vida de cada educando que envolviam seus conhecimentos prévios, sua bagagem sócio antropológica, serviu como um elemento facilitador na aplicação de uma didática que favoreceu o humano produtor de historicidade e cidadão que ali se encontrava como relata D.V. “o PROEJA foi muito importante pra gente assim... por ter sido assim...”.

Por parte do educador ao abrir espaço para uso de suas narrativas com e através não apenas da PSA, mas na junção entre esses elementos e o espaço que era propício para isso, pode, conforme Schmidt, resgatar os passados ali presentes e observar sua transformação perante os resultados das atividades realizadas.

“Para que a prática de sala de aula adquira “o cheiro bom do frescor”, é preciso que se assumam definitivamente os desafios que a educação histórica enfrenta hoje em dia. Seria uma das maneiras de se contribuir para que os educandos se tornassem conhecedores da pluralidade de realidades presentes e passadas, das questões do seu mundo individual e coletivo, dos diferentes percursos e trajetórias históricas. Os educandos poderiam adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado”. (2008, p.65).

O educando do PROEJA FIC, pode ter a possibilidade, o espaço para fazer uma junção de conhecimentos do seu passado como sujeito inserido em determinados contextos que foram usados na criação da rede temática, bem como ato de “olhar-se” naquele momento estudando determinados fatos ou acontecimentos históricos à luz de sua própria condição sócio histórica. Nesse sentido, Bittencourt faz a seguinte observação:

“A narrativa oferece tais possibilidades porque não traz a interpretação, mas apresenta o episódio com detalhes e particularidades dos personagens e de suas ações, de modo que, com base nesses elementos, se possa refletir sobre o ocorrido e sentir emoções diante do relato”. (2011, p.142).

É importante lembrar que a média de tempo em que estavam afastados dos bancos escolares era de 35 anos e que abrir um espaço para uma ferramenta de autonomia, nesse caso a narrativa, foi um elemento a ser considerado positivo, pois os conduzia a juntar suas opiniões e reflexões adquiridas na vida além da escola com o saber histórico que ali era apresentado, como menciona o egresso D.V. sobre a sua apresentação de manifesto contra o nazismo:

“[...] tudo isso né... tudo isso é história pra contar... foi muito bom... eu tenho... eu tenho uma resistência grande... mas muito grande contra esse cara (Hitler) sim... mas

a Márcia dizia: - ele tava certo....eu dizia...não estava Márcia... esse... esse exterminador dos judeus ...não foi tudo muito bom...bah! lembro bem dessa noite que a gente fez um teatro lá em relação aos judeus... e o Hitler...o Adolf Hitler..."( ANEXO V) .

Fica clara em sua fala, que além da visão do senso comum relativa ao líder alemão na época pré-guerra, há entre os educandos importantes análises e reflexões daquele momento na Alemanha, inclusive com prós e contras sobre as ações dos nazistas, sendo possível naquele ambiente com o espaço para as narrativas. Para Freire, são pequenos momentos como esse que são carregados de aprendizados com significado.

“Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado”. (2011, p.44).

De acordo com os relatos dos educandos que passaram pelo PROEJA FIC, a possibilidade de vincular suas vidas, suas histórias junto àquele ambiente, naquele método, produziu efeitos importantes em suas vidas, não somente como agregador de conteúdos da disciplina, mas como observadores das próprias mudanças como sujeitos sócio políticos onde estão inseridos, como escreve Le Goff (1993, p.228), “o historiador do presente é coletor de fatos e produtor de efeitos.”

São espaços como esse, que possibilitam narrativas únicas de sujeitos que podem agregar conhecimentos sócio históricos únicos e valiosos como escreve Ginzburg (1989 p.152) ao se referir que, por exemplo, “ o caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos”.

Entretanto também é importante que o peso da descoberta desse ser, desse sujeito que antes escondido socialmente pela própria exclusão e agora torna-se um ator seja leve, pois na verdade ele despertou ao enxergar-se e ao ver o produto da relação entre sua vida e os conhecimentos escolares das aulas de história, sendo fundidos em uma mesma “massa” . A escola aqui foi o elo que o levou a acordar, desempenhando o papel de orientadora, norteadora, organizadora dos seus próprios saberes, mas não possui todas as respostas ao sujeito social. Neto afirma que:

“O primeiro cuidado é não imaginar que a escola esteja aí para necessariamente dar respostas para o mundo. Não existe um mundo lá e uma escola aqui que dê respostas a esse mundo que parece estar lá. Existe, certamente, uma instituição chamada “escola” que está implicada neste mundo no sentido mais profundo, no sentido mais íntimo, no sentido até de estabelecer o que é neste mundo. A rigor, não existe essa dicotomia de uma instituição dando resposta ao mundo”. (2003 p.113).

É importante observar que nessa temática que envolve historiadores, o acesso às histórias de vida desses educandos através do questionário sócio antropológico e suas narrativas, suas produções em aula são elementos que colocam o historiador em contato com realidades valiosas e que geralmente não estão disponíveis ou tão acessíveis que possam servir de fontes dentro do ensino de história. Nesse sentido, para Lambert e Schofield, obter essas narrativas também no viés da história é um elemento de poder, pois pode proporcionar mudanças em contextos sócio históricos onde esses sujeitos transitam.

“Os historiadores são influenciados pela distribuição de poder no passado e no presente. A criação, a sobrevivência e a acessibilidade das fontes a partir das quais eles trabalham são resultados e expressões de relações de poder.[...] as fontes disponíveis ao pesquisador proporcionarão um número finito de janelas para o passado. Os historiadores das elites instruídas geralmente terão mais facilidade de encontrar fontes do que os historiadores dos analfabetos, dos pobres, dos oprimidos”. (2004, p. 333).

O desenvolvimento de uso dessas narrativas devem ser acompanhadas com a utilização dos elementos desencadeadores, que foram fornecidos pelos próprios educadores como produtos de seus contextos sócio históricos em suas trajetórias até a chegada na escola, pois estarão enxergando-se dentro da problematização social e histórica, gerando significado em seu aprendizado. Monteiro em suas análises propõe algumas orientações aos educadores:

“Quanto a utilização da narrativa, muitas questões podem ser levantadas: os professores, ao desenvolver suas aulas, agiam como narradores? Construíram narrativas para “contar” a história que ensinaram? Ou trabalharam na perspectiva da história-problema, problematizando e argumentando, criando oportunidades para que seus alunos desenvolvessem suas argumentações?”. (2007 p.124).

Nos tempos atuais, essas orientações que envolvem as problematizações servem também como fator importante junto ao educador, pois o desloca da zona de conforto e segurança, estabelecida pelos planejamentos enxutos e pouco alteráveis que seguem de ano a ano e oportunizam esse profissional a redefinir seus próprios critérios pré-estabelecidos. No caso do professor de história que poderá utilizar também dessa experiência que aqui é descrita, cabe

lembrar de maneira positiva que os tempos atuais demandam novos focos dentro do próprio conhecimento histórico, como defende Reis.

“O conhecimento histórico mais próximo das mudanças pós-modernas atuais prioriza a esfera cultural. A cultura pode ser talvez definida como o mundo das ideias, interpretações, valores, regras, comportamentos, linguagens, representações, sentidos, projetos, lembranças, desejos e sonhos de uma sociedade”. (2003, p. 58).

Olhando pelo viés antropológico, para Gonçalves, quando as bagagens dos educandos foram “abertas”, possuíam riquezas infinitas, patrimônios seus, de vários níveis, para vários aproveitamentos dentro daquele espaço, que ao se misturarem promoveram não apenas construções, mas reconstruções de inúmeros contextos a nível social, histórico, político, cultural entre outras tão importantes, a partir das narrativas utilizadas nas aulas de história.

“[...] os patrimônios podem assim exercer uma mediação entre os aspectos da cultura classificados como “herdados” por uma determinada coletividade humana e aqueles considerados como “adquiridos” ou “reconstruídos”, resultantes do permanente esforço no sentido do auto-aperfeiçoamento individual e coletivo”. (2005, p. 28).

A ligação entre o espaço dado para as narrativas e o aprendizado com significado nas aulas de histórias, se originaram dessa ferramenta provocadora que é justamente a evocação das bagagens sócio históricas acumuladas pelas experiências desses sujeitos em sociedade, e suas provocações junto aos aspectos históricos trabalhados em aula que mexem em uma estrutura pedagógica bastante ampla, como descreve Monteiro.

“[...] uma temporalidade: existe uma sucessão de acontecimentos em um tempo que avança; unidade temática: garantida por pelo menos um sujeito ator, individual ou coletivo, agente ou paciente; transformações: os estados e características mudam; unidade de ação através de um processo integrador; de uma situação inicial se chega a uma situação final, a um desfecho através do processo de transformação; causalidade: há intriga, que se cria através das relações causais entre os acontecimentos”. (2007, p. 130).

Levando em consideração a importância do aprendizado em história ter significado para o educando, e com isso desdobrar-se em um sujeito que poderá enxergar-se como um ser social e produtor de historicidade, foi de fato importante e marcante naqueles sujeitos e comunidade, o uso das narrativas nas aulas de história. Foi um elemento orientador na escolha e condução dos temas que foram trabalhados junto aos micros projetos

Nunca antes foi tão pertinente e tão importante, até propositivo, que o aprendizado nas aulas de história possua significado. Se durante muitos anos as aulas de história mantiveram um certo padrão de ensino conteudista focada em uma identidade que mostrava uma realidade muitas vezes distante dos educandos, hoje não é mais aceitável permanecer e repetir apenas o modelo pré existente e consolidado.

As lutas e avanços ocorridos dentro da própria forma de escolarizar que passa pela LDB, PCNs, DCNs e atualmente no PNE, trouxeram um leque amplo de objetivos que passaram a dar espaço para mundos até então esquecidos. Mais do que abrir espaços para os “micro mundos”, é possível hoje fazer uso dos contextos que formam essas micro histórias e embasam comunidades inteiras pelos país.

Ainda é algo novo na prática escolar como a grande maioria de políticas voltadas aos sujeitos e cidadania, geralmente fazendo parte de políticas passageiras gestacionais e não de Estado, ou seja, vinculadas a determinados períodos com gestores específicos. Essa visão gestora que não cria políticas de Estado e sim mantém políticas específicas por tempos apenas de suas gestões proporcionam uma falta de enraizamento em possibilidades positivas agregadoras em suas comunidades.

Quando observa-se o tempo em que foi criado o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e sua função histórica da época, que era buscar a criação de uma identidade nacional com o ensino atual na área de história, percebe-se que degraus difíceis foram galgados dentro do país, afinal é natural a resistência a transmissão de conhecimento que pode de certa maneira gerar transformação profunda em nível sócio histórico.

Apesar disso, projetos como o que é narrado nessa pesquisa, demonstram o quanto é importante e positivo a nível social e educacional, ter significado o que é trabalhado dentro do espaço utilizado para a disciplina de história. Pode servir como modelo dentro do ensino dessa disciplina para que exista a possibilidade de entendimento de que o educador de história não é meramente um intérprete do passado atuando entre sujeitos passivos que apenas recebem a “modelagem” dada pelo próprio professor que ali se encontra. Nesse sentido abre-se espaço para ultrapassar o pensamento de White que relacionava essa função do historiador, conforme Roiz.

“Hayden White indicava que a História era um tipo específico de discurso, um artefato verbal em prosa sobre o passado, e nele não haveria nenhum controle experimental por parte dos historiadores (e filósofos da história). A História seria uma re-

apresentação do passado, assim como as fontes utilizadas pelo historiador já o seriam. E por isso ela não seria uma ciência, estando mais próxima da arte, uma vez que seu discurso não era realista e o que os historiadores faziam era uma construção de versões que se diversificavam de acordo com as circunstâncias da época. Ou ainda, de acordo com os lugares sociais de onde estivessem falando, dos problemas que levantavam e os instigavam em suas pesquisas. Para ele a ‘história vivida’ não traria um sentido, ou mesmo uma lógica interna no seu desenrolar, ou mesmo uma racionalidade, que seriam reconstruídas pelo historiador. Os historiadores ao escreverem sobre as sociedades passadas é que produziriam um efeito explicativo, e os acontecimentos seriam convertidos dentro de um sentido, apenas retrospectivamente elaborado, e de acordo com as ‘urdiduras’ de enredo usadas pelo historiador”. (2006, p. 2).

No decorrer dessa narrativa de pesquisa espera-se deixar claro que o que Roiz escreve fazendo menção a White não foi o que aconteceu dentro do PROEJA FIC.

Já foi mencionado inúmeras vezes nessa escrita, mas fica cada vez mais óbvio, que dar espaço para a voz dos sujeitos que estão no ambiente escolar multiplica as possibilidades de um aprendizado que faz a escola ter realmente importância social coerente. Rüsen explicita essa condição vivida pelos egressos em relação a consciência histórica, dialogando com Oliveira:

“As formas de aprendizado diferenciadas por tipos de narrativas deixam-se interpretar (ainda muito hipoteticamente) como níveis no processo de aprendizado, quando este for projetado sobre o desenvolvimento ontogenético como processo de individualização e socialização. [...] A disposição das formas de aprendizado em sua ordem lógica de desenvolvimento deixa-se entender como consequência estrutural de um aumento de experiência qualitativo e duradouro, um aumento qualitativo correspondente de subjetividade (individuação) no trabalho de interpretação da lembrança histórica, e um aumento qualitativo circundante a ambos, garantidor de consenso de intersubjetividade histórica da orientação da existência”. (2010, p. 46-47).

É imprescindível pensar e fazer acontecer a escola humana nos tempos atuais. E o ensino de história é uma ferramenta que possui vínculos importantes com as entranhas da humanidade e seus contextos.

Pensar esse sujeito efetivamente como parte do contexto sócio histórico em andamento e por isso possível de ser alterado o liga diretamente à prática pedagógica inovadora, onde é possível incluir o uso das narrativas históricas, os conhecimentos prévios dos sujeitos ali frequentadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a finalização dessa dissertação que utilizou o formato de narrativa para descrever o que aconteceu dentro do ambiente voltado para educação de jovens e adultos no município de Arroio do Sal, no litoral norte do Rio Grande do Sul, alguns pontos devem estar apresentados e refletidos a partir daquela experiência, para que outros profissionais da área também consigam visualizar e utilizar o que acharem positivo dentro dessa temática.

Essa pesquisa relacionou-se diretamente a área de concentração do Mestrado Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul, que contempla questões relacionadas ao ensino de história e seus contextos. Foi através dessa linha, que o espaço para narrar uma pesquisa de experiência ocorrida dentro das aulas de história em educação de jovens e adultos com o uso das narrativas pôde ser apresentada.

Importante salientar que como consta no corpo do texto, o parceiro representante da política pública do Ministério da Educação naquela oportunidade foi o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Campus Caxias do Sul, que participou efetivamente do suporte desde o início e também da formação continuada dos professores que acontecia paralelamente durante o projeto escolar.

No final do ano de 2012, o PROEJA FIC Arroio do Sal, foi inspecionado em uma visita pelas técnicas do Ministério da Educação, que lá estiveram fazendo observações das instalações, das práticas pedagógicas e também conversando com os educandos envolvidos, o que originou um relatório oficial onde o parecer dado pelas representantes do Ministério da Educação, comparou aquela experiência analisada em Arroio do Sal, com similares outras que acontecem na Província do Quebec, no Canadá.

Durante essa pesquisa houve a tentativa de acesso aos documentos dessa inspeção, visto que alguns educadores estiveram em reunião nas dependências do IFRS, após a visita das inspetoras em uma reunião com a Direção do Campus para justamente ouvir as conclusões que geraram o relatório da inspeção. Entretanto em virtude da mudança de endereço do Campus do IFRS dentro do município de Caxias do Sul, ocorreu o extravio desses documentos. Os originais estão no Ministério da Educação o que não tornou possível em tempo hábil fazer tentativa de uma busca pelos originais.

Essa menção é importante, pois através da inspeção do órgão máximo da educação no país, foi possível aos próprios educadores dar-se conta do tamanho da transformação gerada pelo método de ensino que ali foi aplicado naqueles sujeitos que antes estavam apartados de um processo sócio histórico.

Após essa breve menção direciona-se ao fechamento, propriamente dito, das considerações que se pensa serem pertinentes e que podem indicar a continuação e o aprofundamento dessa pesquisa no futuro próximo. Dentro dos cinco capítulos que formam essa pesquisa, observa-se a possibilidade de um maior aprofundamento e análise dos dois capítulos que se referem ao PROEJA e também dos desdobramentos que vão envolver a PSA, o ensino de história e o aprendizado significativo pela relação desses contextos.

Os outros capítulos que mencionam as análises de políticas públicas, os sujeitos apartados e as demandas de educação também possuem importância, entretanto observou-se que muito já se escreveu dentro dessas temáticas e optou-se por um foco que estivesse de uma maneira mais relacional ligando o programa PROEJA e a PSA com todo o desdobramento que foi ocorrendo a partir da concretização desses elementos dentro das etapas.

O Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos PROEJA que tem seu documento base do ano de 2006 e ampliou originando também o documento de 2007 com o Programa de Integração Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos Formação Inicial e Continuada Ensino Fundamental PROEJA FIC, possuía pontos importantes que atenderiam um segmento historicamente defasado que é a educação de jovens e adultos, quando refere-se à questão de políticas públicas.

Como a educação de jovens e adultos trabalha diretamente com uma gama muito grande de sujeitos que estão à margem do processo escolar, esse programa veio trazer algumas luzes específicas que contemplaram de certa forma aquele “sujeito”, aquele “ser”, que não é somente um trabalhador, ou um possível trabalhador que irá fazer sua função na roda que gira o sistema econômico e produtivo.

Outros programas voltados para esses sujeitos já existiram no decorrer da história desse viés político que liga o sujeito ao sistema econômico. As partes teóricas de cada programa anterior deixavam claro que o mercado de trabalho em si, era o foco para alfabetizar e

também para ampliar a formação desses jovens e adultos que não haviam concluído seus estudos na época ou idade correta.

Temos um retrospecto histórico de descontinuidades nos programas voltados a atender a demandas desse segmento, por não haver uma política de Estado, que não mude quando os gestores mudam. Uma política de Estado que possa tentar se desatrelar dos mecanismos que relacionam somente alfabetizar-se ou retornar a estudar com o trabalho.

Mencionando especificamente a aplicação do PROEJA FIC em Arroio do Sal, pode-se afirmar que ele fez a diferença naqueles sujeitos, pois se utilizou de um método que não era até então utilizado em outra instituição daquele município. Lembrando que o município era atendido com a EJA na modalidade Ensino Fundamental por uma escola vinculada ao Estado do Rio Grande do Sul, possuindo em sua maioria estudantes dentro de uma faixa etária mais jovem do que aquela que foi atendida junto ao programa aqui descrito.

Percebeu-se através das falas durante as entrevistas feitas durante essa pesquisa quando em visita aos egressos, que a parte humanizadora do programa aconteceu. As aulas conseguiram ultrapassar o sentido apenas da escolarização, vinculado geralmente ao transitar no ambiente escolar e atingiu o micro mundo dos sujeitos que englobava família, relações sociais, políticas, culturais modificaram.

Houve a contribuição para que os sujeitos tornassem sua inserção social ativa, pois dentro daquele espaço escolar ocorreu a formação de uma nova consciência, mais crítica e reflexiva. Formaram-se auxiliares de cozinha, porém, além disso, novos cidadãos, agora embasados tecnicamente, teoricamente e com um novo olhar, não mais de ser excluído, mas de um sujeito social ativo, participante dos processos por enxergar-se apto.

O PROEJA FIC abriu a possibilidade legal de usar as identidades, culturas particulares e apesar de não ser uma novidade a nível nacional, também não é uma unanimidade em nível de política pública, o que infelizmente ainda abre espaços para as velhas práticas excludentes nos ambientes escolares voltados para a EJA.

Naquele momento o PROEJA FIC fez a diferença na vida daqueles sujeitos moradores do litoral norte do Rio Grande do Sul, entretanto também é necessário mencionar alterações que ocorreram dentro das políticas públicas de EJA, que diminuía a atuação desse programa, priorizando o viés do trabalho com a chegada do Programa Nacional de Acesso ao

Ensino Técnico e Emprego PRONATEC, que surge para ofertar educação profissional e técnica ao ensino médio.

Observou-se que esse novo programa perde para o PROEJA em um viés muito significativo e importante que historicamente sempre foi deixado de lado, que é a função social da educação para jovens e adultos que não puderam estudar na época certa. O viés desse programa não se tornou uma política de Estado e apesar do avanço que ocorreu, pode-se verificar sem um grande aprofundamento que o poder do sistema econômico e produtivo ainda é o que impulsiona determinadas ações governamentais.

Outro ponto importante nessa finalização é mencionar que o PROEJA FIC possibilitou a aplicação da PSA, através das entrevistas e dos questionários sócio antropológicos. O resultado material da aplicação desse método de pesquisa em Arroio do Sal foi muito valioso, como já mencionamos no capítulo 5, pois através dele a base do projeto foi montada.

O uso dos questionários entrevistas, vinculado ao método freiriano possibilitou diretamente o uso das narrativas dentro do ensino de história. O uso dessas narrativas ocorreu por causa desse diálogo entre os conhecimentos prévios dos educandos levantados através da PSA, os conteúdos de história escolhidos através da rede temática e da interdisciplinaridade dos micro-projetos e o método aplicado.

Considerando os resultados observados na elaboração das atividades propostas dentro do ensino de história e também através das entrevistas junto aos egressos, fica nítido que articular um espaço no ambiente escolar daqueles jovens e adultos para trabalhar os conteúdos dentro da história onde a narrativa pudesse ser utilizada foi muito importante

O educando acabou enxergando-se no processo sócio histórico em que está inserido, não apenas na macro história, mas também em sua comunidade. A possibilidade do ensino de história transformar, resgatar e modificar a consciência histórica e crítica foi possível. A aproximação do micro mundo do educando, sua historicidade e o ambiente das aulas de história foi importante.

O papel do educador de história como aquele problematizador, condutor de reflexões e análises foi facilitado pelo fato da intersecção das narrativas no espaço de aula. Em relação à prática didática pedagógica, o fato de haver uma construção coletiva desde o início do projeto, abriu a possibilidade de aprendizado mútuo entre os educadores também.

Como já mencionado na pesquisa, a interdisciplinaridade, ocorreu de maneira efetiva, ou seja, ela realmente se concretizou, pois era gerada com todas as disciplinas e educadores presentes, e não apenas isso, havia o espaço valioso para o debate e para os entendimentos e reflexões entre os educadores no espaço da formação continuada.

Para encaminhar o encerramento dessas considerações, é importante lembrar que o ambiente escolar onde aconteceu o PROEJA FIC de Arroio do Sal, teve similaridades com outros pelo país, em relação às dificuldades inerentes que fazem parte dos contextos escolares.

Foi nesse ambiente que um grupo de professores educadores, realizou suas práticas escolares entre os anos de 2011 e 2013. Houve aprendizado significativo nas aulas de história, espaço para as narrativas históricas, produção de historicidade a partir das aulas, uso dos conhecimentos prévios dos alunos, envolvimento dos educandos junto à comunidade em que estavam inseridos através das suas apresentações de projetos, desenvolvimento de uma criticidade sócio histórica nos educandos despertar de um sentimento no educando de “sentir-se” cidadão em sua comunidade. Esse educando fez suas análises e comparações entre o passado, o presente e o futuro. Pode observar seus fracassos e sucessos como ser humano e também como sujeito que está inserido na história, não somente comunitária, mas no amplo ambiente de mundo.

Essas considerações mencionadas no parágrafo anterior são descritas com base nas saídas de campo que ocorreram durante essa pesquisa ao visitar os lares daqueles egressos e fazer entrevistas com o objetivo de verificar como estavam, ou como passaram a estar após os anos que estiveram frequentando o PROEJA FIC. Percebeu-se claramente na maioria das falas dos entrevistados que ter o espaço para suas narrativas antes (PSA) e depois durante o processo educativo foi um diferencial importante no desenvolvimento de uma visão de mundo mais crítica, mais analítica e porque não dizer um sujeito com uma nova visão sócio histórica.

A partir dessa dissertação é possível perceber que há muito ainda por fazer junto a essa modalidade de educação dos jovens e adultos. Considera-se que houve passos importantes no sentido de resgates de dignidades, de valores, mas ainda existe um grande vácuo no sentido do aprendizado histórico com significado na vida desses sujeitos. Percebe-se uma “sede” de buscar o que já passou, uma ânsia de retornar ao que foi perdido e resgatar algo que sabemos não é mais possível, o tempo. Entretanto também é imprescindível que o educador e

os gestores envolvidos tenham o olhar sensível para as bagagens que cada um desses homens e mulheres trazem consigo e faça uso adequado para as mesmas.

Adequadas no sentido de não serem apenas momentos de resgatar suas histórias, mas considerar que são resultados de sujeitos produtores de historicidade e como tais precisam de orientação, de métodos didáticos inovadores que possibilitem aos cidadãos os espaços necessários para possíveis desenvolvimentos de novas consciências com mais criticidade, elemento esse fundamental para as comunidades onde estão inseridos esses educandos.

Retornar ao ambiente escolar naquele grupo de educandos e observar os resultados que ligaram o ensino de história e o aprendizado significativo direciona outras pesquisas futuras para uma maior abrangência no sentido de englobar outras modalidades como a educação infantil, ensino fundamental e médio, onde essa experiência ligada ao ensino da história pode ser aplicada com resultados dentro da educação, da história e da própria comunidade, tornando efetiva a função do educador de história.

## REFERÊNCIAS

AGLIARDI, Delcio Antônio, PERUCHIN, Bruna, **Educação de pessoas jovens e adultas e a aprendizagem ao longo da vida** ( Inc), Ler e escrever o mundo: a EJA no contexto da educação contemporânea. (Orgs) STECANELA, Nilda, AGLIARDI, Delcio Antônio, LORENSATTI. Edi Jussara Candido, p. 23-40, EDUCS, Caxias do Sul, 2014.

ALBIERI, Sara. **Introdução à história pública**, Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Org, São Paulo, letra e Voz, 2011.

ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa Histórica: teoria e método**, Bauru, SP, Edusc, 2006.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto Imagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Políticas Educacionais e Desigualdades: à procura de novos significados**. Educ. Soc, Campinas, v.31, n.113, p. 1381-1416, out-dez, 2010.

ARROYO, Miguel G. **Fórum Regional de Experiências e Pesquisa em Proeja**, IFMG, CEFET MG, 14 a 16 de setembro de 2010. (<https://youtu.be/fpN1cVkwZg>).

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular, A Teoria e a Prática de Paulo Freire no Brasil**, 2ª edição, Editora Ática, São Paulo, 1989.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História Fundamentos e Métodos**, 4ª edição, São Paulo, Cortez, 2011.

BORDIEU, Pierre. **Lições da aula**, 2ª edição, 2ª impressão, Editora Ática, São Paulo, 2011.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.

BRASIL, Cristiane Costa, **História da Alfabetização de adultos: de 1960 até os dias de hoje**.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases** 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) . Acesso em 20/06/2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental**, Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, Ciências Humanas e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação, Brasília, MEC/SEB, 2006.

BRASIL/MEC/SEB-Diretoria de Educação de Currículo e Educação Integral. **A política curricular da educação básica**: as novas diretrizes curriculares e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Brasília, junho de 2012.

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <http://www.ibge.gov.br/home/> acesso em 01/08.2015

BRASIL, **Lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967**. www.planalto.gov.br [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L5379.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5379.htm). Acesso em 04/08/2015

BRASIL. **Programa Nacional De Integração Da Educação Profissional Com a Educação Básica Na Modalidade De Educação De Jovens e Adultos. Documento Base 2007**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Agosto 2007, Brasília, DF. 2007. [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja\\_fundamental\\_ok.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_fundamental_ok.pdf). Acesso em 04/08/2015.

BRASIL. **Programa De Integração Da Educação Profissional ao Ensino Médio Na Modalidade De Educação De Jovens E Adultos, Documento Base 2006**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Fevereiro de 2006, Brasília, DF. Documento disponível em [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs\\_docbaseproeja.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs_docbaseproeja.pdf). Acesso em 04/08/2015

BRASIL. **Programa Nacional De Integração Da Educação Profissional Com a Educação Básica Na Modalidade De Educação De Jovens e Adultos**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12288&Itemid=567](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12288&Itemid=567). Acesso em 20/06/2014.

BRASIL. **Rede Nacional De Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada-CERTIFIC**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15266&Itemid=800](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15266&Itemid=800). Acesso em 20/06/2014.

BRUIT. Héctor Hernán, **Os Paradigmas e as Ciências Humanas**, Inc: Cultura Histórica em Debate, Org. Zélia Lopes da Silva, São Paulo, Editor da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BRUYNE, Paul et al. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Clavatta, Maria. Rummert, Sonia Maria. Implicações Políticas e Pedagógicas na EJA, Educ. Soc. Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr-jun, 2010.

CONFITEA, **Declaração de Hamburgo**. Agenda para o Futuro, Educação do Trabalhador, n.1, Brasília, Sesi Unesco, 1999.

CORRÊA, Arlindo Lopes. **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL. 1979.

DESAN, Suzanne, **Massas, Comunidade e Ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis**, A Nova História Cultural.

FÁVERO. Osmar, FREITAS. Marinaide, **A Educação de Jovens e Adultos: Um olhar sobre o passado e o presente**. Inter-Ação, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, jul/dez. 2011.

FERREIRA. Marieta de Moraes; AMADO. Janaína, **Usos e Abusos da História Oral**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

FREIRE. Ana Maria, **Projeto da Escola 2006**, Reconhecer, Recriar, Reinventar, SMED, Porto Alegre, 2005.  
(<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/projeto%20da%20escola.htm>, acessado em agosto de 2015).

FREIRE. Paulo. **A Ação cultural para a liberdade**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia, O Cotidiano do Professor**, Coleção Educação e Comunicação, Vol. 18, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Novos tempos, velhos problemas**. In: Serbino, R. V. et all. Formação de professores. São Paulo: Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano, **Teoria e prática da educação popular**, 3ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1991

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 18ª edição, Campinas, SP, Papirus, 2012, Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

GALLO, Sílvio, *Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação*, Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, Papirus, Campinas, SP, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder, introdução a pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1985.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Tânia Braga, **Estudos sobre a consciência histórica na Universidade Federal do Paraná**. Inc: BARCA, Isabel (Org). Estudos de consciência histórica na Europa, América, Ásia e África: actas das 7ª Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2008. P.123-133

GIACOMONI, Marcello P. e PEREIRA, Nilton M. **Jogos e ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos, **Ressonância, Materialidade e Subjetividade**, As Culturas Como Patrimônio, Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun 2005.

HADDAD, Sérgio. PIERRO, Maria Clara Di, **Escolarização de Jovens e Adultos**, Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14.

HOBSBAWN, Eric J. **Sobre História**, Companhia das Letras, São Paulo. 1998

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**, 7ª edição, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais, o princípio educativo**, In: **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol II, 2001.

LAMBERT, Peter/SCHOFIELD, Phillip; JONES, Aled; WILLIAMS, Gaeth. **Coleção História: Introdução ao ensino e a prática**, Artmed Editora, Porto Alegre, RS, 2004.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

MOLL, Jaqueline e colaboradores, **Caminhos da educação integral no Brasil direito a outros tempos e espaços**, Editora Penso, Porto Alegre, 2007.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010

MONTEIRO, Ana Maria. **Ensino de História, sujeitos saberes e práticas**. Orgs. Ana Maria Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhães, Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2007.

NETO, Alfredo Veiga. **A Escola tem futuro?** Org: Marisa Vorraber Costa, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

Ó, Jorge Ramos do. **Pedagogias Sem Fronteiras**, Orgs. Maria Isabel Edelweiss Bujes, Iara Tatiana Bonin, Editora da Ulbra, 2007.

OLIVEIRA, Ana Paula B. e SILVA, Flavio de Ligório. **Educação de Jovens e Adultos no contexto do mundo do trabalho**. In: SOARES, Leôncio (Org). Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

OLIVEIRA, Thiago, Augusto Divardin de, **A relação ensino aprendizagem como práxis: a educação histórica e a formação de professores**. UFPR, Curitiba, 2012.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: questões atuais em cenários de mudanças**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Orgs). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PAIVA, V.P. **Mobral: um desacerto autoritário I, II e III**, Rio de Janeiro, Síntese, Ibrades, n. 23, 24.

PROJETO PEDAGÓGICO, **Anexo IV Projeto Pedagógico Proeja Fic - Arroio do Sal**, disponível na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arroio do Sal.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**, Coleção História e Historiografia, 2ª edição, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2012.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A problemática da realidade brasileira**. In. ISEB, org. Introdução aos problemas brasileiros. Rio de Janeiro, ISEB, 1956.

REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

RELATÓRIO. Global sobre aprendizagem e educação de adultos, UNESCO, Brasília, 156 p. 2010.

REVEL, Jaques. **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**, Org. Dora Rocha, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROGGE, Jairo Henrique, SCHMITZ, Pedro Ignácio, **Projeto Arroio do Sal: A Ocupação indígena pré histórica no litoral norte do RS**, Revista Pesquisa Antropologia, n.68, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 2010.

ROIZ, Diogo da Silva. Resenha de livro: RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, p 194. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.21, p. 233 - 236, mar. 2006 - ISSN: 1676-2584

RUMMERT, Sonia Maria, VENTURA, Jaqueline Pereira. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil:** a permanente (re) construção da subalternidade-considerações sobre os programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. In. Educar, Curitiba n°29, p. 29-45, 2007, Editora da UFPR.

RÜSEN. Jörn, **Reconstrução do Passado- Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica.** Trad. Asta – Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins, Brasília, Editora da UNB, 2007, Revista História em Reflexão: Vol. 3 n. 5 UFGD Dourados, jan/jun, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o Ensino de História.** Organizadores : Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins – Curitiba: Ed.UFPR, 2010.

\_\_\_\_\_. **El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral.** Propuesta Educativa. n°7, Buenos Aires, FLACSO, 1992, p. 27-36.

SANTOMÉ. Jurjo Torres, **Alienígenas na sala de aula,** Tomaz Tadeu da Silva (Org), Coleção Estudos Culturais), 9º Ed.Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.

SANTOS, Maria do Socorro Ferreira dos. **De Patinho Feio a Cisne: Desafios da Implantação de uma Política Institucional para o Proeja no IFAL,** PPGICH, UFSC, Florianópolis, 2014.

SEFFNER, Fernando. **Aprender e ensina história:** como jogar com isso? In: SOARES, Leôncio (Org). Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOBRE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: **Diálogos Entre Paulo Freire e Jörn Rüsen.** Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica Realizadas de 15 a 18 de Julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Museu D. Diogo de Sousa, Braga.

SILVA, Cristiani Bereta. ZAMBONI, Ernesta. Orgs. **Ensino de História, Memória e Cultura,** 1ª edição, Curitiba, PR, CRV, 2013.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da, **A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas,** PUC, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular.** Organizadora Ana Inês Souza. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Loudes Helena da, COSTA, Vânia Aparecida, ROSA, Walquiria Miranda. **A Educação de jovens e adultos em área de reforma agrária:** desafios da formação de educadores do campo. In: **Revista Brasileira de Educação.** V. 16, n. 46, jan.abril, 2011.

SILVA. Teresinha, **Projeto da Escola 2006**, Reconhecer, Recriar, Reinventar, SMED, Porto Alegre, 2005.  
<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/projeto%20da%20escola.htm> , acessado em agosto de 2015.

SILVA, Tomas Tadeu da Silva (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 9ª edição, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O saber histórico na sala de aula**, Circe Bittencourt (Orgs), 11ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2008.

SCHMIDT, M.A.M.S. **O significado do passado na aprendizagem e na formação da consciência histórica de jovens alunos**. In. CAINELLI, M./ SCHMIDT, M.A. Educação Histórica: Teoria e Pesquisa. Ijuí: Unijui, 2011, p.81-90.

STEPHANOU. Maria. **Teorias e Fazeres na Escola em Mudança**; O ensino de história e a produção de conhecimentos, Porto Alegre, Ed da Ufrgs, 2005.

STEPHANOU, Maria. **Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar**, Revista Brasileira de História, vol. 18, n.36, São Paulo, 1998.

STECANELA, Nilda. AGLIARDI, Delcio Antônio. LORENSATTI, Edi Jussara Candido. Orgs. **Ler e Escrever o Mundo, A Eja no Contexto da Educação Contemporânea**, Caxias do Sul, Educs, 2014.

TEIXEIRA. Anísio S. **A educação e a crise brasileira**, Nacional, São Paulo, 1956.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, F. M. L. **Social Control in Victorian Britain Economic History Review**, 1981, vol 34, pp. 189 – 208.

TORRES, Alessandro Medeiros. **Atos e Relatos: uma história de Arroio do Sal: a relação entre o imagético, a memória e os documentos**, Porto Alegre, RS, Companhia Rio Grandense de Artes Gráficas, 2011

VÍDEO: **Primeiro discurso de Adolf Hitler-1933**. <https://youtu.be/BMYrtOx5vfc>. Acesso em 05.08.2015

VIEIRA, Ana. **A mediação escolar ou sócio pedagógica na construção de uma escola para a (con)vivência: Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, V. 18. nº105. maio/junho, 2012

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, M. L. M. F., DALLA ZEN, Maria Isabel H., MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

XAVIER, Maria Luisa M. **Escola contemporânea**: o desafio do enfrentamento de novos papéis, funções e compromissos. Canoas: Ed Ulbra, 2010.

**ANEXOS**

**ANEXO I – TABELA ANALÍTICA DAS FALAS DOS ALUNOS**

Fala do educando	Tipo de Fala	Visão da Comunidade	Visão do Educador	Elemento Desencadeador	Elementos da Estrutura
1. “As vezes trabalhava bebendo no caminhão”	Descritiva	Colocava em risco sua vida e da comunidade	Falta de consciência e responsabilidade e no ambiente do trabalho	Alcoolismo	-Profissões, leis de trânsito, ética no trabalho, responsabilidade, periculosidade, fiscalização no trabalho, estrutura familiar, drogas lícitas.
2. “Lá em casa se procurar um livro de leitura não se acha, mas de receita tem vários”.	Descritiva e Analítica	Falta de leitura, tendência à culinária.	O gosto pela cozinha lhe aproxima da leitura.	Leitura	Culinária, hábitos de higiene e culinária, leitura e interpretação, origem dos alimentos e da culinária, qualidade dos alimentos.
3. “ Eu quando era pequeno era adulto, era fulano para cozinha, era fulano para cuidar dos irmãos, era fulano para dar banho”.	Descritiva Analítica	Criança com responsabilidade e de adulto.	As crianças deixaram de viver etapas da infância porque foram obrigadas a auxiliar nas tarefas domésticas.	Trabalho Infantil	Estrutura familiar, planejamento doméstico, direitos e deveres das crianças, ECA, exploração do trabalho infantil, conceito de infância, mudanças histórico culturais na infância.
4. “Complicado é serviço, a maioria fica desempregado no inverno”.	Descritiva Analítica	Falta de serviço no inverno	A oferta de emprego varia com a sazonalidade da cidade de Arroio do Sal, descaso do poder público na baixa temporada, não	Infraestrutura	Emprego, desemprego, interesse político, migração sazonal, mercado de trabalho.

			tendo uma política de geração de emprego.		
5. “Agora não tem quem mande, o pai faleceu, agora você pode estudar”.	Descritiva Propositiva	Ausência da figura dominante da família.	Sociedade patrilinial, mulher submissa ao homem.	Família	Relação familiar, violência psicológica, visão machista da família, apoio da família, desenvolvimento pessoal, relação de submissão da mulher, papel da mulher na sociedade atual.
6. “Meu marido é alcoólatra e batia em mim, um dia disse pra ele: enquanto isso fica no casal tudo bem, mas no momento que começar a afetar as crianças te coloco na justiça”.	Analítica Propositiva	Submissão da esposa ao marido.	Submissão à violência doméstica para manter a família, busca dos direitos de proteção dos filhos, a sociedade machista reproduz o poder da intimidação pelo homem na família, a falta de valorização da mulher enquanto ser humano e de direitos.	Violência doméstica.	Drogas lícitas, estrutura familiar, Lei Maria da Penha, preconceito, o papel da mulher X homem na família, autoestima da mulher mãe de família, doenças causadas pelas drogas lícitas.
7. “Aqui para mim é uma terapia, meus	Analítica	A escola como elemento que propicia bem	A escola é importante não só para	Escola	Afetividade, estrutura familiar, valorização da

problemas deixo em casa”.		estar.	aprendizado, mas também para o lado afetivo.		escola, autoestima, inclusão social através da escola, a função social da escola”.
8. “Cidade grande é complicado, é dinheiro pra tudo, pega um ônibus é 2,50, quatro é 10, aqui a gente mata 1 leão por dia, lá mata 2”.	Analítica Descritiva	Custo de vida elevado nos grandes centros urbanos.	Baixo salário. Devido ao aumento da população dos grandes centros há uma maior necessidade no uso de transporte urbano, aumentando assim o custo de vida.	Urbanismo e Migração.	Transporte público, renda familiar, surgimento das cidades e das periferias, camadas sociais, classe econômica, economia, figuras de linguagem, rede urbana, meios de transportes, poluição ambiental.
9. “ daí ele disse: para com o estudo e vamo casá, aí eu tinha 16 anos e nós casamo”.	Analítica Propositiva	O estudo como empecilho para o casamento.	Desvalorização do estudo na sociedade, importância do casamento na época.	Casamento	Valores morais, importância do estudo na sociedade, religião, responsabilidade social, papel da mulher na sociedade.
10. “minha prima disse pra mim ir pra lá, pois os médicos são ótimos”.	Propositiva Analítica	Valorização dos profissionais da saúde.	Mais recursos na saúde com bons profissionais médicos.	Saúde pública	Qualidade de vida, hábitos saudáveis, medicina preventiva, descaso público com a saúde, ética profissional, gestão de saúde (função dos profissionais da saúde, SUS).
11. “Com doze anos tive que parar porque meu padrastrô disse que não sustentava uma vadia em casa”.	Descritiva	Não trabalhar significa um descrédito perante a sociedade.	Autoritarismo e descrédito com relação à educação.	Estrutura familiar	Autoritarismo, violência doméstica, exploração infantil, desvalorização da educação, valores familiares, preconceito, ECA.

12. “Cidade pequena é difícil, o povo ainda não se acostumou com esse tipo de coisa, por eu ser casada com outra mulher”.	Analítica Descritiva	A comunidade é preconceituosa.	A questão da diferença como forma de exclusão social.	Preconceito	Valores sociais, respeito, etnocentrismo, relações homofóbicas, homofobia, união estável entre pessoas do mesmo sexo, estruturação familiar.
13. “quero estudar porque fazendo parte da reunião de professores, eu tenho que ficar quieta, pois falar o que?”.	Analítica Propositiva	Sentimento de inferioridade com relação a expressar – se no local de trabalho.	Dificuldade de inserção no cotidiano, empoderamento da fala diante das pessoas as quais ela se sente inferior.	Comunicação	Educação, cultura, afetividade, ambiente de trabalho, valorização pessoal, medo, vergonha.
14. “naquele tempo ficá grávida era feio. Aí contei para uma prima que espalhou para todos os colegas. Aí fiquei com vergonha e parei de estudar”.	Analítica Descritiva	Que gravidez na adolescência não era aceitável. Vergonha de ser mãe solteira.	Falta de orientação e esclarecimento para lidar com o fato de estar grávida na adolescência e encarar o ambiente escolar e o preconceito.	Família	Questão religiosa, relação familiar, valores morais, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, DSTs, responsabilidade do homem na gravidez.
15. “Eu considero a minha família meu marido e meus filhos, o resto é parente”.	Analítica Descritiva	Família se resume ao marido e aos filhos.	A relação familiar de proximidade se dá apenas com marido e filhos. Os demais integrantes não são vistos como parte do grupo familiar. Isolamento.	Família	Estrutura familiar, afetividade, mágoas familiares, isolamento.

16. “moro aqui há uns 12, 13 anos, fiquei desempregada somente uns dois meses,mesmo assim,fiz faxina”.	Descritiva Propositiva	Boas oportunidades de emprego. Sempre ter trabalho.	Existem diferentes visões sobre o trabalho, bem como alternativas que correspondem ou não às expectativas dos indivíduos.	Trabalho	Desemprego, emprego, qualificação profissional, carreira profissional, Direitos Trabalhistas, sindicatos, conceito de trabalho, histórico do trabalho, reconhecimento profissional, profissões.
17. “Nós morava assim muito longe, tinha que andar 3 km para ir para a escola”.	Descritiva	Que a escola era longe e não havia transporte.	Um tempo em que o descaso dos políticos em relação a educação era muito grande, não disponibilizand o transporte público.	Políticas públicas	Educação,valorizaçã o da escola/ educação, falta de incentivo familiar,falta de perspectiva, transporte escolar.
18. “Com a reciclagem construí a minha casa no meu terreno e deu para construir uma casa para minha filha...tudo o que tenho dentro de casa é da reciclagem”.	Descritiva Propositiva	A importância da reciclagem para melhorar a vida.	Valorizar a reciclagem como fonte de renda e como ferramenta para preservação do meio ambiente.	Mundo do Trabalho	Reciclagem, estrutura do trabalho, preservação do meio ambiente, artesanato, qualidade de vida, renda familiar.

19. “Foi complicado, na época eu tive envolvimento com drogas e fui pego pelos policiais”.	Descritiva	Que ele se envolveu em drogas e foi punido.	Droga é um problema social que têm causas e sérias consequências como: desestrutura familiar, violência, infração de leis, fácil acesso ao dinheiro, falta de limites. Falta de políticas públicas que atendam a juventude	Drogas	Segurança pública “efetivo reduzido”; Políticas públicas para a juventude “justiça restaurativa”; Lazer na baixa temporada; Turismo sazonal; Relações familiares e de amigos; Legislação do usuário e do traficante; Causas e conseqüências para o usuário; Gastos públicos “bolsas prisionais, presídios, clínicas de recuperação; Dependência química.
20. “Eu não quero diploma, eu quero aprender a escrever”.	Propositiva	Aprender a escrever	Buscar conhecimentos além da decodificação para fazer uma leitura de mundo para além do diploma e da certificação.	Aprendizado	Conceito de escola; Escolarização; Conhecimento x Informação; Sabedoria; Certificação; A importância da leitura e da escrita “estudo” Raciocínio e interpretação; Acesso e permanência na escola; Política pública em educação – PROEJA FIC “Seminário de PROEJA FIC”

21. “Eu não me cruzava muito com a gurizada, mas mesmo assim sempre me senti excluído é o que hoje chamam de bullying”	Analítica	Por se sentir inferior aos demais colegas, se autoexcluía.	A exclusão nas relações interpessoais leva as pessoas a carregar consigo consequências negativas para a sua vida que vão ter influências na sua forma de agir.  O bullying é uma forma velada de violência e intimidação.	Autoestima	Bullying; Relações interpessoais; Diferença entre discriminação e preconceito; Violência na escola; Autoestima; Motivação e incentivo (da família)
22. “Na época agente era muito pobre, não tinha. Minha mãe trabalhava pra gente comer”.	Descritiva Analítica	Trabalho para comer- sustento	O trabalho como garantia do sustento diário. Apenas dava para comer , pois o ganho-salário era pouco . A mãe era o alicerce da família.	Trabalho	Emprego Desemprego Salário Subemprego Mulher como chefe de família Cesta básica (preços) Mulher no mercado de trabalho Relações de trabalho Alimentação saudável Alimentação alternativa Modelo produção capitalista
23. “Lazer e divertimento é olhar tevê”	Descritiva e analítica	A TV como único lazer e diversão	A falta de opção e alternativa. A TV traz programas que	Lazer	Sedentarismo x atividade física Atividades e brinquedos antigos Mídia

			despertam sentimentos íntimos das pessoas , as utilizam para manipular, contribuindo para a acomodação.		Saúde pública (doenças causadas pelo sedentarismo-obesidade) Consumismo Modismo Marketing História da televisão-censura..... Alimentação saudável Cidadania Influência da família Avanço da tecnologia Tv como utilidade pública-informação rápida Globalização
24. “Meu pai era pai e mãe, a minha mãe se não desse uma tunda em nós por dia, acho que ela não dormia, tinha que ver sangue”.	Descritiva	De que o pai dava carinho e que a mãe era a que batia	Não havia um equilíbrio do papel do pai e da mãe na família	Família	Violência infantil; Relações familiares; Relações de poder (autoritarismo da mãe e omissão do pai); Mágoas familiares; A influência do histórico familiar na vida do indivíduo (reprodução do exemplo da mãe)
25. “Numa empresa tem deiz pra manda, eu prefiro trabalhar na rua de	Descritiva Analítica	Tem muita gente para mandar e pouca para trabalhar	O trabalho informal gera maior autonomia ao trabalhador. Onde existe a falta de comando, todo	Mundo do trabalho	Emprego e desemprego; Conceito de trabalho; Autonomia; Democracia; Escassez de mão de obra qualificada;

pedreiro”			mundo manda. Falta do sentido correto da democracia.		Autoridade; Assédio moral; Má remuneração; Trabalho autônomo; Legislação trabalhista; Comprometimento com o trabalho.
26. “Eu coloquei a minha mochila nas costas e disse: mãe qualquer dia eu volto e fiquei 5 anos sem aparecer lá”.	Descritiva	Busca por alternativas de melhor qualidade de vida.	Perda do vínculo familiar em busca de aventura, de qualidade de vida e de novas experiências.	Migração	Tipos de movimentos populacionais e suas causas; Conceitos de Emigração e Imigração; Grupos Étnicos no Brasil; Meios de transportes; Família; Mudanças culturais; Miscigenação; Estudo histórico dos deslocamentos;
27. “Começa pela cachaça, aí tu já tá tontinho e vem os caras oferecem a droga, ai agente aceita”.	Descritiva Analítica	O álcool é a porta de entrada para as drogas.	O álcool também é uma droga. O acesso fácil ao mesmo e seus efeitos facilitam a aquisição de drogas ilícitas.	Alcoolismo	Drogas lícitas e Ilícitas; Dependência química; Alcoolismo; Sintomas do uso de drogas; AA`S; Família; Doenças causadas pelas drogas (cigarro, álcool, etc) Estatística Municipal do alcoolismo;

28. “Eu trabalhei de babá 4 anos e não tenho vergonha de contar, eu cuidava da casa e fazia a comida”.	Descritiva	O trabalho de babá geralmente é executado por pessoas do sexo feminino.	Os cuidados do lar ainda são vistos com olhares preconceituosos quando exercidos pelo homem.	Preconceito	Papel da mulher e do homem na família Estrutura familiar Planejamento doméstico Relação familiar Etnocentrismo Preconceito Direitos e deveres na sociedade Infância Responsabilidade
29. “Os carrinhos que agente tinha eram feitos de lata, e o meu filho pede até hoje pra mim fazer um pra ele por que ele ouvia agente falar”.	Descritiva Analítica	Além dos brinquedos atuais serem mais sofisticados, o acesso aos mesmos tornou-se mais fácil.	Os brinquedos atuais não estimulam a criatividade das crianças.	Infância	ECA Consumo Globalização Folclore Cultura Lazer Reaproveitamento de materiais Infância Ludicidade
30. “A gente via que o pai não queria levar agente, mas agente tinha que ajudar, às vezes frio, chuvizando e agente ia pescar”.	Descritiva Analítica	Devido às dificuldades financeiras todos os membros da família deviam ajudar nos afazeres.	No passado devido à escassez de recursos as crianças tinham que trabalhar, não tendo oportunidade de aproveitar sua infância.	Exploração do trabalho infantil	Conceito de infância Dificuldades financeiras Alternativas de trabalho Fiscalização do trabalho Direitos e deveres das crianças Ética no trabalho Responsabilidade Mudanças históricas culturais na infância Afetividade Fontes econômicas

					Profissões
31. “Minha filha, já que tu não estudou você tem que ser uma excelente dona de casa”.	Descritiva Analítica	Na falta do estudo a alternativa é ser do lar.	A valorização da mulher na sociedade está diretamente ligada ao estudo.	A importância do estudo	Autoestima Importância do estudo na sociedade Inclusão social através da escola Direitos da mulher Papel da mulher na sociedade Relação familiar Submissão da mulher Acesso ao mercado de trabalho através dos estudos Incentivos aos estudos (programas)
32. “Meu pai é pai de 22 filhos e foi casado 2 vezes”.	Descritiva	No passado o número de filhos por família era maior do que nos dias atuais.	A partir do momento em que as famílias começaram a preocupar-se com a questão econômica limitou-se o número de filhos.	População	Controle de natalidade Políticas públicas Medicina preventiva DST'S Responsabilidade social População Bolsa família Qualidade de vida Saúde pública Responsabilidade do homem na gravidez Autoestima da mulher

**ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCANDOS DO PROEJA  
FIC ARROIO DO SAL**

- 1- Você ainda mantém contatos com seus ex colegas do Proeja? Quais?
- 2- O Proeja foi importante para essa convivência se tornar uma amizade duradoura?
- 3- Qual o momento/quais momentos em sala de aula que mais marcou/marcaram você?
- 4- Se você fosse divulgar o curso que você fez na época quais os elementos destacaria
- 5- A experiência de ter passado pelo Proeja fez alguma diferença no cotidiano da família?
- 6- No cotidiano profissional, individual, como cidadão, como sujeito que produz história na rua onde vive, no loteamento, no círculo de amizades, etc
- 7- A ideia de usar as histórias de vida de vocês dentro do projeto, serviu para alguma coisa? Você se enxergava naquele método que ali era executado?
- 8- Com relação as aulas de história o que mais marcou você? Por quê? Detalhes
- 9- Qual a contribuição do Proeja em sua vida?
- 10- Hoje, com sua experiência, se tivesse que voltar a frequentar o Proeja novamente, você iria? Por quê?

**ANEXO III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu.....Egresso do Projeto Proeja Fic Arroio do Sal, autorizo o uso de MINHA imagem, som da voz e material escrito PRODUZIDO EM AULA NO DIA ..... e ENTREVISTA REALIZADA PELO PESQUISADOR DILNEI ABEL DAROS EM ..... na pesquisa intitulada “Proejando com os saberes: aprendizado significativo com a utilização da pesquisa sócio antropológica no ensino de história”, realizada dentro do Mestrado Profissional em História na Universidade de Caxias do Sul.

-----

## ANEXO IV - CONCEITOS DE AVALIAÇÃO PROEJA FIC ARROIO DO SAL

Escrita – Coerência gráfica.

Expressão de ideias- opinar, expressar de forma clara as diferentes linguagens artísticas, culturais e gráficas.

Relação teoria X prática – relacionar o conteúdo estudado com a realidade vivida pelos alunos

Interpretação – entender e compreender as atividades propostas

Trabalho em grupo- convivência, respeito mútuo, cooperação.

Participação- interesse, engajamento nas atividades, criatividade.

Responsabilidade- entrega de trabalhos, comprometimento com as atividades.

Criticidade- argumentar, ter posicionamento, defender seu ponto de vista com fundamentação.

Coerência de ideias- capacidade de relacionar, assimilar um assunto com outro e entre os eixos dos saberes.

Assiduidade- Frequência nas aulas.

Aplicação prática das técnicas trabalhadas.

Identificação- Reconhecimento de uma coisa ou de um indivíduo com os próprios.

Expressão dos resultados- análise da resposta do problema, como ela foi expressa e também a exatidão.

## ANEXO V - TEOR DAS ENTREVISTAS DOS EGRESSOS

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM EDUCANDO DO PROEJA FIC AR-ROIO DO SAL

#### A - Nome: M.R. Data da Entrevista 12.07.15

**Dilnei:** muito bem... hoje é 12 de julho...estamos aqui com a M.R. ex aluna do PROEJA FIC e vamos iniciar essa entrevista nesse domingo que será utilizada para escritas dentro do mestrado em história na Universidade de Caxias...bom M. ainda mantém contato com seus colegas do PROEJA?

**M.R.** sim muitos deles...muitos sim...eu acho que o PROEJA foi importante...assim amigo de todos..amizades novas e que essas amizades PROEJA são mais duradouras digamos assim...eu fiz amizades novas... eu conhecia uma pessoa...eu acho uma só...esses laços bons até hoje de amizades eu fiz lá...são duradouras.

**Dilnei :** a gente teve vários momentos em sala de aula...quais momentos foram mais marcantes pra ti e por que eles foram marcantes?

**M.R.:** que me marcaram...todos os momentos marcaram lá...durante aquele tempo...teve um momento da minha colega...que ela tava contando a história dela que eu jamais vou esquecer...que ela tinha vontade de estudar...os pais não deixaram e ela tinha que caminhar até 16 quantos quilômetros...caminhando no barro e que ela tava muito feliz porque ali era tipo se fosse naquela idade de menina realizando um sonho de ganhar a primeira boneca...que era assim um sonho realizado aquilo...nossa foi muito marcante aquele dia...e quando às vezes assim a gente estava conversando teve uma aula da professora A. que...todo mundo começou a se abrir um pouquinho...foi tão intenso que todo mundo começou a falar coisas fortes assim de família...coisas...e quando a gente percebeu todo mundo com lágrimas...porque olha o tamanho da liberdade que as pessoas tinham...se conhecer em tão pouco tempo se abrindo uma com as outras assim chorando e entendendo um pouco né? o mundo um do outro...era um espaço que além da escola era o espaço humano...humano sim nossa...muito humano...as pessoas eram abraçadas...assim mas às vezes até nem no lar...porque como a gente convive todo dia a gente tá olhando a pessoa todo dia...então se ela tá normal...se ela tá conversando aos nossos olhos ela está bem...e ali a pessoa tinha tamanha liberdade...tamanho calor humano que ela conseguia né? se abrir conversar... não era só uma aula...então...tinha um sentimento di-

gamos assim...sentir como se tivesse mais que família...talvez às vezes...às vezes sim...tenho certeza às vezes mais que família...porque eu vejo pela minha vida...às vezes quando a gente está numa crise existencial...vai falar tipo deixa de ser boba não é assim...ali não tinha ninguém preparado...creio até que nem mesmo os professores estavam preparados porque a pessoa chega e te abre assim uma coisa forte da vida dela é um choque...foi assim... tinha um calor humano que era possível de abraçar aquele...esse confortar...acalantar então era uma aula de vida mesmo...uma aula de vida...de aprendizado...muito bom.

**Dilnei** : e hoje por exemplo...se fosse divulgar o curso...você falar pra alguém..se tivesse oportunidade de falar para alguém sobre o PROEJA...aquilo que aconteceu na turma de vocês que eu trabalhava lá também...quais os elementos que tu diria assim...olha esse elemento é importante...esses outros elementos são importantes...daquela época...assim que tu iria destacar assim aprendizado assim de tudo por exemplo as aulas de história... a pessoa que perguntaria como é que era a história...enfim todas as aulas também...mas essa é uma pesquisa específica de história...que tipo de elemento destacaria lá ou mesmo dentro curso do PROEJA.

**M.R.:** eu me encantava muito com a intensidade que os professores tu os outros tinham em querer que nós aprendêssemos...e como nós estávamos com a mente assim meio sem entender esse estudo de estudar assim junto...um estudo novo não que ficava só no aprender o que está ali no papel...nas pilhas dos livros...era esse amor te ensinar...de resgatar a história mesmo...coisas que faz a gente de uma certa idade...a memória vai esquecendo e eu ativei muito da minha memória...tem coisa que está sim vivo aqui hoje... assim de história...de filosofia...tanto como nas outras tô te falando porque tá me perguntando...então assim às vezes tu pensa...tá então pra que tu tá fazendo aí com isso dentro da sua cabeça? muita coisa...porque às vezes a gente está assistindo uma entrevista...olhando livro...uma coisa que a gente lembra...há! isso eu aprendi e tendo os filhos em casa eles vêm perguntar e aí tu lembra mais...eu aprendi eu posso te ensinar...eu posso te ensinar...foi resgatado coisas lá que eu hoje não poderia tá falando pra minha filha...alguma coisa que ela perguntou...também outra coisa assim...as aulas de matemática...sim...olha que ensinar matemática para pessoas de idade que já esqueceram tudo como professor P... exige paciência sobrenatural e às vezes ele brigava com os colegas porque ele entrava e nós dizia: ai que dor de cabeça...vou tomar um paracetamol...porque a pessoa começa tem que pensar e você se sente vazio...a gente a pensar aí foi assim...foi isso...ativar o pensamento...as ideias...trazer de volta eu pra mim...além de um aprendizado de vida...como eu falei foi um resgate...a gente quer sempre ter alguma coisa de memória...sempre quero estar na lembrança da história e assim a tua memória...eu já te falei profes-

sor Dilnei sabe data...tanta coisa assim...meu Deus...como é que pode guardar tanta coisa...claro que é tua vida...mas pra nós também foi bom...então assim a experiência de passar pelo PROEJA...a diferença entre o cotidiano de família no seu cotidiano familiar...ter passado por lá nessa área né? recuperar minhas lembranças...pra poder ajudar minhas filhas né? bem... os filhos...é ruim amar e não poder sentar ali do lado e dizer que aprendeu uma coisa da mãe...pelo menos tu tem interesse...tu tem alguma coisa...se não sabe mas vamos procurar lembra né? quando eu tava lá na sala então tu trouxe pra sala isso...que nem tu falou...como que eu divulgaria...como eu atrairia pessoas ao...curso seria uma experiência inovadora na vida delas... eles não estariam só numa sala de aula estudando a letra elas estariam aprendendo a vida

**Dilnei** : assim a M.R no cotidiano profissional... individual...como cidadão...como sujeito somos...produtores de história também...nos teus círculo de amizade foi bom ter passado por lá? Agregou? tu acha que tu passou a ser uma outra M.R? em termos das questões do conhecimento de lá essa...ativação de memória que tu falou...

**M.R.** : ativou memória e claro conhecimento no meu cotidiano de vida...que nem eu falei pra escrever minhas histórias...porque agora eu posso escrever...eu fiz o PROEJA FIC...que foi uma coisa totalmente inovadora...é diferente e também uma coisa que ficou forte...um ganho de amizade...hoje eu passo pelas pessoas...mesmo aquelas que eu não tenho contato direto...e me pegam pelo braço...vem cá vai lá em casa pra nós conversar e ali a gente já se combina...um cafezinho...um bolinho... e como a gente...olha só...a gente tá aprendendo...e a gente fala de lá...ah! que tempo bom né? e lembra então...me ajuda a lembrar o outro...e outros assuntos...outras coisas... daí pensa? olha só o que começou ali...daqui a pouco tu está dentro da casa da pessoa tomando um cafezinho com bolinho... falando que tu aprendeu isso...que estudei aquilo e falando de pessoa...às vezes podendo trocar experiências boas... pra minha vida foi boa a nível de de eu.

**Dilnei** : tu acha assim... que lá nós usamos as histórias de vida de cada um de vocês... vocês foram entrevistados e filmados...não sei se tu lembra?

**M.R.** . lembro...eu quase desmaiei naquele dia.

**Dilnei** : então era um método... não é novo... mas é um método diferente...é um método que começou suas raízes lá nos anos 50 em Pernambuco com o Paulo Freire...sempre respeitando aquela coisa do ser humano e tal e ali foi usado assim... tu acha que serviu alguma coisa usar a história de vocês? tinha aquela rede temática...os micro projetos...as falas de vocês.

**M.R.** . sim aquilo... acho que foi importante fazer...isso de você fazer o contato...acho que foi sim bem importante...porque daí...aliás...foi muito importante...porque os professores e os organizadores eles não formaram um curso... uma EJA... eles formaram uma aula preparada para aquelas pessoas que queriam... então pegaram a história minha...mais a do L. da M. e ali ele sabia o que tinha que levar para aquelas pessoas...até tinha uma senhora que estudava com nós recicladora...ah! isso... isso... mãe da D. que depois ela continuou... mas eu me lembro que um dia ela disse assim: eu sou catadora de lixo e muitas vezes a gente como vive disso...a gente abre a sacolinha de lixo higiênico e tira um frasco de xampu de dentro...pra gente que não tem reciclagem ela falou assim dentro da minha cabeça aquilo... então assim...pode parecer que não... mas aquilo que eu ouvi...se eu não soubesse...se ela não tivesse a oportunidade de contar a história que era recicladora...foi vital pra minha mente...e até hoje não estaria apta para separar lixo numa cidade que não tem reciclagem...do frasquinho de shampoo...do lixo higiênico...porque tem uma senhora que depende...depende...depende a alimentação dela da atitude minha...então é uma coisa pequena mas marcante...porque tu vai arrumar seu lixo e pensa em uma pessoa que vive disso...e eu misturo tudo aqui...e ela tem que abrir a minha sujeira pra tirar o alimento pra ela...então assim... mas porque eu soube da história da aluna na aula...se eu não soubesse a história que ela vive...eu até hoje...eu não iria saber atualidades...é um detalhe pequeno que faz a grande diferença...que não me pertencia...é um detalhe...mas que mexeu em ti e pode mexer ali fora também...isso mesmo...eu falo ali fora porque pra mim é uma cidade que não tem coleta seletiva...e o que eu faço? eu botava tudo dentro do mesmo lixo e pronto...era minha consciência...aí de repente tu entra numa sala de aula e uma colega que sobrevive do lixo fala isso né? aí tu vai pra casa já pensando... eu nunca ia saber...mas porque ela tava contando a história dela falou isso...Espírito de Deus.

**Dilnei** : e com relação às aulas de História lembra alguma outra coisa...algum assunto... alguma forma de trabalho que aconteceu...que te lembra.

**M.R.** eu lembro de uma coisa... uma reportagem... um projeto que vocês fizeram...um jornal ...uma reportagem...a cidade da luz ao menino de rua...uma coisa assim...foi muito marcante...eu gostava de aprender as coisas lá de fora...da África...lembro também uma coisa que me chamou bastante atenção...foi como a gente lida bastante em drogadição...foi o polígono da maconha... contou toda aquela história...chamou atenção aquele nordeste...entra droga ali pela fronteira... esse é um dia que eu nunca vou esquecer...assim parece que eu visualizo... estava explicando no mapa e tal as coisas e daí tu disse assim vamos fazer o seguinte: vocês vão ver uma coisa agora... botou os dois mapa no chão...no chão da sala.... aqui... aqui... aqui...eu dis-

se: olha só professor botar mapa no chão e sentou no chão pra nós entender bem direitinho...quero a rota e tal...e pra mim aquele dia foi muito forte porque eu fiquei analisando...tem que ter carinho né? com pessoas de 60 e poucos anos tu tem que uma estratégia...carinho né? e tu não se intimidou ...não sabe se o chão tava sujo ou limpo... tu botou lá...sentou e ficou lá sim...assim...assim...assim...o que eu vi que foi esclarecedor...a decisão de sentar nos mapas teve um significado fundamental com certeza...porque daí a gente já ouviu os colegas dizendo agora sim...e tal...então foi forte pra mim...foi forte.

**Dilnei** :e a contribuição do PROEJA pra tua vida? se daqui a 40 anos lembrar qual é a contribuição do PROEJA pra ti.

**M.R.** . me amadureceu...porque me amadureceu? porque a gente sempre tem aquela mente fechada...ah! isso não vai dar certo...o que querem saber da minha vida...o que que eu faço...o que eu não faço...o que eu fiz...na entrevista quanta pergunta...tu chega armado e quando tu entra sim no projeto...na educação...que coisa...aí tu amadurece... como se tu vai pra frente...eu me lembro...me lembro o tempo todo...até ontem fui pegar uma borracha...os material...e daí eu me pego olhando e dá saudade...dá saudade porque a gente não ia só para uma sala de aula a gente ia para um lar...para uma família...uma família nova...família PROEJA...então não tem como esquecer...está cativo aqui na minha cabeça pra sempre.

**Dilnei** :uma palavra que ouvi de outros colegas teus ontem a palavra família...porquê?

**M.R.** .Por que qual é o lugar que hoje tu te considera com liberdade? É na tua família...é daqueles que te conhecem...se tu quer vir a ser forte...até chorar ela é tua família...tu não sai na rua adolescente...jovem...adulto... os que estão estudando no sistema normal não vai entrar na sala e começa a chorar e falar...hoje aconteceu isso pra mim...não tô legal...lá estava do lado de uma pessoa... daqui a pouco te olhava ela dizia assim: não tô legal hoje...a pessoa já chorava...já conversava contigo...daí era uma família...só tem liberdade assim quando é família...quando existe uma confiança na pessoa... não se tem liberdade...não tem confiança...lá as pessoas começaram a confiar uma nas outras...

**Dilnei** : E hoje com a tua experiência se tu tivesse que voltar a frequentar o PROEJA novamente iria? Porque que tu iria?

**M.R.** se eu tivesse que voltar para o PROEJA eu iria sim...nossa...ia pra buscar mais experiência ainda... porque nesse tempo ali eu adquiri conhecimento...aprendi coisas de uma maneira tão real...de uma forma que às vezes os professores tentam ensinar pro aluno e não conseguem...então eu voltaria pra conhecer pessoas...até os professores... ficou uma coisa boas...trouxe uma coisa boa pra nós...pra nossa vida...então eu voltaria... pra mim não digo res-

gatar...mas voltaria pra dar continuidade...igual esse projeto não tem... não tem...é verdade...eu voltaria pra isso...pra dar continuidade...seguir... foi muito bom.

**Dilnei:** então a gente está encerrando a entrevista...agradeço então M.R por essa entrevista feita no dia 12 de julho domingo entrevista para mestrado em história Universidade Caxias Muito obrigado.

**B - Nome: Z.K. Entrevista 24.07.15**

**Dilnei:** Nós estamos aqui com a Dona Z.K. que foi aluna do PROEJA FIC Arroio do Sal e queria pedir assim a senhora ainda mantém contato com seus colegas?

**Z.K.:** sim é com a M.S. com a M. e de vez em quando a Dona D., com a M.C., a M.L. com a L. com a C..

**Dilnei:** verdade a C..

**Z.K.:** ela mora Estrada do Mar...ali...marido dela trabalha na B.Móveis.

**Dilnei:** A Sra tem o telefone dela por acaso depois?

**Z.K.:** eu tenho telefone da cunhada dela que é a senhora que faz trabalhos aqui em casa pra mim...então assim a gente mantém contato né... as minhas outras colegas seguiram estudante eu não pude...porque eu tive que voltar... tu soube que eu passei um processo de cirurgia de novo ano passado né... bem sério... porque eu fiquei assim cresceu uma bola desse tamanho da minha barriga e eu caí um tombo dentro do supermercado macromix e rompeu aquela tela que eu tinha na barriga e minha buchada saiu pra fora...e eu tive que fazer uma cirurgia séria... colocar uma tela de quase 40 mil na barriga pra poder segurar...porque eu não tenho mais elasticidade de tanta cirurgias que eu já passei né...então... e elas vamos vamos estudar vamos continuar os estudos eu disse não: mas eu não posso primeiro eu tenho que me tratar né...então eu acompanho elas diariamente pelo Face...elas estão se formando agora né... eu sempre mandando palavras de incentivo pra elas...que elas continuem né...que muitas vezes a gente diz não vai aproveitar profissionalmente usar esse estudo que a gente está tendo...algumas falaram... e eu disse olha... não é aproveitar pra tirar, como é que eu vou te dizer assim um ramo profissional de sustento né?...porque a maioria ali já são né... mas o teu ego pessoal, a tua busca de conhecimento de se sentir mais gente sabe...eu... o pouquinho que eu fiz que eu fiz ali no proeja eu hoje me sinto bem mais qualificada pra conversar com qualquer um pra escrever o que for preciso ...eu mesma já procuro me policiar quando eu escrevo alguma coisa eu primeiro fiscalizo pra ver se não está indo nada errado né... eu procuro sempre antes eu escrevia alavontê ...hoje não... hoje eu sei começar uma frase... eu sei pontuar essa frase né... eu sei começar um assunto e terminar o assunto de forma que não fique uma coisa sem conexo... eu acompanho pela televisão o noticiário o que tá acontecendo no meu país ...fora do meu país né ...a força econômica de que tá passando o Brasil...a Argentina né...a Inglaterra as coisas assim sabe...eu procuro me instruir eu mesma pra saber depois o que que eu vou conversar ..até com o neto que estuda né... então eu acho assim que buscar cultura

...buscar aprendizado não tem idade não tem época... a pessoa não é teu marido nem teus filhos nem ninguém que ganha com isso é tu mesmo.

**Dilnei:** Como um ser, um sujeito.

**Z.K:** É... assim eu gosto muito de ler ...eu leio muito... eu tenho muita sede de ler...de conhecimentos ...de coisas... eu estou sempre buscando nada passa por mim nem um rótulo de margarina que eu não leia primeiro pra ver o que né... Eu acho que o proeja me serviu assim de um caminho assim...para abrir os horizontes... de mim próprio...

**Dilnei:** A Sra acha que nessa relação de amizade o proeja também foi importante pra essa convivência, aquela amizade ficar mais duradoura?

**Z.K:** Acho que sim... sim porque todas nós que agente tava ali né... cada uma tem uma vivência de vida... Eu também seguido me encontro com a J. sabe...então assim a gente tem as nossas histórias de vida né... eu passei agora no fim do ano por uma situação bem difícil... sabe do problema do filho mais velho pai desse menino tem né... ele foi embora pra Canoas com filho de um vizinho importante... o nosso vizinho montou uma oficina mecânica lá e ele como tem paixão por carro e é um excelente chapeador e mecânico ele foi pra lá trabalhar... só que juntou a fome com a vontade de comer... o rapaz também porque tem dinheiro acha que a vida é só dar um tapa no cego e sair andando...e o meu filho se meteu em um problema sério... se meteu com um pessoal lá da tal Vila da Pedreira em Esteio... sabe que as conversas que tem de lá é coisa séria né... então esse rapaz que foi pra lá pra trabalhar com ele era assim... mandava o meu filho de testa de ferro buscar as coisas lá nessa tal de vila da Pedreira...e o que aconteceu... como esse rapaz é bem conceituado em nível social e dinheiro ele era muito conhecido lá e às vezes ele dizia... vai lá e busca tal coisa... às vezes ele mandava dinheiro... outras vezes não mandava... e quando chegou o momento eles estavam devendo uns troco lá... e essa minha norinha que vive hoje com meu filho ela tem um distúrbio ...ela teve um problema que quando ela nasceu a mãe dela teve depressão pós parto com 15 dias e afogou ela numa banheira... e aí ela parou no hospital em Cachoeirinha e a mãe dela no hospital Pinel em Porto Alegre né... E aí daí o tio dela irmão do pai dela e a esposa criaram ela e ela ficou hospitalizada quase dois meses depois do hospital de Cachoeirinha depois foi pro Hospital Santo Antônio... e daí nós em Cachoeirinha nós tínhamos um médico é a mesma coisa que o médico e família era que nem a Dra C. aqui com a gente aqui lembra... então os pais dela foram lá e a mãe dela tava louquinha lá no Pinel... o pai legítimo dela não queria saber dela...ai foram lá no posto e o hospital exigindo a documentação do bebê que ainda não era registrado... esse médico lá de um documento pra mãe dela dizendo que a mãe adotiva tinha parido ela em casa ...aí

ela foi lá e registrou essa mocinha que hoje é minha nora como se fosse filha legítima dela...e criou... criou muito bem eles são estabilizados ali em Xangrilá tudo... só que ela tem um problema de saúde... ela é que nem criança... ela ficou com uma sequela...ela se comporta assim... ela tem ciúme... se chegar alguém aqui e ela estiver aqui..se eu der mais atenção pra ti ela começa a ficar braba.. ela começa a bater coisas...e coisas assim... não sei o que que o meu filho encontrou nessa menina... ela é muito linda sabe... mas ela tem um distúrbiozinho... ela não pegou uma foto do meu guri e não espalhou pras mulheres dos marginais, que o meu filho era da polícia do exército... aí quando foi no dia não sei se foi 13 de dezembro meu filho foi lá foi junto com ela pra buscar as coisas e 2 dias antes a polícia tinha feito uma batida por lá... foi até a notícia das redes de TV no policial e a polícia matou três bandidos lá na pedreira e eles desconfiaram que o meu filho era cagüeta...pegaram o meu filho sequestraram ele... prenderam ele e minha nora e levaram para uma fazenda depois de Guaíba... fizeram nos pagar 8 mil real pra eles libertar o meu filho dia 2 de Fevereiro... depois que a minha filha fez um empréstimo e tudo pra conseguir... então eu senti que essas pessoas que a gente conviveu na escola no PROEJA... foram pessoas que vieram até minha casa... porque ele desapareceu como por encanto no ar com todos os problemas dele ele é um guri que me liga quase todos os dias ou me manda uma mensagem e daí ele simplesmente desaparece da minha vida... eu comecei assim por uma semana e ele não ligou no fim daquela semana eu comecei a procurar ele...e o telefone dele dava fora da área de cobertura ou desligado o da minha nora também e a gente procura... procura... procura... aí ela foi na casinha que eles moravam lá no bairro São Luiz em Canoas... as porta aberta tudo revirado as coisas de perna pra cima e aí a gente... começou entramos em desespero procurando eles e tudo... aí assim ó: assistir a uma pessoa que vem aqui na minha casa sabe aquele meu auge do desespero se mostrar solidária comigo a M.quase todos os dias aqui ver como é que eu estava...a D. mandava mensagem... o professor J.... sabe... os colegas todos e o amor e tudo assim eu pude ver laço de amizade que a gente fez...fez com que a gente fosse que nem uma irmandade. O problema que tá atingindo a D. atinge em mim... eu tô muito feliz... qual o tipo de vida sexual que tem a M... Ah! mas casou semana passada eu penso assim... a gente ama as pessoas não importa o que elas são o que importa é as pessoas estarem felizes... eu quero que ela esteja feliz... isso que importa... sabe seria muito triste eu me deparar com a M. numa situação difícil precisando de um apoio de alguém de coisas assim que agente tem que socorrer...mas foi muito bom ver que ela tá passando por uma fase de ser feliz e hoje a nossa vida é que a nossa busca é ser feliz e quando se tem amigos verdadeiros a gente consegue buscar essa felicidade entre aspas mas consegue dizer as-

sim: poxa vida eu fiz parte da vida de alguém...alguém se preocupa comigo né? agora aconteceu esse problema com os meus dentes... eu entrei em desespero...tu lembra os meus dentes são bem bonitos e tudo de repente me deparar se olhar no espelho e a minha boca sem dente... só aqui em cima eu perdi 5 dentes e aí entrei em desespero e as meninas diziam deixa de ser boba coração tudo isso é uma demonstração de amizade... as pessoas se preocupam com o que está acontecendo comigo eu me preocupo com o que está acontecendo com a dona D. Eu preocupo com isso que está acontecendo com a M. né? com a L. feliz da vida pra mostrar o carro novo dela sabe... então é assim eles compraram um fiatezinho desses novo Amarelinho... muito lindo amarelinho meio abacate... e ela a primeira coisa que a gente se encontrou no mercado... vem ver meu carro novo... sabe é uma coisa assim... nos olhos dela que ela não estava querendo se engrandecer... ela estava querendo mostrar felicidade dela entendeu? uma coisa carinhosa... como a gente faz uma família é por isso que eu digo assim... essa nossa amizade podemos viver um século a gente não vai esquecer né? foi muito importante a professora L. foi importante na minha vida o professor Dilnei né? é uma pessoa assim que me ajudou nas minhas horas muito difíceis sabe... às vezes assim sabe... as nossas aulas me fazia sentir uma vontade de viver...vontade de não desistir sabe... às vezes as gurias dizia: o que que eu quero saber Arábia Saudita? ou não sei o quê... ficavam revoltados lembra? eu dizer as cores não sei se é porque eu sou descendente daquelas terras além... eu me interessava tanto por aquelas histórias... eu lembro cada filme que a gente viu... então de vez em quando eu releio aquele meu caderno ali... e busco e lembro das nossas conversas sobre o clima diferente... os costumes diferentes né? coisas que pra nós é tão banal... pra eles...nós que nos deliciamos com um lindo churrasco e lá pra eles a vaca é sagrada. Então são conhecimentos que a gente teve que me fez crescer.

**Dilnei:** o que a senhora lembra? assim teve vários momentos marcantes a senhora pode falar qual foi o momento ou quais os momentos que mais marcaram naquelas aulas de história que a gente tinha lá no PROEJA ou dos momentos do planejamento?

**Z.K:** ai eu lembro muito daquele filme do menino não lembro o nome do filme...mas lembro da cena daquele filme...um menino indiano que tinha dificuldade de aprendizado...de aprendizado... e que o professor acreditou nele e fez com que ele passasse a desenhar e fazer aquelas coisas todas...todo mundo ou zuavam dele... ou fazer alguma coisa porque achavam que ele era burro... ele era disléxico né? ele esquecia das coisas e o pai dele também era muito... muito cobrador... ele era cobrador mas teve um certo momento que ele desistiu do filho... ele de-

sistiu do filho...esse professor não desistiu... esse filme me marcou muito e outro momento que me marcou muito muito muito ...foi aquele nosso encontro das famílias lá no PROEJA.

**Dilnei:** Se a senhora fosse conversar com alguém, se fosse divulgar para alguém, qual o elemento que se destacaria?

**Z.K:** eu diria que as aulas que a gente tinha era outra coisa...Eu tenho um carinho muito especial pela professora A....com a professora A. nós crescemos e ela cresceu com nós...quando ela chegou até nós ela era uma pessoa insegura né? ela se deparou com a nossa realidade de sofrimento de cada um de nós...o meu...da J....de algumas outras...da L. que tinha perdido o marido e tudo mais que ela começou a pegar uma firmeza e nos ensinar bem...em procurar fórmulas que pra gente aprender né? O que eu tirei muito sobre a história, a sociologia e a filosofia tirei bastante...não é porque estou na tua presença... é que eu uso muito a leitura...aprender a ler...eu sabia ler mas eu não tinha aprendido a ler eu apenas interpretava... não sei se é porque eu sou muito sonhadora...olha só então...e as nossas aulas de culinária que a gente aprendeu eu sou uma pessoa que já sabia muito...eu amo cozinhar...mas a gente aprendeu a sobreviver daquilo que a gente aprendeu lá com a professora T. que era uma professora energética que exigia de nós mas ela também situava muito do seu no nosso trabalho... eu tenho contato com a professora T. e também com professora A...a gente liga no face...estamos sempre trocando conversas amizade né? então a única coisa que era meia chata era aquela aula de matemática do P...mas eu amo o P...o P. também aprendeu muito... foram momentos muito importantes assim Aí outra coisa que me marcou é quando alguém vem me dizer que algo é difícil...eu olho assim digo não te preocupa que pode piorar ( risos) O professor P.

**Dilnei:** e assim Dona **Z.K:** experiência da senhora ter passado pelo PROEJA fez diferença no seu cotidiano na sua família como cidadã como o sujeito?

**Z.K:** fez muita diferença como eu te disse...vamos falar em sociedade...uma é a **Z.K.** analfabeta que conversa com pessoa de primeiro público do Estado do Município do País e outra é a que tem conhecimento daquilo que está falando...daquilo que ela acompanhou...uma reportagem da situação que se encontra hoje certos assuntos né? a gente via matéria na televisão...tá aí já ficava louco pra terminar e ver a novela...hoje não...aquela sementinha fica germinando no teu cérebro querendo saber o desfecho daquilo...como vai sabe os deslocamentos daquelas questões...então que nem aqui a gente luta por uma melhoria do nosso próprio município...que tu é co autor de tudo que acontece né? porque tu paga impostos...tu tem teus os direitos e tem seus deveres...não se deixar que só cobre os teus deveres...quanto eu receber pois não entrou nada e tu acha que é brincadeira...a elite fornece os seus direitos... então eu

acho que é aprendizado sim bem grande de como se proceder...sem contar que hoje eu trabalho fazendo minhas comidas...com uma estabilidade...de saber aquilo que tu tá fazendo né? então pode apresentar seu produto no mercado sem deixa a desejar nada pra ninguém...é um produto de qualidade...coisas que tu faz e te garante por aquilo que tu está fazendo... agora o meu marido fala para mim...tu aprendeu ver data de validade? aprendi e ainda ensino...mas é muito bom olhar...dar uma observada...ver...quem é que não vai querer comprar um pãozinho desses aqui no capricho...e aí o pessoal encomenda e eles nem sai de Porto Alegre...avisam olha faz o meu pão que eu tô indo... a vizinha aqui do lado ela não frita um ovo...é representante da Bosch em todo o Brasil...então quando ela chega aqui tem que cozinhar pra ela...tudo...desde o feijão...pão... tudo...

**Esposo de Z.K:** intervém na entrevista: eu que cuido da grama...eles pagam uma mixaria mas é aqui do lado rapidinho... Abrir o quiosque em sua casa no verão...tem que ligar as mangueira para molhar a grama...eles me paga o salário...é pouco mas é aqui do lado. Esses dias Perguntei se queria trocar de caseiro pra cuidar terreno... tu tá louco? Deus me livre. Tu tá doente? não eu tô cada vez mais vivo estamos cada vez mais vivo...eu vou lá buscar o jornal agora.

**Dilnei:** a gente usou as histórias de vida de vocês lá nas aulas e também as entrevistas a que se fez uma rede temática.

**Z.K:** me lembro que ficava ali no corredor...de vez em quando a gente passava dava uma olhadinha e via qual é o grau que a gente tava alcançando né?

**Dilnei:** a senhora acha assim que aquele método foi bom?

**Z.K:** foi importante...foi importante porque eu vejo hoje as nossas crianças aprendendo na escola e muitas vezes a gente acompanha aí no município...tem aula diferenciada...mas a gente saindo daqui tem o meus netos que estudam lá em Porto Alegre...eles passam aquela “enchidão” de linguíça e não incentivam as crianças a buscar algo nela... porque o que é um livro pra minha neta copiar três folhas daqueles livros...a minha neta gasta quase o meu caderno e simplesmente ela não entendeu nada daquilo ali que ela copiou sabe? não tem significado... não tem a mesma coisa que nós... que às vezes de uma frase a gente fazia uma aula inteirinha...de uma frase de um filme a gente tinha 3 e 4 aulas procurando discernir o que se passou ali...se passou no começo do filme o que se passou no meio o que se passou mais adiante o final e o que depois...quais os processos que nós tínhamos sobre aquilo né? Isso é um modo de fazer história sim... é que é um modo de aprendizagem muito mais...muito mais direto... do que uma criança ir pra lá escutar a professora...pega aquele livro...abre aquele livro e daí nós não...a gente aprendeu o necessário o que é a geografia...o que é história...o que é o português

arranhamos algumas palavras em inglês...o que é sociologia...que é filosofia...da filosofia se tira sonhos...modo de vida...amor...bem estar...o que eu tirei da filosofia...bem estar comigo mesmo...me conhecer pra poder passar pras pessoas no modo diferente ver as coisas...eu consigo discernir... eu continuo com marido alcoólatra... continuo com filho drogado... mas antigamente eu fazia uma tempestade em um copo d'água agora não...eu mostro pra eles agora...vocês estão errados mas eu não posso me terminar cada um de nós tem uma forma de viver e tem que viver bem eu não posso corrigir vocês tempo todo...antigamente eu me desesperava...me despedaçava sabe...hoje eu aprendi a ter minha própria estabilidade... não quer ir não tem problema eu me arrumo toda bonita...ficou maravilhosa e vou...quem tem que viver sou eu... indivíduos juntos mas separados...não adianta querer fazer cobrança demais das pessoas né? Eu acho que meu esposo é uma pessoa que não tem mais cura... conserto...porque eu falo assim...olha busca conhecimento em alguma coisa...uma religião...alguma coisa nada pra ele tem nexó é assim.

**Dilnei:** o que a senhora lembra com relação às aulas de história que a gente teve... alguma que marcou a senhora?

**Z.K:** assim do Oriente Médio...dos judeus...enfim dos palestinos...olha eu lembro tanta coisa...eu lembro também das nossas aulas de tipo teatro que a gente fazia nossas apresentações né? a gente se empenhava muito em querer ser... querer apresentar...cada grupo um trabalho melhor que o outro...esse formato de apresentar o teatro era uma forma de se agregar...da gente se conhecer melhor né? a matéria de se envolver de um significado...eu acho que sim né? porque a gente se integrava... então a gente escolhia o que a gente queria lhe trabalhar... a gente se empenhavam máximo em arrumar as coisas para desempenhar a nossa parte da função bem feita né? errando e aprendendo...às vezes enrolando...mas a gente tinha bons professores...se fosse dizer assim em poucas palavras, fosse responder uma pergunta qual foi a contribuição do PROEJA para nossa vida...significou na minha vida um aprendizado de conhecimento...de crescimento... embora com todas as minhas limitações de saúde eu cresci muito...eu cresci em forma de conhecimento...eu cresci em forma de ser eu mesma... em sonhar e buscar... não ficar só sonhando... que nem assim hoje eu tô vendo as meninas se formarem lá ( ensino médio) e tô torcendo muito por elas... tô pensando que Deus me ajude... outra coisa que eu gostava...você perguntava para nós: onde você está? na sala de aula... que horas são? a gente se situava no momento que eu estava aprendendo... o que que tu estava fazendo... como eu acabei de dizer...que não estava “enchendo” lingüiça...perdendo tempo...mexendo em folha de caderno...não tirando aproveitamento nenhum daquilo aprendi.

**Dilnei:** vamos supor que hoje a senhora fosse voltar a frequentar o PROEJA com a sua experiência hoje a senhora voltaria a frequentar o PROEJA?

**Z.K:** como ele existiu naquela época sim.

**Dilnei:** por quê?

**Z.K:** Porque era uma forma consegui aprender... porque nós que nem eu depois de quase 40 anos... 40 anos sem estar em uma sala de aula por todas as vivências do dia a dia por todas as coisas que eu passei tudo se hoje eu voltar para uma aula comum de passar uma matéria curricular básica eu não conseguiria acompanhar...então o empenho que os professores tiveram no PROEJA em diferenciar sobre cada um de nós né? cada um de nós individual...a gente fazer nossos conhecimentos...o apoio que todos deram pra nós fez com que a gente aprender matemática...aprender o português correto...geografia História né? aprendesse a ler como se diz... porque hoje em dia tem o ler e o ler...é verdade... então lá tinha um espaço...espaço pras histórias na verdade né? pra narrar histórias importante que tinha isso... até como eu estava te dizendo eu acho que até para os mais jovens isso é importante... porque assim...a gente vê hoje na sala de aula... cheguei em casa muitas vezes...meu marido tava bêbado...e daí não é só comigo que acontece isso... enquanto nos outros lares crianças de manhã cedo vão pra escola onde o pai foi dormir bêbado...quebrou o que tinha dentro de casa gastou o que tinha pra eles comerem em cachaça e daí tu acha que uma criança dessa vai tirar algum proveito de uma aula curricular corrida de quatrocentas e quarenta e sete palavras que pra ele e ela está falando lá na frente no quadro...pra ele tá entrando no ouvido e sai pelo outro... porque ele tá pensando que ele vai chegar na casa dele...a mãe dele tá triste a vasilha continua vazia sem nada pra comer... meu Deus... não tem significado nenhum...pode ser um adulto também...eu lembro que a senhora passou uma época assim...( egresso Z. olhando o caderno...lendo o caderno 3 de julho de 2012 em um trabalho que tinha que fazer...dizia assim: “ ninguém aprende no Brasil as pessoas aprendem comparando o que já sabem com a novidade portanto a aprendizagem ocorre sempre em resultados de uma mediação relativa ao seu modo de ver aos seus conhecimentos e à sua leitura do mundo” quem fez essa escrita foi uma escritora Ana Vieira de Portugal... quero saber da vida...da filosofia...Sociologia com professor e o nosso projeto daquele dia da nossa aula e era um mundo entre tantas linhas aí eu fiz umas linhas no quadro né? se não me engano é a senhora .

**Dilnei:** Teve uma época lá pra gente ir concluindo que a senhora optou...a senhora tinha um problema de saúde...tinha ido no médico e a senhora nos disse que o médico orientou para operar. A senhora disse que não iria, a não ser depois que se formasse. como é que foi isso?

**Z.K:** foi difícil porque ele queria me dar uma surra...porque ele disse pra mim que eu tava arriscando minha vida...mas eu dizia pra ele assim...se eu perder essa oportunidade agora eu acho que nunca mais vou ter outra né? Porque era tão grande a minha ânsia de conhecer e de participar de ir em frente com aquilo que a gente estava aprendendo que eu achava muito ruim ter que ficar um período muito grande longe daqui... que eu achava assim quando eu voltar eu não ia conseguir acompanhar o pessoal... já ia tá no crescimento bem mais além daquilo né? E daí eu optei pra fazer a cirurgia nas férias mas aí sabe como é a gente que é pobre...não tem convênio...ainda peguei um pouquinho do reinício das aulas...depois em recuperação...aí depois eu voltei...daí volta aquela história...a nossa amizade entre todos...que todos me ajudaram a recompor as matérias que já tinha aprendido e me explicavam com muito carinho...com muita atenção...tudo aquilo que a gente tava ali...deixa eu só dá uma olhadinha no meu pão fica a vontade.

**Dilnei:** pode olhar o seu pão o cheirinho está bom.

**Esposo** entra na entrevista: eu admiro o meu amigo que trabalha no mercado avenida hoje J. ( J. foi colega do egresso **Z.K:** no PROEJA) ...ele era meu funcionário na época...eu era chefe de turma...trabalhava coletando lixo pra lá e pra cá até porque a prefeitura tinha aquele caminhão prensa caminhão antigo... eu era chefe de Turma do J. era tudo os mesmos funcionários de turma...o alemão daqui que corta grama ainda hoje graças a Deus continua trabalhando...me admiro o J. a gente chega do mercado e ele vem correndo pra me abraçar ele é muito querido né? com a prefeitura era difícil assim que precisava ver...e ele tinha uns problemas...ele bebia muito...bastante...bastante...ele chegava trabalhava na caixa do caminhão...morava na casa de outro funcionário que corta grama e eu dizia: J. pára que se não, eu vou ter que te afastar do serviço...tu não consegue levantar um latão de lixo... aí depois não consegue pegar porque tinha que tá lá...eu tinha marcado todos meus funcionários dentro da prefeitura eu pegava caminhão.

**Z.K:** falando em filme...que eu também não esqueço é o Ilha das Flores...lembra a sobrevivência das pessoas os valores...esposo volta a falar.

**Esposo de Z.K:** eu sempre dizia J. eu sou motorista eu tenho que me cuidar... agora tem que cuidar de vocês que são quatro... da carroceria... ia carregar no campo ele caía com a serra por cima dele...eu dizia J. da um tempo...o dono da casa onde ele morava me dizia que ele chegava e entrava de quatro pé pra dentro de casa...abria o portão procurando a porta pra ir deitar...mas graças a Deus a gente agradece a Deus...eu tomo meu traguinho mas tô sóbrio... mas ele caía...

**Z.K:** mas lá na aula em um desses momentos de narrativas ele contou a história dele...ele teve muita força de vontade pra poder sair... eu tenho uma coisa muito boa que é a força de vontade...lembra como eu roía minhas unhas que viravam sangue...hoje eu sou uma mocinha bonita de unhas pintadas...eu mantenho ela curtas baixinhas porque eu lido com comida e não fica bem eu ter unhão... mas eu já cheguei lá no avenida que eu deixei as unhas desse comprimento eu cheguei lá e peguei no braço do J. e disse agora tu me paga vou te arranhar e ele dava risada de agonia...

**Esposo do egresso Z.K:** mas era difícil naquela época...eu trabalhava na prefeitura com eles junto à minha equipe e o R. Prefeito na época era secretário do meio ambiente...eles achavam meio litro de vinho já enfiaram assim...passava na esquina a cachaça que sobrava lá pro santo eles tomavam tudo...loucura...aí começavam cair em cima do caminhão eu parava o caminhão...avisava...para com isso que tem duas cordas no meio vocês vão cair nessas corda...vocês vão no meio do lixo às vezes tem um caco de garrafa no meio...vocês vão se pisar...eu tenho que andar rápido pra terminar meu roteiro... aí vocês pode se pisar no meio...então vocês pode tomar cachaça sim depois que terminar o serviço...aí vão pra casa toma teu aperitivo e vai dormir...agora durante serviço conscientizei eles... eu já sabia disso eu tomo desde que nasci e avisava o J. não bebe... evita...sabe vai recolher o lixo tem meia garrafa no lixo mesmo era meia garrafa de vinho deixava pro lado e ia bebendo lá atrás...e eu não enxergava lá atrás...os despachos dos batuqueiros mesmo ele bebeu ali mesmo...pegavam deixava do lado do caminhão prensa...eu não esperava...lá atrás eles pegavam tudo botar um lado a lado separados...eu arrancava o caminhão até o outro lado então ele já tava bebendo...quando chegava na garagem me pediam: andou parando na rua pra beber?... eu não parei pra nenhum...mas eles pegavam tonel... eles pegavam do próprio lixo e bebiam e o J. sabe isso aí... agora graças a Deus... o homem recuperou a família...não é a mesma que ele tinha é outra graças à Deus... tá bom eu agradeço a Deus de ele estar hoje apto a trabalhar em qualquer lugar... na época do R. naquele caminhão prensa não tinha o que comer .

**Z.K:** hoje eu acordo cedo...eu tomo café na cama...olho minhas coisas...leio o zap zap.

**Dilnei:** a senhora também tem WhatsApp?

**Z.K:** Sim eu sou uma mulher moderna hoje... tu lembra que tu falou na sala uma vez o homosapiens aquele que evolui... eu fui uma mulher que evolui sim...eu antigamente não sabia de nada...hoje eu sei fazer uma pesquisa...hoje eu sei acompanhar a trajetória do mundo né? não só por acompanhar... olha tão se matando na Arábia Saudita...vamos ver...vamos saber mais...porque eles estão se matando... antigamente a gente acompanhava e dizia... meu Deus

mas quanta guerra... a gente não sabia o porquê... o fundo do motivo da guerra...porque estavam brigando ou eles queriam ter parte em quantidades maiores de terra ou eles estariam lutando por uma determinada lei que não agrada a todos...ou estariam empurrando uma lei goela abaixo que não seria bom pro povo né? então o crescimento do homem evoluiu...voltando hoje nós estamos na era cibernética hoje tudo é industrializado...tu busca máquinas de tudo quanto é coisa eu sou uma pessoa que agora eu tenho máquina...antigamente fazia tudo à mão...hoje eu tenho máquina pra cozinhar feijão...para cozinhar... arroz...máquina fazer pão antigamente era tudo no pulso...daí a gente acompanha eu gosto daquele aparelho...eu vou lá pro quarto...eu boto meus disco de vinil e fico vendo...nós passamos mais dificuldade pra poder comprar eu consegui que moleque reconstruísse...pedimos para um cara da Manlec reconstruir... aí um dia falando com R.rapaz que era gerente da Manlec...tu sabe que tu me sugeriu uma coisa...nós temos um senhor formado em consertar rádio e não sei o quê...falou pra ele e ele construiu uma vitrola que é aquela ali no canto nessa vitrola 4 em 1 ela toca disco...DVD e rádio muito.

**Dilnei:** bem estamos aqui concluindo mais uma entrevista da pesquisa que eu faço lá no mestrado sobre o aprendizado significativo e a utilização da pesquisa sócio antropológica no ensino de história e ele tá sendo realizado em um mestrado em história pela Universidade de Caxias do Sul... eu agradeço seu tempo a senhora faz parte dessa história , se quiseres falar falar mais alguma coisa para concluir com relação a isso depois vamos terminar.

**Z.K:** olha eu creio que esse teu estudo vai levar...que tenha mais pessoas que nem você que consiga mudar essa nossa educação hoje tão arcaica...que faça com que a educação seja ministrada dessa forma como vocês ministraram pra nós...de uma forma mais humana...mais coerente e que buscando essa coerência muito mais os jovens para que eles tenham muito mais vontade de ir pra escola porque hoje eles vão lá e acham assim que não tem interesse eles fazem porque eles são obrigados a fazer já não é a mesma coisa que nem no PROEJA...a gente contava os minutos e segundos umas dez vezes pra cumprir as nossas tarefas cotidianas do dia a dia e fazer com que a nossa vida não gaste com esposa com filhos com netos e também a gente se destacar como aprendizes que lá estava... então... assim acho que é um trabalho bom e que aconteceu na idade dele vai fazer com que haja a evolução... que a gente aprendeu que começou lá no homem das cavernas e que tá terminando hoje na cibernética... mais que isso... também ajudou com que seja levado isso pras escolas estadual e municipal em forma diferenciada de ensinar que era o nosso mapa aquele dos saberes da vida... fazer a gente se apegar naquilo que aprender muito mais das coisas que foi passado ali pra nós.

**Dilnei:** muito bem muito obrigado...fica a vontade...vamos nós estamos aqui com a dona **Z.K:**  
que foi aluno do PROEJA FIC de Arroio do Sal.

**C - Nome: L. A. O. Data da Entrevista 11.07.15**

**Dilnei:** Muito bem, estamos aqui com o L.O. ...que foi estudante do PROEJA, aluno do professor Dilnei... Muito bem L.O minha pergunta é assim: ainda mantém contato seus colegas do PROEJA? Quais?

**L.O.:** eu tento...encontrar..eu mantenho contato com a D....a M. que tá estudando junto comigo, o M. que eu vejo ele no colégio de vez em quando. O M. continua indo lá... ele está fazendo o regular.

**Dilnei:** tu acha que o PROEJA foi importante para essas relações de amizade que vocês desenvolveram?

**L.O. :** foi muito importante... eu consegui me expor mais... eu quase não falava... ainda mais naqueles momentos difíceis que eu estava passando... perda da mãe... entrei num relacionamento que foi uma furada... não conhecia nada... ainda não tenho conhecimento sobre as coisas de Deus...mas comecei a interagir na sala... desenvolver conversas... eu já disse uma vez pra ti... eu me espelhei no teu jeito de falar... no teu jeito de comunicação na sala... eu ficava observando o professor... pensava eu não quero ser igual a ele... mas quero ser semelhante... meio semelhante...como no falar eu meio que me identifico contigo... não sou assim tão parecido contigo em vista de conhecimento... o senhor tem mais do que eu e me espelhei bastante no professor Dilnei...não me imaginava...não imaginava que ia terminar o ensino fundamental...não imaginava que eu ia concluir ensino médio...Depois que terminei o curso lá no PROEJA até tinha pensado em não ir mais e conversando com algumas pessoas que não me lembro o nome agora...não tenho na memória agora os nomes das pessoas que conversei dizendo continua não vai parar de estudar...meus parentes também...minha irmã... minha irmã também falou já que tu concluiu o fundamental continua... continua... aí eu fui pensando... passou o verão e foi de Deus... eu estava passando um carrinho de picolé na frente do... eu tava trabalhando com carrinho vendendo picolé e passando na frente do colégio... ali na José de Quadros e vi um cartãozinho assim ó... matrículas e matrículas para o EJA...eu olhei aquilo ali... me chamou atenção... quando começar na data de matrícula eu vou vir aqui...daí quando eu disse eu vou ir ali é uma coisa que tá escrito aqui no caderno... eu determinei... eu disse...que eu vou ir até o fim e no dia certo eu fui lá... não deu outra... nos dias antes de começar as aulas eu fui lá...peguei aquele certificado lá do colégio do PROEJA e tô estudando e hoje tô terminando.

Daqui uma semana eu termino tudo... só vitória...termina agora... o certificado nós vamos pegar só 8 de agosto, mas é uma etapa que tu conclui... é mais uma vitória... glória a Deus.

**Dilnei:** o que tu lembra assim... como momentos ou quais momentos que marcaram em sala de aula no PROEJA... deve ter sido vários...ou talvez não... não sei... o que que tu lembra lá... assim coisas que mais te marcaram...

**L.O .:** os momentos da...das brincadeiras com os professores... das festinhas que nós fazíamos... aniversário do ciclano... comemoração... dia disso... a festa junina...o momento de cozinha com a professora T.... parece que ela ia nos deixar...ia parar por causa da gravidez... é a coisa mais importante pra mim... que marcou foi a coisa mais legal que aconteceu foi eu estar interagindo... e nunca imaginava mesmo que eu ia tá no meio de pessoas assim lutando por um objetivo... eu não tinha perspectiva... eu até jurava para minha mãe... pra torcer pra todas as pessoas que existiam a minha volta... que eu não ia sair daquela vida que eu tinha antes ...do uso de dependente químico... de drogas... eu jurava a vocês nunca vão me ver parar de fumar maconha.Me encontrar a 6 anos e 2 meses... eu dei meu último tapa...a última cachaça e agradeço a Deus todos os dias... não tem como não falar de Deus... cada vez que eu faço alguma coisa errada me dá uma dor profunda... bate aí meu Jesus aquele que morreu pra mim... aquele que me livrou dos pecados... na cabeça aquele que me livrou de levar vários tiros na minha testa... porque um cara engatilhou 5 vezes um oitão pra me atirar... só que como esses não eram os sonhos de Deus...que eu levasse uma bala no meio da minha cabeça... ele não permitiu que acontecesse isso pra que hoje eu tivesse aqui dando essa entrevista ajudando meu irmão amigo em seu trabalho de mestrado... e eu tô feliz por isso também pra poder ajudar...

**Dilnei:** que bom né L.O.... se hoje por exemplo tu fosse falar sobre esse curso pra alguém ou alguém chegasse pra ti e falar ... tô procurando um curso assim...tal...o o que tu ia falar pra essa pessoa... quais os elementos que tu ia falar pra essa pessoa...falar em relação ao curso do PROEJA... também da cozinha... da escola o que quiser dizer o que é pra ela sim Quais as coisas que tu ia destacar pra falar pra ela.

**L.O .:** eu vou resumir em uma só frase vou te responder só contava meu testemunho. O que mudou na minha vida... de um cara fechado trancado sem esperança...claro que eu voltar a estudar aconteceu depois que eu já tinha parado de usar drogas e quando eu tava usando droga não pensava em voltar a estudar eu só pensava mas não bastava pensamento não conseguia desenvolver esse pensamento... mas depois que eu parei eu digo: não eu vou... eu vou voltar a estudar sim... eu fui. Mais voltei mais estudar não porque eu realmente precisava estudar... fui

mais pra mim interagir também... eu andava de cabeça baixa... depois que eu comecei estudar eu comecei a conversar as pessoas na sala... às colegas mexendo com as pessoas... os professores incentivando... foi essa experiência que eu contaria a pessoa... que a pessoa que fez o PROEJA do Lucas...

**Dilnei:** E como é que foi pra ti??

**L.O.:** Foi assim que eu tô contando pro professor aconteceu na minha vida e dependendo das circunstâncias que tá passando ciclano beltrano...eu falo para as pessoas do que foi conviver com pessoas que eram mais que são mães até hoje com 60 anos 50 anos... botar objetivo na vida... eu quero voltar a estudar porque lá atrás... um tempo atrás eu parei de estudar por causa do meu casamento... meu marido não permitiu... pois hoje eu resolvi botar esse pensamento... e botei agir... e elas conseguiram pois que tem no caderno... consegui 20 poucos anos... não posso jogar isso fora...força de vontade... cada um tem seus problemas... por que parar de estudar de repente... filha grávida do marido... mas eu sou daquelas coisa que a gente tem um sonho... a gente procura... se eu tenho um sonho procuro correr atrás dos sonhos não importa o que vai acontecer... não passando por cima das pessoas... mas correndo atrás do objetivo... agora meu objetivo comentei que queria ser administrador... porque achava que gostava de mexer com finanças... pensamento em economia... mas agora que eu tô mais ácido na igreja... nas coisas de Deus... tô fazendo um curso de teologia básica... mas é um curso que é uma bênção horizontes...já estou vendo uma faculdade de teologia...da palavra de Deus... as coisas de Deus...eu lembro que uma vez eu disse professor: o que que tu acha de eu estudar Teologia e lembro que o senhor disse: estudar Deus é bom... olhou pra mim e disse: estudar Deus é bom... tu falou bem assim... olha só...como é bom a gente reviver isso.

**Dilnei:** E assim, pra ti...L.O.... a gente viu as aulas de história... a gente produz história... nós como humanos produzir nossa história... tu acha que no teu cotidiano assim de produção de história a ideia de que as coisas que nós utilizávamos lá serviram pra alguma coisa no teu trabalho, na tua vida fora da escola, onde tu anda

**L.O. :** vocês fizeram aquele negócio lá da história aquele negócio...como é que chama a rede temática... aquilo foi bênção... o negócio que mais me deu experiência foi aquele negócio... do de cada um fazer o seu álbum... o seu portfólio... aquilo foi tremendo...aquilo nem sei quem inventou... acho que foi a professora A. e que fez na turma 1 e depois foi na turma 2... inclusive levou os álbuns da turma um pra gente ver... esse tal e eu olhei pensei: eu posso fazer isso.

**Dilnei:** L.O. ... foi a construção da história né?

**L.O. :** Isso mesmo... volta e meia dou uma olhada molhada...eu tô de vez em quando olhando aquilo e eu tô gerando aquela história ainda.... de vez em quando eu escrevo alguma coisa né... eu tenho... eu tenho umas desavenças vezes e tenho as vitórias tem umas fotos guardadas... quando eu olho pra ir continuando escrevendo a minha história... meus planos é adentrar profundamente ...como quando eu comecei a fazer... que eu chegava da aula de noite... sentava nessa mesa aqui e pensava agora eu vou escrever isso aqui me inspirava... eu chegava a chorar porque eu tava contando a minha vida ali... estava contando coisas do meu passado...coisas que aconteceu ali... aquilo ali todo dia eu escrevi um pouquinho... até um dia escrevi... até comentei na sala... bah... aquilo mexeu muito comigo... mexeu muito... demais... comecei errado mas eu via que era um negócio de Deus também... eu vi que era um negócio de Deus...muita já gente já olhou pra aquela história... muita gente foi tocada por essa história...o que é o nome de Deus... que eu tinha colocado ali tu pode ver aquele álbum ali...diversas folhas...ali eu falo mais de Deus do que de mim...e eu fiz isso depois que eu conheci Deus...aconteceu aquilo comigo sempre o nome dele primeiro e quando eu vou levar pros outros... outras pessoas verem não pra que meu nome apareça...mas que apareça os atos milagrosos que Deus fez na minha vida... se não fosse eu agradeço a Deus por essa porta que abriu pra mim ter voltado a estudar nesse curso do PROEJA... eu agradeço a Deus por isso. Aconteceu de sair descrever o álbum de pessoas estarem sendo abençoadas...porque toda pessoa que lê aquele álbum sente Deus em determinado ponto da sua vida... das pessoas que viram aquele álbum... lembram olha o que Deus fez isso na vida do Lucas está aqui escrito... eu vi eu li naquele álbum ele era um drogado... ele não tinha esperança... mas eu agora por causa disso que aconteceu comigo na minha vida vou deixar os meus sonhos ficaram pra trás?... não eu vou fazer o mesmo... vou lutar pelos meus objetivos... eu quero que esse álbum seja benção na vida das pessoas assim que como eu tô te contando agora seja uma benção na vida de quem vai ler isso aí... na vida de quem vai ouvir isso que eu to falando.

**Dilnei:** então na tua opinião além de ser uma narrativa da tua história teve uma função maior? Além da escola?

**L.O. :** exatamente... na última página eu botei...eu quero que esse álbum...eu quero que esse álbum fique para os filhos dos filhos dos meus filhos e depois deles ainda...isso aqui ó meu tataravô escreveu...meu tataravô.

**Dilnei:** L.O. ...que aconteceu com ele?

**L.O. :** teve os baixos da vida dele... Deus fez isso na vida dele eu quero esse Deus pra mim também certo?

**Dilnei:** certo, muito bem L.O. ...a gente usava as histórias de vida de vocês não sei se lembra... que nós no início a gente foi filmar e depois a gente criou a rede temática que não tinha os nomes de vocês especificamente, mas ali tinha pedacinhos de cada um e a gente ali colocava um pouco da história em si...juntando com a história de vocês. Aquele método que a gente usou...aquele método não é o método utilizado pelas escolas regulares....Lá dão as matérias e eu não sei quem é o aluno, não sei quem tu és. Eu vou dar minha matéria apenas isso, mas lá no PROEJA nós sabíamos quem vocês eram e a gente dentro daquilo, que vocês passaram pra nós, cada um colocou na sua matéria...eu pus a história, você acha que aquele método foi importante mesmo?

**L.O.:** Ah se todas as escolas adotassem esse tipo de método pra trabalhar...não trabalhar só com aluno...mas trabalhar com ser humano está entendendo professor? não só trabalhar com as matérias...mas trabalhar com o caráter das pessoas...como ali no álbum...ali por exemplo meu caráter...eu sei que tem muitas coisas que eu mudei...muitas coisas têm que mudar ainda mas isso é uma luta contínua a diária...todo dia...todo dia tem alguma coisa do caráter na minha vida que eu preciso mudar...se tem algo me trancando...não tá me deixando ir pra frente... eu preciso mudar...só uma só uma vogal... a palavra meio grotesca...só um retardado não vai mudar... só o retardado né meu brother? Fica a palavra... mas vou ter que falar isso... alguém está com problema mental digamos assim não dá e é isso que me impulsiona a continuar a mudança...a escola quando eu estou ali no colégio onde eu estou estudando agora... estava pensando...mas tenho saudade daquelas aulas lá do PROEJA...como era diferente... ali não sei se lá era por causa que o povo era de fé...de religião...não sei...tudo tudo crendo na palavra...tudo unido...vamos fazer tal coisa...todo mundo abraçava junto...eu faço isso...faz aquilo... aquela coisa... aqui onde eu tô agora...ali na escola regular no ensino médio...uma professora disse: L.O....vem aqui quero bater foto contigo... mas comigo tu não bateu foto eu sou o mais velho... é um ciúme ...11 dando flechada no outro... não tem aquela união lá do PROEJA...era diferente...lá era mesma família PROEJA como já ouvi falar sim...nós éramos uma família...ali não. Ali de repente pego o trator de esteira passa por cima da gente... eu fico pensando porque existe isso ainda... agora teve um episódio que me chamou bastante atenção...que nós fizemos uma peça teatral ali no colégio pra apresentar com a professora de arte...daí ela fez esse trabalho neste último semestre ela trabalha na área teatral de peças... daí ela montou...dividiu a sala em três grupos...daí cada um apresentou sua peça teatral...o estudo assim de histórias infantis e nós pegamos história dos três porquinhos...lobo mau e os três porquinhos...que o lobo mau sopra a casa e tal...daí montamos seis porco...seis porque... um

lobo... daí todo mundo apresentou seu trabalho...no momento a professora gostou...ela gostou da peça...mas aí como nós fomos os últimos que apresentaram ela disse vem aqui que eu quero bater uma foto com vocês... mas como com o nosso não bateu foto professora?e a professora... tá tá tá tá... já criaram tumulto...mas acho que é inveja.

**Dilnei:** Talvez seja uma questão de uma certa disputa.

**L.O .** É isso mesmo a palavra certa...disputa... sempre tem assim... lá no PROEJA não tinha isso pelo menos que eu me lembre não tinha.

**Dilnei:** e porque tu acha que não tinha isso lá Lucas e tem ali na escola regular será que é por causa do método aplicado lá? O que é que te leva a entender...é interessante a constatação tua de que no ensino médio normal tem essa disputa que lá no PROEJA não tinha...o que é que tinha lá?

**L.O.** Então...tinha algo...mais fraterno mais solidário... é isso tinha uma coisa mais fraterna mais amigável...ninguém as pessoas estavam ali pra te ajudar mutuamente... pode ser que ali na sala tem poucas pessoas é divertido metade adolescente quer é um oba oba que é a faixa etária mais jovem e tem aquelas mais de idade umas pessoas...aqui por exemplo Quem tá estudando ali com nós a M.... M.S..... M.O.....eu tô me lembrando o resto tudo aí... depois tem mais a irmã da M.I....a D....uma morena não sei se ela chegou a estudar...acho que não ela já é meio de idade e o resto é tudo gurizada acho que é por causa disso sei lá... por elas terem mais experiência com a vida ser mais de idade volte e meia elas estão puxando as orelhas...a maioria gurizada não aceita e daí dá aquele conflito...mas eu prefiro a nossa turma ali a T 9...dentro das outras que nós já fomos...eu já fui em outra turma fui pegar o horário porque a professora às vezes só tinha um período...como eu fiz o Enem fui eliminando algumas matérias...eu não posso vencer esta por exemplo...a professora vai tá dando literatura lá na outra turma daí a gente vai lá e assistir aula naquela turma posso sentir sua aula nós conversamos eu e mais os alunos pra poder adiantar pra não precisar ir somente no período de literatura na sexta... as outras colegas que passaram no Enem eliminaram... conversamos com a professora e ela aceitou daí a gente vai pra turma e a gente ve que é só gurizada...não sei como é que a professora aguenta... a gurizada até ameaça e mesmo assim os alunos ficam loucos para avançar nela e como é diferente do PROEJA...ouvir a diferença...a gurizada que tava ali foi imposto isso uma vez na sala...olha...se vocês não querem estudar vão pra casa não venha atrapalhar...os que quiseram estão lá e vão pegar o certificado semana que vem... porque os que não quiseram já não apareceram mais... acho que é a mesma coisa que aconteceu no PROEJA...quem começou aí da gurizada o que se formou foi o M.... foi puxado as orelhas pra ele

continuar...fomos incentivando ele...mas aqueles que não quiseram...foi puxado as orelhas...estavam ali só por estar... não gostaram e foram embora...mas às vezes é preciso acontecer isso...às vezes sim...às vezes é um aumento de mensalidade... eu estou na turma T 9...com a mesma turma T 9 desde a T 7...T 8 e T 9 e sempre as mesmas colegas aquelas de idades mais avançadas e aqueles que não quiseram ouvir essas colegas na T7 os puxão de orelha das mães que estão estudando ficaram na terror na T7 e nós 7.8 e nós vamos concluir e eu não sou mais do que ninguém eu creio que eu tenho que estar ali na sala para estudar e não pra ficar de brincadeira tem horário pra fazer brincadeira tem horário pra tudo não é mesmo o professor explicando e não tem respeito com o professor falando né? eu tenho que me segurar pra não falar...às vezes é melhor ficar quieto se não é aquela história te pego na saída tem que sair os minutos mais cedo.

**Dilnei:** e lá no PROEJA as aulas de História...lembra de alguma aula que te marcou...ou algumas aulas que te marcaram que tu possa dizer assim aquela aquelas aula de história que tocou nesse assunto lembra de alguma coisa daquelas aulas de História?

**L.O.** lembro que tu chegou em casa e lembrei bah! hoje aprendi isso... tenho várias lembranças...tem uma lembrança que tu falou que até nem é da história mas...daí contato com o ar com oxigênio e tal e aí eu cheguei fiquei pensando e aí aqui na escola agora cheguei na aula de física aplicada a mesma coisa...daí eu me lembrei ó! professor que já explicou isso aí que a professora tava explicando de física e daí eu lembrei ela fez quase o mesmo desenho que tu fez no quadro aquela vez...me lembro os dois átomos com não sei o quê...bomba atômica.

**Dilnei:** o que eu expliquei na aula de história ela explicou na aula de física na verdade.

**L.O.** . é isso história... mas lembro das guerras que tu explicou... as aulas do PROEJA foram mais na nossa história...então não tem como eu falar por exemplo do descobrimento do Brasil só... no dia que nós começamos a estudar foi falado...olha... aqui vocês não vão aprender sobre quem descobriu o Brasil...quem descobriu a América... você vai estudar a história de vocês...isso eu lembro quando o diretor J. ...falou aqui vocês não vão aprender sobre quem descobriu o Brasil como é no regular...essa questão de datas e fatos...aprender mais sobre a história de vocês...com a vida de vocês...no decorrer do tempo se alguém pedisse sim... bom já falei isso antes que é da interação.

**Dilnei:** mas se alguém pedisse para o L...qual é a contribuição do PROEJA na tua vida...se te pedisse isso daqui a 30 anos.

**L.O.** . já até falei sobre isso...foram abrindo passagens para novas ideias... eu não tinha ideia de continuar estudando...abriu a ideia eu fui ali só pra fazer o primeiro grau estou terminando

o segundo e vou fazer isso... na sala até perguntaram até aonde tu vai? eu disse até o fim...mas onde é esse fim? é só terminar o primeiro grau pegar o certificado...já bastava isso...era o fim pra mim...mas o fim não chegou ainda...tô continuando .

**Dilnei:** e tu achas que esse “fim” chega algum dia? os teus estudos...nos seus estudos?

**L.O.** vai chegar quando eu conseguir...eu ainda não tenho um plano de carreira...eu penso em fazer muitas coisas...eu penso em tirar os cursos...mas agora que eu tô mais englobado nos estudos da Bíblia...gostando muito do que estudo...que eu tô fazendo é pelo Instituto Educacional de Viamão é um curso Alfa ele conta história...história mesmo...os deuses da Grécia...estudando a lei que fala dos deuses da Grécia e sua história até onde o coordenador for aqui... pra quem puxa mais pro lado da história vai puxar mais da história... isso aqui os deuses semi deuses e foi isso que tá me abrindo mais os horizontes...os pensamentos...penso mais em puxar pra esse lado...como eu já disse antes...eu nem sabia que eu ia estar aqui...eu nem sabia que eu ia continuar estudando... eu não me governo mais.( risos)

**Dilnei:** e vamos supor que tu não estivesse continuado estudando...nem terminado o fundamental e tu fosse voltar a estudar no PROEJA, voltaria? continuaria frequentando PROEJA? a pergunta é essa... hoje com a tua experiência de vida se tu tivesse que voltar a frequentar o PROEJA novamente frequentaria?

**L.O.** eu voltaria por que...pelas experiências...pelo que eu aprendi...não que hoje eu não esteja feliz...era feliz lá.

**Dilnei:** tu era feliz lá?

**L.O.** lá eu era não totalmente feliz... mas muito alegre...fazer aquilo lógico não era uma coisa boa só pra mim...para os outros também... se eu não fazer aquilo que vai ser bom pra mim e para os outros que recompensa tenho? tristeza se eu não fizer aquilo que vai agradar os outros e a mim... eu vou fazer uma coisa que não agrada a mim? porque é que eu vou fazer como?...se eu tivesse lá no PROEJA por obrigação eu não tinha terminado...eu era mais um nas estatísticas...eu fui lá atrás de estudo porque eu realmente queria...eu realmente quis estar lá... eu não estava lá só por estar...é porque realmente eu queria estar lá... e aquele método que foi usado lá foi bom pra permanecer lá... ajudou... ajudou... lá eu sentia que tinha espaço como ser humano... lá eu tinha mais espaço lá no PROEJA ...como ser humano...ali na escola regular naquele estilo não...eu tinha mais espaço lá... eu tinha mais espaço lá... não sei se porque logo que eu comecei a estudar ali na escola regular na T 7...foi por causa do meu desvio de conduta...que eu deixei eu estava muito feliz por ter voltado a estudar...mas logo comecei a interagir com uma pessoa...não vou falar o nome porque é inconveniente falar o nome...daí eu

comecei a me desviar dos meus planos...dos meus planos e os meus propósitos...eu tinha sonhos e quando eu me desviei dos meus sonhos para ser enganado iludido...até agora quando eu estava mexendo nos papéis ali...eu tenho desenhado a planta de uma casa...eu comecei a estudar...passou o verão 2014 eu voltei a estudar...como eu estava como eu estava falando que eu passei ali na escola no mês de março me apresentei na escola...daí eu comecei a desenhar... eu tinha planos...os planos de Deus são de Deus eles não morreram ficaram lá embaixo... está lá embaixo...não significa que morreram eles ressuscitaram novamente... daí eu tava olhando as folhas ali agora há pouco e “ele” disse pra mim eu preciso botar em prática meus sonhos novamente eu preciso extrair as plantas da casa esse é meu sonho...e quando é um sonho... se Deus te dá um sonho é porque Deus vai concluir isso na tua vida... eu creio sim quando Deus te dá um sonho... os sonhos são de Deus...ele colocou no meu coração...é porque ele vai fazer funcionar se ele colocou no teu coração ele vai fazer acontecer e não há barreira não há inferno que vai impedir ...não impediu... atrasou... só atrasou...mas eu to ali na peleja...2014 eu fiquei um ano ali na peleja 2014...depois que passou o verão...nos três meses atrás eu estava numa obra...eu quase sucumbi...melhor dizendo...mas a ideia agora eu fui perdoado...eu reconheci que eu errei... eu não julguei a pessoa...fui lá conversei com meu pastor e ele disse olha...assim...assim...assim o pastor ministrou a palavra pra mim...voltei a comunhão da igreja...vou ter o coral...já me chamaram pra ler a palavra... pra falar alguma coisa de Deus...cantar...então isso é significativo...é prazeroso...quem diria... não sei acho que meio fugi do assunto.

**Dilnei:** não está tudo bem... está tranquilo... está tudo bem.

**L.O.** pode repetir a pergunta?

**Dilnei:** tudo bem...a ideia era que eu perguntei era se tinha espaço pra ti como sujeito...como cidadão lá no dentro PROEJA.

**L.O.** pois é...esse espaço foi interrompido pelo meu desvio de conduta...aqui no Regular... porque lá no PROEJA eu estava numa bênção...eu descia do ônibus na volta largava meu material aqui ó...e ficava 40 50 aqui nesse sofá agradecendo a Deus...louvando... obrigado Senhor...obrigado Senhor...louvando e dando glória a Deus...sozinho aqui... no quarto...eu jogava a bolsa ali e ficava aqui todo dia...toda noite de joelhos ali...se eu disse uma palavra que não agradou ao teu coração Senhor...lá na sala me perdoa...me perdoa sou falho eu reconheço...muda meu caráter...eu andava meio...não sei se tu lembra...eu andava com a D.... eu andava com aquela guria...tava mexendo comigo...eu acho que não era de Deus...me deu um livramento... o dia que nós tá voltando no ônibus... e daí nós estava sentado lá trás e ela se arre-

ganhando...e eu pensando...vigia varão...vigia varão...daí até que rolou um assunto...rolou um beijo...mas daí quando eu desci do ônibus eu já comecei a ouvir acusações...cheguei em casa aqui chorando... pedi perdão...daí deu umas duas semanas depois a guria desistiu de estudar...desistiu de estudar... muito bem... mas o importante foi que eu reconheci e naquelas duas semanas que ela continuava estudando eu me afastei...comecei a sentar na frente do ônibus...deixei aquela algazarra dela lá atrás...senão daquele beijo ia sair faísca e acender uma fogueira...e daí eu digo não.

**Dilnei:** muito bem L.O. era isso que eu queria conversar contigo...estou terminando essa entrevista com L.O. queria agradecer a tua presença nessa entrevista...tu é um desses sujeitos...desses cidadãos que participaram do PROEJA FIC Arroio do Sal...então muito obrigado pela tua contribuição...o nome da pesquisa que eu faço lá no mestrado chama se proejando com os saberes aprendizados significativos com a utilização da pesquisa sócio antropológica no ensino de história e isso é feito lá na Universidade de Caxias e queria agradecer que é muito importantes a tua contribuição.

**L.O.** Eu que agradeço professor.

**D - Nome: M.S. Data da Entrevista 11.07.15**

**Dilnei:** Bom vamos iniciar a entrevista com a M.S...mantém ainda contato com o pessoal do PROEJA?

**M.S.** de ver... tu ver pessoalmente eu mantenho...mantenho sim.

**Dilnei :** M.S. o PROEJA foi importante nessa convivência com teus colegas?

**M.S. :** Ah! Sim... foi... foi muito... muito... até porque eu tinha parado de estudar há muito tempo em função de trabalho...filhos e marido e tal...então parei de estudar e quando surgiu a oportunidade de fazer esse PROEJA junto com a cozinha pra mim foi tudo...porque eu adoro cozinhar e precisava estudar...então foi duas chances que Deus me deu e foi maravilhoso...aí voltei a estudar...me formei...foi dois anos e pouco... a gente se formou na cozinha e eu me formei na oitava série...já com esperança de um dia fazer o terceiro mesmo estando com 50 anos...pensava em fazer o terceiro...porque a gente envelhece...a gente não tem que pensar que envelheceu...a gente tem que pensar que lá dentro a gente é sempre nova...então eu ainda tenho muito pra ajudar e muito pra doar e pra isso eu preciso estudar...aí surgiu a oportunidade...mas o PROEJA foi o pontapé inicial de toda a minha vida...e te digo que lá eu aprendi a ler porque fazia muito tempo que eu não lia...eu praticava leitura sim...mas fazia muito tempo que eu não pegava um livro de matemática ou fazer alguma questão ou discutir questões ou assuntos da vida de outras pessoas... interagir com a vida de outras pessoas...ver que a outra pessoa tem problemas maiores que os meus...ir lá dentro não era só uma escola... lá era mesmo uma família que entende o outro...e o professores...eles não eram professores...eu digo que fizeram papel de pai...mãe... irmão...eles eram da família...porque a gente acabava tendo uma união ali dentro que não tem como explicar...a gente...sinto muita saudade...quando a gente saiu terminou... ficou um vazio muito grande...o vazio ficou grande...dá saudade dos professores...dos colegas...eu ainda tenho bastante contato com os colegas...os outros e hoje ainda estudo com 3 deles...mas os professores...alguns deles ainda vejo seguido...mas o professor Dilnei era muito especial...porque ele trazia pra gente dentro da sala de aula uma paz muito grande...ele era assim...tinha alunos dentro da sala que vinham só pra aula dele... porque ele sabia o que nós estávamos pensando...porque ele tinha um ouvido de tuberculoso como agente dizia...que ele é uma pessoa especial.

**Dilnei :** Qual o momento ou teve vários momentos marcaram essa experiência de PROEJA?

**M.S.** olha o que me marcou muito...porque eu sou homossexual... mas o que me marcou mais...foi a parte que ninguém chegou a dizer pra mim: eu não vou sentar do lado da **M.S.**

por ser homossexual...por que você é casada com uma mulher... não...eu fui tratada como uma pessoa normal...eu sou uma pessoa normal...então...as pessoas se tinha algum pensamento diferente...eu acho que ficaram só pra elas...porque os próprios professores não deixavam passar...os professores faziam com que eu não me sentia assim...nem um minuto...nem um segundo excluída...nada...tanto porque eu também não me deixava ser excluída...Mas isso foi muito importante pra mim porque aqui em Arroio do Sal é uma cidade muito pequena...tem 8 mil habitantes...então o preconceito sempre existiu e sempre vai existir...mas depois do PROEJA eu vi que eu posso...eu posso fazer qualquer coisa...não é porque eu sou homossexual que eu vou me esconder...que eu vou deixar de fazer...não...aí que eu tenho que mostrar que eu tenho a força...eu posso seguir sim...e ali foi o pontapé muito grande pra mim dizer não...eu não vou parar de estudar...eu não vou parar de fazer o que eu quero ser.

**Dilnei** : se hoje você fosse fazer o PROEJA...se ele tivesse continuidade naquele mesmo modelo e tu soubesses que tinha pessoas que precisavam e quisessem se matricular o que tu diria pra essas pessoas?

**M.S.** eu diria assim...olha...hoje o PROEJA...sei que muitas meninas ainda estão indo lá... muitas delas vieram conversar comigo...me disseram...mas eu tô com vontade de desistir...eu disse não desiste...eu coloco todos os pontos positivos pra que elas não desistam e os negativos para ela continuar pra se ela parar o que vai acontecer...se um dia eu quero fazer um concurso...tu não vai poder fazer porque tu não tem o terceiro ano...tu não tem o primeiro...tu vai continuar estudando...tu precisa dessa base que está vindo de lá e essa é uma chance...nossa...o que a gente ganhou de fazer duas coisas ao mesmo tempo que é terminar até a oitava série e ainda fazer gastronomia o técnico é uma coisa fantástica...então são duas coisas que não pode fazer no futuro...tu pode continuar na outra escola fazendo o teu terceiro...porque se tu não terminar tu não vai conseguir nem vai arrumar mais emprego e como que tu vai fazer? que exemplo que tu vai poder dar para os teus filhos grandes estudando...e os netos que sempre que eu puder dar avó...ele vai ter vergonha de dizer a avó não estudou... a tua mãe só tem a 8ª...falar baixinho...não ter vergonha de ti...oitava série pra nós hoje que estamos estudando já nem é base mais...é obrigação...é a mesma coisa que tu tem que levantar e tomar banho...então essa é a base...se tu não fizer a base...e o PROEJA dá uma estabilidade pra gente...que a gente sai de lá calma...com a alma renovada para dar o próximo passo e lutar pra não sair dali...daquele ritmo...daquele incluir... porque fazer 3º ano...fazer uma faculdade...eu com 50 anos fiz o Enem porque eu vim de lá ( PROEJA) com a cabeça feita...eu disse...não vou desistir...eu fui à luta...eu fui atrás da Câmara de Vereadores e hoje eu estou con-

cluindo... que aqui onde se não tinha então a gente foi à luta...vamos brigar com quem a gente colocou no poder...a gente foi lá dentro brigou e conseguiu...estamos aí estamos formando uma primeira turma...já se formou...e tem outras formando e vai continuar...então aqueles que estão vindo com a base...com alicerce feito do PROEJA FIC vai passar pra José de Quadros (Escola de Ensino Médio) já forte... já não têm mais vergonha de falar...já não têm mais vergonha de erguer a mão e dizer: olha eu não sei...porque antes a gente não fazia isso...o professor lá no PROEJA deixou a gente tão à vontade...que a gente diz olha não aprendi isso...que é o bom...a gente perde aquela vergonha de dizer eu não sei...fazer filme.

**Dilnei** : a experiência de ter passado pelo PROEJA fez alguma diferença no cotidiano da tua família?...no seu cotidiano em família?...como esposa...com seus filhos...filhas... enfim.

**M.S.** fez diferença sim...um antes e um depois do PROEJA...sim bastante...antes eu não tinha nem a formação da oitava...então quando começavam a falar em faculdade...se reuniam todo mundo...porque os meus filhos todo mundo tem...ah! eu vou fazer tal cadeira...eu não tinha assunto...a minha parada era na cozinha...cozinhar...limpar a casa...então a gente se reunia...eles falavam uma coisa...eu falava outra...então eu já me retirava porque o meu assunto...o meu livro tinha terminado ali...de repente veio o PROEJA...e hoje...se hoje eu sento com eles e eles começam a falar vou fazer tal cadeira e tal eu já tem assunto... porque eu também vou fazer...eu também tô terminando o terceiro...eu vou fazer uma faculdade também...então eu já sei...Ah! eu sei o que é o Enem...eu já sentei lá...presenciei...senti toda aquela tensão...eu sei o que que é...eu também posso falar sobre isso...pra mim foi uma porta muito grande.

**Dilnei** : a gente trabalhava muitas coisas nas aulas de História...e no teu cotidiano...no teu círculo de amizades...na parte profissional...na rua enfim...onde tu mora como sujeito que faz história...nós fazemos história... passar pelo PROEJA...passar pelas aulas que nós tínhamos o quê que fez pra ti? acrescentou alguma coisa?

**M.S.** abriu...claro que serviu...hoje **M.S.** ... hoje profissional que é...eu te digo que pra mim mudou...eu sempre fui muito falante...nunca gostei de me esconder muito...mas o PROEJA fez com que eu largasse o verbo...eu trabalho com público na secretaria do meio ambiente...ali é um pessoal que vem extremamente nervoso...vem com quatro pedras na mão para atirar...o verbo bem chulo... e eu aprendi que a gente tem que ter calma...tranquilidade...pensar antes de falar... não que eu não fazia isso...mas eu aprendi a ter mais sossego comigo...aprender a falar...aprender a ouvir o colega...eu aprendi a ouvir o meu colega...e respeitar a opinião dele...porque eu também quero que ele respeite a minha...eu aprendi a respeitar a opinião do meu colega porque eu nunca trabalhei em grupo...eu gostei sempre de ser líder...e lá não era

assim...era grupo...e lá no PROEJA nós trabalhamos em grupo...então eu aprendi a dividir as tarefas em grupo...hoje eu também sei dividir tarefas dentro de casa...e dividir no meu trabalho às tarefas...e não perco em nada...nem com um professor formado.

**Dilnei** : e por exemplo lá nós filmamos vocês...bem lá no início...a gente ouviu um pouquinho das histórias de vocês...do conhecimento prévio que vocês e colocamos um pouquinho das nossas matérias...que tu acha de ter feito assim? De ter sido assim?

**M.S.** tudo...tudo foi bom...ter feito assim eu acho que sim...porque lá no começo do PROEJA...aquela entrevista...que a gente teve que falar não foi assim normal...como é que eu vou te dizer...foi surpresa...porque a gente não imaginava...que a gente está sendo filmada...até porque muita gente tinha vergonha...mas eu vou te dizer que pra nós...assim pra mim pelo menos foi muito...bom porque ali foi colocado ponto de vista de cada aluno...o segredo de cada um...aquilo que tinha mais íntimo foi colocado ali naquele quadro...sem expor a figura de ninguém...porque aquele quadro estava ali...eu me achei nele...mas a minha colega não sabia que era eu...mas eu não sabia que ela tava também...mas ela sabia onde ela estava ali...que era minha fala...aquela era a minha fala...a fala dela... então pra nós foi muito importante...como se nós tivéssemos...era um mapa...pra nossa vida...pra formação até o final...então a gente sabia...bom hoje nós vamos falar sobre tal coisa...os trabalhos do cotidiano...os demais que foi muito importante pra todo mundo... que eu acho que deveria ter em todas as escolas e não só em PROEJA...mas poderei dizer olha isso é que fui eu que falei pra prof é muito importante...porque aliás vai dar valor ao que ela falou e um dia ela vai dizer...eu falei isso aí...sabe...tudo em um mapa...é muito importante.

**Dilnei** : e com relação às aulas de história que eu trabalhava com vocês lá lembra? lembra alguma aula que te marcou...porque que te marcou aquela aula ou algum assunto...como é que foi? eu lembro de algumas sim...bem interessante que eu não vou falar agora pra não influenciar na entrevista mas o que lembra...que marcou em história.

**M.S.** a gente fazia muito trabalho em grupo...e trabalho em grupo eu gosto muito...de trabalhar em grupo e mesmo os trabalhos individuais...u não passava as coisas no cadernos...quero muito falar dos porquês...a gente aprende muito mais quando a gente fala...quando a gente fala...do que jogar no quadro e dizer amanhã eu vou aplicar prova...a gente aprendeu muito mais lá do que hoje eu no terceiro em história...mas assim ó...o trabalho que marcou...acho que todas as tuas aulas é muito boa...tanto que agente não faltava...eu raramente...falei duas aulas...que eram umas aulas muito criativas...era bom porque pra gente...não era tenso que nem o professor de matemática...meu Deus hoje tem matemática todo mundo tenso... atua

aula não...chegava brincando...descontraído...lembra uma aula que era pra ter do teu aniversário? essa aula me marcou...por que a gente pregou uma peça...a gente fez uma surpresa pra ti...e a gente pregou uma peça brigando na sala...e era teu aniversário...olha agora que eu me lembrei...foi muito legal...porque ali não era mais o professor...era um amigo que estava com a gente então foi muito bom...e fora os outros que a gente teve...nossa...porque a gente tinha um companheirismo ali dentro contigo que era diferente dos outros professores...tu não dava só tua matéria...tu envolve o aluno com todas as outras matérias...então tu saía da sala e vinha uma outra matéria...então...parecia que a gente fez uma terapia...então era muito bom...aula que marcou mesmo assim foi um trabalho que a gente fez contigo que foi no grupo e eu não lembro direito se foi colagens...ou melhor se foi colado...era uma prova escrita e tu chegou na sala e pegou a colega...se não me engano é a J. mas ela colou porque ela tinha muitos problemas...aliás ela tem problemas até hoje... depois vocês conversam com ela...mas foi muito interessante que tu não chegou na frente do colega e disse: olha tu não pode colar...vou separar ela ou fazer um escarcéu...eu me lembro assim a cara dela olhando pra ti...branca... essa eu nunca vou esquecer... de uma prova que ele fez contigo claro.

**Dilnei** : uma coisa que te marcou e ficou na sua bagagem de vida... conta a contribuição do PROEJA na tua vida...na vida da M.S. de Arroio do Sal.

**M.S.** foi um livro...por que eu considero a vida da gente como um livro...a gente nasce com ele...aí tu começa...o pai escreve até os 7 anos...depois começa escrever mais página...ela tem que ter final...então quando eu tive os filhos fui escrevendo páginas... quando eu separei do meu ex marido eu finalizei aquela história...e aí eu comecei a nova história da minha vida...e foi indo cada história e finalizando com ponto final e com chave de ouro...porque a gente deve finalizar...quando chega ao final da história é sinal que tu não deve voltar atrás e fazer em cima daquela história outra história...que não consegue vai ficar borrado...a vida é a mesma coisa...quem tem uma relação com uma pessoa e tu acaba...finalizou aquela história...aí tu recomeça de novo...brigas...cobrança...começa a criar um borrão...que não consegue mais ter uma evolução em relação à outra pessoa...porque tu está com a vida...o livro virado no avesso então ali o PROEJA fez com que eu conseguisse finalizar todas as minhas histórias...eu fazia uma coisa...não conseguia terminar...sempre deixava uma parte em branco pra talvez amanhã...hoje não...eu finalizo...se eu tiver que ir a tal lugar fazer uma coisa eu marquei contigo eu vou fazer...eu tenho que finalizar...porque daí eu fico aqui no ar...mas eu não finalizei...eu tenho que fazer...tem que fazer tem que fazer...eu tenho compromisso comigo de fazer finalizar essas...e o PROEJA fez com que eu colocasse os meus pés no chão...e disse tu tem que

estudar pra ser alguém...tu não vai conseguir o que tu quer...porque eu sempre queria estudar...me formar ser uma enfermeira ou ser uma radiologista...ser fazer radiologia...Eu lembro que uma vez tu falou isso na sala o alicerce da família tem que ser feito de concreto e ferro e não só de areia...então eu fiz o meu alicerce do meu estudo... foi isso...é meu alicerce porque se eu não tivesse essa base eu não estaria hoje terminar o terceiro ano...eu não teria coragem de terminar...de ficar...eu tenho comigo...eu não ficaria...

**Dilnei** :hoje com tua experiência voltaria a frequentar um PROEJA? Faria o processo novamente enfim... se tu não estivesse agora estudando e tivesse oportunidade de continuar estudando junto ao PROEJA voltaria a frequentar? Por que voltaria?

**M.S.** Eu voltaria sim...se eu tivesse por outros motivos não terminado naquela época eu voltaria sim...voltaria e tentaria ficar lá dentro até terminar...e comigo levaria quem eu pudesse levar outra vez...vamos estudar é importante...não vamos atrás aí...eu não preciso disso tudo pra ser tal coisa...precisa...todo mundo precisa...é uma base de qualquer coisa...é uma base...é a base do bolo...não tem como dizer eu vou fazer um bolo não vou botar recheio e cobertura...é um bolo de aniversário como que ele vai ficar...é a nossa base...eu voltaria sim...voltaria e terminaria.

**Dilnei** : eu lembro que dentro das aulas de história tinha espaço pra vocês fazerem narrativas de vocês sobre história, foi importante?

**M.S.** é importante...para o aluno eu acho até agora... tipo teatro... porque tem que hoje os jovens tem muito...querendo ou não eles são tímidos...e o que acontece? nós temos uma bagagem de vida diferente...a gente traz uma outra bagagem ...eles chegam lá na frente...eles ficam roxo...eles quase tem um troço...fazer um teatro eles não fazem eu tenho uma colega M.I. comigo no 3º ano...que o professor sabe que ela não abre a boca e até chora... comigo hoje ela faz até teatro...ela fez um teatro para professores...aliás esse ano que falava sobre os contos de fadas modernos...eu tinha que falar ele é moderno...ele tinha que ser comédia...então agente transformou o teatro...transformou historinhas em teatro... a M.I fez o papel dela perfeito...ela falou...como se ela não fosse ela...só que o jovem precisa...ele precisa ter esse contato...se transformar numa outra pessoa pra poder botar pra fora aquela coisa que tá aqui dentro...que eles têm vontade de falar...só que a vergonha de errar na frente de um professor...na frente de um examinador ...medo de errar...a gente fazia lá ( PROEJA)... eu me lembro do teatro que a gente fez do Hitler...foi Fantástico eu falo até hoje pra todo mundo...que aquilo até hoje...eu me arrepio quando a M. entrou assim...parece que encarnou ele né? porque todo mundo sabe que eu gosto dele...quando ela encarnou ele aquilo me arrepiava...parecia que eu estava dentro

daquela época...eu estava lá...e é isso que eles mostrar...vão entrar dentro do personagem sabe...que tu tem que atuar ali esquecer que tem alguém olhando isso é muito importante...e o PROEJA ensinou a gente a perder essa vergonha de falar ao público...porque tu tem que investir eu acho muito importante...sair desde pequenininho...ensaiar mostrar...a criança se sente importante... atuais...e não é só nós aqui...em Torres também...minha sobrinha faz Odonto e eles fazem teatro...notas boas são tiradas porque fizeram teatro bom...uma interpretação textual...a voz...a gente fez um teatro que era com vozes de bichos...aqui também...todo era sobre meio ambiente...que a gente tinha que fazer os bichos tudo...fizemos todos com bichos no pé...todos...todos...meu colega da secretaria me ajudou fazer o biólogo...ficou tão lindo...as vezes que as gurias fizeram...que a gente não tinha nenhum piá...só menina...mas às vezes que elas fizeram era tão perfeita...que no final do teatro tive que chorar...eu fiquei tão emocionada parecia que eu tinha ajudado ela a dar aquele passo tão grande...porque eu não tenho muita vergonha...eu sou meio que sem vergonha...daí quando eu consegui fazer com que elas fizessem aquilo lá na frente...falar com outra voz...eu me senti tão bem tão realizada e isso eu trouxe de lá ( PROEJA) eu não trouxe daqui e tudo isso eu sempre falo...quando a gente vai contar uma história sempre lembro lá do PROEJA... a gente fazia tal coisa lá no PROEJA...a gente fazia isso...dava certo lá...a gente fazia grupo e dava certo...aqui às vezes o professor tá lá na frente debate...debate...debate naquela matéria e o aluno não aprende...às vezes o colega vai ali e diz olha é assim...pronto...o colega aprendeu...ele ( PROEJA) dava essa chance pra gente...poder ensinar seu colega...nos ensinar...então é uma coisa mútua...muito bom.

**Dilnei** : estamos encerrando aqui...e queria te agradecer e dizer que tu fez essa entrevista realizada com Dilnei...o nome dessa pesquisa que eu estou fazendo é...proejando com os saberes...aprendizado significativo com a utilização da pesquisa sócio antropológica no ensino de história e esse mestrado está sendo feito na Universidade de Caxias...essas entrevistas elas vão de certa forma poder embasar toda essa escrita e poderão dar um auxílio ou indicação para outras pessoas no Brasil.

**M.S.** também não queria te agradecer esse espaço...precisando estamos aí pode contar comigo e queria dizer que estou à disposição também sempre que precisar muito obrigado.

**E - Nome: D. S. V. Data da Entrevista 11.07.15**

Olá tudo bem nós estamos aqui no dia 10, aliás, no dia 11 de julho entrevistando a Dona **D.V.** ex educando do PROEJA FIC de Arroio do Sal. A primeira pergunta que eu faço pra Senhora Dona D.V. que foi minha aluna também nas aulas de História a Senhora mantém contato ainda com seus colegas do PROEJA?

**D.V.** : com muitos, muitos... a gente se encontra muito, a gente se “pecha” não que a gente marque... a única que vem na minha casa mesmo é a M.C.

**Dilnei:** a M.C.

**Dilnei:** A Senhora acha assim que o PROEJA foi importante nessa relação de amizade daquela convivência de vocês e que ajudou a se tornar uma amizade depois pra continuar?

**D.V.** : isso foi muito importante... muito importante até não só com as amizades até a gente já tinha já éramos amigos antes do curso, só fortaleceu.

**Dilnei:** e que a senhora lembra lá teve vários momentos foram vários momentos em dois anos quais momentos que marcaram a senhora que a senhora voltou pra casa e aquilo ficou e até hoje a senhora lembra daquela convivência, daquele grupo?

**D.V.** : Tantas coisas..acho que todos os momentos foram importantes. Deixe me ver o que mais me marcou...o que poderia ter...deixe- me ver..

**Dilnei:** não apenas na aula .

**D.V.** : olha pra mim momento mais especial que tinha era aquela pausa de 20 minutos 30, era muito bom, vinha o pessoal das outra sala, a gente se reunia. Conversávamos tomávamos um café, um chimarrão, fazia um lanchinho juntos, era muito bom aquele momento, mas as aulas em si todas elas foram boas. Foi muito bom todo esse tempo que estivemos juntos... As aulas também, aliás, todas, a única que não me chamava muito a atenção era aquelas de artística e de dança que nós tivemos..o restante tudo bom... As tuas aulas, as do Professor P. que eram as mais difíceis pra mim, mas foram as aulas mais importantes, as tuas e as do Professor P. história geografia e matemática... Essas foram às aulas que mais me chamaram atenção que eu lembro bem até hoje foram essas professor.

**Dilnei:** Se a senhora estivesse se formando hoje nos mesmos moldes daquela época e se fosse continuar daquele jeito e alguém fosse pedir pra senhora: Dona D.V. olha eu vou me matricular lá no PROEJA queria saber se foi bom pra senhora, o que a senhora diria para essa pessoa?

**D.V.** : Ah, mas com certeza ia aconselhar que sim... que fosse sim, que se matriculasse e fosse fazer o curso...foi o curso que...bah até hoje... um dia e sei lá quem me falou alguma coisa

sobre estudar eu disse : olha nunca é tarde, nunca é tarde porque tinha gente até mais velha que eu e eu lá né...e nunca é tarde pra gente aprender alguma coisa, eu aconselharia que sim que se matricular se fosse fazer o curso ...

**Dilnei:** a senhora ter passado pelo proeja fez alguma diferença no cotidiano da sua família por exemplo, que a senhora lembra?

**D.V. :** sim...sim lembra dos meus filhos antes no momento da formatura... nós estávamos reunidos lá no CTG.. minha família toda estava lá estava lá agradecidos por eu ter feito o curso... fez muita diferença ...muita diferença...todos estavam lá..vieram de Porto Alegre e de Guaíba e estavam lá.. todos ali nos apoiando na hora de receber o canudo lá... foi muito bom.... minha família me apoiou...e me apoiaria se fosse fazer de novo ...

**Dilnei:** no cotidiano da senhora ,no hotel, enfim ou na rua assim como cidadã antes e depois do proeja a gente trabalhava alguns assuntos em história, que relacionavam, que mostravam as vivências, hoje a senhora tem a mesma visão a sua visão se alterou alterou ,sua visão de mundo, de cotidiano?

**D.V. :** não. Eu tenho outra visão...outra visão sim... e outra visão até na minha maneira de me expressar... de se expressar assim... de falar com outras pessoas muita coisa mudou professor... inclusive as minhas patroas dizem pra mim :Dona D.V. a senhora se expressa muito bem...porque uma das minhas patroas é dona do hotel e é professora também a esposa do Seu N., a Dona S. é professora lá em Ana Rech acho que é ou São Marcos sei lá...é professora lá e as cunhadas dela Dona Z....e sabe né que a gente procura falar, se expressar direitinho falar com as palavras certas, etc e tal... Olha a senhora se expressa muito bem ...a gente procura melhorar... melhorou muito a minha vida..muito professor...mudou muito e melhorou muito a minha vida depois do curso.. é bem diferente hoje do que era antes

**Dilnei:** A senhora sabe que a gente primeiro filmou vocês ,fez as entrevistas, a gente usou as histórias de vida de vocês pra poder aplicar as nossas matérias enfim , que é uma coisa que não se usa nas outras escolas, nas escolas regulares vem a matéria e a gente dá matéria eu não sei o que acontece na vida dos alunos. A senhora acha que serviu pra alguma coisa, foi bom ter feito aquela filmagem, foi bom que a gente soubesse como vocês eram, esse método foi bom?

**D.V. :** foi bom... foi bom...pra nós e pra vocês para os professores saberem como é que era a vida da gente e pra gente poder abrir um pouco da nossa vida para vocês... foi bom para ambas as partes ...foi bom sim...

**Dilnei:** fazia muitos anos que a senhora não estudava?

**D.V.** : fazia muitos e muitos anos... eu cheguei a entrar...a fazer um supletivo... mas nem lembro quantos anos faz lá no Aracy...mas começamos e não terminamos não sei porque... não sei se é porque começou faltar aluno... ficou pouca gente 3...4 eu não sei quanto tempo faz isso que eu comecei lá, mas faz muito tempo acho que foi logo que eu cheguei aqui..

**Dilnei:**O que a senhora lembra das aulas de História Dona D.V. por exemplo... fala a vontade sem medo de errar lembro ...O que mais marcou a senhora por exemplo?

**D.V.** : pra descontrair pode ser?

**Dilnei:** pode, pode ser sim.

**D.V.** : eu lembro do norte sul leste oeste...( risadas)

**Dilnei:** Eu me lembro também.

**D.V.** : meu Deus... mas tudo muito bom , tudo experiência, tudo aprendizado... olha de vez em quando eu lembro do norte sul ...lembro sempre sempre... mas o mar fica ali ... na minha casa fica ali, na minha cabeça, na minha casa ,mas lá não... como é que era mesmo professor?

**Dilnei:** é...eu subi em cima da cadeira, foi isso e fui bater mostrando onde era a direção... mostrando onde era o norte

**D.V.** : eu não lembro, só sei que pra mim o mar estava ali, aqui,a minha direita agora e lá no colégio eu acho que eu estava de frente, não sei como eu estava sentando

**Dilnei:** o mar estava de frente para a senhora naquele caso

**D.V.** :foi muito divertido

**Dilnei:** Se hoje a senhora fosse comentar o que o proeja contribuiu na sua vida assim, em tudo a senhora olhando a sua vida antes . Antes jamais imaginava que ia estar lá, indo todos os dias ,enfim, o que é que o proeja fez para a senhora em tudo.

**D.V.** : bom pra começar eu me libertei de dentro de casa, sai de dentro de casa, saía todas as noites...nunca que eu imaginei que com aquele inverno ...frioção que fez aqui eu pudesse me vestir tomar meu banho.. me arrumar botar meu chimarrão dentro da bolsinha e os cadernos e ir para o colégio... pra começar foi bom assim e pra concluir eu acho que eu não tive momentos ruins... não dá pra dizer que teve momentos ruins... só teve momentos bons... em tudo... em tudo... foi muito bom... a gente aprender sempre é bom... não importando a idade... aprender saber as coisas... tu poder sair daquela rotina diária e poder conversar com as pessoas professor... poder conversar... explicar os teus problemas assim.. conversar e expressar... Sei lá acho que foi tudo bom do princípio ao fim.

**Dilnei:** se hoje por exemplo a senhora olhando essa experiência hoje a senhora voltaria frequentar proeja vamos supor que existisse, que continuasse a senhora voltaria?

**D.V.** : se fosse como era eu voltaria, os mesmos professores, tu Professor , o J. o professor P... essa turma ,que pra mim vocês são homens de valor ensinando, que pra ser professora também tem que se doar né professor, se doar se doar muito então...bah! a gente valoriza muito o trabalho de vocês... eu valorizo professorinha pequenininha de inglês foi muito bom... tudo foi muito bom e vocês sem sobra de dúvida são homens de valor que Deus abençoe vocês que vocês são homens de valor... todo mundo deveria pensar assim...dar um valor bem maior pra vocês...

**Dilnei:** a senhora se enxerga hoje como uma cidadã diferente depois que passou pelo proeja?

**D.V.** : eu me sinto... me sinto sim... porque eu estudei ...porque aprendi... porque pude aprender coisas que eu não sabia... porque pode conviver com outras pessoas... sair do casulo... sair da zona de conforto...me deslocar para o colégio de noite...me sinto sim hoje sou bem diferente sim

**Dilnei:** então aquele aprendizado tinha significado pra senhora?

**D.V.** : tinha... e teve... e tem... ainda tem...tem porque... eu não sei explicar assim em palavras... mas foi bom demais... foi muito bom de ter saído... ir atrás das coisas...de ir a luta...do que a gente precisava... aprender sempre... primeiro que nunca é tarde pra aprender e quanto em quanto mais se aprende melhor é hoje em dia a gente precisa sair, ir à luta porque o mundo exige isso da gente... tu quer conversar com uma pessoa...tu quer sair do teu lugarzinho aqui... tu tem que aprender... eu acho que foi tão bom pra mim quanto para todos os outros alunos ...todo mundo gostou dos que ficaram até o fim eles gostaram demais

**Dilnei:** a senhora acha que fosse uma escola para adultos mas uma escola tradicional teria o mesmo efeito na vida de vocês?

**D.V.** : acho que não... acho que não... o PROEJA foi muito importante pra gente assim... por ter sido assim... não sei acho que a turma era uma turma especial... especial mesmo porquê... não porque...por problemas... especial porque os alunos que ficaram foram selecionados

**Dilnei:** a senhora quer dizer que essa passagem marca história de vocês ?

**D.V.** : marca...,marca...marca sim... essa passagem marcou professor...bah! foi muito bom...foi muito bom... e agora revendo assim contigo melhor ainda né... algumas coisas que a gente acaba esquecendo... mas foi muito bom isso aí... essa etapa da nossa vida...

**Dilnei:** a senhora disse que agora falando... enquanto a gente está falando foi lembrando de algumas coisas. O que a senhora lembrou?

**D.V.** : eu me lembro daquelas aulas cheias ... nós todo mundo junto ...todo mundo junto... eu tinha uma amiga minha que a gente não podia conversar muito porque tu chamar atenção... e

aí nós escrevia bilhetinhos... eu escrevia pra M.S. e a M. escrevia pra mim... M.S. tu viu tal coisa assim... assim... foi tudo muito bom.. não é exatamente só isso... não só isso... todo esse período que nós estivemos juntos que a gente estudou e ficamos esses anos no colégio foi muito bom...foi muito bom...bah! Tinha a Z. cheia de problemas que nunca deixava de ir né? ontem ainda ela postou umas coisas no Facebook não lembro oque foi... mas ela passou por vários problemas de saúde e não desistiu até o fim né ? Ficou lá firme ela... teve outras que saíram... aquelas que mais... que deveriam ter ficado em casa e desistido no começo... foram aquelas que ficaram até o fim como a Z.... como a outra lá aquela que tinha um monte de filhos e netos... como é que é o nome dela... a J. com aquele monte de netinhos e permaneceu até o final..

**Dilnei:** verdade a J.

**D.V. :** foi muito bom...foi muito bom mesmo... agora aqui lembrando na memória da gente ..

**Dilnei:** eu fico pensando assim a senhora disse que cada um tinha as suas dificuldades e que aqueles que tinham mais dificuldades foram permanecendo... então a escola tinha um significado... o proeja tinha um significado a mais a mais na vida?

**D.V. :** tinha...tinha professor ...era bom... era gostoso... era assim... era assim como é que eu vou explicar... chegava à tardinha ..no cair da tarde eu já ficava estava pensando... bom vou me arrumar... vou preparar o chimarrão... vou preparar o chazinho... um capuccino... até o cappuccino foi ...vou fazer um capuccino e vou começar a me ajeitar pra ir pra aula já no cair da tarde... porque a gente tinha prazer em estar lá... eu tinha prazer em estar lá estudando com vocês e levando adiante aquilo que nós tínhamos começado... que nós começamos aqui na Raimundo ... fomos para Bom Jesus depois... foi bom...eu me lembro que no começo tinha A....aquí na Raimundo tinha a A.... eu sempre...na matemática...sempre tive dificuldades.. e A. sentava do meu lado...até encontrei ela na semana passada lá no Bolzan ela trabalhando com o marido dela... A. sentada do meu lado ela me ajudava na matemática... também olha D.V. faz assim... assim... assado... aí depois eu tinha que fazer sozinha ela me dava umas explicação e o resto eu fazia eu tinha que continuar...mas foi feio o negócio... aquela parte da matemática... eu não me perco nas minhas contas... eu tiro de letra... mas na hora da prática...ali era bem difícil.. mas isso aí a gente tira de letra

**Dilnei:** A senhora acha que o proeja tinha espaço pra vocês narrarem e as suas histórias vocês tinha espaço para uma narrativa da história por exemplo uma vez vocês fizeram uma aula com os manifestos ,não sei se a senhora lembra.

**D.V. :** aquela do Hitler? ai eu lembro... lembro...

**Dilnei:** o que que a senhora achou daquilo lá ?

**D.V. :** ..tudo isso né... tudo isso é história pra contar... foi muito bom... eu tenho...eu tenho uma resistência grande... mas muito grande contra esse cara ( Hitler) sim... mas a M.....eu dizia...não estava M....esse...esse exterminador dos judeus ...não foi tudo muito bom...bah! lembro bem dessa noite que a gente fez um teatro lá em relação aos judeus... e o Hitler...o Adolf Hitler...

**Dilnei:** muito bem Dona D.V..

**D.V. :** foi tudo muito bom... foi tudo perfeito... tudo bom mesmo... não tem como dizer assim... não tenho palavras pra dizer... não tem como dizer que foi diferente... foi bom...foi uma experiência tremenda que a gente teve lá... nós tudo velhinha já... de 60 pra cima 60 ..não... acho que de 50 pra cima todo mundo já assim de idade mas foi uma experiência que a gente não tem como expressar assim...que foi boa... foi grandioso a gente não chegou a concluir a faculdade.... mas agora... tem colegas nossos que vão pra faculdade... obstinados mesmo ...a M.S. e a C.... a C. quer fazer veterinária a M.S. não sei... mas estão concluindo( Ensino Médio) e indo pra faculdade ...que Deus abençoe elas...

**Dilnei:** então aqui a gente está com Dona D.V. ela está participando de uma entrevista realizada pelo pesquisador Dilnei Daros, que hoje ele escreve, hoje não é mais professor no proeja mas hoje ele escreve sobre uma pesquisa chamada proejando com os saberes aprendido significativo com a utilização da pesquisa sócio antropológica no ensino de história . E ele faz essa entrevista, é para o Mestrado em História pela Universidade de Caxias. Queria agradecer sua disposição do seu tempo.

**D.V. :** não precisa agradecer é bom lembrar .

**Dilnei:** e dizer que é muito importante as palavras a senhora que pode incentivar outras pessoas pelo país.

**D.V. :** foi bom lembrar professor... porque... esse tempo não volta né?...assim como foi não volta... voltará diferente... poderá voltar diferente...mas como foi aquele tempo não volta mais tempo...foi um tempo que... que eu posso te garantir que foi uma experiência única esses anos que estivemos juntos... e tu ...baita professor tu é... a gente tem que agradecer a Deus pela tua disponibilidade em nos ensinar... a tua e a de todos os outros professores também... foi muito bom esse tempo que passamos juntos... esses anos... foi muito bom mesmo... foi gratificante a gente aprendeu muito... muito,,, contigo e com os outros que Deus possa te abençoar muito.

**Dilnei:** Obrigado pela sua disposição.

**F - Nome: M.O. Data da Entrevista 11.07.15**

**Dilnei:** a senhora mantém contato com o pessoal do PROEJA?

**M.O.** mantenho sim com alguns...até pelo facebook...sim...mantenho sim.

**Dilnei:** olha que legal...amigos do facebook..que bom.

**M.O.** sim...sim...pelo face...mas nos encontramos pessoalmente também e quando isso acontece é uma festa.

**Dilnei :** A senhora acha que o PROEJA contribuiu pra que essa amizade continuasse?

**M.O.** com certeza...com certeza...eu conheci muitas pessoas que eu não conhecia antes...mesmo sendo uma cidade pequena....tem muitos caminhos diferentes...cada um tem seus afazeres...por isso muita gente eu não conhecia....daquele cotidiano.

**Dilnei :** daquele cotidiano de frequentar o PROEJA...

**M.O.** sim...sim...ficaram várias amizades.

**Dilnei :** a senhora lembra de algum momento que lhe marcou, ou alguns que lhe marcaram...se a senhora puder falar...

**M.O.** Ah...tem muita coisa que eu não lembro... mas teve muita coisa legal...aquela apresentação das etnias foi legal...

**Dilnei :** das migrações né...

**M.O.** O. aquela viagem para Bento...a maria-fumaça...os vinhedos...para mim então que sou de lá né...pra maioria...foi bem gratificante aquela viagem..

**Dilnei .** aquilo fez parte do micro projeto das imigrações...

**M.O.** ..sim...isso...bem legal...vários né...as amizades...os professores...a A. que não faz muito ainda veio me visitar...sei lá...parecia que a gente já se conhecia há muitos anos...foi uma oportunidade muito grande... éramos como irmãos...como irmãs...bem legal mesmo...foi bem interessante.

**Dilnei .** e se hoje alguém chegasse aqui e dissesse que gostaria de voltar a estudar e iria estudar no PROEJA, quais os pontos que a senhora apontaria para falar para essa pessoa?

**M.O.** olha...no apanhado geral foi muito bom...claro tudo na vida tem suas falhas...tem alguma coisa negativa...mas assim...acho que o positivo superou...então...eu aconselharia...qualquer pessoa eu aconselharia...por mais que eu tivesse uma expectativa maior...mas...eu aprendi muito...

**Dilnei** Para a senhora o que o PROEJA significou em sua família esses dois anos...esse ir e vir à noite...na sociedade...a senhora como ser humano alterou alguma coisa.

**M.O.** a minha família não se opôs...muito pelo contrário foi bem...bem né...apoiaram...assim...a gente adquiriu mais conhecimento...muitas matérias eu sabia...muitas a gente esquece...então assim...foi um aprendizado...a convivência..as amizades.

**Dilnei** a senhora lembra que a gente usou as histórias de vida de vocês...que criamos uma rede temática com isso...que direcionava para vocês...a senhora que aquilo valeu a pena?

**M.O.** eu acho que sim...porque ali tu tinha vários...vários tipos de pessoas...de classes social...né?...das vivências das pessoas...cada uma tem os seus problemas né?...suas dificuldades...então acho que aquilo ali direcionou né...foi um ponto positivo com certeza.

**Dilnei** : e com relação às aulas de história...a senhora lembra de alguma que lhe marcou, ou algo que lhe tocou?

**M.O.** Bah!...já fazem tantos anos...será que eu ainda lembro...

**Dilnei** : vocês tinham espaço para narrar muitas coisas...

**M.O.** é verdade.

**Dilnei** : era importante isso?

**M.O.** com certeza...com certeza...é como eu digo...qualquer coisa que tu faça...tu sempre aprende...por mais que não seja da tua idade...mas uma coisa por mais simples que seja...por mais diferente que seja...sempre tira algo...até uma lição de vida.

**Dilnei** : a senhora acha que o PROEJA contribuiu para algo em sua vida.

**M.O.** sim...em aprendizado...em tudo...com certeza...a gente sempre tem proveito né?a parte cultural...afetiva...tudo né?

**Dilnei** : Se fosse fazer um antes e um depois...a M.O antes de se inscrever pra fazer o PROEJA e a M.O depois do PROEJA...o que a senhora identificaria?

**M.O.** a M.O antes não tinha diploma, agora tem (risos)...só isso já bastante né?

**Dilnei** : a senhora foi em busca disso mesmo né? O diploma.

**M.O.** é isso...bem isso mesmo...era uma lacuna...que não tinha...agora eu tenho diploma...eu tenho como comprovar...

**Dilnei** : então para a senhora como ser humano foi...

**M.O.** foi...foi sim...uma realização pessoal...pode ser até que nos próximos anos ninguém me peça um diploma...mas pra mim foi muito importante...como cidadã...eu não vou mais procurar um emprego...mas quem costuma ir precisa de um diploma né? Exigem que tenha ensino fundamental...exigem que tenha ensino médio...enfim...no meu caso não é pra isso...eu já estou aposentada...a minha realização é poder dizer: eu conclui e tenho como provar...isso me

fez falta há uns tempos atrás...por isso que eu fui em busca...era o meu objetivo..ir em busca de um diploma...fui uma aluna assídua...leveei a sério...

**Dilnei:** A senhora participava de trabalhos em grupo também...o que lembra daqueles trabalhos...

**M.O.** muita coisa...lembro de muitos cartazes...colagens...né?

**Dilnei :** e era bom aquilo?

**M.O.** era

**Dilnei :** aquilo despertava algo...

**M.O.** sim...sim...eram trabalhos manuais...gosto de trabalhos manuais...até em função da idade...e não deixa de ser algo que mexe com o cérebro da gente...estimula...

**Dilnei :** eu lembro que uma vez a senhora apresentou um “ jornal nacional”..

**M.O.** é verdade sim...(risos) eu e o G.M.

**Dilnei :** e como foi aquela experiência?

**M.O.** era a Fátima Bernardes na época e o Willian Bonner...

**Dilnei :** e como foi?...foi difícil?

**M.O.** não foi não...eu não tenho muita dificuldade em me expressar...conversar...ou pegar um microfone...tanto que ele está ali ó...agora pouco eu estava usando ele...tem pessoas ...claro cada um...cada um...eu nunca tive dificuldade...apresentar o jornal nacional foi beleza...acho que se a rede globo tivesse me visto tinha me contratado.

**Dilnei :** e a senhora lembra qual era o assunto da apresentação na época?

**M.O.** não lembro...não lembro...sabe que eu não lembro...eram notícias atuais eu acho...

**Dilnei :** era sobre um manifesto contra o nazismo...

**M.O.** é...é...eu lembro da gente sentados em frente a todo mundo...de repente se eu olhar nos cadernos eu me lembre...eu tenho tudo guardado.

**Dilnei :** tranquilo...era isso a nossa conversa... estamos aqui com a M.O. e essa entrevista é para o mestrado em história da Universidade de Caxias e o nome dessa pesquisa é proejando com os saberes...

**M.O.** espero que eu sirva de exemplo...e que as pessoas busquem um pouco mais de conhecimento...de saber...